

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
PUC – SP**

**CLARA VIANNA PRADO**

**NATIVOS DIGITAIS *VERSUS* IMIGRANTES DIGITAIS:  
ANÁLISE INTERPRETATIVISTA DAS DIFERENÇAS NO USO DAS TIC EM SEU  
COTIDIANO E SUA PERCEPÇÃO DO ENSINO NA ATUALIDADE**

**DOUTORADO EM LINGUISTICA APLICADA E ESTUDOS DA  
LINGUAGEM**

**SÃO PAULO  
2015**

**CLARA VIANNA PRADO**

**NATIVOS DIGITAIS *VERSUS* IMIGRANTES DIGITAIS:  
ANÁLISE INTERPRETATIVISTA DAS DIFERENÇAS NO USO DAS TIC EM SEU  
COTIDIANO E SUA PERCEPÇÃO DO ENSINO NA ATUALIDADE**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, área de concentração Linguagem e Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa .

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO  
2015**

## FICHA CATALOGRÁFICA

**PRADO**, Clara Vianna, 2015-

Nativos Digitais *versus* Imigrantes Digitais: Análise Interpretativista das Diferenças no Uso das TIC em seu Cotidiano e sua Percepção do Ensino na Atualidade / Clara Vianna Prado. – 2015.

208f; 30cm

Orientador: Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa.

Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. Área de concentração: Linguagem e Educação, 2015.

1. Teoria Sócio-Histórico-Cultural. 2. Tecnologias de Informação e Comunicação. 3. Letramento Digital. I. Lessa, Angela Brambilla Cavenaghi Themudo. II. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. III. Nativos Digitais *versus* Imigrantes Digitais: Análise Interpretativista das Diferenças no Uso das TIC em seu Cotidiano e sua Percepção do Ensino na Atualidade.

Autorizo, exclusivamente, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese por processos fotocopiadores ou eletrônicos.

**CLARA VIANNA PRADO**

**NATIVOS DIGITAIS *VERSUS* IMIGRANTES DIGITAIS:  
ANÁLISE INTERPRETATIVISTA DAS DIFERENÇAS NO USO DAS TIC EM SEU  
COTIDIANO E SUA PERCEPÇÃO DO ENSINO NA ATUALIDADE**

Tese apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para a obtenção do título de Doutor em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, área de concentração Linguagem e Educação, sob orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa .

Aprovado em \_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2015.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angela Brambilla Cavenaghi  
Themudo Lessa – Orientadora - PUC-SP

---

Prof<sup>a</sup> Dr Edson Prado Pfitzenreuter –  
UNICAMP

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Otilia Guimarães Ninin –  
UNIP

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Elisa Machado Cycne – PUC-  
SP

---

Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Angelita Gouveia Quevedo – PUC-  
SP

*Ideias malucas não me faltaram, apoio para  
persegui-las também não.*

*Aos meus pais.*

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, pelo apoio nesta jornada: meus pais, Marco e Brenda, Marcelo, minha irmã querida, Fê, e Evinha, que ainda nem nasceu, mas já não aguenta mais ouvir falar no meu doutorado.

À minha orientadora, Professora Dr<sup>a</sup> Angela Brambilla Cavenaghi Themudo Lessa, pela paciência, companheirismo e dedicação.

Às Professoras Dr<sup>a</sup> Maria Otilia Guimarães Ninin, Dr<sup>a</sup> Cecília Almeida Salles e Dr<sup>a</sup> Angelita Gouveia Quevedo, por me ajudaram a encontrar o Norte.

Às Professoras Dr<sup>a</sup> Maria Cecília Camargo Magalhães e Dr<sup>a</sup> Fernanda Coelho Liberali, por suas valiosas contribuições para minha vida de pesquisadora.

Aos demais professores da minha banca, Professor Dr Edson do Prado Pfützenreuter, que acompanha minha evolução desde a graduação, e Professora Profa Dr<sup>a</sup> Ane Elisa Machado Cysne.

À Dr<sup>a</sup> Sonia Regina Potenza Guimarães Pinheiro, por toda sua colaboração e amizade durante este percurso.

Aos meus colegas queridos, em especial, Martin Bittner, Christiane Almeida, Marcelo Barbosa, Neiva Ravagnoli, Sirlene Aarão, Maristela Tavares, Adolfo Tanzi e Rosangela Cassola.

Às funcionárias do Lael, Maria Lúcia e Márcia, por toda sua ajuda nas muitas incertezas e questionamentos.

Aos meus tios, primos e amigos, por compreenderem minha ausência durante este período.

Por fim, um agradecimento especial a todos meus queridos alunos, que me ajudaram respondendo as minhas muitas perguntas e que são o principal motivo da minha força para continuar aprendendo.

*Fora da linguagem (que não deixa de ser uma tecnologia, talvez a mais avançada de todas as praticadas pelo homem), todas as demais “próteses” da ação ou da percepção humana seriam encaradas como “artificiais” e, por consequência, desmerecedoras de atenção valorativa, excluídas do universo da cultura*

*Arlindo Machado (1993), em  
“Máquina e Imaginário: o desafio das poéticas tecnológicas”*

PRADO, C.V. **Nativos Digitais versus Imigrantes Digitais: Análise Interpretativista das Diferenças no Uso das TIC em seu Cotidiano e sua Percepção do Ensino na Atualidade**. 2015. 208f. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

## RESUMO

O presente trabalho visa discutir mudanças acerca do uso das tecnologias de informação e comunicação (TIC) entre dois grupos de participantes: os nativos digitais e a dos imigrantes digitais. Visa assim, (1) identificar quais as mídias que têm sido utilizadas nesses dois contextos e quais as diferenças identificadas nos dois grupos de participantes; (2) identificar como os diferentes grupos de participantes utilizam os instrumentos disponíveis nas tecnologias digitais; e, por fim, (3) o que pensam os participantes sobre ensinar e aprender na atualidade. Esta pesquisa, de base qualitativa interpretativista, pretende trazer contribuições a questionamentos relacionados à diferença entre jovens e adultos e como isso afeta as relações na vida cotidiana. As bases teóricas que sustentam o estudo são: a Teoria Sócio-Histórico-Cultural, a partir dos trabalhos de Vygotsky (1978/1997; 1930/1998; 1934/2009; 2001), e, posteriormente, de Engeström (1987) e Leontiev (1977/2009), que tem foco no desenvolvimento e aprendizagem dos indivíduos em seu determinado contexto; a Teoria da Sociedade da Informação, segundo teorias de Pross (1971), Castells (2000) e Baitello Jr. (1997/2005), que estudam as soluções providas por recursos de computação para geração e uso da informação; no Letramento digital e as características e habilidades do mundo atual segundo teorias de multiletramento de Kress e Van Leeuwen (2001), Jenkins (2007) e Rojo (2012). Os instrumentos de coleta utilizados foram questionários e entrevistas semiestruturadas conduzidas com jovens com idades entre 13 e 15 anos, e adultos de 27 a 53. Os dados coletados foram analisados segundo análise de conteúdo de Bardin (1977).

**Palavras-chave:** Teoria Sócio-Histórico-Cultural; Tecnologias de Informação e Comunicação; Letramento Digital.

PRADO, C.V. **Digital Natives versus Digital Immigrants: Interpretive Analysis of differences in the use of ICT in their daily lives and their perception of education in the present.** 2015. 208f. Thesis (Doctorate in Applied Linguistics and Language Studies) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2015.

## **ABSTRACT**

This paper aims to discuss changes in the use of information and communication technologies (ICT) in two participating groups: the digital natives and digital immigrants. Therefore it means to (1) identify the media being used in these two contexts and the differences in use between the two groups (2) identify how different groups use the tools available in the new technologies and finally (3) what the participants think about teaching and learning today. This research, of interpretive basis, aims to bring contributions to inquiries related to the different participating groups and how this affects their relations in their everyday lives. This study is theoretically supported by the Social-Historical-Cultural Theory from the work of Vygotsky (1978/1997; 1930/1998; 1934/2009; 2001), and later by Engeström (1987) Leontiev (1977/2009), which focuses on the development and learning of individuals in a particular context; Theory of Information Society by Harry Pross (1971), Castells (2000) and Baitello Jr. (2005), reviewing the solutions provided by computing resources for the generation and use of information; in digital literacy and the necessary characteristics and skills according to multiliteracy theories of Kress and Van Leeuwen (2001), Jenkins (2007) and Rojo (2013). The collection of data used were questionnaires and semi-structured interviews conducted with young people aged between 13 and 15 years and adults from 27 to 53. The data were analyzed according to Bardin's content analysis (1977).

**Keywords:** Social Historical Cultural Theory; Information and Communication Technologies; Digital Literacy.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

### Gráficos

Gráfico 1:	Questionário de perfil – Pergunta 7 – Contexto: Jovens.....	87
Gráfico 2:	Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Jovens.....	88
Gráfico 3:	Questionário de perfil – Pergunta 7 – Contexto: Adultos.....	90
Gráfico 4:	Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Adultos.....	93
Gráfico 5:	Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Jovens.....	98
Gráfico 6:	Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Adultos.....	99
Gráfico 7:	Questionário de perfil – Pergunta 23 – Contexto: Jovens.....	101
Gráfico 8:	Questionário de perfil – Pergunta 22 – Contexto: Jovens.....	102
Gráfico 9:	Questionário de perfil – Pergunta 14 – Contexto: Jovens.....	103
Gráfico 10:	Questionário de perfil – Pergunta 14 – Contexto: Adultos.....	104

### Figuras

Figura 1:	Representação de Mediação.....	26
Figura 2:	Questionário de Catia – pergunta 10.....	96
Figura 3:	Questionário de Catia – pergunta 23.....	97

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

AMC	Aprendizagem Mediada por Computador
FPS	Função Psicológica Superior
ITA	Instituto Tecnológico de Aeronáutica
LA	Linguística Aplicada
ONU	Organização das Nações Unidas
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PCN	Parâmetros Curriculares Nacionais
PNE	Plano Nacional de Educação
RPG	Role-Playing Game
TA	Teoria da Atividade
TIC	Tecnologias de Informação e Comunicação
UIT	União Internacional das Telecomunicações
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
ZPD	Zona de Desenvolvimento Proximal

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL.....</b>	<b>24</b>
	2.1 Mediação: Instrumentos e Signos.....	25
	2.2 Funções Psicológicas.....	30
	2.3 Conceitos Cotidianos e Científicos.....	33
	2.4 Zona de Desenvolvimento Proximal.....	35
<b>3</b>	<b>LETRAMENTO E SEUS DESDOBRAMENTOS.....</b>	<b>38</b>
	3.1 Letramento e Alfabetização.....	38
	3.2 Multiletramento.....	41
	3.2.1 Hipertexto.....	45
	3.2.2 Multimodalidade.....	47
	3.2.3 Letramento para mídias digitais e cultura participativa.....	50
<b>4</b>	<b>MUDANÇAS NAS MÍDIAS E NA SOCIEDADE.....</b>	<b>58</b>
	4.1 Mídias Primária, Secundária e Terciária.....	59
	4.2 Sociedade da Informação.....	65
	4.3 Nativos Digitais e Imigrantes Digitais.....	67
	4.4 Tecnologias de Informação e Comunicação em Sala de Aula.....	69
<b>5</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>74</b>
	5.1 Abordagem Metodológica.....	74
	5.2 Pesquisa Qualitativa interpretativista.....	75
	5.3 Contexto de Pesquisa.....	76
	5.3.1 Contexto: Nativos Digitais.....	76
	5.3.2 Contexto: Imigrantes Digitais.....	77
	5.4 Participantes.....	79
	5.4.1 Participante: Pesquisadora.....	79
	5.4.2 Participantes: Nativos Digitais.....	80
	5.4.3 Participantes: Imigrantes Digitais.....	80
	5.5 Instrumentos de Pesquisa e Procedimentos de Coleta de Dados.....	81
	5.5.1 Questionários.....	81
	5.5.2 Entrevista semiestruturada.....	82
	5.6 Procedimento de Análise e Interpretação dos Dados.....	84
<b>6</b>	<b>ANÁLISE DOS RESULTADOS.....</b>	<b>86</b>
	6.1 Mídias: O que e Como Nativos e Imigrantes Digitais as utilizam.....	86
	6.2 Diferenças de Habilidades entre Participantes.....	107
	6.3 Apontamentos sobre Ensinar e Aprender na Atualidade.....	120
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>128</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>131</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>139</b>
	Anexo A.....	140
	Anexo B.....	142
	Anexo C.....	165

Anexo D.....	180
Anexo E.....	183
Anexo F.....	190
Anexo G.....	195
Anexo H.....	205
Anexo I.....	207

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho visa refletir criticamente sobre o uso de mídias digitais em grupos de participantes em diferentes contextos: jovens (de 13 a 15 anos) e adultos (de 27 a 53 anos). Como objetivos específicos, buscamos: (1) identificar quais as mídias que têm sido utilizadas nesses dois contextos e quais as diferenças de uso nos grupos de participantes de contextos distintos; (2) identificar como esses grupos utilizam os instrumentos disponíveis nas tecnologias digitais; e, finalmente, (3) discutir questões de ensino identificadas nos comentários dos participantes. Dessa forma, este trabalho visa discutir e analisar as diferenças entre nativos digitais ou jovens que nasceram falando a língua dos computadores, dos videogames e da internet, *versus* imigrantes digitais, aqueles que, como os imigrantes em outros países, aprenderam a falar a língua dos computadores, contudo, nunca perderam o seu “*sotaque*” (PRENSKY, 2001).

Segundo dados compilados pela União Internacional das Telecomunicações (UIT)<sup>1</sup>, órgão da ONU, o Brasil possui o quarto maior número de nativos digitais do mundo. De acordo com a pesquisa, discutir as informações sobre os hábitos e usos das tecnologias de informação e comunicação (TIC) por jovens nativos digitais é essencial para descobrir os impactos que estas podem causar na educação, nas comunidades e na política. Conforme a pesquisa descreve,

Enquanto não existe consenso na literatura do impacto exato que as tecnologias da informação e comunicação têm sobre os jovens, há consenso geral que as mídias digitais estão mudando o jeito que eles aprendem, brincam, socializam e participam da vida civil (GOMES, 2014, s.p.).

A realidade atual e a necessidade de pesquisas sobre o desenvolvimento por meio do uso de tecnologia é revelada por projetos como o estudo interinstitucional e internacional *Perspectivas globais no ensino e desenvolvimento através de mídias de edição de vídeo digitais: Um estudo qualitativo no dia a dia de adolescentes*

---

<sup>1</sup> Disponível em: <[http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2013/MIS2013\\_without\\_Annex\\_4.pdf](http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2013/MIS2013_without_Annex_4.pdf)>. Acesso em: 12 mar. 2015.

<sup>2</sup> *Global Perspectives on Learning and Development with Digital Video-Editing Media: A Qualitative*

*marginalizados*<sup>2</sup>, ou DIGIT-M-ED, que vem sendo desenvolvido pelo programa de Pós Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem da PUC-SP em parceria com as seguintes universidades estrangeiras: Universidade de Creta, na Grécia; Instituto de Educação de Londres; Universidade de Londres; Universidade Estadual de Psicologia e Educação de Moscou; Universidade Livre de Berlin, na Alemanha; e Universidade Jawaharlal Nehru, na Índia.

A pesquisa estuda aspectos que envolvem a mídia digital com ênfase nos instrumentos utilizados para capturar, editar e divulgar dados em forma de vídeos. Os objetivos do projeto envolvem o desenvolvimento de uma metodologia inovadora para os estudos interdisciplinares e comparativos interculturais de mídias digitais emergentes e práticas tecnológicas, com base na teoria de aprendizagem e desenvolvimento, de Vygotsky, e na análise multimodal.

O projeto DIGIT-M-ED, ao qual esta pesquisa de doutorado está ligado, é financiado pela União Europeia (Marie Curie Actions), e tem por objetivo investigar o impacto das mídias digitais na formação da identidade do jovem em diversos aspectos de sua vida. No Brasil, os pesquisadores da PUC-SP têm como objetivo específico a questão do ensino e aprendizagem por meio das TIC, com o público adolescente de baixa renda. O projeto busca, assim, não apenas pensar nos usos das mídias pelos jovens, mas, também, nas formas como esses usos podem ser apropriados por professores para o desenvolvimento de propostas didáticas que incentivem a aprendizagem e o engajamento dos alunos com conhecimentos vários, a partir das necessidades de seus contextos.

Assim como no projeto DIGIT-M-ED, esta tese busca um olhar crítico frente ao uso de tecnologias digitais, contudo, seu foco principal está na relação díspare entre os grupos pesquisados. Busca-se, desse modo, um melhor entendimento do que pensam esses sujeitos sobre o uso de mídias digitais, como as utilizam e o que pensam sobre o ensino de inglês, uma vez considerada a importância de entendermos quais dados trazem contribuições para o desenvolvimento de material didático, de formação de professores, além de a pesquisa trazer uma luz a possíveis caminhos no ensino da Língua Inglesa.

Para discutir acerca do tema escolhido, este trabalho está ancorado em três pilares teóricos: a teoria Sócio-Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky (1978/1997;

---

<sup>2</sup> *Global Perspectives on Learning and Development with Digital Video-Editing Media: A Qualitative Inquiry in Everyday Lives of Marginalized Young People*

1930/1998; 1934/2009; 2001), por tratar de questões relacionadas ao desenvolvimento humano e por levar em consideração a interação social dos participantes com outros, com instrumentos e com o meio; questões de Letramento na era analógica e digital e seus desdobramentos; a Semiótica da cultura e da mídia, escolhida pela questão das mídias, a partir de Pross (1971), por ancorar as discussões sobre as mídias digitais e as tecnologias de informação e comunicação na sociedade atual, sobre o uso de instrumentos tecnológicos no dia a dia e sobre seu papel na formação da identidade do indivíduo.

A iniciativa de realizar esta pesquisa partiu de minha formação na graduação, Comunicação em Mídias, na PUC-SP, que busca formar um profissional capaz de produzir e gerenciar conteúdo em diferentes formatos e plataformas midiáticas, como Audiovisual (cinema, vídeo, televisão e rádio), Internet, Fotografia, Jornal impresso e digital, entre outros. Os diferentes formatos exigem do profissional a capacidade de lidar com as diferentes linguagens e de adaptar o conteúdo buscando aproveitar, ao máximo, as idiossincrasias de cada plataforma.

No mestrado, tive como objeto de pesquisa o ensino de Inglês e o uso de jogos em sala de aula. Investiguei como essa utilização poderia auxiliar o professor a desenvolver o conteúdo de ensino, a engajar os seus alunos e a minimizar os efeitos da vergonha, em sala de aula, na produção oral em língua inglesa.

Minha trajetória repercutiu em meu trabalho como professora de Inglês e como pesquisadora. Como usuária de tecnologias em sala de aula e em minha vida pessoal, acredito que as TIC trouxeram ganhos à minha prática e à maneira como procuro alternativas em sala de aula, com o objetivo de aprimorar o processo de ensino e aprendizagem de meus alunos. Além disso, acredito que pesquisas na área de tecnologia e educação sejam vitais para a adequação das instituições de ensino ao seu papel de formação dos jovens, uma vez consideradas as necessidades atuais.

Na introdução dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) (BRASIL, 1998, p.138), podemos verificar que há uma preocupação a respeito de a escola exercer seu papel de formadora do aluno. O documento mostra a importância dos recursos tecnológicos como coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem e ressalta a necessidade de a escola estar aberta aos novos tempos:

O mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que a tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta a incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas (BRASIL, 1998, p.138).

Nesse sentido, o Plano Nacional de Educação (PNE) prevê, até o ano de 2020, 20 metas para a educação no país. As metas descritas pelo plano vêm acompanhadas de estratégias de como alcançá-las, e destaca-se, entre os principais focos, a erradicação do analfabetismo; a universalização do atendimento escolar; a superação das desigualdades educacionais; a melhoria da qualidade de ensino; e a promoção humanística, científica e tecnológica do país.

O uso de tecnologia em sala de aula, voltada para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem de jovens e adultos, é abordado por meio de diversas estratégias descritas pelo plano. Entre as mais relevantes a este estudo, estão: a meta 3 – que busca elevar a taxa de matrícula entre a população de quinze a dezessete anos – e uma das estratégias para alcançar a meta é universalizar a banda larga e aumentar o número de computadores no ensino médio; a meta 7 – que busca aumentar as médias escolares – por meio de estratégia do uso de tecnologias e inovações na escola; a meta 14 – que busca elevar o número de matrículas na pós-graduação *stricto sensu* – a partir da expansão da oferta de cursos à distância (BRASIL, 2014, p.22-46).

Assim, podemos perceber que o PNE entende a necessidade de explorar os benefícios trazidos pelas tecnologias, em busca de cumprir as metas para melhoria da educação de jovens e adultos no país, a partir de estratégias que focalizam o desenvolvimento de inovações para a sala de aula, bem como a expansão de ofertas de ensino a distância.

Outras iniciativas colaboram com esta visão de educação, como o Plano Nacional de Banda Larga, criado pelo decreto n.º 7.175/2010 – que levará conexão à internet para escolas, bibliotecas e órgãos públicos de todo o país – ou, ainda, a criação do Comitê Gestor do Programa de Inclusão Digital, com foco não só no acesso à tecnologia pela população, mas também na capacitação de professores e

profissionais, mostrando que há interesse, por parte do governo, na integração dessas tecnologias à sala de aula<sup>3</sup>.

Embora seja claro que exista a necessidade de incorporar as tecnologias digitais à sala de aula, autores como Barreto (2002), Demo (2009), Almeida (2000) e Moran (2013) questionam essa integração ao conteúdo da escola, como vemos na citação, abaixo:

[...] não há exemplos de sistemas educacionais no mundo, nem mesmo nos países mais desenvolvidos, onde a tecnologia está largamente disseminada, inclusive nas escolas, que trabalham as tecnologias integradas às atividades de sala de aula (ALMEIDA; VALENTE, 2011, p.5).

Demo (2009) vai além, quando sugere que a introdução de tecnologias em sala de aula é marcada por euforias e vazios. O autor reforça a necessidade de criticidade, uma vez que nem todos os alunos têm desenvoltura com o computador, além de reservas do próprio professor, normalmente relacionadas à carga de trabalho, à promoção, às habilidades tecnológicas, aos direitos de propriedade intelectual. Almeida e Valente (2011) reiteram essa visão de que deve haver cautela na introdução de tecnologias em sala de aula e que isso deve ocorrer em fases, pois o sistema de ensino e, principalmente, o professor precisam se adequar às novas características: “[...] *O professor não só está adquirindo competências técnicas, mas mudando suas concepções e crenças pedagógicas, passando a trabalhar em patamares mais inovadores*” (ALMEIDA e VALENTE, 2011, p.51).

Percebemos que há uma dúvida sobre o que mudar e onde mudar, como ensinar e aprender na sociedade interconectada e, também, que jovens estão acostumados com informações multimidiáticas e hipertextuais, o que torna o modelo pedagógico atual pouco atrativo (MORAN, 2013).

Isso posto, compreendemos haver necessidade de continuar a discussão a respeito das tecnologias digitais e de sua aplicação em sala de aula. Por sua importância, mídias digitais e ambientes digitais têm sido vastamente abordadas em pesquisas nas mais diferentes áreas de atuação, como Educação, Psicologia, Comunicação e, também, Linguística Aplicada.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.mc.gov.br/programa-nacional-de-banda-larga-pnbl>>. Acesso em: 14 mar. 2015.

Referenciais teóricos recorrentes em pesquisas nessas áreas do conhecimento têm como o objetivo discutir questões de desenvolvimento humano, como: a teoria Sócio-Histórico-Cultural, proposta por Vygotsky (1978/1997; 1930/1998; 1934/2009; 2001), Leontiev (1977/2009) e, mais recentemente, por Engestron (1987) e Daniels (2003); conceitos de Letramento, a partir de Kleiman (2010), Rojo (2009, 2012) e Moita-Lopes (2010); de Multimodalidade, com base em Jewitt e Oyama (2001), Kress e Van Leeuwen (2001) e *The New London Group* (2000); novas habilidades desenvolvidas pelas tecnologias, segundo Jenkins (2007) e Prensky 2001; evolução das mídias, segundo Pross (1971), Santaella (2003) e Baitello Jr. (2005).

Trabalhos recentes de discentes, na linha de pesquisa Linguagem e Educação, incluem a dissertação de Lopes (2014), que teve por objetivo discutir a formação do professor para utilização de tecnologias digitais móveis (*tablets*) em sala de aula. Do mesmo modo como proposto nesta pesquisa, o autor ampara suas discussões nos conceitos da teoria Sócio-Histórico-Cultural, de Vygotsky (1978/1997; 1930/1998; 1934/2009; 2001), buscando compreender e justificar escolhas feitas pela instituição escolar, contexto de seu estudo, na formação dos professores. Como resultado, foi desenvolvido um plano de ação para a utilização de *tablets* em sala de aula.

Outra pesquisa que podemos destacar é a de Pinto (2013). A pesquisadora, a partir de um estudo de caso – curso de formação de professores –, discute as representações dos professores sobre cursos no contexto digital. Como resultado da pesquisa, a autora destaca que os professores pesquisados avaliaram o curso digital de forma positiva, reconhecendo-o como uma alternativa ao curso presencial.

A tese de Gervai (2007) discute questões relativas a teorias de comunicação apresentadas por McLuhan (1988), que argumenta que a tecnologia não é apenas uma forma de comunicação, mas sim uma ferramenta chave que determina o que pode ser dito e como isso é dito, além de moldar o seu próprio conteúdo. Por fim, a tese de Resende (2003), que teve como objeto de estudo Oficinas Virtuais, discutiu a interação estabelecida entre professor e alunos em ambientes virtuais no ensino de línguas. Apoiado em Vygotsky, Resende (2003) diz que interação é parte fundamental no desenvolvimento cognitivo e cultural do indivíduo e que o meio digital oferece mais uma possibilidade de comunicação e de interação.

Observando o curso de pós graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), podemos destacar as teses que abordam temas similares, como: Letramentos Digitais ou Multiletramentos, em Maia (2013), que discute o processo de apropriação das TIC por um jovem de baixa renda e como a navegação em diferentes TIC amplia sua participação social. Ao discorrer sobre a apropriação das TIC, Maia (2013) busca apoio em De Certeau (2012), quando descreve que sujeitos da periferia, ao se apropriarem das tecnologias digitais, são capazes de (re)inventar seu cotidiano, alcançando, assim, maior representatividade na sociedade.

O curso de pós graduação em Letras Modernas da Universidade de São Paulo, diferentemente de outras faculdades pesquisadas, não apresentou diversidade de pesquisas na área de ensino de línguas e tecnologia nos últimos anos; entretanto, a tese de Ferraz (2012) foi uma das exceções. A pesquisa, de natureza etnográfica, buscou examinar o ensino de Inglês em escolas técnicas e profissionalizantes, tendo em vista a necessidade de adequar as aulas a um novo letramento, que levasse em conta as necessidades dos alunos na atualidade. Em seus resultados, o autor relata que, por existir uma distância entre o conhecimento do professor e o do aluno sobre tecnologias digitais, este acaba buscando soluções para seu aprendizado nas mídias digitais fora da sala de aula. A discussão entre novos letramentos e tecnologias, apresentada na tese, colabora com a presente pesquisa, contudo, Ferraz tem como foco principal o ensino de línguas, questionando se os alunos estão recebendo ensino linguístico adequado ao que se espera nas instituições de ensino técnico (FERRAZ, 2012).

Conforme os trabalhos apresentados, vemos que há uma preocupação, por parte dos pesquisadores da área da Linguística Aplicada, de mais bem compreender o uso de tecnologias, dentro e fora de sala de aula. Diante desse desafio, notamos assim a necessidade de investigar, de forma crítica, possibilidades e necessidades que surgem na educação, frente à evolução das mídias tecnológicas.

O presente trabalho, inserido na Linguística Aplicada (LA), versa sobre questões contemporâneas, a partir de conceitos apresentados por autores como Moita Lopes (2006), que vê a LA como uma área de investigação aplicada, interdisciplinar e focada na resolução de problemas de uso da linguagem, dentro e fora da sala de aula, em contextos determinados.

A LA tem sido objeto de muitas discussões, sendo compreendida de maneiras diversas e, por vezes conflitantes. Corder (1973), por exemplo, definia LA como sendo uma disciplina que deveria suprir a necessidade de aplicação da Linguística, buscando resolver problemas de aprendizagem, como o erro na aquisição da segunda língua (*error analysis*), contudo, outros autores, como Celani (1998), Cavalcanti (2004) e Moita Lopes (1994; 2006), argumentam que pensar na LA como simplesmente uma ampliação de normas e teorias linguísticas seria uma maneira muito simplista de enxergá-la e deixaria de fora aspectos sociais e psicológicos de uma sala de aula.

Moita Lopes (1994, p.114), considera a LA uma disciplina de caráter interdisciplinar, conforme vemos na citação, abaixo:

O linguista aplicado, partindo de um problema com o qual as pessoas se deparam ao usar a linguagem na prática social e em um contexto de ação, procura subsídios em várias disciplinas que possam iluminar teoricamente a questão em jogo, ou seja, que possam ajudar a esclarecê-la.

Podemos perceber, portanto, que a LA possui um campo de atuação que não se limita à aplicação de conceitos da linguística, mas se configura como um campo interdisciplinar que busca trazer soluções e questionamentos às práticas sociais, em um determinado contexto sócio-histórico-cultural.

Se pensarmos em uma LA apenas para a aplicação de regras gramaticais e conceitos de sintaxe, não levaríamos em consideração questões que cruzassem fronteiras de outras áreas de conhecimento, como Comunicação Social, Didática, Psicologia Cognitiva, Linguística, Educação, História, Sociologia e Psicologia do desenvolvimento (CELANI, 1998).

Assim, sob esse prisma, a visão da LA, na atualidade, passa a ter uma interpretação de uma ciência interdisciplinar, por se envolver com as mais diversas áreas do conhecimento.

Cavalcanti (2004) constata que na década de 90 foi aprofundada a discussão acerca do conceito de LA; passou-se, então, a vê-la como uma disciplina capaz de ultrapassar as fronteiras da escola para auxiliar na resolução de problemas de uso da linguagem nos variados contextos sociais.

Nessa mesma direção, Moita Lopes (2006) explica que a LA busca *renarrar* e *redescrever* a vida social como ela se apresenta, no contexto histórico em que se encontra e com as mudanças e conhecimentos produzidos no tempo presente. A busca pelo que há de novo na sociedade atual se dá, ainda, segundo o autor, não pela simples diferença, mas por implicações que estas trazem para a sociedade atual. Milton Santos (2000, *apud* Moita Lopes, 2006) acrescenta que tais mudanças foram acarretadas por desenvolvimentos tecnológicos e que as mídias digitais possibilitaram avanços em diferentes áreas, como informática, eletrônica e cibernética. Tais avanços, por sua vez, trazem mudanças à vida social e à maneira como esta é representada, pesquisada e ensinada. A mídia, como aponta Martín-Barbero (2003), passa a ocupar um lugar estratégico em nossa sociedade, invadindo nossas vidas.

A LA, vista aqui como uma abordagem mutável e dinâmica que lida com conceitos de linguagem em contextos múltiplos (PENNYCOOK, 2006, p.67), vai além da análise de métodos e técnicas, buscando investigar mudanças à vida sociocultural e histórica, aplicadas a um determinado contexto (MOITA LOPES, 2006, p.21).

Como enfatizado acima, o tema em questão foi abordado em diversas teses e dissertações, além de ser recorrente em congressos e eventos nas áreas de Educação e Linguística Aplicada, devido à necessidade de um melhor entendimento acerca do tema. Buscando ser uma contribuição ao assunto, este trabalho se propõe a responder as seguintes perguntas de pesquisa:

- Quais mídias digitais são utilizada por nativos digitais e por imigrantes digitais em seu cotidiano e quais diferenças a respeito desse uso são identificadas nesses dois contextos?
- Como nativos digitais e imigrantes digitais usam os instrumentos disponíveis nas tecnologias de informação e comunicação?
- Quais questões de ensino podem ser consideradas frente aos comentários dos participantes?

Para responder essas perguntas, esta tese se organiza, além desta Introdução, em mais 5 seções, além de Considerações Finais, Referências e Anexos, conforme descrito, a seguir.

Na seção 2, apresentamos a base teórico-filosófica adotada ao longo do trabalho: a Teoria Sócio-Histórico-Cultural proposta por Vygotsky (1978/1997; 1930/1998; 1934/2009; 2001), voltada à exploração dos conceitos relacionados ao desenvolvimento humano, como a mediação, a relação do homem com os instrumentos e a maneira como desenvolve suas funções psicológicas. Além disso, também abordamos as diferenças entre os conceitos cotidiano e científico, e, por fim, o conceito central da teoria de Vygotsky, a zona de desenvolvimento proximal (ZPD).

Na seção 3, exploramos conceitos relacionados ao letramento e seus desdobramentos na sociedade atual. Iniciamos, apontando as diferenças entre letramento e alfabetização, e, na sequência, uma reflexão sobre multiletramento, hipertexto e multimodalidade. Por fim, abordamos o conceito de letramento para mídias digitais e cultura participativa.

A seção 4 aborda mudanças na sociedade atual, advindas da evolução das mídias – primária, secundária e terciária. Na sequência, apresentamos uma reflexão sobre a sociedade da informação em que vivemos e os conceitos de nativo e imigrante digital. Por fim, elencamos os principais conceitos considerados a respeito do uso de tecnologias de informação e comunicação em sala de aula.

Na seção 5, é apresentada a metodologia interpretativista adotada por esta tese. A seção está organizada a partir de conceitos relativos à abordagem metodológica, seguida de uma apresentação da pesquisa qualitativa interpretativista, segundo Moita Lopes (1994). Nessa seção, descrevemos, ainda, os contextos de pesquisa abordados, além do perfil dos participantes, procedimentos de coleta, e, por fim, procedimentos de análise, segundo Bardin (1977).

Na seção 6, apresentamos a análise dos resultados, obtidos a partir do questionário e da entrevista realizada com os participantes, organizados com objetivo de responder as perguntas de pesquisa, suprarreferidas.

Por fim, apresentamos Considerações Finais, Referências e Anexos que contêm formulários utilizados, roteiro da entrevista, dados do questionário e transcrições das entrevistas.

## 2 PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICO-CULTURAL

Esta seção tem por objetivo embasar a presente pesquisa quanto aos principais conceitos abordados no decorrer do trabalho. A teoria discutida aqui busca estabelecer uma relação entre sociedade, histórica e culturalmente definida, e seus indivíduos. Dessa forma, esta fundamentação tem como foco principal suportar a tese de que os seres humanos são constituídos no contexto em que se encontram e tal contexto influencia seu desenvolvimento e aprendizado. A teoria vygotskyana, apresentada a seguir, é primordial para entendermos nosso objeto de pesquisa, já que entendemos que ao investigar como os participantes fazem uso das tecnologias digitais em seu cotidiano, quais instrumentos são utilizadas e como esses elementos medeiam a vida dos participantes, estamos, assim, buscando compreender como as relações do contexto atual da sociedade afetam o desenvolvimento pessoal e individual de grupos diferentes de participantes.

Dessa forma, apresentamos conceitos-chave da teoria vygotskyana, como, por exemplo, mediação, funções psicológicas superiores e zona de desenvolvimento proximal, uma vez que esta tese trata de instrumentos mediadores do processo de ensino e aprendizagem, ou seja, das tecnologias digitais.

A Teoria Sócio-Histórico-Cultural, base teórica para este trabalho, organiza-se a partir dos trabalhos de Vygotsky (1978/1997; 1930/1998; 1934/2009; 2001), Leontiev (1977/2009), e, posteriormente, Engeström (1987), que defendem a ideia de que o ser humano é constituído de maneira sócio-histórico-cultural, ou seja, a partir de sua interação com a sociedade, sua cultura e história, condicionado à sua atividade. A esse respeito, ressalta Leontiev:

Pela sua atividade, os homens não fazem, senão, adaptar-se à natureza. Eles modificam-na em função do desenvolvimento das suas necessidades. Criam os objetos que devem satisfazer as suas necessidades e igualmente os meios de produção desses objetos, dos instrumentos às máquinas mais complexas. Constroem habitações, produzem as suas roupas e outros bens materiais. Os progressos realizados na produção de bens materiais são acompanhados pelo desenvolvimento da cultura dos homens; o seu conhecimento do mundo circundante e deles mesmos enriquece-se, desenvolvem-se a ciência e a arte (LEONTIEV, 1977/2009, p.265).

Assim, segundo a teoria sócio-histórico-cultural, os conceitos são construídos pela sociedade e para a sociedade, a partir do desenvolvimento das necessidades, e estão integrados à nossa prática social cotidiana.

Na concepção de Vygotsky, a relação do homem com o mundo físico e social é sempre mediada, isto é, se dá por meio do concurso de um elemento intermediário, que a torna mais complexa. Esses elementos mediadores são de naturezas distintas e referem-se ao uso de instrumentos e de signos.

## **2.1 Mediação: Instrumentos e Signos**

O conceito de mediação é visto como o principal ponto da teoria vygotskyana e, por meio desta, podemos perceber a contribuição da abordagem sócio-histórico-cultural para o estudo do desenvolvimento humano. A mediação pode ser entendida como o processo de intervenção de um elemento intermediário numa relação. Dessa forma, o que seria uma relação direta, passa a ser mediada por um elemento, denominado instrumento. Vygotsky (1930/1998, p.73) assim o esclarece:

[...] O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica.

Assim, segundo o autor, ao agir sobre o mundo (objeto), o indivíduo (sujeito), mediado por um instrumento ou signo, seria capaz de alcançar seus objetivos, além de desenvolver novas funções psicológicas superiores. A mediação seria o que permite ao sujeito alcançar o seu objeto de maneira mais significativa. Pela mediação do trabalho, o indivíduo modifica e controla sua ação, transformando suas inclinações e funções naturais, criando novas formas de comportamento, culturais, superiores.

Nesse sentido, Baquero (1998, p.36) ressalta que os instrumentos de mediação são uma fonte de desenvolvimento e, também, de reorganização do funcionamento psicológico global:

O desenvolvimento [...] quando se refere à constituição dos Processos Psicológicos Superiores, poderia ser descrito como a apropriação progressiva de novos instrumentos de mediação ou como o domínio de formas mais avançadas de iguais instrumentos [...] [Esse domínio] implica reorganizações psicológicas que indicariam, precisamente, progressos no desenvolvimento psicológico. Progressos que [...] não significam a substituição de funções psicológicas por outras mais avançadas, mas, por uma espécie de integração dialética, as funções psicológicas mais avançadas reorganizam o funcionamento psicológico global variando fundamentalmente as inter-relações funcionais entre os diversos processos psicológicos.

Dessa forma, entendemos que o domínio de instrumentos implica a reorganização de processos já conhecidos, a fim de integrá-los às funções psicológicas avançadas, que, por sua vez, desenvolvem um funcionamento psicológico global.

A relação do sujeito com o objeto e sua possível mediação por meio de um instrumento é, normalmente, representada por um triângulo (COLE, 1996), como podemos ver, abaixo:

Figura 1: Representação de Mediação



Fonte: Cole (1996, p.120).

A partir dessas representações triangulares, podemos perceber as possibilidades de relação entre o sujeito e o objeto, podendo esta ser não-mediada ou direta, ou, ainda, pela mediação desempenhada por um instrumento culturalmente disponível (DANIELS, 2003, p.25).

Vygotsky (1930/1998), ao escrever sobre elementos típicos dos seres humanos, chama de *Instrumento* o dispositivo socialmente desenvolvido, de origem artificial, utilizado pelos homens para interagirem com o meio e agirem sobre um objeto, como, por exemplo, o computador, a internet e outros meios de

comunicação. Almeida (2000), abordando a questão da relação homem-mundo afirma que

A teoria de Vygotsky tem como perspectiva o homem como um sujeito total enquanto mente e corpo, organismo biológico e social, integrado em um processo histórico. A partir de pressupostos da epistemologia genética, sua concepção de desenvolvimento é concebida em função das interações sociais e respectivas relações com processos mentais superiores, que envolvem mecanismo de mediação. As relações homem-mundo não ocorrem diretamente, são mediados por instrumentos ou signos fornecidos pela cultura.

Assim, podemos compreender que o ser humano age sobre o mundo com o auxílio de um instrumento, que medeia tal ação. Para isso, Vygotsky prevê a existência de dois tipos de instrumentos que utilizamos em nossa mediação com o mundo: Instrumentos Físicos e Instrumentos Simbólicos ou Signos.

*Instrumentos Físicos* têm como função servir como condutor da influência humana sobre o objeto. São instrumentos externos e orientados externamente para o controle e o domínio da natureza, como, por exemplo, uma pá ou qualquer outro instrumento utilizado na agricultura, ou mesmo uma caneta ou caderno, que poderiam ser considerados instrumentos utilizados pelos indivíduos com o objetivo de realizar uma tarefa. Nesse sentido, Vygotsky destaca:

A função do instrumento é servir como um condutor da influência humana sobre o objeto da atividade; ele é orientado externamente; deve necessariamente levar a mudanças nos objetos. Constitui um meio pelo qual a atividade humana externa é dirigida para o controle e domínio da natureza. O signo, por outro lado, não modifica em nada o objeto da operação psicológica. Constitui um meio da atividade interna dirigido para o controle do próprio indivíduo; o signo é orientado internamente (VYGOTSKY, 1930/1998, p.72-3).

Quanto aos *Instrumentos Simbólicos ou Signos*, estes podem ser considerados como estímulos artificiais ou naturais dotados de significado, que constituem atividades mediadas. Estes seriam instrumentos psicológicos que afetam o comportamento humano, sem modificar o objeto da operação psicológica, já que são mediadores de uma atividade interna (ALMEIDA, 2000).

Para Daniels (2003, p.26), o conceito de instrumentos enfatiza a característica de autoconstrução e o entendimento do ser humano como sendo ativo em seu desenvolvimento, em seu tempo e espaço determinados, em seu contexto determinado.

Rego (1998) entende que é pela mediação que o indivíduo se relaciona com o ambiente, pois, como sujeito do conhecimento, ele não tem acesso direto aos objetos, mas, apenas, a sistemas simbólicos que representam a realidade. É por meio dos signos e dos instrumentos que ocorre o contato do indivíduo com a produção cultural da sociedade em que vive.

A diferença entre instrumento físico e os signo (ou instrumentos simbólicos) reside nas diferentes maneiras com que eles orientam o comportamento humano, uma vez que o instrumento físico é orientado de forma a realizar uma tarefa externa e já o signo trata-se de uma ferramenta psicológica, interior ao pensamento do indivíduo. Instrumentos e signos estão, todavia, relacionados, já que o controle do meio e do comportamento estão ligados. *“O uso de signos conduz os seres humanos a uma estrutura específica de comportamento que se destaca do desenvolvimento biológico e cria novas formas de processo psicológicos enraizados na cultura”* (VYGOTSKY, 1930/1998, p.54).

Convém salientar, contudo, que os instrumentos e signos que constituem a mediação em si não produzem significado. Estes são produzidos à partir da ação de cada indivíduo, uma vez que uma ferramenta ou um meio apenas possui uma ação na medida em que os indivíduos os usam (WERTSCH *et al.*, 1998, p.28). Dessa forma, entendemos que o instrumento altera o comportamento do indivíduo e sua capacidade de realizar tarefas, ao mesmo tempo que modifica suas funções mentais, como vemos na citação de Wertsch *et al.* (1998), ao parafrasear as palavras de Vygotsky:

Ao ser incluída no processo do comportamento, a ferramenta psicológica altera todo o fluxo e a estrutura das funções mentais. Assim se faz ao determinar a estrutura de um novo ato instrumental, semelhante à ferramenta técnica que altera o processo de uma adaptação natural ao determinar as formas das operações de trabalho (WERTSCH *et al.*, 1998, p.13).

Para Vygotsky (1930/1998), os signos ou instrumentos psicológicos agem de maneira semelhante ao instrumento, por serem acessórios que auxiliam o indivíduo na interação com o mundo, ao solucionar um determinado problema; porém, signos são ferramentas psicológicas, como lembrar, contar ou comparar coisas, e até mesmo a linguagem. Se imaginarmos uma situação em que uma pessoa (sujeito) deseja enviar um *e-mail* a outra pessoa, a primeira necessitará de internet

(instrumento físico). A internet é exterior ao sujeito, entretanto, sem ela, a ação do sujeito não seria possível. Dessa forma, a linguagem utilizada pelo sujeito para se comunicar com outrem configura-se como um signo. Entendemos, assim, que

A própria ideia de que o homem é capaz de operar mentalmente sobre o mundo supõe, necessariamente, a existência de algum tipo de conteúdo mental de natureza simbólica, isto é, que representa os objetos, situações e eventos do mundo real no universo psicológico (OLIVEIRA, 1992, p.26).

Podemos dizer, então, que a linguagem é o principal mediador na formação e no desenvolvimento das funções mentais. Ela constitui um sistema simbólico, elaborado no curso da história social do homem, que organiza os signos em estruturas complexas, permitindo, por exemplo, nomear objetos e estabelecer relações. Por meio da linguagem, podemos perceber três grandes mudanças nas funções mentais dos indivíduos, sendo a primeira relacionada ao fato de a linguagem permitir que o indivíduo lide com objetos não presentes fisicamente. A segunda permite abstrair, analisar e generalizar características dos objetos, de situações e eventos. E, por último, podemos citar a função comunicativa, ou, em outras palavras, “*a preservação, transmissão e assimilação de informações e experiências acumuladas pela humanidade ao longo da história*” (REGO, 1998, p.54).

Podemos dizer, ainda, que, por meio da mediação da linguagem, o indivíduo é capaz de interagir com o mundo externo. Em suma,

a linguagem constitui o sistema de mediação simbólica que funciona como instrumento de comunicação, planejamento e auto-regulação. É justamente pela sua função comunicativa que o indivíduo se apropria do mundo externo, pois é pela comunicação estabelecida na interação que ocorrem “negociações”, reinterpretações das informações, dos conceitos e significados (LUCCI, 2006, p.32).

Frente ao apresentado, vemos que é pelo signo da linguagem que o indivíduo se comunica em seu contexto social e, a partir deste, desenvolve suas funções psicológicas, que o tornam capaz de interagir, solucionar problemas e transmitir conhecimento.

A capacidade do ser humano de produzir e transmitir conhecimento por meio de instrumentos, sejam eles físicos ou simbólicos, e dividi-los com a sociedade em

que se encontra foi possibilitada e desenvolvida através dos anos pelas mídias de comunicação. Para Vygotsky,

O uso de meios artificiais – a transição para a atividade mediada – muda, fundamentalmente, todas as operações psicológicas, assim como o uso de instrumentos amplia de forma ilimitada a gama de atividades em cujo interior as novas funções psicológicas podem operar. Nesse contexto, podemos usar o termo função psicológica superior, ou comportamento superior, com referência à combinação entre o instrumento e o signo na atividade psicológica (VYGOTSKY, 1934/2009, p.56).

As mídias, que evoluíram junto com o ser humano, medeiam a interação entre indivíduos, ao mesmo tempo que influenciam no desenvolvimento de funções psicológicas. Por esse motivo, consideramos a necessidade de aprofundar o conhecimento a respeito das mídias digitais, por entendermos que sua utilização tem direta relação com o desenvolvimento de novas funções psicológicas.

## 2.2 Funções Psicológicas

Um conteúdo simbólico, quando internalizado, provoca o desenvolvimento de funções psicológicas superiores, geneticamente marcadas por relações sociais:

As funções elementares têm como característica fundamental o fato de serem total e diretamente determinadas pela estimulação ambiental. No caso das funções superiores, a característica essencial é a estimulação autogerada, isto é, a criação e o uso de estímulos artificiais [signos] que se tornam a causa imediata do comportamento (VYGOTSKY, 1930/1998, p.53).

Segundo a teoria de Vygotsky (1930/1998), podemos considerar como *funções mentais superiores* as ações típicas dos seres humanos, como, por exemplo: memória, atenção e lembrança voluntárias, memorização ativa, imaginação, capacidade de planejar e de estabelecer relações, ação intencional, desenvolvimento da vontade, elaboração conceitual, uso da linguagem, representação simbólica das ações propositadas, raciocínio dedutivo, pensamento abstrato. Para Martins,

O desenvolvimento da função psicológica superior (FPS) está diretamente relacionado com a mediação operada pela linguagem. É o sujeito se apropriando das coisas e transformando-as. A FPS principal é a vontade, pois possibilita a emergência de todas as outras funções (MARTINS, 1997, p.114).

Nessa perspectiva, a linguagem cumpre dupla função, pois, além de permitir a comunicação, organizar e mediar a conduta, ela expressa o pensamento, destacando a importância dos fatores culturais existentes nas relações sociais como reguladores dos indivíduos envolvidos. Em outros termos, sua função principal é a de criar possibilidades para o intercâmbio social. Conforme aponta Rego (1995, p.39),

Vygotsky se dedicou ao estudo das chamadas funções psicológicas superiores, que consistem no modo de funcionamento psicológico tipicamente humano, tais como a capacidade de planejamento, memória voluntária, imaginação, etc. Estes processos mentais são considerados sofisticados e 'superiores', porque referem-se a mecanismos intencionais, ações conscientes controladas, processos voluntários que dão ao indivíduo a possibilidade de independência em relação às características do momento e espaço presente.

Assim, entendemos que esses processos mentais intencionais possibilitam ao indivíduo controlar seu funcionamento psicológico, uma vez que lhe permitem organizar seu pensamento por meio de ações simbólicas, como a imaginação. A partir da imaginação, suposição e planejamento, o ser humano tem condições de se distanciar do presente (em seu pensamento interior), do espaço e momento no qual se encontra fisicamente, de forma individual, mesmo que sua formação seja social, como discorre o autor, na citação, a seguir:

[...] os processos psíquicos humanos (suas “funções psicológicas superiores”) assumem uma estrutura que tem como elos obrigatórios os meios e métodos sócio-historicamente formados, transmitidos ao sujeito pelas pessoas à sua volta durante o processo de trabalho cooperativo comum entre eles (LEONTIEV, 1977/2009 p.95).

Nessa perspectiva sócio-histórico-cultural, a consciência não é apenas um resultado da evolução biológica, um pré-requisito da ação intencional. A consciência é resultado de uma atividade intencionada de um sujeito a um objeto. A atividade do ser humano sobre o mundo é constituinte da consciência e é, inerentemente, coletiva, o que implica a origem social da consciência.

Por meio dessas funções, o ser humano é capaz de lembrar-se de situações passadas e planejar ou imaginar situações futuras, hipotéticas. São chamadas de funções superiores por se diferenciarem de ações biológicas, chamadas de elementares, que podemos encontrar em seres humanos, mas também em animais. No ser humano, é o caso, por exemplo, dos reflexos e ações automatizadas, e de sua capacidade (física) de andar ou falar. Nós somos biologicamente capazes de desenvolver linguagem e emitir sons, a partir de funções elementares, da mesma maneira que um cachorro é capaz de andar em quatro patas e latir. Entretanto, os seres humanos desenvolvem sua capacidade de emitir sons em uma linguagem com regras, socialmente convencionada, transformando-a em uma função psicológica superior.

Na concepção vygotskiana, o desenvolvimento do psiquismo não é nato, universal ou imutável. Na visão de Oliveira (1992, p.24),

Vygotsky rejeitou, portanto, a ideia de funções mentais fixas e imutáveis, trabalhando com a noção do cérebro como um sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual. Dadas as imensas possibilidades de realização humana, essa plasticidade é essencial: o cérebro pode servir a novas funções criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações morfológicas no órgão físico.

Dentre as funções psicológicas superiores, podemos destacar a elaboração conceitual, entendida como a capacidade que o homem desenvolveu para pensar, analisar e generalizar os elementos da realidade, com base em conceitos socialmente elaborados, como destaca Leontiev (1977/2009 p.52):

Assim, cada pessoa individual torna-se um sujeito do pensamento apenas ao controlar a linguagem, compreensão e lógica, que representam reflexões generalizadas da experiência de prática social: Mesmo aquelas tarefas que ele define para si mesmo em pensamento originam-se nas condições sociais de sua vida. Em outras palavras, o pensamento e percepção humana tem uma natureza histórico-social.

Durante o seu desenvolvimento, o homem é capaz de desenvolver conceitos, que ao decorrer de sua existência vão ficando mais complexos. Contudo, Vygotsky

prevê que há diferenças na formação de conceitos, e os divide em espontâneos e científicos.

### 2.3 Conceitos Cotidianos e Científicos

Para Vygotsky (1930/1998), conceitos *cotidianos ou espontâneos* e *conceitos científicos* envolvem experiências e atitudes diferentes por parte do aprendiz e se desenvolvem por caminhos diferentes; "*a ausência de um sistema é a diferença psicológica principal que distingue os conceitos espontâneos dos conceitos científicos*" (p.99). Um conceito espontâneo é definido por seus aspectos fenotípicos, sem uma organização consistente e sistemática, enquanto o conceito científico é sempre mediado por outros conceitos.

A criança adquire consciência dos seus conceitos espontâneos relativamente tarde; a capacidade de defini-los por meio de palavras, de operar com eles à vontade, aparece muito tempo depois de ter adquirido os conceitos. Ela possui o conceito (...), mas não está consciente do seu próprio ato de pensamento. O desenvolvimento de um conceito científico, por outro lado, geralmente começa com sua definição verbal e com sua aplicação em operações não-espontâneas (...) Poder-se-ia dizer que o desenvolvimento dos conceitos espontâneos da criança é ascendente, (indutivo) enquanto o desenvolvimento dos seus conceitos científicos é descendente (dedutivo) (VYGOSTSKY, 1930/1998, p.93).

Assim, os conceitos espontâneos se desenvolvem com o tempo, com base nas experiências do aprendiz, em contato com o meio. A partir dessas experiências, novos conceitos são construídos de forma espontânea. Essa espontaneidade surge do pensamento inato para se tornar um pensamento superior. Parte da experiência concreta para o entendimento pleno, abstrato, criando novos significados.

Os significados evoluem ao longo da vida. Vygotsky demonstrou que o desenvolvimento do significado das palavras não é mera acumulação de associações entre as palavras e os objetos, como defendiam os associacionistas, na época, mas sim uma transformação estrutural do significado (BAQUERO, 1998).

Para Vygotsky (1934/2009), os conceitos espontâneos e os conceitos não-espontâneos não estão em conflito; fazem parte de um mesmo processo, ainda que

se formem e se desenvolvam sob condições externas e internas diferentes e motivados por problemas distintos.

Tais conceitos, então, são desenvolvidos de forma intencional e surgem de ações intencionais, por meio da instrução, principalmente, nas instituições de ensino. Embora sigam “*caminhos de formação e evolução*” distintos, os dois processos relacionam-se intimamente (VYGOTSKY, 1993) já que para desenvolver os conceitos científicos é necessário que alguns conceitos cotidianos estejam formados. Dessa forma, para que seja possível o desenvolvimento de conceitos científicos, faz-se necessário o domínio de conceitos espontâneos, e estes, por sua vez, são também elevados e reorganizados ao se encontrarem com conceitos científicos.

Segundo Pozo (*apud* REIG e GRADOLÍ, 1998, p.123), os conceitos científicos diferenciam-se dos espontâneos, uma vez que os primeiros fazem parte de um sistema, são adquiridos a partir de uma tomada de consciência da própria atividade mental e implicam uma relação com o objeto baseada na internalização da essência do conceito. De acordo com esta perspectiva,

[...] as atividades desenvolvidas e os conceitos aprendidos na escola (que Vygotsky chama científicos) introduzem novos modos de operação intelectual: abstrações e generalizações mais amplas acerca da realidade (que por sua vez transformam o modo de utilização da linguagem). Como consequência, na medida em que a criança expande seus conhecimentos, modifica sua relação com o mundo (REGO, 1995, p.104).

A relação entre conceitos espontâneos e conceitos científicos esboça uma afinidade mais ampla entre conceitos e aprendizagem e desenvolvimento. Para Vygotsky, a interiorização das relações sociais promove o desenvolvimento das funções mentais superiores. Existe uma influência recíproca entre aprendizagem e desenvolvimento mental. Assim, para que haja aprendizagem, faz-se necessário o desenvolvimento. Sobre essa questão, Vygotsky desenvolveu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZPD), que veremos a seguir.

## 2.4 Zona de Desenvolvimento Proximal

A zona de desenvolvimento proximal (ZPD) é um conceito central na teoria de Vygotsky. Segundo o teórico, o indivíduo desenvolve as capacidades mentais na interação, que ocorre entre dois níveis de desenvolvimento cognitivo: o nível de conhecimento real, no qual o indivíduo se encontra e é capaz de solucionar sozinho os problemas, e o nível de desenvolvimento potencial, no qual ele será capaz de resolver os problemas com a assistência de um par mais competente. Assim, Vygotsky usa a expressão *zona de desenvolvimento proximal* (ZPD) como uma metáfora para descrever o caminho feito pelo aprendiz partindo de um conhecimento já existente (real) para um conhecimento de algo novo (potencial).

Para Vygotsky (1930/1998, p.117), “o *‘bom aprendizado’* é somente aquele que se adianta ao desenvolvimento”. Dessa forma, no entendimento do autor, o “*bom*” ensino é aquele que leva o aluno a alcançar o conhecimento potencial, o que ainda não é dominado pelo aprendiz, seu objetivo de aprendizado, que poderá ser alcançado.

Segundo Vygotsky (1930/1998), ao ensinar o aprendiz dentro da sua zona de desenvolvimento, o par mais experiente leva-o a alcançar um novo patamar de conhecimento, que acarretará um novo nível de conhecimento real. Vygotsky (1930/1998, p.113) explica tal fenômeno quando afirma que “o que é a zona de desenvolvimento proximal hoje, será o nível de desenvolvimento real amanhã – ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”. Assim, Vygotsky reitera a condição social do aprendizado, sendo este o principal recurso para o desenvolvimento. A esse respeito, Magalhães (1996, p.3-4) afirma:

Em uma abordagem sócio-histórica/cultural, a aprendizagem de qualquer conhecimento novo parte do OUTRO, de padrões interacionais interpessoais. Assim, a aprendizagem é entendida, independentemente da idade, como social e contextualmente situada, como um processo de reconstrução interna de atividades externas, em que a relação social tem o papel primário em determinar o funcionamento intrapsicológico ou intramental [...] A instrução efetiva, isto é, a que resulta em aprendizagem, pressupõe que o professor tenha avaliado os dois níveis de desenvolvimento de seus alunos, isto é, as atividades em que agem independentemente e as em que necessita da participação do outro para agir e que é onde deve situar a instrução.

Para Ajaafreh e Lantolf (1994), a ZPD é uma espécie de quadro que coloca em cena todos os elementos da aprendizagem: o professor, o aprendiz, as dimensões sociais e culturais de cada um, suas metas e motivações, assim como os recursos disponíveis nesse processo, como o diálogo. Segundo a concepção sócio-histórico-cultural, a zona de desenvolvimento proximal só pode ser acessada e desenvolvida em uma atividade dialógica.

Ainda no sentido de estabelecer relações, Rego (1995, p.73) afirma:

A distância entre aquilo que ela é capaz de fazer de forma autônoma (nível de desenvolvimento real) e aquilo que ela realiza em colaboração com os outros elementos de seu grupo social (nível de desenvolvimento potencial) caracteriza aquilo que Vygotsky chamou de 'zona de desenvolvimento potencial ou proximal'. Neste sentido, o desenvolvimento da criança é visto de forma prospectiva, pois a zona de desenvolvimento proximal define aquelas funções que ainda não amadureceram, que estão em processo de maturação, funções que amadurecerão, mas que estão presentes em estado embrionário.

Nessa perspectiva, cria-se uma relação entre o desenvolvimento humano e o seu grupo social, tendo em vista que, com base no que um indivíduo expõe socialmente, ele é capaz de maturar seus conhecimentos. Entende-se, assim, a necessidade do aprendizado escolar, uma vez que essa necessidade é parte essencial no desenvolvimento de conceitos. Sobre o aprendizado na escola, Vygotsky (1930/1998, p.74) escreve:

O aprendizado é uma das principais fontes de conceitos da criança em idade escolar, e é também uma poderosa força que direciona o seu desenvolvimento, determinando o destino de todo o seu desenvolvimento mental.

Como vimos anteriormente, um conceito essencial da teoria vygotskiana é a mediação. Na escola, o aluno aprende por meio de interação com o professor e com outros alunos. Esse seria o grande segredo da teoria sócio-histórico-cultural na educação. O papel do par mais experiente, em geral, o do professor, é encontrar maneiras que auxiliem o aluno a aprender (WILLIAMS e BURDEN, 2002).

No contexto escolar, as interações passam a ser entendidas como condição necessária para o desenvolvimento e produção dos conhecimentos. Quando o professor estimula o diálogo, a cooperação entre pares, a troca de informações, o

confronto de ideias, a divisão de tarefas e a ajuda mútua, está atuando de forma a propiciar a construção de conhecimentos numa ação partilhada, pois, segundo Vygotsky, as relações entre sujeito e objeto do conhecimento são estabelecidas na relação com os outros. De acordo com Vygotsky (1934/2001, p.70), na educação *“não existe nada de passivo, de inativo. Até as coisas mortas, quando se incorporam ao círculo da educação, quando se lhes atribui papel educativo, adquirem caráter ativo e se tornam participantes ativos desse processo”*.

No contexto atual, entendemos que as tecnologias digitais foram incorporadas à esse círculo citado por Vygotsky, uma vez que essas tecnologias, presentes em nossa vida cotidiana, transformam a nossa maneira de pensar e agir sobre o mundo e, ao analisarmos o seu uso na educação, percebemos que são participantes do desenvolvimento de novos letramentos, como veremos a seguir.

### 3 LETRAMENTO E SEUS DESDOBRAMENTOS

Atualmente, os termos *novos letramentos*, *multiletramentos* e *letramentos múltiplos* são empregados quando se busca discutir questões sobre o uso de tecnologia em sala de aula. Autores nacionais (SOARES, 2004; KLEIMAN, 2010; ROJO, 2009, 2012; MOITA-LOPES, 2010) e estrangeiros (*The New London Group*, 2000; HAMILTON, 2002; KRESS, 1996; LEMKE, 2006; JEWITT, 2001; KNOBEL, 2010) oferecem definições e teorias sobre a aplicabilidade, necessidade e as novidades que as tecnologias proporcionam à educação.

#### 3.1 Letramento e Alfabetização

Controverso desde o princípio de sua existência, o ensino da alfabetização, a “*mais básica de todas as necessidades de aprendizagem*” (ARENDDT, 2000, p.192) é motivo de discordância entre os chamados “*modernos*” e “*antigos*” (MORTATTI, 2000, p.23). No início, voltada para a elite, a alfabetização já foi símbolo de poder das classes mais abastadas e da igreja. Durante o período imperial, apenas uma pequena parcela da população brasileira era capaz de ler e escrever e o mesmo aconteceu ao longo de quase todo o século XX, quando se trata de oportunidade para educação para a população em geral, como confirma Unesco (2008) quando diz que

A difusão da alfabetização no Brasil ocorreu apenas no transcorrer do século XX, acompanhando a constituição tardia do sistema público de ensino. Até fins do século XIX, as oportunidades de escolarização eram muito restritas, acessíveis quase que somente às elites proprietárias e aos homens livres das vilas e cidades, minoria da população. O primeiro recenseamento nacional brasileiro foi realizado durante o Império, em 1872, e constatou que 82,3% das pessoas com mais de cinco anos de idade eram analfabetas. Essa mesma proporção de analfabetos foi encontrada pelo censo realizado em 1890, após a proclamação da República (UNESCO, 2008, p.24).

Após esse período, mudanças como a abolição da escravatura, em 1888, e a transição da economia agrária para a industrial fizeram com que a escrita se tornasse, assim, necessária à população de forma geral e esta passou a fazer parte

de campanhas políticas com o objetivo de ensinar a todos os cidadãos a ler e a escrever. Devido à necessidade da indústria de possuir pessoas letradas em suas fábricas e linha de produção, o ensino teve o objetivo de suprir essa necessidade em especial, não buscando a formação do indivíduo como um todo para que consumisse os produtos da produção cultural escrita local, mas que apenas fosse capaz de realizar tarefas simples, aprendidas por meio da repetição e da memorização de frases sem sentido, que não refletiam sua realidade. Nesse sentido, podemos observar o relatório abaixo:

Assistiram-se no período a duas outras campanhas que obtiveram poucos resultados efetivos: a Campanha Nacional de Educação Rural, em 1952, e a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo, em 1958. No final dos anos 50, inúmeras críticas foram dirigidas às campanhas, devido ao caráter superficial do aprendizado que se efetivava num curto período de tempo e a inadequação dos programas, modelos e materiais pedagógicos, que não consideravam as especificidades do adulto e a diversidade regional (UNESCO, 2008, p.24).

A escola passa, então, a suprir a necessidade da indústria, padronizando e adestrando seus alunos, voltando para o crescente mercado de trabalho industrial. Os estudantes passam a ser modelados de acordo com o que se esperava do trabalhador, ou seja, a capacidade de seguir regras que buscassem o aumento da produtividade (NUCCI, 2001, p.51).

Com o foco no trabalho, os métodos e materiais didáticos utilizados na época enfatizavam a repetição; o aprendizado buscava uma simples decodificação do alfabeto, como o próprio nome já diz. O conceito de alfabetismo está ligado ao conhecimento do alfabeto e à capacidade de decodificar palavras, sons e letras para se compreender o que está escrito e escrever o que foi lido ou ouvido (OLIVEIRA, 2002, p.169).

Buscando um entendimento mais mecânico e simplista da linguagem não mais condizente com o que se espera de um indivíduo na sociedade pós revolução industrial, novas campanhas e projetos entraram em jogo para garantir o fornecimento de uma educação mais ampla e com objetivos de formação do indivíduo, e não só memorização de palavras que não faziam parte de sua herança cultural e de sua realidade sócio-histórica. Surge, assim, a prática conhecida como letramento. É nesse momento que o termo letramento faz sua estreia na educação

e, segundo Soares (2009, p.33), sua primeira utilização teria ocorrido no país em 1986, no livro “*No mundo da escrita: uma perspectiva psicolinguística*”, escrito por Mary Kato. Ainda, de acordo com Soares (2009), o primeiro livro dedicado ao termo foi “*Os significados do letramento*”, publicado em 1995.

Até então, a palavra utilizada para se referir ao aprendizado de leitura e escrita era alfabetização. O termo foi introduzido na educação para sinalizar o ensino das habilidades de “*codificação*” e “*decodificação*” da leitura e da escrita (BRASIL, 2007) e, assim, prosseguiu o ensino, muitas vezes pautado pela repetição e memorização de palavras, sílabas e letras sem significados ou sem que o aluno compreendesse o seu significado. Palavras soltas e fora de contexto precisavam ser repensadas e redefinidas, como qdescreve o Ministério da Educação, quando diz que

[...] entende-se alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. Entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo). Esta proposta considera que alfabetização e letramento são processos diferentes, cada um com suas especificidades, mas complementares e inseparáveis, ambos indispensáveis (BRASIL, 2007, p.12-3).

Assim, viu-se a necessidade de um termo que estivesse de acordo com um novo pensamento. Algo que fosse além da simples decodificação de palavras sem sentido e que não levam em consideração a realidade do indivíduo, sua bagagem sócio-histórica e seu contexto de atuação. O termo letramento, advindo da palavra *literacy* em inglês, veio com o objetivo de representar uma mudança nas práticas, tendo em vista a nova realidade social (SOARES, 2011, p.29).

Desta forma, surge o termo letramento, que veio para substituir a palavra alfabetismo, por se referir a uma questão de leitura e escrita de forma mais complexa e completa, que representando não apenas as letras do alfabeto, mas a inserção do indivíduo no mundo letrado, na literatura e em outras manifestações culturais criadas pelos indivíduos em contexto. Tfouni (2010) explicita que “A

necessidade de se começar a falar em letramento surgiu, “[...] da tomada de consciência que se deu, principalmente entre os linguistas, de que havia alguma coisa além da alfabetização, que era mais ampla, e até determinante desta” (TFOUNI, 2010, p.32). Kleiman (2008) discute o início do uso da palavra letramento como sendo um estudo diferente do alfabetismo, por ter foco na questão social da escrita: “[...] começou a ser usado nos meios acadêmicos como tentativa de separar os estudos sobre o impacto social da escrita dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita” (KLEIMAN, 2008, p.15)..

Por esse viés, entendemos que o letramento se refere a uma produção social inserida na manifestação cultural de um determinado contexto, que vai além dos limites da escola e que busca o desenvolvimento das habilidades individuais do aluno inserido em seu contexto sócio-histórico. Para Kleiman (2008, p.20), o “[...] fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita”. O letramento vai além do conceito de ensinar o sujeito a reconhecer letras e números, já que busca inserir o indivíduo em sua sociedade, para que este possa, assim, fazer uso da linguagem para interagir com a sociedade letrada e suas produções, garantindo a este possibilidades infinitamente mais amplas do que aquelas proporcionadas por simples palavras memorizadas fora de um contexto. Assim, reconheceu-se o caráter social histórico cultural das práticas letradas, em que as palavras não têm um significado fixo e eterno, já que o significado das palavras está relacionado com a negociação e interações sociais de um determinado contexto (GEE, 2004).

### **3.2 Multiletramento**

Novamente, podemos perceber que há um conflito entre o que é ensino em sala de aula e o que se espera do aluno no mundo que o aguarda. As habilidades e características esperadas dos estudantes e o que o mundo globalizado e tecnológico lhes oferece traz mudanças para a sala de aula, e para a maneira de ensinar e

aprender. Diferentes mídias e linguagens invadiram o cotidiano de nossos alunos, provocando alterações em sua maneira de lidar com gêneros textuais e discursos.

Esse entendimento de letramento e sua ligação com o universo sócio-histórico-cultural foi amplamente discutido por autores como Barton (2000), Gee (1994; 2004a), Kalantzis e Cope (1993) e pelo *The New London Group* (2000). Assim, há necessidade de se rever o que está sendo ensinado e de que forma, já que tecnologias digitais inundaram não apenas a vida cotidiana dos indivíduos, mas sua vida profissional e seus laços comunitários (*THE NEW LONDON GROUP*, 2000). A introdução de mídias digitais como instrumentos de criação e distribuição de conteúdo altera a maneira do ser humano interagir com o mundo em sua volta. Nesse sentido, Chartier (1997/1998, p.88-91) explica que o diferente suporte, ou instrumento, garante ao indivíduo novas possibilidades em relação ao letramento, já que

o novo suporte do texto permite usos, manuseios e intervenções do leitor infinitamente mais numerosos e mais livres do que qualquer uma das formas antigas do livro. [...] O leitor não é mais constrangido a intervir na margem, no sentido literal ou no sentido figurado. Ele pode intervir no coração, no centro. Que resta então da definição do sagrado, que supunha uma autoridade impondo uma atitude de reverência, de obediência ou de meditação, quando o suporte material confunde a distinção entre o autor e o leitor, entre a autoridade e a apropriação? (CHARTIER, 1997/1998, p.88-91).

Os novos suportes, como os computadores, trazem uma novidade ao usuário, algo que não estava presente nos livros impressos. Pela utilização de computadores pessoais, o indivíduo é capaz de ler e escrever em um mesmo suporte, como por exemplo, no computador, instrumento no qual podemos escrever ou ler um livro, ao mesmo tempo que oferece possibilidades do leitor intervir sobre um conteúdo já escrito, já que a internet, aliada a outros instrumentos de comunicação, apresenta uma estrutura interativa, que possibilita a criação e alteração de conteúdo, a partir de um texto, ao mesmo tempo que é possível interligá-lo (hipertexto) com outros conteúdos textuais ou imagético (ROJO, 2007).

A proliferação de novos meios de comunicação, como mensagens de texto e ligações com vídeos, não só trazem mudanças para os telefones e computadores, mas inundam a sociedade como um todo. Conforme o *The London Group* (2000), uma grande mudança na vida social está ligada a globalização. A abertura para o

mundo, segundo os autores, oferece ao usuário a possibilidade de se relacionar com uma pluralidade de textos de contextos cultural e linguisticamente diversos. As mudanças, ainda segundo os autores, ocorreriam em diversos aspectos da vida do indivíduo, porém, especialmente em sua vida profissional, sua vida em comunidade, ou sua vida pública, e sua vida pessoal.

A vida profissional apresenta novos desafios, novas profissões e uma nova definição de empresa e emprego. O novo funcionário não é aquele que segue regras e trabalha de forma repetitiva e incontestável, visto pela sociedade industrial. Atualmente, busca-se um funcionário que se identifique com a empresa, com sua missão e seus valores corporativos. Os funcionários, atualmente são trabalhadores *multi-habilidosos*, capazes de resolver problemas complexos e integrados em diferentes disciplinas, em um universo global (*THE NEW LONDON GROUP*, 2000). Comprovando essa tese, vemos o texto apresentado pela empresa Google em sua página dedicada a vagas de emprego em diferentes partes do mundo. Segundo o texto,

Googlers<sup>4</sup> resolvem problemas complexos todos os dias em nome de nossa principal missão de organizar a informação do mundo e torná-la universalmente acessível para nossos usuários. Mas o que torna o trabalho no Google verdadeiramente único é a cultura local de trabalho que estimula a inovação e um saudável desrespeito para o impossível<sup>5</sup>.

As escolas, segundo o *The New London Group* (2000), ou a pedagogia de forma geral, devem encontrar maneiras de formar indivíduos que sejam relevantes para esse novo mercado de trabalho, sendo capaz de falar, discutir criticamente e negociar novos conteúdos, em um universo que busca a inovação e multihabilidades.

O segundo ponto que sofre mudanças seria a vida em comunidade, ou a vida do indivíduo em seu contexto social, sua vida pública. As escolas onde antes, no velho mundo, buscavam acabar com as diferenças, em especial linguísticas, passam a ser ineficientes no novo mundo, já que neste deve-se incorporar imigrantes e indígenas, além de outras diferenças, uma vez que a diversidade agora possui um

---

<sup>4</sup> Apresentada no original em inglês se referindo aos trabalhadores, funcionários da Google.

<sup>5</sup> Disponível em: <<https://www.google.com.br/about/careers/lifeatgoogle/do-cool-things-that-matter.html>>. Acesso em 13 fev. 2015.

papel importante na nossa sociedade. A conexão com o mundo globalizado significa que não há apenas um padrão e os alunos devem aprender a negociar em um mundo de diversidades não só de linguagens, mas culturais, étnicas e sociais, estando em contato com diferentes textos, imagens e até mesmo gestos. Portanto, as escolas devem se adequar ao que os autores chamam de pluralismo cívico, já que, quando as pessoas expandem o seu repertório cultural e linguístico, acabam tendo acesso a uma seleção muito maior de recursos culturais (*THE NEW LONDON GROUP*, 2000).

Neste sentido, o multiletramento não está apenas ligado a tecnologias, mas sim a uma visão de pluralismo e diversidade. Segundo Rojo e Moura (2012, p.8),

trabalhar com multiletramentos pode ou não envolver (normalmente envolverá) o uso de novas tecnologias da comunicação e de informação ('novos letramentos'), mas caracteriza-se como um trabalho que parte das culturas de referência do alunado (popular, local, de massa) e de gêneros, mídias e linguagens por eles conhecidos, para buscar um enfoque crítico, pluralista, ético e democrático - que envolva agência - de textos/discursos que ampliem o repertório cultural, na direção de outros letramentos.

Igualmente, o conceito de Multiletramento não está atrelado ao uso das TIC em sala de aula, mas ao seu uso na vida cotidiana, tanto por parte dos alunos como professores, já que há grande impacto das mídias digitais no cotidiano e na vida privada do indivíduo. *The New London Group* (2000) discute essa questão quando apresenta as principais mudanças na vida privada, como, por exemplo: a vida privada está cada vez mais pública, o indivíduo busca dividir sua vida particular com sua comunidade; a segmentação e as afiliações em grupos com interesses similares está cada vez mais significativa. As pessoas associam-se a uma infinidade de grupos diferentes, tornando sua identidade algo complexo, com muitas camadas, que se relacionam entre si e com o mundo.

Nessa direção, podemos pensar que a pluralidade e a diversidade são características presentes na sociedade atual, trazidas pela globalização que se manifesta nas mais diferentes mídias, nas mais diferentes representações, como imagens, textos, vídeos, entre outras, advindas de todas as partes do mundo.

Para Braga (2003) e Dionísio (2005), os novos modos de representação da linguagem exigem habilidades específicas para interpretar e compreender a fusão entre as múltiplas linguagens, considerando-se a leitura e a escrita em suas

diferentes manifestações na sociedade contemporânea. “*Na atualidade, uma pessoa letrada deve ser uma pessoa capaz de atribuir sentidos a mensagens oriundas de múltiplas linguagens*” (DIONÍSIO, 2006, p.131).

A partir dessas discussões, podemos considerar uma questão primordial: que o indivíduo deve adquirir versatilidade para lidar com uma multiplicidade de gêneros de maneira fluida e ser capaz de navegar, de forma significativa, nos diferentes suportes. O letramento na escola não deve se limitar ao texto escrito de um livro, mas sim permitir ao aluno que explore um conteúdo híbrido nos diferentes suportes e textos (RIBEIRO, 2007, p.136), ao mesmo tempo em que considera as diferenças e apresenta conteúdos complexos globalizados e interligados, além de não lineares, como veremos a seguir.

### **3.2.1 Hipertexto**

A grande transformação apresentada pela internet, que provocou uma mudança no texto linear, foi o hipertexto. Definido de uma maneira sintetizada, o hipertexto seria a possibilidades de fazer ligações, *links* ou conexões entre um texto e uma outra informação, que pode ser uma palavra, som ou imagem. Na concepção de Lévy (1995, p.33), o hipertexto

é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou parte de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa portanto desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível. Porque cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

Em outras palavras, hipertexto é um texto não linear, que pode oferecer conexões diferentes a outros documentos ligados ao texto, em que o usuário tem a possibilidade de determinar a maneira como irá transitar pelo texto. Assim, o modo de olhar para o texto já não é fixo e determinado pelo autor, mas permite que o usuário tenha o poder de escolher como deseja transitar pelo conteúdo.

Nesse sentido, toda leitura que se realiza nas páginas da *web* caracteriza-se, também, como um processo de escrita, pois, o papel do leitor é elevado à condição de coautor das produções, rompendo com a supremacia do autor sobre o leitor, já que este tem a possibilidade de transitar pelo texto de forma não linear, e navegar por este formando o seu próprio percurso (CHARTIER, 2002; XAVIER, 2005; MARCUSCHI, 2007).

A não-linearidade está prevista já mesmo em sua concepção. Essa tecnologia assume a deslinearidade em sua arquitetura inicial e produz vários links que podem levar seus usuários a percorrerem diferentes infovias. Por essa razão, o modo de abordar um hipertexto sempre será diferente, ainda que seja realizada pelo mesmo usuário (XAVIER, 2009, p.123).

Para Lévy (1995, p.25-6), a presença do hipertexto reorganiza o texto a partir de um conjunto de princípios, destacados, a seguir:

*Princípio de metamorfose:* o hipertexto não é um texto rígido, pois este está sempre em processo de mutação, construção e renegociação. Em sua extensão (*links*), é possível fazer alterações conforme o tempo. Isso significa que o texto não é mais um produto estático e finito, já que o que foi escrito hoje pode receber um *link* amanhã, e esse *link* teria a capacidade de transformar o conteúdo já apresentado.

*Princípio de heterogeneidade:* são infinitas as possibilidades de conexão em um texto, podendo ser por meio de imagens, sons, palavras, etc. Além disso, outras associações são possíveis, como a outros textos, filmes, jogos, grupos, etc.

*Princípio de multiplicidade e de encaixe das escalas:* o hipertexto é fractal, ou seja, suas conexões são infinitas e ele pode ser composto por uma rede de nós e por novas conexões que podem ser reorganizadas em diferentes formas, criando sempre algo novo.

*Princípio de exterioridade:* a rede não é capaz de se expandir por si própria, não possui um motor interno que a faz gerar novo conteúdo. Seu crescimento e diminuição, composição e recomposição dependem da adição de novos elementos e conexões a outras redes.

*Princípio de topologia*: no hipertexto, tudo funciona por proximidade e vizinhança. A rede não está no espaço, como muitos poderiam pensar; ela é o próprio espaço. As ligações são realizadas por informações que encontram-se próximas e coligadas entre si.

*Princípio de mobilidade dos centros*: não há apenas um centro dentro de um hipertexto; há várias possibilidades móveis que criam ramificações infinitas como se fossem raízes ou rizomas que se redesenham para criar novas possibilidades e caminhos.

Ao discutir o hipertexto, Marcuschi (2001, p.86) menciona que este seria uma forma de escritura eletrônica não sequencial e não linear, que possibilita bifurcações e dá ao leitor um acesso ilimitado a informações e a outros textos, como também permite escolhas do próprio fluxo de leitura, sem que se tenha que segui-lo de forma linear e sequencial. *“Trata-se de uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente co-autor do texto final”* (MARCUSCHI, 2001, p.86). O autor define hipertexto como sendo *“um processo de escritura/leitura eletrônica multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita”*.

Todavia, também podemos dizer que por sua estrutura não linear e permissível a caminhos indeterminados, o leitor pode encontrar uma desvantagem, já que a desorientação e a falta de foco poderiam distrair o leitor de seus objetivos, desviando-o para outros conteúdos. Silva (2003, p.41) ressalta que *“a fatura de textos pode levar a um estreitamento do raciocínio e do pensamento por interferência da própria forma de uso (veloz, fugaz) das ferramentas de navegação”*. Comprova-se, assim, a necessidade de trabalhar com a linguagem de forma crítica, ensinando-se aos alunos como ler em um universo textual digital.

### **3.2.2 Multimodalidade**

Ao longo desta seção, discutiremos a necessidade de nos atentarmos às diferentes linguagens presentes nos meios de comunicação atuais, em que o texto é

composto de elementos que vão além do universo impresso e escrito. Partimos do pressuposto de que a língua não é somente representante das práticas sociais, mas sim um instrumento que influencia, cria e transforma a realidade social (Van LEEUWEN, 2005). Na perspectiva da semiótica social, segundo Van Leeuwen (2005), entende-se que a análise semiótica de um evento comunicativo passa por várias dimensões: o discurso, o gênero, o estilo e a modalidade.

Por esse viés, Van Leeuwen (2005) defende que os gêneros da fala e da escrita podem ser entendidos como multimodais, já que são constituídos a partir de uma combinação integrada de linguagens. Assim, um texto escrito está carregado de outros elementos que fazem parte da constituição do seu significado, como por exemplo, a fonte escolhida, o papel, o espaçamento, etc. O mesmo ocorre com a linguagem oral, sendo esta uma combinação de fala, gestos, posturas, cheiros, etc.

A visão da semiótica social se opõe ao pensamento de Saussure (1969), uma vez que o signo linguístico, na perspectiva saussureana, além de caracterizar-se pela composição de um significado com um significante, tem também, como característica, a arbitrariedade, que é assim proposta pelo autor:

A palavra arbitrário requer também uma observação. Não deve dar a ideia de que o significado dependa da livre escolha do que fala (ver-se-á, mais adiante, que não está ao alcance do indivíduo trocar coisa alguma num signo, uma vez esteja ele estabelecido num grupo linguístico); queremos dizer que o significante é imotivado, isto é, arbitrário em relação ao seu significado, com o qual não tem nenhum laço natural na realidade (SAUSSURE, 1969, p.83).

Na visão do autor, a significação de cada signo linguístico é passada de geração a geração e, em certo momento, convencionada socialmente; isso se perpetua devido à imutabilidade do signo. A imutabilidade corresponde ao fato de que não podemos mudar o nome de um elemento por vontade própria, pois, se já existe um nome para um dado objeto, a tendência lógica é que esse nome permaneça. Para Saussure (1969), o significado de um código está ligado ao signo, diferentemente da semiótica social, que prevê que os significados pertencem à cultura e serão percebidos diferentemente, já que podem ser representados pela palavra escrita, por imagens, sons, gestos e uma infinidade de outras combinações multimodais.

O conceito de multimodalidade parte do princípio de a gramática da língua não é apenas um código com regras específicas, mas sim uma maneira de atribuir significado às coisas (HALLIDAY, 1978). Ou seja, a língua não é apenas composta de letras e palavras, mas sim de tudo aquilo que é capaz de remeter a outra coisa, como, por exemplo, gestos, imagens e sons, conforme explica Halliday:

Gramática vai além de regras formais de correção. Ela é um meio de representar padrões da experiência. Ela possibilita aos seres humanos construir uma imagem mental da realidade, a fim de dar sentido às experiências que acontecem ao seu redor e dentro deles (HALLIDAY, 1985, p.101).

Ao constatar que a gramática é composta de experiências, entendemos que Halliday (1985) baseia-se na concepção de língua como fenômeno primordialmente social, que se realiza em um determinado período no tempo.

As mudanças de paradigmas ocorrem quando levamos em consideração que o texto não apenas existe pela palavra escrita. De acordo com Kress e Van Leeuwen (2006, p.17), “a maioria dos textos, agora, envolve uma interconexão de textos complexos através de imagens, elementos gráficos ou sonoros, construindo algo coerente”. A partir dessas discussões, podemos concluir que a evolução desse conteúdo imagético andar pelo mesmo caminho pelo qual passou a escrita, formada por regras e sanções sociais, e o que Kress e Van Leeuwen (2006) chamaram de “*analfabetismo visual*” poderá causar grandes impactos na vida do indivíduo, em especial, no ambiente profissional (KRESS e Van LEEUWEN, 2006).

Encontramos, nessa mesma direção, o conceito de multimodalidade em Bezemer *et al.* (2012), quando entendemos que, na sociedade atual, a comunicação ocorre por diferentes modos, como gestões e fala, a partir do uso de instrumentos e signos, por escrito, por imagens, olhares, sons, posturas e ações. Portanto, um texto multimodal seria aquele em que o sentido acontece, ou apenas fica claro, quando são utilizados todos os modos presentes na mensagem. Para que minha mensagem seja compreendida pelo receptor, será necessário que este decodifique não apenas uma palavra ou texto, mas uma infinidade de outros recursos semióticos disponíveis.

Kress e Van Leeuwen (2001) entendem que, há muito tempo, a sociedade ocidental considera o mundo de maneira *monomodal*, uma vez que os gêneros mais valorizados e considerados como padrão são os gêneros com foco na escrita, como

livros, relatórios e pesquisas acadêmicas, e que para que seja intensificada a ideia de seriedade e formalidade, estes devem aparecer totalmente sem ilustrações. Na mesma direção, vê-se as pinturas, que, segundo os autores, em geral são mais valorizadas se estiverem sempre no mesmo suporte (a tela) e utilizando o mesmo meio (óleo). O mesmo ocorre com a música, já que, para reforçar a seriedade de uma orquestra, todos se vestem da mesma forma e apresentam o mínimo possível de movimentos corporais.

Esses *mono* modos, entretanto, romperam as barreiras e agora estão presentes as formas de comunicação multimodais, não apenas na comunicação de massas, mas sim em todas as esferas da nossa sociedade, como mostra o exemplo fornecido por Kress e Van Leeuwen (2001), de relatórios corporativos agora produzidos com ilustrações, tipografia e *layouts* inovadores e sofisticados.

### **3.2.3 Letramento para mídias digitais e cultura participativa**

Com o advento das tecnologias computadorizadas, novas formas de produção de texto emergem nas práticas sociais da linguagem. Grande parte dos alunos navegam com facilidades no meio digital, integrando as diferentes formas textuais em todos os aspectos de sua vida cotidiana. Como vimos, Kress e Van Leeuwen (2001, p.20) definem multimodalidade como “*o uso de vários modos semióticos no design de um produto ou evento semiótico, em conjunto com o modo particular como esses modos são combinados*”. Nossa maneira de ler um dado conteúdo sofre mudanças significativas com o uso da tecnologia, em especial quanto ao fato de o texto não ser somente texto. Ele incorpora imagens, sons, além de interações com outros usuários, e pode ser lido de forma não linear. Para Dias (2012),

A sociedade mudou sob a influência dessas tecnologias e, com isso, novos tipos de letramento são necessários, inclusive à comunidade discursiva dos professores de inglês. Não basta ao indivíduo saber comunicar apenas pela leitura e escrita - tem ainda de ser capaz de lidar com outros modos de comunicação, além de desenvolver consciência crítica em relação ao que ouve, lê, escreve e vê.

Na sociedade da informação, essa linguagem, quando aplicada à educação, permite amplas as formas de se abordar e entender um conteúdo, e também modifica a dinâmica da sala de aula. Segundo Tavares (2000, s.p.),

A redefinição dos papéis dos professores pelo uso da tecnologia envolve questões como estilos de ensino, necessidade de controle por parte do professor, concepções de aprendizagem e a percepção da sala de aula como um sistema ecológico mais amplo, no qual os papéis de professores e alunos estão começando a mudar.

O professor, a escola e os pesquisadores devem refletir sobre os novos recursos disponíveis e como sua utilização influencia o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, uma vez que as mídias digitais não são agentes externos que invadiram nossa cultura sorrateiramente. Elas surgem de nosso contexto cultural e redesenham as mídias antigas, sendo que estas também estão presentes nesse contexto redesenhado (BOLTER e GRUSIN, 2000, p.17).

Se o contexto em que vivemos foi redesenhado e repensado, o mesmo deve ocorrer com a educação. Surge, assim, a necessidade de repensar a maneira como ensinamos, uma vez que as habilidades que precisam ser desenvolvidas em nossos alunos já não são exatamente as mesmas de tempos atrás. A vida profissional mudou e as sociedades exigem indivíduos com múltiplas habilidades. Belloni (1999, p.5) afirma que

Para sobreviver na sociedade e integrar-se ao mercado de trabalho do século XXI, o indivíduo precisa desenvolver uma série de capacidades novas: autogestão (capacidade de organizar seu próprio trabalho), resolução de problemas, adaptabilidade e flexibilidade diante de novas tarefas, assumir responsabilidades e aprender por si próprio e constantemente trabalhar em grupo de modo cooperativo e pouco hierarquizado.

A exigência de novas habilidades não é novidade no campo da educação, como já vimos no início desta seção. Atualmente, jovens estão envolvidos com o que Jenkins (2007) chama de *Cultura Participativa*. Nesta, o indivíduo é entendido como um produtor de conteúdo midiático e está ativamente envolvido com sua cultura participativa, que lhe oferece possibilidades de expressar-se artisticamente e de engajar-se, de forma cívica, em um ambiente que lhe oferece poucas barreiras e o encoraja a dividir suas criações. Essa nova abordagem, envolvendo produção,

colaboração, interação e compartilhamento de dados, tem promovido a chamada cultura participativa.

A expressão *cultura participativa* contrasta com noções mais antigas sobre a passividade dos espectadores dos meios de comunicação. Em vez de falar sobre produtos e consumidores de mídia, como ocupantes de papéis separados, podemos agora considerá-los como participantes interagindo de acordo com um novo conjunto de regras, que nenhum de nós entende por completo. [...] E alguns consumidores têm mais habilidades para participar dessa cultura emergente que outros (JENKINS, 2008, p.28).

Complementando, Burgess e Green (2009) ressaltam que a cultura participativa pode ser descrita pela mudança das relações de poder entre os segmentos de mercado da mídia e seus consumidores, que passam a gerar conteúdos por meio das tecnologias digitais mais acessíveis.

Além disso, na cultura participativa, os integrantes são levados a acreditar que sua contribuição é importante para a comunidade. Isso os leva a sentirem-se conectados ao seu entorno. Para Jenkins (2007), a cultura participativa pode aparecer de diferentes formas, como: *Afiliações* em comunidades *online*, como *Facebook* e *MySpace*; *Expressões*, quando há produção de formas criativas por meio da utilização de *samples* ou de conteúdo da internet (*fan vídeos*, *sampling*<sup>6</sup>); *Resolução de problemas coletivos*, que propõe aos indivíduos trabalharem juntos, formal ou informalmente, com o objetivo de criar ou desenvolver novo conhecimento, como é o caso da *Wikipedia*; e, como último tipo de cultura participativa, a *Circulação*, caracterizada pela influência dos indivíduos quanto à disponibilidade de conteúdos midiáticos, em *blogs* e *podcasting*.

Na sociedade atual, com a presença das mídias digitais no cotidiano de todos, novas características e habilidades surgem como exigência para lidar com as diferentes linguagens. Segundo Jenkins (2007, p.33), há “*um conjunto de características e habilidades culturais que jovens necessitam neste cenário de mídias digitais*”.

Jenkins (2007) identificou as habilidades básicas para letramento das mídias digitais, uma vez que, para o autor, o letramento, hoje, não é mais individual, mas envolve toda a comunidade. As novas habilidades necessárias podem ser

---

<sup>6</sup> *Sampling* é uma prática na internet, em que usuários se utilizam de diversos trechos ou partes de informações encontradas na internet com o objetivo de criar algo novo.

desenvolvidas por meio de interações sociais e colaboração entre indivíduos de uma comunidade, que se engajam em *apropriação, simulação, networking, negociação, inteligência coletiva, cognição distribuída e julgamento*. Essas habilidades, entre outras não relevantes a esta tese, deveriam ser aliadas às tradicionais, como a de ler e escrever, com o objetivo de desenvolver as capacidades necessárias aos alunos, para dar sentido ao mundo e entender as mudanças que ocorrem em suas vidas, diariamente, com a introdução de novas linguagens.

A primeira habilidade citada por Jenkins (2007) é a *Simulação*, que corresponde à capacidade de interpretar e construir modelos dinâmicos de processos do mundo real. Moran (1995) discute o potencial do vídeo para a expansão da capacidade cognitiva por meio da simulação, quando diz que o vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos. Um vídeo pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta, de uma árvore – da semente até a maturidade –, em poucos segundos.

Isso também pode ser visto em um jogo, talvez não de forma tão visual, mas o jogo é capaz de remeter a uma outra realidade, tal como a mímica ou o role-playing game (RPG). Um jogo pode transportar os participantes para outros países, outro ambiente. No caso do RPG, existem diversas atividades que podem estar relacionadas com a prática desse jogo. De acordo com Swink e Buchanan (*apud* PHILLIPS, 1994), a prática do RPG como uma simulação de uma realidade pode auxiliar no desenvolvimento de: seguir direções, vocabulário, pesquisa, estudo independente/auto-direcionado, planejamento, tomada/escolha de decisão, exercícios mentais, avaliação, cooperação/interação, criatividade/imaginação, liderança, resolução de problema, pensamento crítico, predição de consequências, raciocínio espacial/figural, possibilitando a ampliação de pontos de vista, da formulação de perguntas, de discussões sobre ética, além de favorecer um aprendizado inter-relacionado e a continuidade do aprendizado.

Com o objetivo de desenvolver a habilidade de simulação em sala de aula, o professor pode fazer uso das mais diversas mídias, como fotografias, vídeos, jogos, internet e mesmo atividades que busquem demonstrar aos alunos como construir um modelo, na vida real, de algo que está sendo estudando. Pensando nessa habilidade de simulação, um estudante do Instituto Tecnológico de Aeronáutica (ITA)

desenvolveu um jogo *online* chamado *Backpacker*<sup>7</sup> que simula uma viagem para Nova York. Nessa simulação, os usuários podem conversar com outros jogadores e realizar suas missões para aprenderem a nova língua. O jogo, gratuito e disponível na internet, foi pensado para simular a ideia de viajar para aprender línguas, sem que o usuário tenha que, efetivamente, sair do computador. O autor do jogo, Caio Braz, em entrevista ao site Porvir<sup>8</sup>, mostra que isso pode ser uma plataforma para o aluno praticar sem sofrer os constrangimentos que poderia sentir na vida real.

Sendo Jenkins (2007), a simulação fornece ao aprendiz a chance de ver e fazer coisas que seriam difíceis ou impossíveis de fazer na vida real, o que a torna uma excelente ferramenta, permitindo tentativa e erro no momento das novas descobertas.

Outra habilidade abordada por Jenkins (2007), a *Apropriação*, é a de retirar amostras de diferentes conteúdos midiáticos e os reescrever de maneira significativa. Chamamos, assim, de apropriação, a ação realizada pelo indivíduo quando este se depara com um material cultural e tem como objetivo desconstruí-lo e transformá-lo em algo novo. Segundo o autor, artistas e escritores utilizam apropriações para criar algo novo; já sua arte não nasce de uma imaginação individual. Para que sua criação emerga, o artista utiliza referências e as reorganiza ou as ressignifica, transformando-as em algo novo.

No mundo digital, isso se torna ainda mais fácil, pois é possível copiar partes de diferentes conteúdos midiáticos e remixá-los para criar um conteúdo novo. Dado o fato de que, muitas vezes, isso tem sido interpretado como pirataria, o autor rebate a afirmação, ao dizer que, apesar de ser passível tal interpretação, não se deve simplesmente proibir a apropriação de um conteúdo, mas sim permitir que se proveite a oportunidade para ensinar aos alunos como realizar essa apropriação, buscando desenvolver neles a capacidade de repensar algo que já exista, buscando criar o novo.

Neste sentido encontramos o conceito de remediação, que indica um processo de renovação de conteúdos midiáticos por meio de diferentes meios de comunicação (BOLTER e GRUSIN, 2000). Um conteúdo midiático apresentado por um determinado meio de comunicação sofre interferências por um novo agente,

---

<sup>7</sup> Disponível em: <<http://www.backpacker.com.br>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

<sup>8</sup> Disponível em: <<http://porvir.org/porcriar/game-simula-ruas-de-nova-york-para-ensinar-ingles/20130719>>. Acesso em: 20 jul. 2014.

porém, mantendo, ainda, características que nos permitem identificar a conexão entre eles. Segundo os autores, a remediação não começou com a mídia digital e pode ser bem exemplificada em centenas de anos, no universo artístico.

Mais uma das habilidades previstas por Jenkins (2007) é a *Cognição distribuída*, que corresponde aos modos significativos de interagir por meio de instrumentos que expandem a capacidade mental. A cognição distribuída trata da ideia de que a produção de conhecimento não está centrada em um único indivíduo, mas na interação entre indivíduos e instrumentos presentes no ambiente em que ele vive e que o auxiliam na produção de conhecimentos, de forma colaborativa.

Ao discutir sobre os processos cognitivos, Norman (1993, p.146) ressalta que a inteligência pode ser distribuída entre a pessoa, seu ambiente e os instrumentos que os rodeiam:

As pessoas operam como um tipo de inteligência distribuída, na qual grande parte de nosso comportamento inteligente resulta da interação de processos mentais com os objetos e restrições do mundo e nos quais muitos comportamentos ocorrem por meio de um processo cooperativo com outras pessoas.

O conceito de *Inteligência coletiva*, discutido por Jenkins (2007), baseia-se na teoria de Lévy (2003), que trata da habilidade de reunir conhecimento e comparar anotações com outros, em busca de um objetivo em comum. Neste sentido,

a inteligência coletiva não é um conceito exclusivamente cognitivo. Inteligência deve ser compreendida aqui como na expressão 'trabalhar em comum acordo' [...] Trata-se de uma abordagem de caráter bem geral da vida em sociedade e de seu possível futuro. [...] Essa visão de futuro organiza-se em torno de dois eixos complementares: o da renovação do laço social por intermédio do conhecimento e o da inteligência coletiva propriamente dita (LÉVY, 2003, p.26).

Para Lévy (2003), portanto, a inteligência coletiva é aquela que se distribui entre todos os indivíduos do grupo, que não está restrita para poucos privilegiados. O conhecimento existe como algo compartilhado e, assim, todos os indivíduos contribuem; não há ninguém que seja nulo nesse contexto. Por essa razão, o autor afirma que a inteligência coletiva deve ser incessantemente valorizada.

Jenkins (2007) afirma que a noção de inteligência compartilhada é amplamente utilizada nos meios digitais e em suas comunidades (virtuais) e entende

que para se resolver um problema é necessário trabalhar em equipe. Segundo o autor, cada vez mais o mundo real está utilizando essa habilidade para resolver problemas. O exemplo fornecido pelo autor, sobre o furacão Katrina, que destaca o fato de as pessoas afetadas ou não pelo desastre terem se juntado para criar uma ferramenta, terem utilizado o Google Maps para que pudessem enviar informações ao vivo sobre o desastre e os lugares mais afetados, mostra a relevância dessa inteligência compartilhada. Após algumas poucas horas, as autoridades foram capazes de compreender o tamanho do estrago, já que catorze mil pessoas haviam contribuído com o mapeamento, algo que seria impossível se realizado por um só indivíduo.

A escola, porém, tem como foco o desenvolvimento de alunos que resolvem problemas individualmente. Trabalhos em grupos não são baseados no fato de alunos possuírem expertise específicos. As escolas, ainda, segundo Jenkins (2007), buscam um conhecimento mais geral, “*um pouco de tudo*”, que poderia ser aliado ao conhecimento e expertise próprio de cada indivíduo, ao mesmo tempo em que este fosse capaz de reconhecer o momento de buscar soluções no grupo.

Ao buscar informações na sociedade, o indivíduo deve também possuir a habilidade nomeada por Jenkins (2007) de *Julgamento*, isto é, a habilidade de avaliar a confiabilidade e a credibilidade de diferentes fontes de informações. Educação para mídias digitais deve incluir capacidade de acessar, compreender, refletir e agir sobre conteúdos midiáticos (BUCKINGHAM, 2005). Jovens podem ter mais experiência com mídias digitais do que os adultos, mas, aprender a julgar conteúdos não faz parte, frequentemente, do conteúdo escolar, e, para que isso seja possível, é necessário não apenas a atitude crítica, mas o conhecimento mais profundo do funcionamento das diferentes mídias (JENKINS, 2007).

Para Jenkins (2007), em um mundo que tem à sua disposição informações dispostas nas mais diferentes formas, em mídias digitais, o aluno ideal não é aquele que é capaz de reter informações de forma individual, mas sim aquele que navega em uma infinidade de suportes, em busca da informação requisitada. Isso, que o autor nomeia de *Networking*, corresponde à habilidade de buscar, sintetizar e disseminar informação. No mundo digital, os alunos não podem mais depender apenas do conhecimento do professor para adquirir e criar novos conhecimentos. Alunos devem ser capazes de buscar conhecimento, com o objetivo de produzir algo

próprio, para, assim, também dividi-lo com sua comunidade. Segundo Jenkins (2007), professores estão compreendendo que alunos sentem-se mais motivados quando podem dividir a sua criação com um público maior do que o da sala de aula. Porém, para que o trabalho possa ser dividido com um grande público, serão necessárias adequações éticas relativas a autoria e plágio, noções que devem ser abordadas pelo professor que busca preparar o aluno para produzir conhecimento em mídias digitais.

Por fim, a última habilidade necessária para o letramento nas mídias digitais, discutida por Jenkins (2007), é a *Negociação*. Esta corresponde à habilidade de viajar através de diversas comunidades, discernindo e respeitando perspectivas múltiplas, e seguir normas alternativas. O conceito de negociação é debatido por Terzian (2004), ao discutir ambientes de *chats* em pesquisa de mestrado. Para a autora, negociação pode ser entendida como:

[...] uma das dinâmicas de interação e é identificada pela presença de, pelo menos, um problema denominado tópico, colocado em discussão entre os interlocutores durante as trocas comunicativas em chats educacionais, com a finalidade de obtenção de uma solução consensual para os membros da interação, em um processo colaborativo, podendo corroborar a existência de construção de conhecimento (TERZIAN, 2004, p.25).

Para Jenkins (2007), as mídias digitais permitem que grupos que normalmente não teriam nada em comum se juntem para alcançar um objetivo comum, o que leva a uma "*provocação cultural*" acarretada pelas diferenças. A escola permite discussões nesse sentido, quando une diferentes grupos, de diferentes etnias, classes sociais e econômicas, capacidades físicas, entre outras características. Enfim, a escola possibilita ao aluno que seja capaz de negociar conhecimentos em um grupo heterogêneo quando apresenta um ambiente inclusivo (JENKINS, 2007).

Assim, entendemos que as diferenças trazidas pelas mídias digitais propiciam mudanças na sociedade de maneira geral, bem como no desenvolvimento e interação de indivíduos de determinado contexto. Veremos, a seguir, as mudanças que têm afetado nossa sociedade, bem como a vida escolar.

## 4 MUDANÇAS NAS MÍDIAS E NA SOCIEDADE

Esta seção visa discutir os impactos das mídias digitais no processo de desenvolvimento do indivíduo e os efeitos desta no ambiente escolar e na vida cotidiana de forma geral, e, ainda, os desafios enfrentados pelos professores, educadores e pesquisadores para incorporar essa nova linguagem às salas de aula.

A evolução das tecnologias digitais revelada por diferentes mídias cria um processo de readaptação do antigo em seu processo de transformação em algo novo, envolvendo diferentes aspectos dos seres humanos e sua forma de comunicação, interação e compreensão de informações. Por conseguinte, a maneira de pensar, aprender e ensinar se adapta e se desenvolve para se adequar a novos padrões e necessidades trazidas pela sociedade.

Para Santella (2007), desde o século X, duas ciências se ocupam de estudar questões da linguagem e sua evolução ao longo do tempo: a Linguística, ciência que estuda a linguagem verbal, e a Semiótica, ciência de toda e qualquer linguagem. Assim, por buscarmos entender não apenas como se comunicam e interagem os grupos de participantes desta pesquisa, mas também como lidam com as diferentes linguagens tecnológicas em seu cotidiano, apresentamos, a seguir, conceitos que discutem os impactos do uso de diferentes linguagens tecnológicas por seres social-histórico-culturalmente constituídos.

Apesar de suas diferentes correntes, a Semiótica de Peirce, adotada por autores abordados nesta tese, defende a ideia de que o modo como nós, seres humanos reconhecemos e interpretamos o mundo à nossa volta parte das inferências de que somos capazes, em nossa mente. Para Santaella (2003, p.209), as tecnologias digitais não mudam apenas as formas de entretenimento, mas trazem mudanças para todas as esferas da nossa sociedade: a do trabalho, da política, das atividades militares, do consumo, da comunicação e da educação.

Como vimos na seção 2, a base teórica para esta pesquisa, a teoria sócio-histórico-cultural, defende que somos seres socialmente constituídos, e que nosso desenvolvimento tem raízes no contexto histórico em que nos encontramos. Para Vygotsky, só nos relacionamos com o meio através de instrumentos que podem potencializar nossas capacidades físicas. Esses instrumentos, que poderiam se

transformar em signos, serão discutidos nesta seção, como sendo as mídias, que, segundo Santella (2003, p.13), correspondem aos processos de produção, distribuição e consumo de conteúdo comunicativo. Assim, a palavra mídia refere-se a um instrumento ou signo que tem como principal tarefa a comunicação.

#### **4.1 Mídias Primária, Secundária e Terciária**

Nesta seção, apresentamos a evolução das mídias primárias, secundárias e terciárias, teoria de Pross (1971), visando a um maior entendimento de como tais mudanças afetaram o desenvolvimento do homem, seus ambientes sociais e produções culturais.

As chamadas mídias se apresentam como ferramentas de comunicação que medeiam processos culturais no contexto atual, influenciando não apenas o modo como nos comunicamos, mas todo os aspectos de nossa sociedade, inclusive a educação, foco discutido por Baitello Jr. (2005). O autor argumenta que não se pode pensar em cultura como um objeto decorativo, ou algo que se esconde no fundo de uma sociedade. O desenvolvimento da cultura é algo intrincado, que evolui com base no ambiente sócio-histórico-cultural de um determinado contexto.

A comunicação não é apenas ferramenta do homem, ou seu instrumento; a cultura não é apenas um entorno de cenografia ou um pano de fundo decorativo. Tanto os processos comunicativos quanto os processos culturais se desenvolvem como ambientes sociais e históricos complexos que não resistem a visões reducionistas ou simplificadoras (BAITELLO Jr., 2005, p.7).

Nesses ambientes complexos, surgem interações entre seres humanos, formas diversas de comunicação. Para classificar essas interações como forma de transmissão de informação entre seres humanos, chegou-se ao conceito de mídia primária, secundária e terciária. Pross (1971) introduziu esses conceitos em seu livro *Medienforschung*. Essa classificação das mídias é a discussão apresentada nesta seção.

A palavra mídia pode ser empregada com alguns diferentes sentidos, podendo se referir a um CD, a imprensa (jornais e revistas) ou até à cultura de massa, em geral. A visão mais simplificada da palavra mídia é utilizada no cotidiano

jornalístico ou publicitário, para definir qualquer outro meio usado para imprimir ou anunciar uma peça de publicidade. Guazina (2007, p.00), ao discorrer sobre o uso da palavra mídia explica:

A partir da década de 90 é que começou a ser amplamente empregada. Em muitas das publicações especializadas, porém, mídia é utilizada no mesmo sentido de imprensa, grande imprensa, jornalismo, meio de comunicação, veículo. Às vezes, é citada no plural, mídias, num esquecimento - deliberado ou não - de sua origem latina como plural de medium (meio).

Este trabalho adota um conceito de mídia que vai além de um sinônimo de meios de comunicação em massa; considera-a como “*processos comunicativos*” responsáveis pelas “*construções de vínculos*” que possuem “[...] *suas raízes em uma demarcação espacial chamada corpo*” (BAITELLO Jr., 2005, p.70). O conceito de mídia, embora empregado com naturalidade para se referir a questões tecnológicas e digitais, não se detém a estas quando se concebe o próprio corpo humano como uma mídia, mesmo com funções primárias. Esse conceito, advindo de Pross (1971), é citado por Baitello Jr. (2005):

Eis a mídia primária. Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, “frases” e “vocábulos” corporais.

Entendemos, assim, que nosso corpo fala e somos capazes de nos comunicar por meio de gestos, movimentos, expressões faciais, cheiros e sabores, fazendo uso de um vasto vocabulário verbal e não verbal. É o corpo humano como meio de comunicação, capaz de transmitir uma mensagem a outro ser humano. Essa comunicação, que não se restringe ao ser humano, uma vez que os animais também se comunicam por meio de gestos e movimentos, seria algo precursor de outros meios de comunicação, como cartas, mensagens e e-mails que necessitam de outro suporte.

A mídia primária é considerada a origem das outras. “*Na mídia primária juntam-se conhecimentos especiais em uma pessoa. O orador deve dominar gestualidade e mímica (...), o mensageiro deve saber correr, cavalgar ou dirigir e garantir assim a transmissão de sua mensagem*” (PROSS, 1971, p.127).

Em um momento inicial, anterior à escrita e ao papel, o homem se comunicava por meio da linguagem verbal falada, ou seja, da oralidade. Gestos e mímicas eram a forma de transmitir o conhecimento através de gerações; logo, o corpo é a única maneira de transportar a história e a cultura de um povo. Assim se fez por muito tempo, antes que surgisse a necessidade de prolongar o tempo das informações transmitidas.

A comunicação pela mídia primária nos permitiu, por um longo período, produzir, reproduzir e divulgar cultura através da história. Muito mais efêmero, o corpo humano apresenta limitações físicas e teria sido incapaz de, sozinho, transmitir conhecimentos que fossem além de sua mortalidade. Assim, a cultura pode ser entendida como uma criação do ser humano, que permite a ele resistir ao tempo. Aparece como uma resposta à temporalidade humana, nos permitindo a transmissão de conhecimento ao longo dos anos. Nesse sentido,

este campo [cultura] recebe as contribuições e descobertas de cada indivíduo, de cada grupo social, de cada época, e as perpetua, transmitindo as informações de geração a geração, de grupos para grupos, de épocas a épocas (BAITELLO Jr., 1997, p.20).

Na mídia primária, considerando o corpo como suporte para comunicação entre os seres humanos, a oralidade – linguagem oral – tem um papel de suma importância.

Os primeiros contadores de história eram pessoas que tinham a autoridade de narrar, tendo experiência em ouvir e se comunicar com a sociedade da qual faziam parte; eram considerados figura de poder, como é o caso do sacerdote. Este contador, segundo Calvino (1977, p.75):

[...] explorava as possibilidades contidas na sua própria linguagem, combinando e permutando os personagens e os atos; e os objetos aos quais se referiam estes atos. É assim que vinham à luz histórias, construções lineares que apresentavam sempre simetrias e oposições: o céu e a terra, a água e o fogo, cada termo sendo acompanhado de seu aparato de atributos, de seu repertório de atos.

O narrador era uma figura única e, para que houvesse a transmissão de informações, era necessária a sua presença. As histórias eram passadas para um

grupo restrito. Somente depois da introdução de uma linguagem escrita é que isso foi alterado.

A mídia primária, no entanto, não foi capaz de suprir, para nós, seres humanos, as necessidades de comunicação.. Sentiu-se a necessidade de aumentar o alcance da comunicação entre indivíduos que não se encontravam no mesmo tempo e espaço. Para isso, foi criado o suporte, algo que permitisse que a comunicação fosse além de um espaço físico. Segundo Santaella (2003, p.222), a invenção da escrita significa a perda da memória individual, ao mesmo tempo que funciona como uma extensão da memória da espécie humana. Por meio da escrita, o ser humano é capaz de prolongar sua morte física e guardar, para sempre, aquele conhecimento, na memória coletiva.

As histórias poderiam, então, transcender o limite do tempo, e o narrador não mais estaria presente em uma figura única; poderia alcançar um espaço superior. As palavras de Simons e Murphy (1991, p.219) sintetizam bem essa visão:

[...] a fala tende a ser multicanalizada, incluindo modos de transmissão léxico-semântico-sintáticos, interacionais, paralinguísticos e não-verbais, enquanto a escrita é unimodal, dependendo maciçamente do canal léxico-semântico-sintático. A linguagem oral geralmente envolve um alto grau de interação e envolvimento dos participantes que compartilham do mesmo contexto temporal e espacial, frequentemente em encontros face a face. A linguagem escrita, por outro lado, quase não tem interação, e apresenta menos envolvimento, porque o leitor e o escritor não compartilham, necessariamente, o mesmo contexto temporal e espacial: a produção da mensagem escrita é separada da decodificação da mesma.

Sentiu-se, assim, a necessidade de aumentar o alcance da comunicação entre indivíduos que não se encontravam no mesmo tempo e espaço. Baitello Jr. (1999) descreve a necessidade do homem de uma mídia que o transporte para fora de seu corpo:

Ocorre que o homem, em sua inquietude e criativa operosidade, procura aumentar sua capacidade comunicativa, criando aparatos que amplifiquem o raio de alcance de sua "mídia primária". Inventa a máscara, que lhe acentue não apenas traços faciais, mas também lhe amplifique a voz; as pinturas corporais, as roupas, os adereços e depois os aparatos prolongadores e/ou substitutos do próprio corpo inauguram um quadro de mediação mais complexo, o da "mídia secundária". Aí não podemos nos esquecer da escrita e todos os

seus desenvolvimentos, carta, imprensa, livro, jornal; tampouco podem-se deixar de fora as técnicas de reprodução da imagem.

Surge, assim, a mídia secundária. O ser humano, agora, tem uma extensão de seu corpo que pode resistir ao tempo, tornando-o imortal. Para isso, tivemos que aprender um outro código que dita as regras da linguagem escrita e, dessa vez, utilizando um suporte da comunicação, mas, apenas para o emissor da mensagem, pois aquele que a recebe poderá decodificá-la, logo após a sua emissão, sem imperativo de um aparato. Para Pross (1971, p.128),

[...] aqueles meios de comunicação que transportam a mensagem ao receptor, sem que este necessite de um aparato para captar seu significado, portanto são mídia secundária a imagem, a escrita, o impresso, a gravura, a fotografia, também em seus desdobramentos enquanto carta, panfleto, livro, revista, jornal [...].

Assim, a pessoa que decidir escrever uma carta precisará de papel e caneta, mas, o seu receptor não, e este só não receberá a mensagem se não dominar o código escrito. Com o intuito de superar a morte, o homem cria esses objetos de cultura para que sua história possa ser transmitida por um tempo maior do que ocorria anteriormente.

Essa descoberta traz consequências na organização da sociedade e na maneira como a informação era disseminada. McLuhan (1988, p.20) diz: *“Estamos aqui nos referindo, contudo, às consequências psicológicas e sociais dos desenhos e padrões, na medida em que ampliam ou aceleram os processos já existentes”*. Os papéis dos indivíduos na sociedade tiveram de ser reexaminados e transformados para o recebimento de novos suportes. Para McLuhan (1988, p.20),

Isto apenas significa que as consequências sociais e pessoais de qualquer meio — ou seja, de qualquer uma das extensões de nós mesmos — constituem o resultado do novo estalão introduzido em nossas vidas por uma nova tecnologia ou extensão de nos mesmos.

Existe, ainda, uma terceira mídia que, de acordo com Pross (1971, p.226), *“são aqueles meios de comunicação que não podem funcionar sem aparelhos tanto do lado do emissor quanto do lado do receptor”*. São estes: o cinema, o vídeo, a internet, e até mesmo o telefone pode ser dado como exemplo de mídia terciária, pois todos pressupõem que tanto o emissor quanto o receptor possuem o aparato

correto para transcodificar a mensagem – qualquer aparato que faça uso da eletricidade, como telefone, rádio, televisão e internet.

O advento da eletricidade possibilitou a disseminação da mídia terciária, que trouxe a necessidade de dois instrumentos, um para emitir uma mensagem e outro para decodificá-la. Para que a mensagem seja compreendida, ambos – emissor e receptor – devem possuir um instrumento. O impacto que isso causa na vida da sociedade é tão grande que influencia a forma de comunicação como um todo, permitindo, até mesmo, a possibilidade de uma cultura global (BAITELLO Jr, 1997/2005).

Apesar de apresentadas uma a uma de forma evolutiva, as mídias primárias, secundárias e terciárias coexistem em nossa sociedade lado a lado, como conteúdo cultural. A cultura, segundo Santaella (2003, p.57) é cumulativa e não linear, e traz mudanças e transformações ao longo de seu caminho. Dessa forma, o mesmo ser humano que se comunica pelo computador, também usa seu corpo para transmitir uma mensagem, da mesma forma que é capaz de escrever um recado em um pedaço de papel. Os meios de comunicação anteriores às mídias digitais não desapareceram, do mesmo jeito que a pintura não desapareceu com a chegada da fotografia ou do cinema. O cinema não deixou de existir com a chegada da televisão a cabo, mas um transformou o outro com sua chegada; o mesmo ocorre com as outras mídias. Com a disseminação das mídias digitais na mídia terciária, as mídias primárias e secundárias também sofrem transformações, mudando a sociedade e suas representações.

As chamadas mídias digitais são aquelas que utilizam o computador ou a internet para distribuição e exibição de informações. Para que alguém tenha acesso a uma nova mídia, é necessário que possua o instrumento capaz de decodificar a mensagem, inicialmente codificada por meio daquele mesmo instrumento. Assim, se um texto for distribuído em um livro impresso, não faz parte do conceito de mídia nova. Entretanto, se for disponibilizado em um *website*, recorreu a uma nova mídia, de acordo com Santaella (2003), já que para ter acesso ao livro, em um *website*, o leitor necessita do suporte *computador*.

Para Meyrowitz (1986), as mídias eletrônicas (que incluem a televisão, o rádio, além do computador) não alteram apenas o relacionamento entre os indivíduos na sociedade, mas, também, o ambiente onde este está inserido,

modificando as noções de “*presença*”, “*ausência*” e “*distância*”. A própria noção de ambiente e espaço pode ser entendida como efêmera, já que tanto um quanto outro estão, agora, subordinados ao uso de mídias digitais, por parte do indivíduo. Nesse sentido, Santaella (2003, p.71) enfatiza que, graças à telecomunicação e ao computador, dados podem cruzar oceanos e continentes e atingir qualquer ser humano em uma rede global.

Meyrowitz (1986, p.4), ao dissertar sobre o impacto da evolução midiática, nos apresenta a ideia de que a mídia eletrônica diminui, em grande quantidade, a necessidade da presença física, já que somos capazes de presenciar eventos, encontrar pessoas e nos comunicar por meio de dispositivos eletrônicos, sem estarmos fisicamente presente. As paredes, que antes mantinham espaços isolados e pessoas separadas, agora não são mais capazes de negar acesso a outros e, ainda, uma pessoa trancada dentro de uma casa não se vê isolada do mundo, já que é possível ter acesso ao mundo através da televisão, radio, internet e telefone.

Antes das mídias terciárias, dava-se profunda importância ao contexto físico no qual se encontravam os sujeitos, à sociedade em que estavam inseridos, aos grupos aos quais pertenciam. Meyrowitz (1986) sugere que, para se estudar um grupo social em um universo de mídias eletrônicas, seria necessário não apenas estudar o presente, mas sim o passado e o futuro de um determinado grupo. Por essa premissa, por pretendermos falar sobre a sociedade atual e seu relacionamento com as mídias digitais, se faz necessário um entendimento mais adequado da sociedade atual, chamada de sociedade da informação.

## **4.2 Sociedade da Informação**

A expressão “*Sociedade da Informação*” passou a ser utilizada a partir da década de 1970, especialmente no Japão e nos EUA, como um termo que veio para substituir o que seria a “*sociedade pós-industrial*” (TAKAHASHI, 2002, p.2). Naquele momento, os formuladores de políticas perceberam que a informação estava desempenhando um papel cada vez mais importante não apenas em setores econômicos (o aumento do número de trabalhadores na área de informação, de

serviços, de produtos inteligentes etc.) mas, também, na vida social, cultural e política.

Para Castells (2000), a terminologia estaria ligada à expansão e à reestruturação do capitalismo, no final do século passado, e à grande evolução das novas tecnologias, que transformaram processos e organizações do capitalismo industrial. A evolução da sociedade da informação traz novos paradigmas à indústria, que, por sua vez, influencia a sociedade como um todo. Para Castells (2000, p.45-6), as seguintes características fundamentais aparecem na sociedade da informação:

- A informação como *Matéria-prima*. O homem desenvolve as tecnologias com o objetivo de permitir-se atuar na informação propriamente dita, o que difere do passado, já que o objetivo era utilizar a informação para agir sobre as tecnologias, criando implementos novos ou adaptando-os a novos usos. Como exemplo, podemos citar Thomas Edison, inventor da eletricidade. Ele cria a eletricidade a partir de seus conhecimentos técnicos. A partir da eletricidade, continua evoluindo com suas invenções, aperfeiçoando-as. Porém, foi apenas na sociedade da informação que as invenções de Edison passaram a ser estudadas para a transmissão de informações.
- Outro ponto seria a *Flexibilidade*, uma vez que as tecnologias permitem reconfiguração e reorganização de seus componentes, permitindo, ao usuário, modificar processos e informações apresentadas por meio dessa tecnologia. Essa característica é especialmente importante, se pensarmos na capacidade adaptável da tecnologia, permitindo o uso em diferentes situações, diversas pessoas e lugares.
- Ainda temos a *Constante convergência de tecnologias*. O autor explica que as tecnologias tornam-se cada vez mais interligadas, entre si e com outras áreas de conhecimento.

- Castells (2000) cita, ainda, o predomínio da *Lógica de redes* na sociedade. Essa característica corresponde aos processos implementados no mundo físico, baseados na lógica das tecnologias digitais.
- Por fim, os efeitos das Tecnologias de Informação e Comunicação têm alta *Penetrabilidade* e afetam todas as atividades humanas, já que a informação é parte integrante de todas elas. Assim, os indivíduos carregam informações utilizando as tecnologias digitais, em diferentes esferas de suas atividades, transformando sua maneira de agir na sociedade, como veremos a seguir.

### 4.3 Nativos Digitais e Imigrantes Digitais

Nativos digitais são aqueles que nasceram e cresceram cercados pelas tecnologias digitais, por isso pensam e processam informações de uma forma diferente dos imigrantes digitais. As diferentes experiências criaram nos nativos digitais diferentes interesses e diferentes formas de ver e entender o mundo (PRENSKY, 2001, p.1).

Diferentemente dos nativos, os imigrantes digitais são aqueles que nasceram em período anterior à era digital e estão se ambientando e aprendendo a lidar com a tecnologia. O nome “*imigrante*” foi criado por Prensky (2001), ao comparar as restrições dos imigrantes digitais e seu “pé no passado” ao sotaque de imigrantes que chegam a um novo país, mas, de alguma forma, querem manter suas raízes.

O “sotaque do imigrante digital” pode ser visto em coisas como recorrer a Internet para buscar informação em segundo lugar, e não em um primeiro momento, ou em ler o manual de um programa ao invés de assumir que o próprio programa vai nos ensinar a usá-lo. As pessoas mais velhas se socializaram de uma forma diferente de seus filhos, e estão em processo de aprendizagem de uma nova língua (PRENSKY, 2001, p.2).

Além de nativos e imigrantes, ainda podemos citar os Colonizadores Digitais, caracterizados pelos autores Palfrey e Gasser (2011, p.13) como aqueles que nasceram em um mundo analógico, porém, trafegam pelos meios digitais desde o seu início e contribuem para a evolução tecnológica, mantêm-se conectados e

utilizam as tecnologias digitais de forma sofisticada, todavia, ainda baseiam-se em formas tradicionais e analógicas de interação.

Os imigrantes digitais diferenciam-se dos colonizadores por estarem, segundo Palfrey e Gasser (2011, p.13), menos familiarizados com o ambiente digital, uma vez que nasceram em ambientes analógicos e estão, pouco a pouco, se ambientando ao mundo das tecnologias digitais.

Ao contrário dos imigrantes, os nativos digitais vivem suas vidas cada vez mais *online*, e não fazem a distinção entre *online* e *off-line*, uma vez que não acreditam ter representações distintas no mundo real e no virtual. As tecnologias digitais, como computadores e telefones celulares, para estes jovens, são os principais mediadores de contato entre humanos, fazendo com que permaneçam sempre conectados. (PRENSKY, 2001, p.18).

O fato de estarem sempre conectados faz com que o cérebro dos “*nativos*” se desenvolva de forma diferente em relação às gerações pré-internet, criando, assim, novas habilidades, como absorver (e descartar) grande quantidade de informações, fazer atividades em paralelo, trabalhar em rede e de forma não linear, além de sentirem necessidade de motivação e recompensas frequentes (TORI, 2010, p.218).

Além disso, segundo Prensky (2001), esses jovens são extremamente criativos e capazes de se expressar nas mais diferentes formas, como a palavra escrita, fotos, vídeos etc., muitas vezes resignificando conteúdos encontrados na internet. O autor atribui isso ao fato de nativos digitais acreditarem que as informações são maleáveis e permitem interversões e resignificações, sejam elas legalmente permitidas ou não.

Outra característica dos nativos digitais citada por Prensky (2001) está relacionada com a privacidade. Nativos digitais estão, cada vez mais, tornando pública, no mundo virtual, a sua pessoa do mundo real. Essa questão, abordada anteriormente pelo *The New London Group* (2000), parece estar ligada à necessidade do jovem de contribuir com o grupo apresentando sua opinião, já que acredita que sua contribuição é vital para a comunidade à qual está afiliado, e faz parte do desenvolvimento da identidade digital do nativo, uma característica que o distancia de seus pais ou avós (PRENSKY, 2001, p.23).

As diferenças entre as gerações é abordada por Tapscott (2010), ao enumerar as oito principais características que acredita diferenciarem os nativos dos

imigrantes digitais: (a) liberdade de escolha; (b) tendência para customizações; (c) postura investigativa; (d) defesa da integridade das empresas e postura responsável como consumidores; (e) valorização do lúdico e do entretenimento até mesmo no mercado de trabalho; (f) atitude de colaboração e culto aos relacionamentos; (g) exigência de velocidade e rapidez nas respostas; (h) busca por inovação.

Outros autores apresentam listas similares, destacando as características principais dos nativos digitais, como podemos ver nos dizeres de Mattar (2010, p.12):

Os Nativos digitais adquiriram uma maior habilidade para ler imagens visuais, são comunicadores visuais indutivos aprendem melhor por descoberta do que ouvindo; possuem desdobramento de atenção, são capazes de mudar sua atenção rapidamente de uma tarefa para outra e podem escolher não a prestar atenção naquilo que não interessam, respondem em imediato e esperam respostas rápidas como retorno. Suas habilidades para se mover entre o real e o virtual são instantâneas, expandindo sua alfabetização bem além do texto; do outro lado, sua alfabetização em textos pode ser inferior à das gerações anteriores. Tendem mais a utilizar a internet do que a biblioteca para pesquisa, apesar de reconhecerem que a web não supre todas as necessidades de informação, eles preferem aprender fazendo do que ser orientados sobre o que fazer, aprendem bem por descoberta, explorando por conta própria ou com seus colegas. Esse estilo exploratório permite que retenham informação melhor e a utilizem de maneira criativa e significativa, gostam de atividades que promovam e reforcem a interação social.

Em suma, a importância de se identificar as diferenças entre gerações se dá, principalmente, pelo fato de que nativos e imigrantes digitais têm, por vezes, dificuldades em compreender essas peculiaridades advindas de distintas formas de letramento. Esse conflito fica mais aparente se analisarmos ambientes de ensino e aprendizagem, tal como a escola.

#### **4.4 Tecnologias de Informação e Comunicação em Sala de Aula**

A expressão '*Tecnologias de Informação e Comunicação*' (TIC) representa a mudança da sociedade para a sociedade de informação, uma vez que a sociedade da informação se refere a um conceito que é utilizado para descrever a sociedade

que utiliza tecnologias de informação e comunicação como ponto chave de suas atividades. Segundo Castells (2000, p.50),

O registro histórico das revoluções tecnológicas [...] mostra que todas são caracterizadas por sua penetrabilidade, ou seja, por sua penetração em todos os domínios da atividade humana, não como fonte exógena de impacto, mas como o tecido em que essa atividade é exercida.

Com base no que expressa o autor – que as TICs penetram em todas as atividades humanas –, é possível inferir que tal circunstância trará impactos para todas as atividades humanas, inclusive para a educação, e que esta terá de se adequar a essa nova configuração de sociedade. Nesse sentido, Vygotsky (1995, p.305) afirma:

O educador começa a compreender agora que quando a criança adentra na cultura, não somente toma algo dela, não somente assimila e se enriquece com o que está fora dela, mas que a própria cultura reelabora em profundidade a composição natural de sua conduta e dá uma orientação completamente nova a todo o curso de seu desenvolvimento.

A nova cultura traz novas formas de entender o conhecimento, causando impacto na sala de aula, assim como muitas outras tecnologias também causaram – o próprio giz, o caderno e a caneta esferográfica –, possibilitando novos desafios ao professor. O mesmo ocorre com as tecnologias de informação e comunicação. Para Amos (2008), as TIC possuem três áreas de aplicação, de forma geral: o computador, a comunicação e o controle/automação de objetos. Ainda, segundo o autor,

um computador desempenha cálculos e operações lógicas com facilidade, rapidez e fiabilidade [...]; a comunicação é essencial à condição humana [...] na qual ocorrem transmissão e recepção de informação; o controle/automação consiste em mecanismos, processos e equipamentos industriais [...] (RAMOS, 2008, p.7).

Nesta seção, daremos prioridade às possibilidades de utilização do computador e da comunicação, uma vez que acreditamos que o controle/automação seja mais indicado para um conteúdo técnico e mecânico, como o utilizado em cursos de engenharia.

Sobre o uso de computadores em sala de aula, podemos destacar A Aprendizagem Mediada por Computador (AMC), apresentada por Warschauer (1996) e Warschauer e Healey (1998), e discutida no Brasil por Leffa (2005) com o foco em ensino de línguas. Leffa (2005) discorre sobre a aprendizagem que utiliza como instrumento o computador, a partir da Teoria da Atividade (TA), proposta por Leontiev (1977/2009), com base em Vygotsky e desenvolvida por Engeström (1987). O autor destaca que há necessidade de se considerar o uso de computadores no ensino de línguas, já que esses instrumentos estão inseridos em nossa sociedade. Leffa (2005, p.22) afirma que

Em relação ao instrumento, por exemplo, é possível descrevê-lo não só como elemento de mediação entre o sujeito e o objeto, facilitando a apropriação de um determinado conteúdo, mas é também possível vê-lo no contexto da comunidade e do momento histórico em que o sujeito está inserido.

Desse modo, percebemos que há uma vontade de incorporar o computador à sala de aula, todavia, tem-se a impressão de que ainda há uma busca para descobrir onde e como adaptar a sala de aula para que esta receba as tecnologias. Com base em Belloni (1999, p.73), percebe-se que há uma grande necessidade de integração (das TIC em sala de aula), contudo, deve ser evitado o “*deslumbramento*”, ou seja, a tecnologia por si só, utilizada mais por suas virtudes técnicas do que por suas qualidades pedagógicas. Para Leffa (2005, p.00), há uma pressa em incorporar o computador à sala de aula, sem que haja uma reflexão a respeito de como fazer isso.

A meu ver, faz-se uma transposição muito rápida da sala de aula tradicional para a AMC, sem levar em consideração que interagir com um aluno através do computador é diferente de uma conversa face a face; não necessariamente mais pobre ou mais rica em condições de aprendizagem, mas diferente. Se por um lado, na AMC, podemos perder a presença física do outro, tão importante para ajustar os atos de aprendizagem, por outro lado, o computador oferece recursos de interatividade que não estão presentes na sala de aula tradicional. Saber usar esses recursos para criar novas condições de aprendizagem é visto aqui como um aspecto pouco explorado na experiência em AMC.

Esses novos recursos, porém, são tratados na escola como um objeto de recreação, sendo usados puramente como lazer, e não com o objetivo de educar. O

vídeo, especificamente, é utilizado no intervalo das aulas ou para alguma atividade de descontração. Porém, entende-se o motivo de tal utilização, tendo em vista que a maioria dos professores não está preparada para ensinar sobre e com esses meios, uma vez que eles mesmos não têm uma visão crítica sobre o assunto. Quando o professor não tem uma formação em audiovisual, torna-se difícil a utilização desses recursos em conjunto com o conteúdo de sua disciplina. Conforme aponta Citelli (1999, p.218),

Percebe-se que o professor está ciente das mudanças vividas em nosso tempo e da conseqüente urgência em se encontrar alternativas para o impasse posto pelos atuais modelos escolares, entretanto, situado no olho do furacão, revela sentimento duplo: Eros e Tânatos, atração e repulsa, encantamento e medo. Ao mesmo passo, o docente fala na urgência em se aproveitar a massa de informações disponibilizadas pelos media e na falta de preparo para utilizá-la correta e eficazmente.

Fèrres (1995, p.15), ao tratar do uso do vídeo na educação, observou que *“há educadores apaixonados pelos meios audiovisuais sem terem aprendido a expressar-se na linguagem audiovisual”*. Ou seja, é necessário, também, que se compreenda que o audiovisual é uma maneira de expressão, uma linguagem, e, portanto, sua compreensão não pode ser restrita à concepção de audiovisual como meio.

Os alunos, por sua vez, normalmente estão mais integrados com essa linguagem do que o próprio professor, que não é mais tido como fonte absoluta de informação, tendo em vista que a maioria dos jovens passa mais tempo em contato com a Internet, a televisão e o rádio do que na escola.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) do Ensino Médio, esse nível de ensino deve propiciar, aos jovens, conhecimentos ligados à preparação científica e ao desenvolvimento de habilidades para a utilização de diferentes tecnologias. Apesar de obrigatório por lei, a realidade se mostra de forma bem diferente, o que faz com que exista um grande descompasso entre o real e o ideal quando à vigência das legislações.

Na introdução do PCN (BRASIL, 1998, p.138), podemos verificar que há uma preocupação para que a escola exerça seu papel de formadora no quesito de preparar o aluno; o documento mostra a importância dos recursos tecnológicos

como coadjuvantes no processo de ensino e aprendizagem e destaca a necessidade de a escola estar aberta aos novos tempos:

O mundo vive um acelerado desenvolvimento, em que a tecnologia está presente direta ou indiretamente em atividades bastante comuns. A escola faz parte do mundo e para cumprir sua função de contribuir para a formação de indivíduos que possam exercer plenamente sua cidadania, participando dos processos de transformação e construção da realidade, deve estar aberta a incorporar novos hábitos, comportamentos, percepções e demandas.

Nesse sentido, é reconhecido o fato de haver uma lacuna a ser preenchida na formação do professor que, por mais que queira se adequar aos modelos atuais, não tem conteúdo para tal, o que torna difícil sua integração.

## 5 METODOLOGIA

Esta seção discute e apresenta os procedimentos metodológicos adotados nesta tese, iniciando pela abordagem metodológica, pesquisa qualitativa interpretativista, seguida do contexto de pesquisa, da apresentação dos participantes, dos procedimentos de coleta, e, por fim, dos procedimentos de análise.

### 5.1 Abordagem Metodológica

A pesquisa qualitativa surgiu quando cientistas começaram a questionar a perspectiva experimental, por acreditarem que a realidade estudada variava, dependendo do contexto – espaço e tempo –, e que o comportamento humano e suas relações não poderiam ser reduzidos a dados isolados e a números mensuráveis.

Esse tipo de pesquisa difere da quantitativa, que se baseia na realização de experimentação em condições de controle e comprovação pela mensuração. Esse método, comum em ciências da natureza, parte do pressuposto de que há um padrão único de pesquisa para todas as ciências, naturais, humanas, sociais. Por outro lado, a pesquisa qualitativa pode ser entendida como um estudo não estatístico, que identifica e analisa, em profundidade, dados de difícil mensuração, de um determinado grupo de indivíduos quanto a um problema específico.

O conceito de pesquisa qualitativa utilizado aqui advém de Denzin e Lincoln (2006, p.23), que a consideram como sendo “*a natureza socialmente construída da realidade, a íntima relação entre o pesquisador e o que é estudado, e as limitações situacionais que influenciam a investigação*”. O tipo de pesquisa utilizada neste trabalho difere de uma pesquisa experimentalista, por se pautar em uma abordagem com foco na relação entre sujeito e mundo real, acreditando haver um vínculo entre eles, em um tempo determinado. Ao serem observados pelo pesquisador, este interpreta os fatos e a interação de acordo com sua bagagem sócio-histórico-cultural.

Na pesquisa qualitativa, diferentemente da experimentalista, que, segundo Chizzotti (2010, p.78), “*defende um padrão único de pesquisa para todas as*

*ciências*”, o objeto de estudo não é neutro ou inativo, mas sim possuidor de sentidos e significados que podem variar de acordo com o seu contexto sócio-histórico-cultural.

A escolha dessa forma de pesquisar se dá devido ao fato desta pesquisa estar interessada em um contexto sócio-histórico-cultural específico, e, por entendermos que o estudo não se apresenta como neutro, já que a pesquisa em si ressalta características próprias do pesquisador e suas escolhas influenciam tanto a própria pesquisa quanto os alunos envolvidos.

## **5.2 Pesquisa Qualitativa Interpretativista**

Em concordância com a afirmação dos autores acima, a pesquisa qualitativa de viés interpretativista, segundo Moita Lopes (1994, p.331), prevê a análise do objeto *“através da interpretação dos vários significados que o constituem”*. Ainda, segundo o autor, a pesquisa interpretativista investiga não só a visão dos participantes da pesquisa, mas também o contexto social no qual estão inseridos, e decifra os fatos a partir dos vários significados que o constituem. O interpretativismo, de acordo com Bredo e Feinberg (1982), considera essencial a análise também do contexto de estudo, enfatizando que este pode proporcionar uma análise dos fatos de maneira totalmente diversa.

O paradigma interpretativista tem como principal foco a interpretação, como já diz o nome, e a investigação de um objeto em um determinado tempo e espaço. Segundo Freitas (2003, p.03), o pesquisador inicia a pesquisa *“tendo a convicção de que o real não é apreensível mas uma sim uma construção dos sujeitos que entram em relação com ele”*. Ainda, Segundo Freitas, o que se valoriza na pesquisa de base interpretativista é a relação entre os sujeitos e o objeto e a construção de significados em um determinado contexto.

Nessa perspectiva, o pesquisador, por ser aquele que interpreta os dados, torna-se parte da pesquisa, influenciando seus resultados, uma vez que, diante da sua participação como sujeito sócio-histórico, é também um participante da pesquisa e influencia a interpretação dos dados. Freitas (2003) mostra que o pesquisador

torna-se produtor de uma realidade que será pesquisada com base na capacidade de sua interpretação e de sua relação com os sujeitos pesquisados.

### **5.3 Contexto de Pesquisa**

Considerando o fato de que esta pesquisa buscou estudar as diferenças entre Nativos Digitais (jovens) e Imigrantes Digitais (adultos) quanto ao uso de tecnologia em suas vidas cotidianas, os contextos de pesquisa são apresentados, a seguir, separadamente.

#### **5.3.1 Contexto: Nativos Digitais**

A pesquisa foi realizada na Escola Pinheiro<sup>9</sup>, uma escola particular da periferia da zona sul de São Paulo, no bairro Jardim Primavera. Os moradores do bairro e os alunos, em sua maioria, são pessoas advindas de regiões mais pobres do país; muitos são migrantes, sem escolaridade, sem profissão definida. Quase todos vêm da região nordeste e uma pequena parcela, de Minas Gerais. Alguns moradores são descendentes dos alemães, pioneiros na região. A Escola Pinheiro instalou-se em 1986, no ponto central do bairro. Era, a princípio, um pequeno prédio com quatro salas de aula e menos de cem alunos<sup>10</sup>.

A escola estabeleceu-se na região e teve grande procura por vagas, devido à falta destas em escolas públicas da região. Segundo a diretoria, por possuir uma mensalidade modesta, a escola foi capaz de suprir a necessidade das famílias de baixa renda da comunidade.

A escola possui transporte próprio, o que possibilita transportar alunos dos bairros vizinhos, formados, em sua grande maioria, por moradias populares e imóveis de baixo custo.

Apesar de encontrar-se em uma região com problemas sociais visíveis, a escola se modernizou e possui um complexo de prédios, com salas de aulas e

---

<sup>9</sup> De acordo com o Comitê de Ética da PUC-SP, está autorizada a divulgação do nome da instituição nesta tese.

<sup>10</sup> Dados informados pela diretora da escola.

laboratórios modernos, biblioteca e brinquedotecas equipadas e atualizadas, bem como uma piscina interna aquecida e um auditório para mais de 300 pessoas.

A escola tem quase dois mil e quinhentos alunos e funciona em dois períodos. São oferecidos os cursos de Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio. Os jovens participantes da pesquisa eram todos integrantes da turma do 9º ano D. A decisão de escolha da turma foi tomada em conjunto com a diretoria da escola e os profissionais da coordenação. Considerou-se o bom comportamento da turma e o fato de ser uma turma com maior disponibilidade para participação na pesquisa, já que os alunos não estavam em situação crítica com suas notas.

A escola foi escolhida como contexto de pesquisa um vez que possibilitaria à pesquisadora o acesso a jovens com idades entre 13 e 15 anos, da cidade de São Paulo. Apesar de sua localização, a escola possui grande infraestrutura (laboratórios) e faz uso de equipamentos modernos e tecnológicos em sala de aula. Além disso, a escola orienta-se pela filosofia e metodologia sócio-histórico-cultural e realiza um trabalho pedagógico com foco na reflexão da equipe de professores e coordenadores da escola, no estudo constante das diversas áreas do conhecimento, bem como dos processos de aprendizagem e das metodologias adequadas para intervenção e avanço no desenvolvimento das habilidades dos educandos.

### **5.3.2 Contexto: Imigrantes Digitais**

Os participantes do grupo de Imigrantes Digitais foram pesquisados em diferentes contextos, pois são alunos da pesquisadora, que ministra a eles aulas particulares de inglês. Segue a descrição dos diferentes contextos.

- *Empresa do segmento de moda e vestimenta.* É uma empresa de pequeno porte, que funciona em uma residência na zona oeste da cidade de São Paulo. A empresa conta com 5 funcionários e oferece serviço de consultoria para grandes empresas do varejo de moda, nacionais e internacionais. Por ser um trabalho de consultoria, o escritório conta apenas com alguns computadores; os instrumentos utilizados no trabalho, diariamente, são: o telefone celular, utilizado para tirar fotos de amostras de vestimenta para os clientes, e o e-mail, que, juntamente com o

telefone, oferecem as principais formas de comunicação com clientes e funcionários. A pesquisadora comparecia ao local 1 vez por semana para aulas particulares de uma hora e trinta minutos de duração, ministradas ao participante Eduardo.

- *Empresa de grande porte no ramo de construção civil de apartamentos de alto padrão na cidade de São Paulo.* A empresa, fundada em 1979, em Belém do Pará, mantém-se até o presente momento como uma empresa familiar e os cargos de diretoria são ocupados por membros da família. A empresa, localizada na zona Oeste da cidade de São Paulo, conta com mais de 300 funcionários e atua em diferentes empreendimentos, na cidade. No escritório (sede), trabalham 15 funcionários com funções administrativas e financeiras, uma vez que muitos serviços são terceirizados. O contexto foi escolhido para participação nesta pesquisa porque os participantes mostravam interesse por assuntos tecnológicos. A empresa é conhecida no mercado por utilizar equipamentos e materiais de última geração na construção civil. A pesquisadora comparecia ao local 2 vez por semana para aulas particulares de uma hora de duração, ministradas aos participantes da pesquisa, Juliano e Aline.
- *Empresa multinacional alemã do ramo de seguros.* Presente no Brasil desde 1904, a companhia conquistou, em 1984, grande parte do mercado, até que, em 1993, foi adquirida por um grupo francês. Em 1997, uniu-se globalmente a um grupo internacional, ao qual pertence até hoje. Além da venda de seguros, a empresa tem interesse na área cultural e esportiva, sendo seguradora da maioria das salas de cinema da cidade de São Paulo. Possui, também, um estádio de futebol com o seu nome. A pesquisadora comparecia ao local 2 vezes por semana para aulas particulares de uma hora de duração, ministradas aos participantes da pesquisa, Sandro, Ana, Thalita e Rodrigo.
- *Empresa do ramo de corretagem de seguros.* Os participantes Ricardo e Rogério são proprietários de uma empresa de corretagem de seguros de grande porte, com cerca de 30 funcionários. A empresa dos participantes é líder do mercado na cidade de São Paulo e os proprietários, por estarem em negociações com

empresas estrangeiras, sentiram a necessidade de aulas de inglês. Além disso, os alunos realizavam viagens frequentes a outros países e tinham interesse em assuntos internacionais e atuais.

## **5.4 Participantes**

Descrevo, a seguir, os participantes da pesquisa, divididos em dois grupos: os jovens, aqui denominados nativos digitais, e os adultos ou imigrantes digitais.

Optamos por nomes fictícios para os participantes, para resguardar sua identidade, porém, todos encontram-se cientes das normas do Comitê de Ética, tendo recebido a documentação conforme orientação do Programa de Pós-Graduação da Universidade. Quanto aos participantes menores de 18 anos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi assinado por seus pais ou por um responsável legal, conforme mostra o Anexo H.

Por tratar-se aqui de uma pesquisa qualitativa, de caráter interpretativo, como descrito anteriormente, entendemos que a visão da pesquisadora e suas escolhas influenciam os resultados da pesquisa. Dessa forma, iniciamos a descrição dos participantes pela pesquisadora.

### **5.4.1 Participante: Pesquisadora**

Atualmente, com 33 anos, a pesquisadora é professora de inglês desde 2002, tendo, majoritariamente, trabalhado até 2009 com o público infanto-juvenil, em escola de idiomas. Em 2010, adquiriu espaço próprio para ministrar aulas particulares e, aos poucos, mudou o foco para atender a um público adulto, formado, essencialmente, por executivos e empresários.

Como autônoma, a pesquisadora trabalha, ainda, com desenvolvimento de material didático para ensino de línguas, para editoras nacionais e internacionais e desenvolvimento de conteúdo em língua inglesa para *sites* e *blogs*, no ramo de Educação e Comunicação.

A pesquisadora iniciou sua trajetória acadêmica com o curso de Direito, terminado em 2004, realizado concomitantemente com o curso de Comunicação e Multimeios, terminado em 2005. Após conclusão desses cursos, seguiu para o Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura, concluído em 2009.

#### **5.4.2 Participantes: Nativos Digitais**

Os dez participantes – sete meninas e três meninos – têm idade entre 13 e 15 anos e são provenientes de famílias de baixa renda, residentes na região Sul da cidade de São Paulo. Apesar dessa condição familiar, esses jovens estudam em uma escola que tem por objetivo o desenvolvimento de práticas escolares voltadas à reflexão e construção de conhecimento. Os jovens mostraram-se *atenados* quanto às novidades tecnológicas e interessados em desenvolver suas habilidades como usuários de tecnologias digitais. A principal rede social utilizada pelos participantes é o *Facebook* e seis participantes possuem *blogs* ou outro *site* que permitem criação e publicação de conteúdo em página individual.

#### **5.4.3 Participantes: Imigrantes Digitais**

Os nove participantes – seis homens e três mulheres – têm idade entre 27 e 53 anos e são provenientes de empresas de grande porte, localizadas na região Oeste da cidade de São Paulo. Por possuírem cargos que os coloca em contato com o público internacional, os participantes alegaram fazer uso de tecnologia para auxiliá-los no cotidiano do trabalho, além de mostrarem-se interessados no assunto, de forma geral. A principal rede social utilizada pelos participantes é o *LinkedIn* e nenhum deles possui *blog* ou outro *site* que permita criação e publicação de conteúdo em página individual.

## **5.5 Instrumentos de Pesquisa e Procedimentos de Coleta de Dados**

Os instrumentos de pesquisa utilizados foram: (1) questionários para perfil com perguntas fechadas e abertas; e (2) entrevistas semiestruturadas.

### **5.5.1 Questionários**

Segundo Brown (2001, p.63), o questionário é um instrumento utilizado quando se busca opiniões e atitudes de um grande número de participantes, pois permite a estes a possibilidade de expressar suas ideias e pensamentos de forma pessoal e individualizada.

Os questionários, utilizados com o objetivo de delimitar o contexto de pesquisa, possibilitaram a obtenção de informações a respeito dos participantes, além de permitir à pesquisadora traçar um perfil sobre esses participantes usavam a tecnologia. Possibilitou, também, a coleta de dados sobre a utilização de tecnologias digitais na vida cotidiana de cada participante.

O questionário foi composto de trinta e uma perguntas fechadas de múltipla escolha e dicotômicas, e uma pergunta aberta. As perguntas de múltipla escolha foram escolhidas por oferecerem possibilidades de alternativas e múltiplas respostas, além de, segundo Mattar (1995), proporcionar: facilidade de aplicação, processo e análise; e facilidade e rapidez no ato de responder.

Já as perguntas dicotômicas tiveram por objetivo filtrar as respostas dos participantes, além de, segundo Mattar (1995) serem: rápidas e de fácil aplicação e análise; rápidas para responder; menos arriscadas em relação à parcialidade do entrevistador; e altamente objetivas.

A pergunta aberta foi acrescentada ao questionário, uma vez que esse tipo de pergunta cobre assuntos por vezes não abordados pelas perguntas fechadas e, também, por proporcionarem a inserção de comentários dos participantes. (MATTAR, 1995).

Após a aplicação do questionário, os dados foram coletados e transformados em gráficos representativos, conforme Anexo B. Abaixo, são descritas as datas de cada coleta, separadas por contexto.

- *Contexto: Nativos Digitais.* O questionário foi oferecido a 10 jovens do 9º ano D da Escola Pinheiro, no dia 24 de setembro de 2013, na sala em que os jovens assistiam às aulas. Foi solicitada autorização da professora de Artes, nos momentos finais da sua aula, e os jovens preencheram o questionário em suas carteiras. A pesquisadora estava presente; esclareceu dúvidas e respondeu aos questionamentos apresentados pelos jovens.
  
- *Contexto: Imigrantes Digitais.* Todos os questionários foram aplicados após a aula de inglês, com a presença da pesquisadora.
  - Aplicação de questionário ao participante Eduardo, em 23 de fevereiro de 2015, no seu escritório.
  - Aplicação de questionário aos participantes Aline e Juliano, em 23 de fevereiro de 2015, no seu escritório em que ambos trabalham.
  - Aplicação de questionário aos participantes Ana, Rodrigo, Thalita e Sandro, em 24 de fevereiro de 2015, no escritório em que trabalham.
  - Aplicação de questionário aos participantes Ricardo e Rogério, em 25 de fevereiro de 2015, na residência da pesquisadora.

### **5.5.2 Entrevista semiestruturada**

A escolha por entrevistas semiestruturadas se deu por acreditarmos que estas permitem ao participante e à pesquisadora conversar, de forma natural, buscando chegar a respostas de forma gradativa. Para Mackey e Gass (2005, p.173), as “*entrevistas semiestruturadas são mais semelhantes à conversas naturais e os resultados não são limitados às ideias pré-concebidas do entrevistador sobre a área de interesse*”.

Esse tipo de instrumento proporciona a obtenção de informações mais completas e explanadas do que os questionários, por oferecerem liberdade, tanto ao pesquisador quando aos participantes, ao responderem as perguntas por meio de interação.

As entrevistas semiestruturadas seguem um roteiro de perguntas, e, em geral, podem ser mais livres e permitem ao participante expor sua opinião, sem que se

desvi do foco principal da pesquisa. Para Gil (1999, p.120), “o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre o assunto, mas, quando este se desvia do tema original, esforça-se para a sua retomada”. As entrevistas semiestruturadas diferenciam-se da estruturadas, uma vez que estas baseiam-se na utilização de um questionário como instrumento de coleta de informações, mas uma dada pergunta é feita da mesma forma a todos os participantes da pesquisa (GIL, 1999, p.121).

As entrevistas, como os questionários, foram realizadas em contextos diferentes, descritos, abaixo, separadamente. As perguntas utilizadas como base para as entrevistas encontram-se em anexo (Anexo I). Todas as entrevistas foram filmadas e, posteriormente, transcritas. Para realização da transcrição, não optamos por fazê-la de forma refinada, ou seja, levando em conta truncamentos, pausas, reticências e ênfases, por não termos como objetivo de pesquisa o modo como o discurso foi proferido, mas sim o discurso propriamente dito (MARCUSCHI, 1986).

- *Contexto: Nativos Digitais.* (Anexo C) A entrevista foi realizada no dia 18 de outubro de 2013, na Escola Pinheiro, com dez jovens, escolhidos da turma do 9º ano D, que haviam, previamente, respondido ao questionário. O grupo focal foi indicado pela coordenação e direção da escola.
  
- *Contexto: Imigrantes Digitais.*
  - Entrevista realizada com Eduardo, em 23 de fevereiro de 2015, em seu escritório (Anexo D).
  - Entrevista realizada com Aline e Juliano, em 23 de fevereiro de 2015, no escritório de ambos (Anexo E).
  - Entrevista realizada com Ana, Rodrigo, Thalita e Sandro, em 24 de fevereiro de 2015, no escritório em que trabalham (Anexo F).
  - Entrevista realizada com Ricardo e Rogério, em 25 de fevereiro de 2015, na residência da pesquisadora (Anexo G).

## 5.6 Procedimentos de Análise e Interpretação dos Dados

Qualquer técnica de análise de dados indica a escolha de uma metodologia de interpretação. Como tal, possui procedimentos peculiares, envolvendo a preparação dos dados para a análise, visto que esse processo “*consiste em extrair sentido dos dados de texto e imagem*” (CRESWELL, 2007, p.194). Dessa forma, optamos, nesta pesquisa, pela análise do conteúdo dos questionários e das entrevistas realizadas com os participantes, por acreditarmos ser o que melhor revelaria as respostas às perguntas de pesquisa. Nesse sentido,

A descodificação de um documento pode utilizar-se de diferentes procedimentos para alcançar o significado profundo das comunicações nele cifradas. A escolha do procedimento mais adequado depende do material a ser analisado, dos objetivos da pesquisa e da posição ideológica e social do analisador (CHIZZOTTI, 2010, p.98).

Para a análise de dados, o modelo teórico-metodológico adotado foi o da análise de conteúdo, com base em Bardin (1977). Esse modelo é caracterizado por um conjunto de instrumentos metodológicos que se aplicam a discursos (conteúdos e continentes) diversificados, trabalhando com as palavras e sentidos.

A análise de conteúdo tem sido muito utilizada nas áreas de Comunicações e Ciências Humanas e Sociais, sendo mais comumente adotada pela pesquisa qualitativa (MINAYO, 2000). Para Bardin (1977), a análise de conteúdo compreende iniciativas de explicitação, sistematização e expressão do conteúdo de mensagens, buscando deduções lógicas e justificadas a respeito da origem dessas mensagens. Nas palavras do autor, a análise de conteúdo constitui

Um conjunto de técnicas de análise de comunicação visando a obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

Assim, diante do exposto, percebe-se que a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise de comunicações que tem como objetivo ir além das incertezas e enriquecer a leitura dos dados coletados. Segundo Chizzotti (2010, p.98), “*o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das*

*comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”.*

Nessa análise, o pesquisador busca compreender as características, estruturas ou modelos que estão por trás dos fragmentos de mensagens tomados em consideração. O esforço do analista é, então, duplo: entender o sentido da comunicação, como se fosse o receptor normal, e, principalmente, desviar o olhar, buscando outra significação, outra mensagem, passível de se enxergar por meio ou ao lado da primeira (BARDIN, 1977).

## 6 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresento e discuto os resultados da análise de dados obtidos junto aos participantes jovens e adultos, por meio de questionário e entrevistas semiestruturadas, com o propósito de responder as seguintes perguntas de pesquisa:

- Quais mídias digitais são utilizadas por nativos digitais e por imigrantes digitais em seu cotidiano e quais diferenças a respeito desse uso são identificadas nesses dois contextos?
- Como nativos digitais e imigrantes digitais usam os instrumentos disponíveis nas tecnologias de informação e comunicação?
- Quais questões de ensino podem ser consideradas frente aos comentários dos participantes?

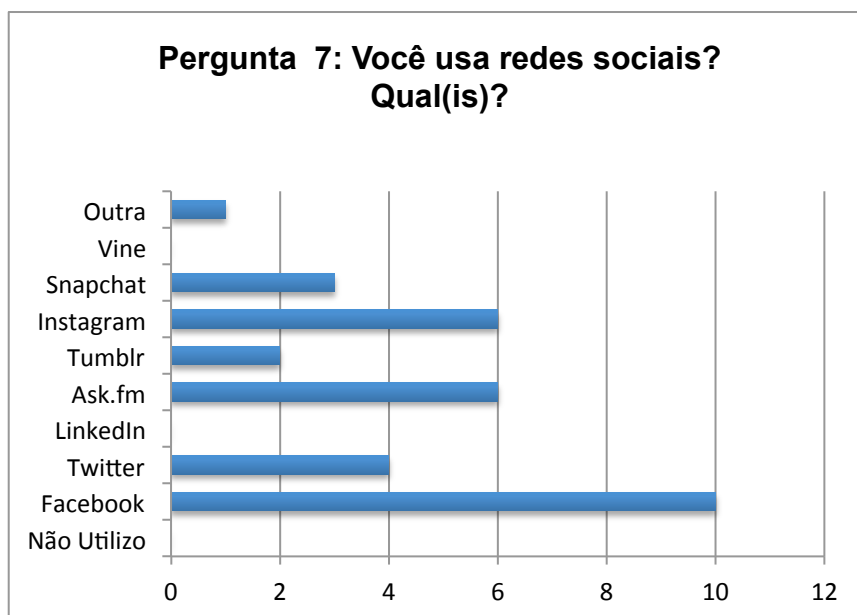
Para isso, a seção está organizada em três subseções, sendo a primeira destinada a mostrar a utilização das mídias pelos participantes e as diferenças de uso entre os jovens e os adultos estudados; a segunda, a apresentar as habilidades advindas do uso das tecnologias digitais encontradas nos dados coletados, mostrando, assim, como os jovens e os adultos participantes usam os instrumentos tecnológicos; a terceira, a identificar e discutir as questões de ensino e aprendizagem aparentes no conteúdo das interações com os participantes.

### 6.1 Mídias: O que e Como Nativos e Imigrantes Digitais as utilizam

Segundo Jenkins (2007), jovens da atualidade estão envolvidos no que ele chama de Cultura Participativa. Nessa cultura, indivíduos são entendidos como produtores de conteúdo e têm a possibilidade de interagir com outros indivíduos sem barreiras para dividir sua opinião. Redes sociais fazem parte dessa cultura participativa, por promoverem afiliações (JENKINS, 2007) através de comunidades na internet. A partir dos questionários, foi possível observar que os dez jovens

entrevistados indicaram que, dentre as redes sociais elencadas no questionário, a rede *Facebook* foi escolhida como a principal rede social utilizada. Vemos isso no gráfico, a seguir:

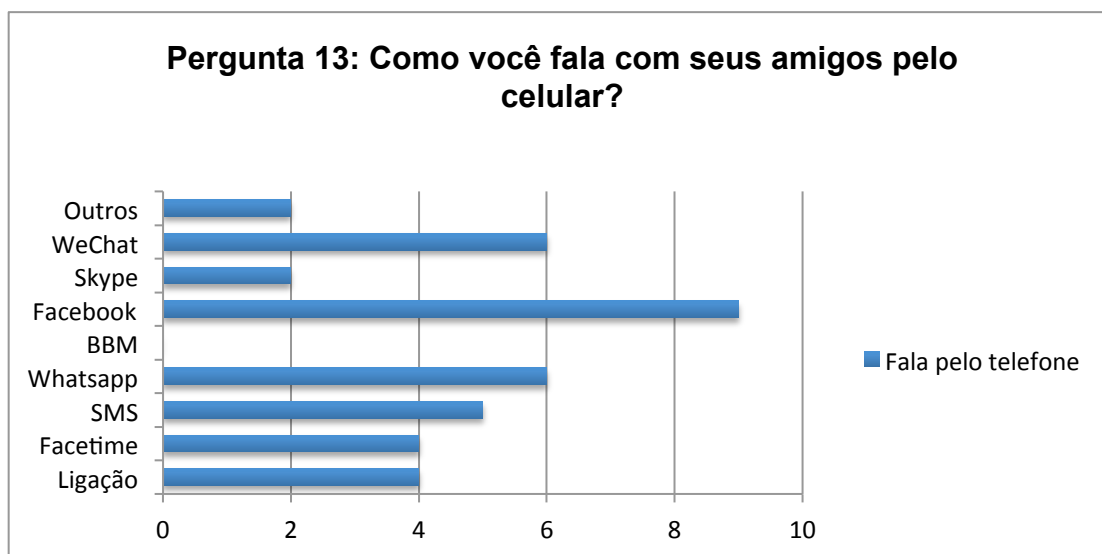
Gráfico 1: Questionário de perfil – Pergunta 7 – Contexto: Jovens



Fonte: Elaborado pela autora.

Além disso, a rede social *Facebook* também foi tida como a principal forma de comunicação, ao analisarmos as respostas relacionadas à maneira como os jovens utilizam seus telefones celulares. Esse uso aparece à frente de outras funções presentes em telefones, como a própria ligação com o uso de voz ou as mensagens SMS. Ao serem questionados sobre a natureza da utilização da rede social, observamos que o *Facebook* é utilizado para a comunicação instantânea (envio de mensagens – indicação de nove dentre os dez jovens entrevistados), como podemos notar no gráfico apresentado, a seguir:

Gráfico 2: Questionário de perfil – Pergunta 3 – Contexto: Jovens



Fonte: Elaborado pela autora.

Na entrevista semiestruturada, os jovens esclarecem que o uso do *Facebook* está ligado, principalmente, à vida social e ao entretenimento, confirmando a característica apontada por Tapscott (2010) a respeito da valorização do lúdico e do entretenimento. Apesar dos participantes entrevistados serem integrantes de um grupo fechado na rede social, com participantes apenas de sua sala de aula da escola, tal grupo é utilizado basicamente como um quadro de recados, como podemos perceber no excerto seguinte:

#### **Excerto 1: Contexto dos Jovens**

Pesq:  **você publica no grupo do Facebook?**

Vicente: sim

Joice:  **a gente tem um grupo para nossa sala**

Walter: tipo para que não prestou atenção ou **para quem faltou para pegar a matéria** da prova fica sabendo pelo grupo do Face.

Pesq: e se você tiver com dúvida na matéria, você pergunta no grupo?

Walter: depende

Joice: sim

Walter: se tem alguém online que sabe a resposta a gente observa e vai lá perguntar, senão

Barbara: normalmente a gente vai **só pedir lição**

Amalia: normalmente começa sim: **tem lição de que?**

Todos concordam

Walter: alguém bodiou no fim de semana ai chega a noite no domingo e já pergunta, **tem lição do que para amanhã?**

Joice: ou **qual é a próxima prova?**

A habilidade de negociação discutida por Jenkins (2007) e Terzian (2004), em que o indivíduo busca, em comunidades eletrônicas e através da interação com

seus participantes, negociar problemas em comum para obter um consenso a partir de um processo colaborativo aparece de forma simples e superficial. Os participantes não utilizam a real potencialidade do instrumento. Além de quadro de recados, a rede social ocupa o tempo dos participantes, que acreditam que devem estar conectados a todo momento, se não quiserem ser excluídos de acontecimentos sociais e de movimentações na rede social que envolvam a eles mesmos, ou pessoas conhecidas. Essa característica vai ao encontro do conceito apresentado por Prensky (2001), quando este diz que telefones celulares, para os jovens, são os principais mediadores de contato entre humanos, fazendo com que permaneçam sempre conectados. O excerto seguinte mostra isso:

**Excerto 2: Contexto dos Jovens**

Pesq: e me diz uma coisa, e o Facebook, é o dia inteiro?

Alguns dizem que sim e outros não

Joice: eu não

Catia: eu olho o Facebook ai eu **olho as novidades**. Ai eu saio e daqui a pouco já estou no Facebook de novo

Amalia: como eu fiz o grupo ai o povo fica falando e **eu não gosto daqueles numerinhos em cima da pasta, eu entro em desespero. Ai eu vou, entro, olho todo mundo e saio**

Joice: joga Candy Crush

Amalia: é, eu jogo

Pesq: não você **não gosta de achar que você a perdendo alguma coisa?**

Amalia e outros concordam: **é**

Pesq: então vocês entram sempre no Facebook para ver se alguma coisa aconteceu

Yolanda: é para ver se aconteceu alguma coisa

Walter: **a maioria deixa conectado no celular por que ai se acontece alguma coisa já vê no celular**

Pesq: mas se acontece tipo o que? alguma coisa na sala...

Todos concordam

Gabriela: **se alguém posta alguma coisa e marca você**

Vicente: **algum vídeo**

Catia: coloco ate nas fun pages que eu mais gosto ai eu recebo notificação das paginas

Pesq: **de qualquer novidade que acontece?**

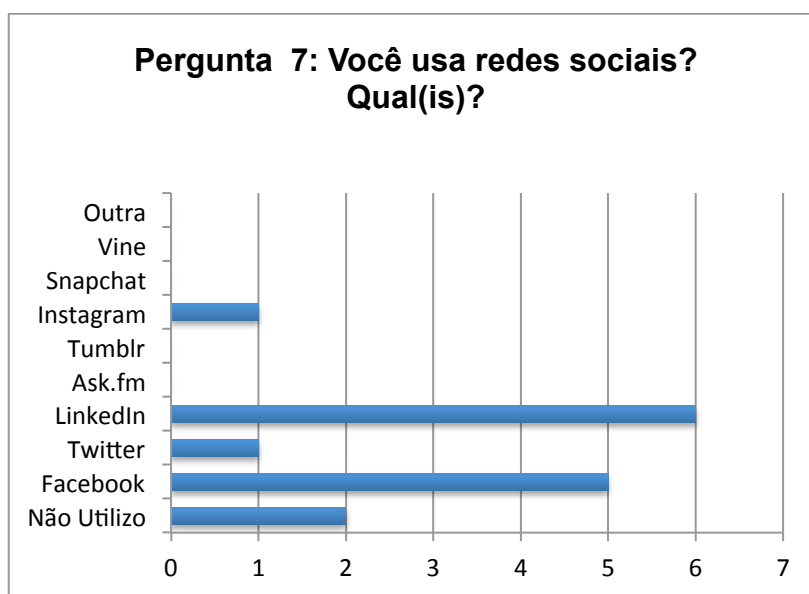
Todos: **é**

A principal preocupação do grupo de entrevistados é a de sentir-se parte do grupo, em conversas sociais. Não há indícios de utilização que vá além de entretenimento e recreação. Vemos, assim, que o instrumento é utilizado, em sua grande maioria, como uma extensão da vida social encontrada na escola. Desenvolvem-se a partir de conceitos cotidianos (VYGOTSKY, 1930/1998), com base nas experiências e em contato com o seu meio; novos conceitos são

construídos de forma espontânea. Entendemos, ainda, a partir do excerto apresentado, o conceito explorado pelo *The New London Group* (2000), ao discutir que a vida privada torna-se cada vez mais pública; o indivíduo busca dividir sua vida particular com sua comunidade, além de buscar a segmentação e afiliações em grupos com interesses similares. Isso é algo que os diferencia das gerações passadas, como escreve Prensky (2001).

Essa diferença pode ser notada quando avaliamos os dados referentes ao grupo dos adultos. Verificamos que no quesito *rede social*, a participação no *Facebook* também foi significativa, ficando apenas atrás da rede social *LinkedIn*, esta voltada às conexões profissionais, à busca de oportunidades de emprego, como podemos ver no gráfico abaixo:

Gráfico 3: Questionário de perfil – Pergunta 7 – Contexto: Adultos



Fonte: Elaborado pela autora.

Vemos, contudo, que a utilização da rede social *Facebook*, diferentemente do que foi encontrado no grupo dos jovens – utilizada basicamente para o lazer e o entretenimento –, ocorre com ressalvas e preocupações de exposição e qualidade das informações disponibilizadas, uma vez que essas informações disponíveis no *site* podem ser consideradas como fúteis e sem valor, como vemos, a seguir:

### **Excerto 3: Contexto dos Adultos**

Ricardo: eu parei. Sai do facebook, por que eu entendi que o facebook, **a maior parte do tempo é igual um jornal, tipo Caras.**

Pesq: fofoca  
 Ricardo: é. No dia a dia  
 Pesq: e vocês usam para trabalhar?  
 Ricardo e Rogério fazem com a cabeça que não  
 Pesq: então o facebook vocês acham que é tipo uma coluna de fofoca  
 Ricardo: sim  
 Rogério: o facebook é legal quando você encontra amigos antigos, ou ver fotos da família, só. As outras coisas...  
 Ricardo: mas, às vezes, **a pessoa má dentro de mim, e meu olho quer ver coisas sobre as outras pessoas, a vida.**  
 Pesq: fuçar?  
 Ricardo: é  
 Pesq: e não tem propósito?  
 Ricardo: é, e às vezes eu...eu uso desta maneira  
 Pesq: e é uma perda de tempo?  
 Ricardo: sim. **Não só perda de tempo, mas perda de valor**  
 Pesq: não tem valor  
 Ricardo: e às vezes eu olho  
 Rogério: não tem valor

Entendemos que essa interpretação das informações disponíveis em redes sociais possa estar ligada ao conceito abordado pelo *The New London Group* (2000) a respeito da vida privada e pública. Nas entrevistas com o grupo dos adultos, percebemos uma grande preocupação com a exposição em redes sociais e com o conteúdo disponibilizado nessas redes, tais como o *Facebook*. Os adultos entrevistados têm maior preocupação com a questão de vida privada/pública. Há uma preocupação com a qualidade da informação e com a perda de tempo com informações sem qualidade. Além disso, entendemos que os participantes acreditam que o contato com pessoas mediado pela rede social seja de inferior valor em relação ao contato face a face, como vemos, a seguir:

#### **Excerto 4: Contexto dos Adultos**

Pesq: mas você não acha que eles tem uma vida social nas redes sociais? No facebook? Não é o mesmo?  
 Juliano: é diferente  
 Pesq: por que?  
 Juliano: **por que não é pessoal.** Cara a cara, quando você lê os olhos, as expressões das pessoas.  
 Aline: e o facebook é só para colocar umas informações que você acha importante  
 Juliano: **facebook é lixo**  
 Pesq: você tem facebook?  
 Juliano: não, eu sou *faceless*  
 Aline: ele tem, mas ele não olha. Mas eu falo tudo para ele. Ele é Vice-sindico, eu leio tudo para ele  
 Juliano: eu sei sim. **Eu falo tudo ao vivo. Eu não preciso do Face**  
 Aline: ele é radical

Pesq: então por que você saiu, ou não usa o facebook?

Juliano: eu não uso por que hoje existe um grande problema. Nos temos informação em alta velocidade, mas por outro lado, o tempo nunca é suficiente. É um paradoxo.

Aline: entendi

Juliano: com a informação em alta velocidade, no final do dia, **nós temos o dia livre para fazer o que quiser, mas ninguém faz.**

Há uma preocupação com a interação face a face, individual, e não eletrônica pelo computador, mediado por redes sociais.

#### **Excerto 5: Contexto dos Adultos**

Eduardo: não muito, eu sou meio antiquado neste sentido, eu gosto de ver a pessoa frente a frente

Pesq: e facebook, você usa?

Eduardo: muito pouco, só para ver umas coisas

Pesq: mas você entra todo dia?

Eduardo: não só quando tem alguma coisa. Ontem mesmo falei com **um amigo** do Peru

Pesq: então você usa para falar com sus amigos de fora

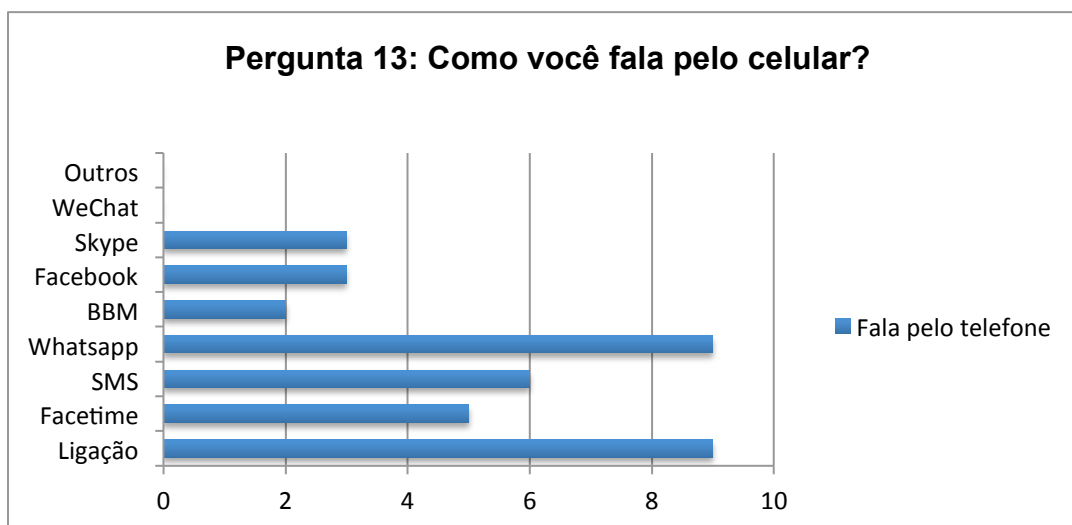
Eduardo: é, **mas eu prefiro ver**

Pesq: e se não der?

Eduardo: ai eu ligo

Poderíamos entender que essa diferença entre comunicar-se face a face, que os adultos parecem dar preferência, e utilizar-se das redes sociais, como fazem os jovens, pode estar ligada ao fato destes buscarem tornar público o conteúdo de suas vidas e aqueles buscarem ser mais diretos, utilizando formas de comunicação que alcancem apenas os interessados, como o *whatsapp* e a ligação por telefone celular, como vemos no gráfico, a seguir:

Gráfico 4: Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Adultos



Fonte: Elaborado pela autora.

Os jovens tendem a querer aumentar o alcance de sua voz, uma vez que acreditam que sua contribuição seja importante para a comunidade da qual participam (JENKINS, 2007). Observando-se essa necessidade de compartilhar suas informações, chamada por Jenkins (2007) de *networking*, percebe-se que há uma vontade do jovem de sentir-se parte da comunidade e contribuir com informações a esta. Para jovens, isso é feito de forma espontânea e se desenvolve no seu cotidiano. Segundo Jenkins (2007), jovens sentem-se mais motivados quando dividem a sua criação com um público maior. Dessa forma, entendemos que buscam a comunidade da rede social, em especial o *Facebook*, por acreditarem que sua contribuição de conteúdo ao grupo seja essencial para a sobrevivência do grupo. Nesse sentido, também compreendemos um dos princípios do hipertexto, o princípio de exterioridade, entendido por Lévy (1995) como a característica da rede de não ser capaz de se expandir por si própria, necessitando que haja adição de novos elementos e conexões.

Já os adultos, como vimos nos excertos 3, 4 e 5, julgam o conteúdo disponibilizado na rede social como sendo de inferior valor e buscam restringir a utilização do *Facebook* a informações que lhes parece terem mais valor, em especial o conteúdo escrito, como vemos no excerto seguinte:

**Excerto 6: Contexto dos Adultos**

Juliano: (fazendo cara que discorda) facebook...

Aline: facebook eu não...veja bem...eu **leio muitas informações importantes...**

(...)

Pesq: você tem facebook?

Juliano: não, eu sou *faceless*

Aline: ele tem, mas ele não olha. Mas eu falo tudo para ele. Ele é Vice-sindico,  
**eu leio tudo para ele**

Essa relação entre qualidade e leitura pode ser verificada em outros excertos, nas entrevistas com os adultos, em que estes julgam importantes os conteúdos escritos e não as imagens e os sons, como vemos abaixo, quando o participante se refere aos aparelhos eletrônicos:

#### **Excerto 7: Contexto dos Adultos**

Juliano: Sim. Eu acho que a gente deve tomar a decisão de desligar estes aparelho quando chegar em casa. Por exemplo, 8 da noite, desliga, **lê um livro, um jornal**

O mesmo ocorre quando o participante é questionado sobre sua utilização do inglês na internet e responde fazendo referência apenas a conteúdos escritos, como vemos a seguir. Até mesmo a pesquisadora, também uma imigrante digital, restringe as informações encontradas na internet à leitura de texto escritos:

#### **Excerto 8: Contexto dos Adultos**

Pesq: e você assiste vídeos? Ou só olha em sites?

Rogério:sites

Pesq: você vê sites em inglês?

Rogério:sim. Difícil para entender tudo, mas **pequenos textos** é ok.

Pesq: mas eu já te vi com guias de viagem. Você **lê** bem agora. Agora você já esta mais acostumado.

Rogério:eu também **uso para informação de economia, internacional e local. E comparar notícias**

Pesq: você usa para notícias internacionais?

Rogério:é. Globais, de outro países.

Entendemos, a partir do conteúdo das entrevistas, que pode existir, no grupo dos adultos, a atribuição de um juízo de valores quanto ao conteúdo escrito *versus* outros conteúdos, como imagens e vídeos. Ao analisar o excerto que segue, podemos inferir sobre a diferença entre a referência a imagens e fotos e a referência às informações que o participante acredita possuírem mais “*valor*”:

#### **Excerto 9: Contexto dos Adultos**

Rogério:o facebook é legal quando você encontra amigos antigos, ou ver **fotos da família, só. As outras coisas...**

Ricardo: **mas, as vezes, a pessoa má dentro de mim, e meu olho quer ver coisas sobre as outras pessoas, a vida.**

Pesq: fuçar?

Ricardo: é

Pesq: e não tem propósito?

Ricardo: é, e às vezes eu...eu uso desta maneira

Pesq: e é uma perda de tempo?

Ricardo: sim. **Não só perda de tempo, mas perda de valor**

Pesq: não tem valor

Ricardo: **e as vezes eu olho**

Rogério: não tem valor

Pesq: **e onde você acha informação com valor, na internet?**

Rogério: **online? Em amigos. Quando escrevem sobre coisas que são de interesse comum.**

Contrariamente ao que acabamos de ver, no grupo dos jovens, a imagem parece ser um acessório na comunicação com o mundo, uma vez que se configura como signo de linguagem. Para Vygotsky, signos são estruturas complexas que permitem, por exemplo, nomear objetos e estabelecer relações. É por meio do signo da linguagem que o indivíduo se comunica com seu contexto social e, a partir deste, desenvolve suas funções psicológicas, tornando-se capaz de interagir, solucionar problemas e transmitir conhecimento. Ademais, considerando o princípio da heterogeneidade de Lévy (1995), compreendemos que as conexões com textos podem ser compostas por infinitas associações de imagens, sons, filmes etc. Como cita Mattar (2010), os jovens possuem maior habilidade na leitura de imagens, textos visuais, por serem intuitivos e por expandirem sua comunicação além do texto escrito. Como podemos ver no excerto abaixo, os jovens têm preguiça de ler e preferem interpretar as imagens.

#### **Excerto 10: Contexto dos Jovens**

Pesq: Não? Mas você usa inglês

Felipe: raramente

Pesq: **raramente por que?**

Felipe fazer que não sabe e depois fala: **por preguiça**

Pesq: preguiça? Da precisa de usar então o inglês

Muitos respondem: não!

Felipe e outros: **dá preguiça de ler**

Pesq: **vocês tem preguiça de ler?**

Alguns: **sim**

Pesq: e quando tem imagem só?

Felipe faz que não sabe

Vicente: não existe imagem


Pesq: não, imagem de vídeo

Vicente concorda com a cabeça e outros também

Pesq: **então quanto tem imagem tudo bem. O problema é quando tem coisa escrita que dá preguiça?**  
Eles concordam com a cabeça

Observando o questionário, foi possível perceber que há uma necessidade por parte dos alunos de se expressarem por meio de imagens, como vemos no exemplo abaixo, em que *Catia* expressa sua emoção em relação a não possuir um telefone celular usando de um *emoticon*<sup>11</sup> que representa uma cara triste :( . A participante utiliza, assim, a multimodalidade, entendida por Van Leeuwen (2005) como uma combinação integrada de linguagens em que a língua não é apenas compostas de letras e palavras, mas sim de tudo aquilo que é capaz de remeter a outra coisa, como, por exemplo, gestos, imagens, sons e sentimentos.

Figura 2: Questionário de *Catia* – pergunta 10.

10. Você tem um telefone celular?:	
<input type="radio"/>	Sim
<input checked="" type="radio"/>	Não :( 




Fonte: Dados da pesquisa

A mesma participante demonstra suas preferências ao ser questionada a respeito da utilização do computador: utiliza corações ao indicar suas principais atividades – “*Assistir vídeos*” e “*Assistir séries de TV*” :

<sup>11</sup> Segundo o dicionário Oxford (2005), *emoticons* são representações faciais ou imagéticas utilizadas para transpassar o sentimento ou tom do escritor.

Figura 3: Questionário de Catia – pergunta 23.

23. Para que você usa seu computador?

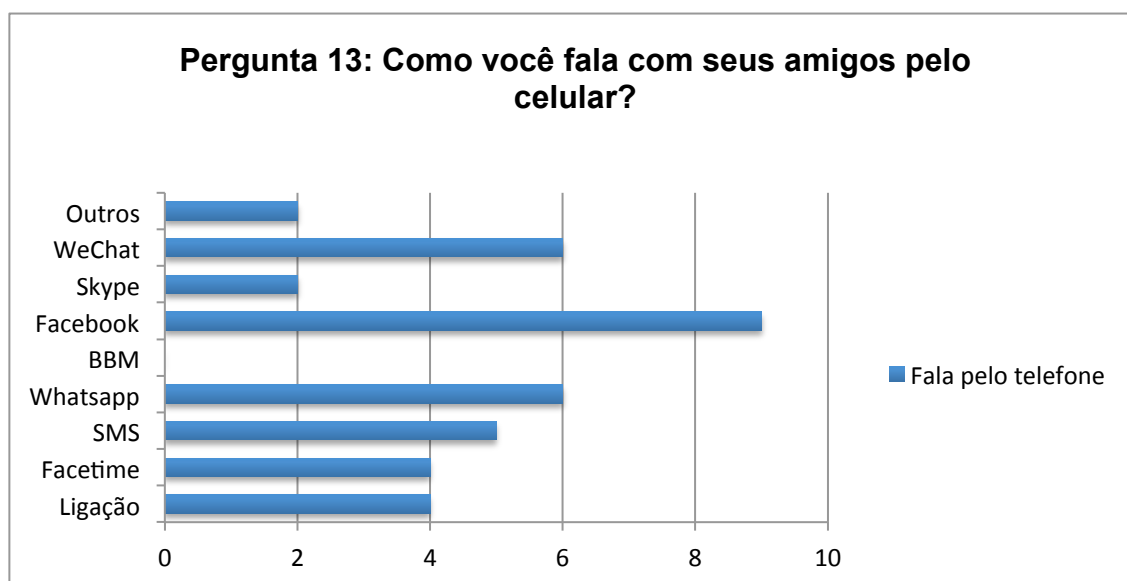
- Acessar e-mail
- Jogos
- Rede social
- Comunicação via webcam
- Trabalho de escola
- Edição de vídeo
- Tratamento e edição de imagens (fotografias)
- Baixar música
- Ler livros
- Ler revistas
- Ler notícias
- Assistir vídeos 
- Assistir filmes
- Assistir series de Tv  anime 

Fonte: Dados da pesquisa

Essa questão pode ser igualmente verificada ao analisarmos os dados relativos ao uso do telefone celular pelo grupo de jovens participantes. Utilizado exclusivamente para ligações (de voz) entre duas pessoas que possuem o instrumento, aparato necessário para a decodificação da mensagem, configurando-se assim como uma mídia terciária (PROSS, 1971), essa mídia recebeu alterações que permitem ações que vão muito além da comunicação por voz.

Ao serem questionados sobre a utilização do telefone celular, podemos perceber que, para os jovens, a comunicação pelo *Facebook*, o uso de SMS e da comunicação instantânea pelo *whatsapp* superam a utilização do telefone como transmissor de voz, como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 5: Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Jovens



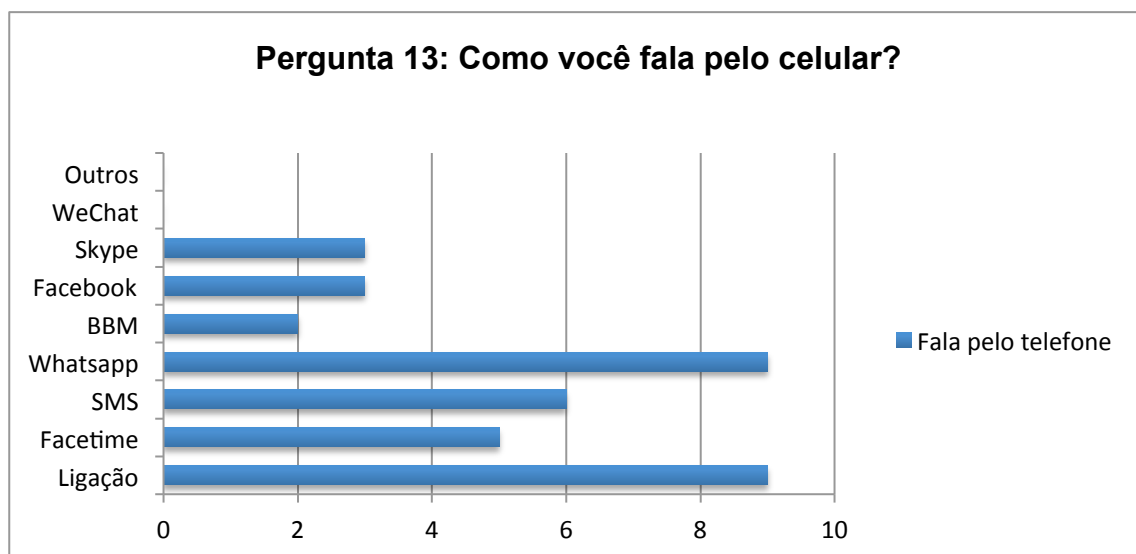
Fonte: Elaborado pela autora.

A partir da teoria de Jenkins (2007) a respeito de *Networking* e do *The New London Group* (2000), podemos entender que esse fato se dá porque, a partir da utilização do sistema de mensagens ou do *Facebook*, o indivíduo é capaz de alcançar um público maior do que o que alcançaria por meio de uma ligação, que o conecta somente a um único indivíduo. Além disso, conforme Lévy (1995), o hipertexto é hipertexto é fractal, ou seja, suas conexões são infinitas e ele pode ser composto por uma rede de nós e por novas conexões que podem ser reorganizadas em diferentes formas, criando sempre algo novo.

Entendemos, assim, que os jovens, por conviverem em um ambiente multiletrado, no qual imagens, sons, vídeos, *links* etc. fazem parte de sua vida cotidiana, sentem necessidade de ter ao seu dispor essa gama de recursos presentes para sua comunicação com o grupo. Ao utilizar uma mensagem de texto, como no *whatsapp* ou no *Facebook*, esse jovem tem à sua disposição a possibilidade de conversar em grupos, expressar-se utilizando fotos e *emoticons*, gravar voz, enviar vídeos e *links*, e até mesmo sua localização geográfica.

Já no grupo dos adultos, podemos verificar uma diferença de utilização, uma vez que a incidência de ligações de voz é superior a outras formas de comunicação (como SMS, *Facebook* e *Whatsapp*), contribuindo, assim, para a afirmação da diferença entre os grupos, como observamos no gráfico seguinte:

Gráfico 6: Questionário de perfil – Pergunta 13 – Contexto: Adultos



Fonte: Elaborado pela autora.

Vemos que nove dos dez adultos entrevistados indicaram a ligação como forma de comunicação pelo telefone celular, dado contrastante com o do público jovem; apenas quatro jovens indicaram essa opção no questionário, como vemos no gráfico acima.

Outra mídia sobre a qual os participantes foram questionados foi o computador e sua utilização na vida cotidiana. Com base no questionário e nas entrevistas com os adultos, pudemos inferir que o computador é utilizado para o trabalho. Notamos, também, que os jovens têm um pensamento similar, utilizando o computador para fazer atividades escolares ou outras que consideram “*trabalho*”.

No excerto 11, podemos notar essa utilização, quando Aline deixa claro que seu computador é objeto de trabalho e não é utilizado como lazer, uma vez que esta se preocupa com a segurança de seus arquivos no computador.

#### **Excerto 11: Contexto dos Adultos**

Pesq: e o seu computador?

Aline: **o meu computador é só para trabalhar**, no máximo para guardar fotos, mas o meu computador, para trocar e-mail com amigos, ou se eu compro alguma coisa, muitas vezes eu compro neste computador, por que é mais seguro. Mas só isso, o resto é só trabalho. Por que **eu tenho programas específicos para trabalho e eu não gosto por que eu acho que fica vulnerável se eu começar a usar**.

Além da preocupação com a vulnerabilidade do computador, também percebemos que adultos acreditam que esse instrumento seja algo impessoal e profissional, como podemos inferir a partir do excerto abaixo:

**Excerto 12: Contexto dos Adultos**

Pesq: **e fora do trabalho**, você usa muito a tecnologia, ou computador para falar com seus amigos, familiares

Eduardo:**não muito**, eu sou meio antiquado neste sentido, **eu gosto de ver a pessoa frente a frente**

A respeito do computador, por este ser utilizado fundamentalmente como uma ferramenta para trabalho, observamos que muitos jovens, por ainda não trabalharem, não fazem uso desse instrumento em seu dia a dia, e, quando o fazem, sua utilização está restrita ao uso para a escola, e não de forma social, como podemos ver no excerto seguinte:

**Excerto 13: Contexto dos Jovens**

Pesq: não acredito. Nossa. E gente, para terminar, o que você gosta de usar mesmo assim, que você usa todos os dias no computador para fazer o que? Pra fazer edição de imagem, mexe no photoshop

Catia: olha, ultimamente **eu não tenho usado nada de computador**

Gabriela:**eu não uso mais o computador, só o celular**

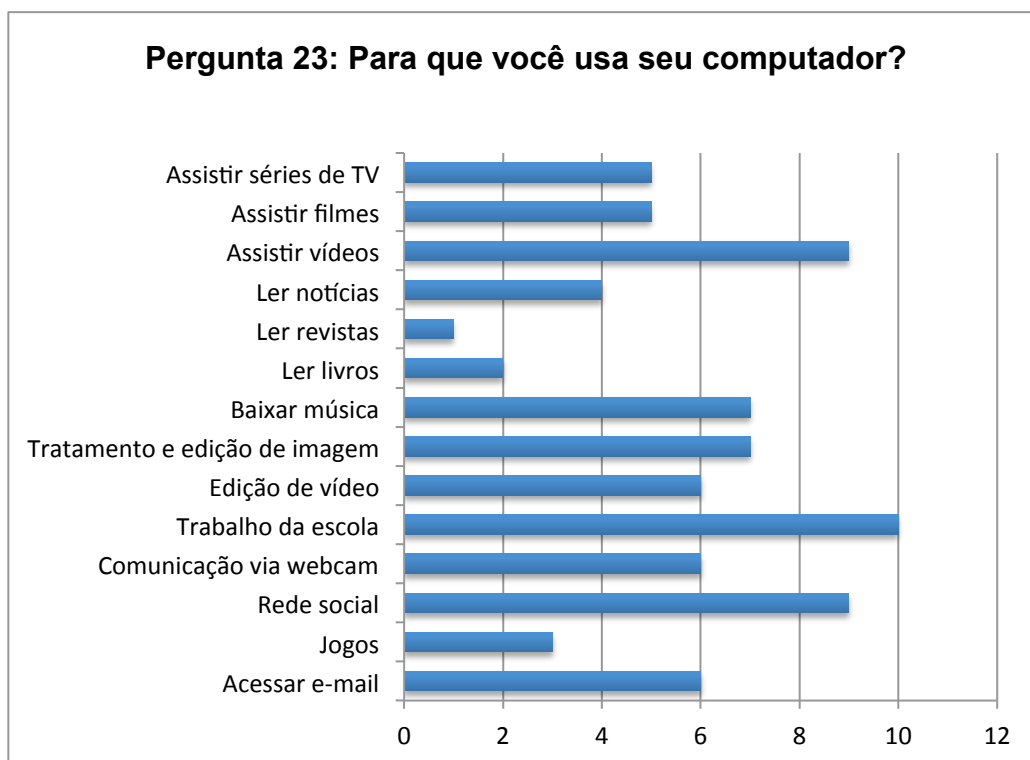
Joice: **para fazer trabalho**

Muitos concordam.

Amalia: é muito mais fácil

Podemos compreender essa utilização do computador pelos jovens ao examinarmos o gráfico abaixo, que revela que os dez participantes utilizam o computador para fazer trabalho da escola e que essa mídia fica à frente de usos como assistir a vídeos, com 9 indicações, e jogos, com apenas 3.

Gráfico 7: Questionário de perfil – Pergunta 23 – Contexto: Jovens



Fonte: Elaborado pela autora.

Ao serem questionados sobre o uso do computador, os jovens demonstraram não utilizar o computador para lazer; para isso, há o telefone celular, como vemos no excerto seguinte:

**Excerto 14: Contexto dos Jovens**

Pesq: E vocês usam o celular para usar a internet?

Todos: sim

Pesq: em geral só para usar a internet?

Todos: sim

Gabriela: e para jogar

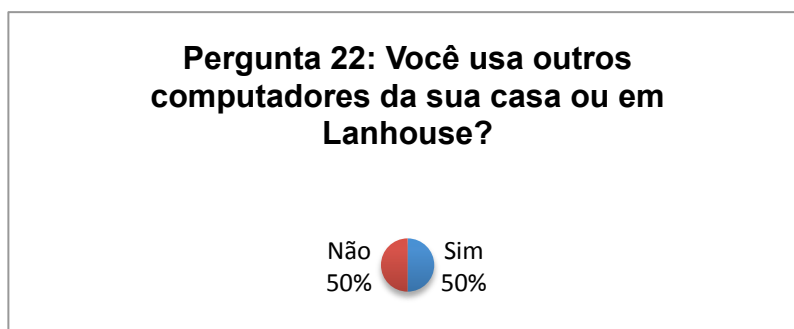
Pesq: e para jogar. **Mas jogar também joga no computador?**

Gabriela e Catia: **Eu não. Eu só uso o celular.**

Joice: Eu também uso o celular para tirar foto.

Entendemos essa diferença de utilização entre o computador e o telefone celular pelo fato deste último ser um objeto pessoal e individual. Como vemos no gráfico abaixo, cinco dos dez jovens questionados utilizam um computador compartilhado,

Gráfico 8: Questionário de perfil – Pergunta 22 – Contexto: Jovens



Fonte: Elaborado pela autora.

Assim como o computador, a televisão é entendida como um aparelho comunitário e que tem que ser dividida entre os membros da família, não oferecendo, assim, as opções que a internet disponibiliza. A televisão é dividida com o restante da família e obedece normas e regras definidas pelos pais, no caso dos jovens, como vemos no excerto abaixo:

**Excerto 15: Contexto dos Jovens**

Pesq: **mas vocês assistem TV pela internet, não?**

Todos: **sim**

Catia levanta a mão: Eu assisto série pela internet!

Pesq: você assiste série pela internet?

Catia: e filme também

Pesq: mas você assiste filmes e séries pela internet e não na tv?

Catia: **é que minha mãe não deixa eu assistir filme de terror na Tv, ai eu assisto na internet**

Pesq: Ah, que safada

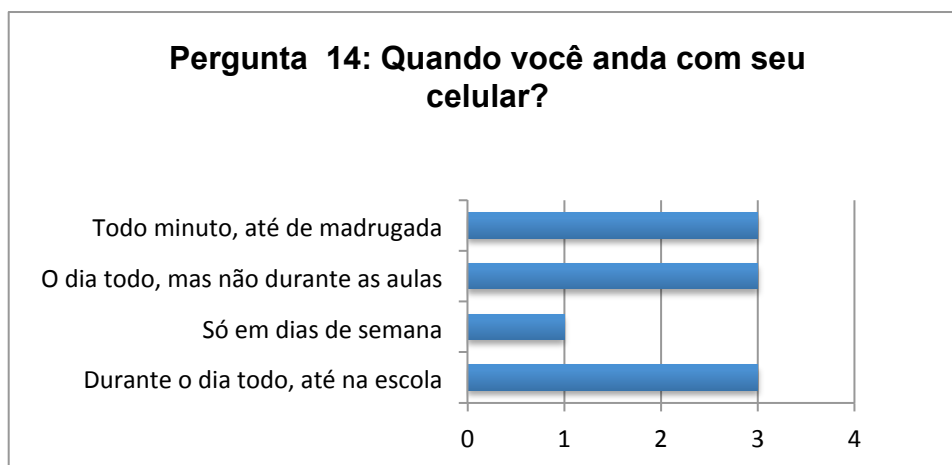
Yolanda: **é, na tv minha mãe não deixa eu assistir por que quer que eu vá assistir o filme com ela ai eu choro e fico me escondendo ai minha mãe fica me assustando.**

Os jovens mostram ter maior interesse em assistir programas como filmes e séries pela internet, uma vez que esta oferece maiores possibilidades e privacidade. Ainda, segundo Jenkins (2007), a internet oferece poucas barreiras.

Compreendemos que essa informação vai ao encontro da discussão de Prensky (2001, p.18), quando este diz que, ao contrário dos imigrantes, os nativos digitais vivem suas vidas cada vez mais *online* e não fazem distinção entre *online* e *off-line*, uma vez que não acreditam ter representações distintas no mundo real e no virtual. As tecnologias digitais, como computador e telefones celulares, para esses jovens, são os principais instrumentos mediadores de contato entre humanos, o que os faz permanecerem sempre conectados.

O telefone celular tornou-se um instrumento utilizado para diferentes funções durante o dia e, até mesmo, de madrugada, como mostram os dados do questionário, sintetizados no gráfico abaixo:

Gráfico 9: Questionário de perfil – Pergunta 14 – Contexto: Jovens



Fonte: Elaborado pela autora.

Na entrevista, ao serem questionados sobre o uso do celular, os jovens mostram utilizá-lo para diferentes atividades, como vemos abaixo, na fala do grupo:

#### **Excerto 16: Contexto dos Jovens**

Pesq: E vocês usam o celular para usar a internet?

Todos: sim

Pesq: **em geral só para usar a internet?**

Todos: **sim**

Gabriela: **e para jogar**

Pesq: **e para jogar. Mas jogar também joga no computador?**

Gabriela e Catia: **Eu não. Eu só uso o celular.**

Joice: **Eu também uso o celular para tirar foto**

Pesq: me diz uma coisa, quando você sai da escola você vai direto...(...)

Me diz o seguinte, então você saem daqui e já pegam o celular na mão?

Walter: **Não, a gente já está com o celular aqui na escola**

Pesq: **vocês usam o celular na escola?**

Todos: **para entrar no face, entrar na internet, pra nada**

Vicente: para tirar foto

Pesq: para tirar foto...

Vicente: **para passar maquiagem e depois tirar foto**

Walter: **eu trago por que as vezes eu estou na casa da minha mãe ou do meu pai e eu preciso falar com os dois**

Pesq: então você usa para comunicação. E com o professor, você usa o celular para alguma coisa?

Joice: **para ouvir música**

Walter: eu desligo

Pesq: ok, para ouvir música? Enquanto o professor tá falando?

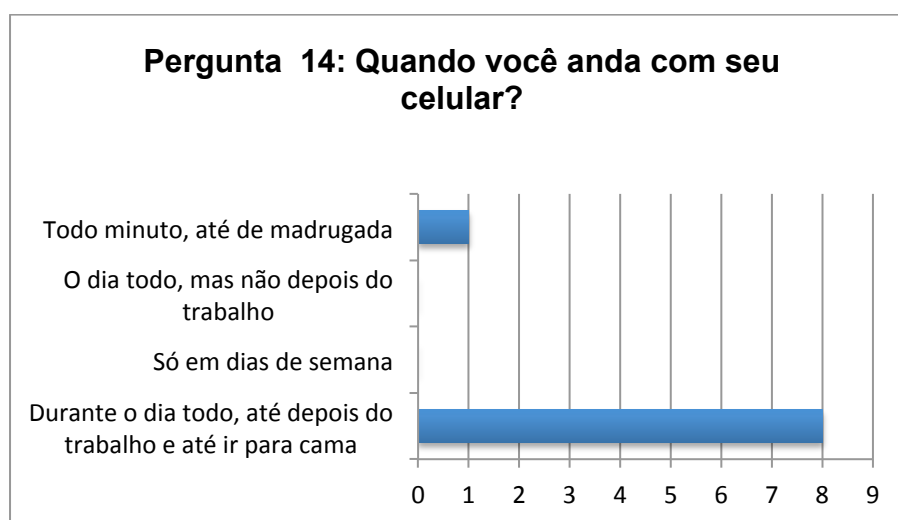
Todos: risos

Pesq: tá prestando atenção na aula  
 Vicente aponta o celular para Joice: Joice 9 ano D  
 Pesq: não tem problema Joice. **Vocês ficam passando bilhetinho por mensagem?**  
 Em coro alguns alunos: não  
 Yolanda: **fico**  
 Joice: **a gente fica se falando no whats**  
 Pesq: você fica chamando no whatsapp enquanto a aula está acontecendo?  
 Yolanda: isso  
 Pesq: **mas você fala no whatsapp sobre a matéria que o professor está falando ou não?**  
 Yolanda e outros em coro: **não**  
 Walter: **eu já falei já**  
 Pesq: já? Mais para que?  
 Walter: a tipo...**eu abri uma chamada no whatsapp para pedir ajuda amigo para perguntar para ele o que está ai**

O telefone é tido como um acessório, constantemente presente no cotidiano dos jovens, sendo utilizado com as funções de espelho, máquina fotográfica, rádio, servindo para passar bilhetes durante a aula e, também, como instrumento para pedir ajuda durante a aula.

No grupo dos adultos, isso não é diferente; eles mostram utilizar o telefone celular durante o dia todo, como vemos no gráfico seguinte:

Gráfico 10: Questionário de perfil – Pergunta 14 – Contexto: Adultos



Fonte: Elaborado pela autora.

Quando questionados sobre o uso do celular, os adultos, igualmente, indicam fazer uso de funções diversas, tanto para trabalhar como no dia a dia, como vemos no diálogo abaixo:

**Excerto 17: Contexto dos Adultos**

Pesq: **ok, agora vamos falar sobre o seu uso diário. Você usa o computador e o celular todos os dias?**

Juliano e Aline concordam com a cabeça

Juliano: sim

Pesq: **você acha que usa mais para trabalho ou questões pessoais?**

Juliano: **trabalho**

Aline: cara de dúvida: **eu não sei**

Juliano: para trabalho

Aline: **eu não sei te falar, mas Juliano me diz que meu iphone é meu cérebro. Mas, ouve, eu uso para aprender**

Pesq: aprender o que?

Aline: **google tradutor, muitas coisas, o significado das palavras, google,**

Além disso, adultos mostram que a rapidez e a facilidade de acesso ao telefone celular o tornam mais atrativo do que o computador, como vemos na fala abaixo:

**Excerto 18: Contexto dos Adultos**

Pesq: como o que nós fizemos aqui em sala, a gente estava usando o celular, você acha que foi melhor?

Thalita: eu acho. **Por que a informação é mais rápida. Por exemplo o dicionário, você pode fazer rápido**

Pesq: e você pode ter mais coisa disponíveis para você

Thalita: é

Foi possível, também, encontrar indícios de que a utilização do Tablet é similar ao uso do telefone celular; é considerado de uso mais pessoal e oferece opções, diferentemente do computador e da televisão, como vemos no excerto abaixo:

**Excerto 19: Contexto dos Adultos**

Pesq: Então o que eu quero de vocês é saber o que vocês usam todo dia, o que é importante para você. Como é sua rotina? Estes aparelhos aí...

Ana (apontando para o tablet): **eu não uso este durante o dia**

Pesq: por que não?

Ana: **por que eu não uso ele no trabalho**

Pesq: **o Ipad é só para você?**

Ana: **é. Só para...jogos...**

Pesq: você usa para jogar jogo?

Ana: hoje em dia, faz uns 3 meses, **eu estou usando para assistir vídeos, séries...e isso eu acho que está me ajudando a aprender inglês.** Por que eu ouço em inglês, e eu tento não ler as legendas

Pesq: **e por que você usa isso e não a tevê, por exemplo?**

Ana: **eu só uso ele quando a tevê está sendo utilizada por outra pessoa, meu marido, meu filho**

Pesq: jogos de futebol?

Ana: não. Meu marido não assiste futebol. Mas meu filho gosta de jogar vídeo games

Pesq: **então o Ipad te dá a opção de assistir o que você quer? E não o que todos estão assistindo?**

Ana: é. E o que eu também fiz no Ipad foi ver o site que você mostrou para gente, com os vídeos, eu vi muitos dos vídeos.

Em suma, entendemos ser possível fazer algumas afirmações relativas às diferenças entre os grupos de participantes, assim como destacar algumas similaridades, a partir dos dados apresentados e da análise, ancorada na revisão bibliográfica, em busca de responder a pergunta de pesquisa:

- **Quais mídias digitais são utilizada por nativos digitais e por imigrantes digitais em seu cotidiano e quais diferenças a respeito desse uso são identificadas nesses dois contextos?**

#### **Nativos Digitais – características encontradas:**

- utilizam o *Facebook* acima de qualquer outra rede social, como forma de lazer e entretenimento;
- não utilizam a internet para negociação;
- consideram o telefone o principal mediador de sua interação com o mundo;
- sentem necessidade de serem considerados parte do grupo;
- desenvolvem conhecimentos a partir de conceitos cotidianos e novos conceitos são construídos de forma espontânea, quanto ao uso de mídias digitais;
- buscam dividir sua vida com a comunidade, por meio de segmentações e afiliações;
- acreditam que sua contribuição é importante para a comunidade da qual participam e sentem necessidade de compartilhar suas informações, o que, de acordo com Jenkins (2007), corresponde à *networking*;
- sentem-se mais motivados quando dividem sua criação com um público maior;
- possuem maior habilidade na leitura de textos visuais, por estes expandirem sua comunicação para além do texto escrito;
- utilizam a multimodalidade e têm preguiça de ler;

- por conviverem em um ambiente multiletrado, no qual imagens, sons, vídeos, *links* etc. fazem parte da vida cotidiana, sentem necessidade de ter à disposição esses recursos, sempre presentes em suas formas de comunicação com o grupo;
- não fazem distinção entre *online* e *off-line*, uma vez que não acreditam ter representações distintas no mundo real e no virtual.

#### **Imigrantes Digitais – características encontradas:**

- utilizam *LinkedIn* e *Facebook*;
- preocupam-se com a exposição e a qualidade das informações disponibilizadas nas redes sociais;
- desvalorizam informações na rede social;
- preocupam-se com a interação face a face, individual, e não eletrônica, pelo computador, mediada por redes sociais;
- utilizam-se de formas de comunicação direta, que alcança apenas os interessados;
- julgam conteúdos escritos mais valiosos do que imagens;
- preocupam-se com a vulnerabilidade do computador.

#### **Similaridades entre os grupos:**

- uso de redes sociais;
- uso da televisão como mídia ligada ao coletivo;
- uso do computador para trabalho;
- uso do celular para lazer;
- uso do celular constantemente durante o dia.

## **6.2 Diferenças de Habilidades entre Participantes**

Segundo o *The New London Group* (2000), uma das mudanças que podemos observar na sociedade advinda do uso da tecnologia na vida cotidiana é o pluralismo cívico. A conexão com o mundo globalizado significa que não há mais apenas um

padrão e os jovens devem aprender a negociar em um mundo de diversidades não só de linguagens, mas culturais, étnicas, sociais e, ainda, povoado por diferentes textos, imagens e até mesmo gestos.

O conceito de *pluralismo cívico* pode ser confirmado se olharmos no excerto seguinte, que destaca grande interesse de uma jovem por músicas e outros conteúdos coreanos. Além disso, podemos perceber, também, que há um consumo de conteúdo cultural diverso, por meio de ferramentas da internet, como por exemplo, o google tradutor, que permite aos usuários compreenderem outros idiomas. Dessa forma, a jovem participante é capaz de compreender e se comunicar com pessoas que estão fisicamente distantes, utilizando o tradutor.

#### **Excerto 20: Contexto dos jovens**

Yolanda: mas eu gostava de música coreana, você gostava de música...

Catia: sim, só que você parou. **E eu me apaixonei muito por música coreana**

Pesq: Vicente, deixa ela falar

Catia: **por que é diferente das músicas americanas e japonesas e você aprende outra língua. Por exemplo, eu aprendi algumas palavras em coreano, só que é muito complicado escrever**

Pesq: eu imagino que deve ser muito complicado

Vicente: eu sei algumas palavras em coreano

Pesq: **mas aí você entra em sites coreanos?**

Catia: **sim, inclusive o twitter eu só uso para olhar os twits dos coreanos**

Pesq: **é? E como é que você faz para entender?**

Catia: **google tradutor**

Vicente: **control C – google tradutor – control V – traduzir texto coreano para português**

Percebemos que a jovem busca compreender o conteúdo sem dar importância às barreiras comuns entre diferentes culturas, como o idioma. Ao usar o google tradutor, jovens são capazes de se comunicar com pessoas, mesmo sem ter o domínio de outro idioma, como podemos verificar no excerto abaixo:

#### **Excerto 21: Contexto dos Jovens**

Amalia: não, depende. Se é do Tumblr por exemplo, eu as vezes uso meu nome. **Eu até converso com outras pessoas, já conversei até em Russo**

Pesq: é?

Amalia: **é. Eu converso com pessoas em japonês, em espanhol, em inglês e coreano**

Pesq: **mas aí, como é que você conversa com estas pessoas?**

Vicente: **Copiar, google tradutor, colar**

Pesq: **google tradutor. Vocês também conversam com gente de fora assim?**

Walter: **tem um gringo que eu conheci aqui e depois dai passei o contato para internet**

Pesq: ai você conversa com ele em que língua?

Walter: em inglês. Ele é alemão mas a gente conversa em inglês

Como vemos nesse excerto, podemos pensar que a pluralidade e a diversidade são características presentes na sociedade atual, trazidas pela globalização. Para Braga (2003) e Dionísio (2005), os novos modos de representação da linguagem exigem habilidades específicas para interpretar e compreender a fusão entre as múltiplas linguagens, considerando a leitura e a escrita em suas diferentes manifestações na sociedade contemporânea.

No grupo dos adultos, percebemos que a barreira do idioma aparece como impeditiva, uma vez que o adulto não considera a possibilidade de usar o tradutor para compreender conteúdos em outros idiomas e sente-se inseguro ao se deparar com linguagens não familiares, como vemos a seguir:

**Excerto 22: Contexto dos Adultos**

Pesq: e você assiste vídeos? Ou só olha em sites?

Rogério:sites

Pesq: você vê sites em inglês?

Rogério:sim. **Difícil para entender tudo**, mas pequenos textos é ok.

Adultos têm ressalvas quanto aos relacionamentos em ambientes digitais e não acreditam que haja interação valiosa entre pessoas, em ambientes virtuais. Podemos observar essa questão na fala do participante, abaixo, quando este explica quais os problemas que a tecnologia traz aos indivíduos:

**Excerto 23: Contexto dos Adultos**

Juliano: (problemas) psicológicos e sociais. **Você se torna uma ilha. Um monte de ilhas. Não fala com ninguém. A vida social é muito pobre.**

Pesq: mas você não acha que eles tem uma vida social nas redes sociais? No facebook? Não é o mesmo?

Juliano: **é diferente**

Pesq: por que?

Juliano: **por que não é pessoal**. Cara a cara, quando você lê os olhos, as expressões das pessoas.

Ao discutirmos os conceitos de mídias primárias, secundárias e terciárias, vimos que, segundo Meyrowitz (1986), as mídias eletrônicas não transformam somente o relacionamento entre os indivíduos na sociedade, mas também o

ambiente onde estes estão inseridos, modificando as noções de “*presença*”, “*ausência*” e “*distância*”, uma vez que, a partir do uso da telecomunicação e do computador, dados cruzam oceanos (SANTAELLA, 2003, p.71). Contudo, vemos que ainda há resistência, por parte dos adultos, quanto ao uso dessas mídias para a interação com indivíduos em redes sociais. Como podemos ver no excerto abaixo, os adultos não viveram a experiência de aulas *online*; sentem-se desconfortáveis com a possibilidade de se relacionar com outrem pelo meio virtual, com alguém que não estaria fisicamente presente.

**Excerto 24: Contexto dos Adultos**

Pesq: **e você acha, por exemplo, no inglês, você faria um curso online, tipo aqueles English town...você faria?**

Ricardo: **não**

Pesq: **por que não?**

Rogério: **não me sinto confortável**

Pesq: **por que não?**

Rogério: **por que eu preciso ver, para entender o professor, presencial**

Pesq: **mas se você ver o professor na tela, como com o Skype?**

Rogério: **ah, ok**

Ricardo: **talvez**

Rogério: **eu precisava testar**

Pesq: **mais o que vocês acham que é diferente? É diferente?**

Ricardo: **primeiro, aqui, quando estamos juntos, nunca temos problema com a internet**

Pesq: **então não temos problemas técnicos?**

Ricardo: **é. E quando estamos perto eu acho que é mais pessoal, e quando você me vê, de perto, você me entende melhor, minhas dúvidas, eu acho que eu não falo só pela boca, eu falo com o corpo.**

Outra questão verificada no excerto está relacionada ao ensino e aprendizagem mediados por computador, realizados de forma virtual. O grupo dos adultos, ao serem questionados sobre fazer uso de escolas de inglês *online*, mostram-se inseguros quanto ao entendimento do profissional e à linguagem que este poderia utilizar, como vemos, no excerto 24. Novamente, percebemos haver uma insistência para que a interação seja feita de forma presencial e não a distância, pelo fato de os adultos sentirem um desconforto frente ao virtual.

Os jovens, por sua vez, parecem sentir-se mais confortáveis com a busca por novos conhecimentos na internet e a utilizam em seu dia a dia para aprender novos conceitos. Letramentos digitais podem se desenvolver, em geral, a partir de conceitos espontâneos, uma vez que esse desenvolvimento ocorre ao longo do tempo, com base nas experiências do aprendiz, em contato com o meio

(VYGOTSKY, 2009). Nessas condições, novos conceitos são construídos de forma espontânea. Tal espontaneidade surge do pensamento inato para se tornar um pensamento superior. Parte da experiência concreta para o entendimento pleno, abstrato. Assim, como vemos no excerto abaixo, o jovem utiliza o *youtube* para auxiliá-lo com um conhecimento novo e utiliza a experiência espontânea para aprender um novo programa

**Excerto 25: Contexto dos Jovens**

Pesq: **e onde você aprendeu a fazer isso?**

Vicente: photoshop

Pesq: você faz no photoshop? **Tudo sozinho? E como você aprendeu a mexer no photoshop?**

Vicente: **no youtube e mexendo**

Vemos que os jovens utilizam os instrumentos disponíveis, nesse caso, o *youtube*, para auxiliar seu aprendizado e percebemos que utiliza vídeos como mediadores no aprendizado de algo novo.

Já os adultos sentem a necessidade de um ensino formal, conceitos científicos. Segundo Pozo (*apud* REIG e GRADOLÍ, 1998, p.123), os conceitos científicos diferenciam-se dos espontâneos pois fazem parte de um sistema, são adquiridos a partir de uma tomada de consciência da própria atividade mental e implicam uma relação com o objeto baseada na internalização da essência do conceito. Somente depois disso tornam-se parte da vida cotidiana de um indivíduo, como vemos no excerto abaixo, em que **Ana** recorreu a um curso para dominar a ferramenta Excel, porém, **Thalita** (27 anos), que é mais jovem, utilizou o google para aprender.

**Excerto 26: Contexto dos Adultos**

Pesq: e ai no trabalho, tem alguma coisa que você acha que poderia ter aprendido na escola, mas não aprendeu? De tecnologia? Fazer uma apresentação, Excel

Ana: Excel sim

Pesq: e quando você aprendeu a usar?

Ana: no meu primeiro emprego

Pesq: **e como você aprendeu?**

Ana: **num curso**

Pesq: então você teve que fazer um curso?

Ana: sim. A empresa pagou para mim

Thalita: **eu aprendi no google. E hoje eu uso o google se tiver dúvida**

Pesq: você usa vídeo no youtube, você escreve como fazer tal coisa

Thalita: sim

Outros adultos também demonstraram que utilizam o google como instrumento para aprender coisas novas, porém, ainda há uma insegurança quanto a essa questão. Vemos que estes ainda valorizam o contato com outras pessoas ou se utilizam de sua experiências com mídias secundárias, que seriam aquelas onde o receptor não necessita de um aparato para decodificar a mensagem, como, por exemplo, a imagem, os jornais e revistas, de acordo com Pross (1971). Adultos buscam, na mídia terciária, na internet, as referências que eram utilizadas em mídias anteriores, como vemos, a seguir:

**Excerto 27: Contexto dos Adultos**

Pesq: mas na sua vida em geral? Quando você tem dúvida, você pergunta para a internet?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesq: e você confia na resposta?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim

Rogério: mas eu olho em sites...

Pesq: você tem sites específicos que você olha?

Rogério: sim

Pesq: quais:

Rogério: sempre o google. E depois um site específico.

Pesq: **qual? Por exemplo, você sempre vai num site da mídia, como Uol**

Rogério: **sim, Uol, Estadão, Folha**

Pesq: **você prefere encontrar informação neste tipo de site?**

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça e dizem que **sim**

Ricardo: **eu me sinto mais seguro**

**Excerto 28: Contexto dos Adultos**

Pesq: **você tem algum site que você confia, mas que em outro?**

Thalita: sim

Pesq: como quais?

Thalita: **sites de mídias, Globo, The New York Times**

Pesq: **então quando está relacionado com algum jornal ou programa de notícia?**

Thalita: é

Pross (1971) descreve a mídia secundária como um aparato capaz de transportar uma mensagem a um receptor, sem que este tenha necessidade de possuir o mesmo aparato para decodificar a mensagem, como vimos na seção teórica. Os adultos foram alfabetizados e letrados em um universo de mídia secundária; assim, não é surpreendente que sintam maior confiança em sites que, apesar da mudança de formato para mídia terciária, carreguem em si a confiabilidade conquistada anteriormente à chegada das tecnologias digitais. Os

adultos preocupam-se com a questão de autoria para atestar ou não sua confiabilidade em uma informação, como vemos no excerto abaixo:

**Excerto 29: Contexto dos Adultos**

Pesq: e você usa o seu telefone quando tem alguma dúvida?

Eduardo: claro

Pesq: você procura no google?

Eduardo: é, eu procuro no google

Pesq: mas qualquer informação que você queira saber você procura no google? Coisa que você esteja com dúvida? Ou você pergunta para algum amigo?

Eduardo: ah, **se eu tenho alguém para perguntar eu prefiro perguntar para uma pessoa**

Pesq: por que?

Eduardo: ah, **no google aparece um monte de informação**, mas a gente não sabe se é verdade ou não,

Pesq: então você prefere perguntar para um amigo por que acha mais seguro?

Eduardo: com certeza, **no google a gente não sabe quem escreveu**

No grupo dos jovens, podemos perceber que não se utilizam da mesma influência, uma vez que já foram alfabetizados em um mundo de possibilidades tecnológicas, como mostra o excerto seguinte:

**Excerto 30: Contexto dos Jovens**

Pesq: E quando você vai estudar alguma coisa em casa no computador, você procura onde no google?

Amalia: sim

Outros: no google

Pesq: mas ai o google dá varias opções de site

Amalia: eu vou hoje no yahoo

Yolanda: eu também

Outros concordam com a cabeça

Walter: **eu ligo o anti-virus para procurar o mais confiável**

Pesq: é?

Walter: **o que tem mais estrelinha ai eu abro ele**

Pesq: é por que senão pode ser que a informação não seja...

Amalia: é, porque a wikipedia dá para você editar

Pesq: dá para você editar

Catia: ou eu entro no yahoo ou entro num site que chama Brasil Escola

As meninas concordam: é

Vicente: eu uso o **google acadêmico**

Percebemos que os jovens utilizam ferramentas do próprio computador, com o objetivo de determinar a confiabilidade ou não de uma informação, além de procurar em locais da internet desenvolvidos para oferecer maior segurança na busca de informações acadêmicas, como o google acadêmico. Jenkins (2007)

acredita que essa habilidade do jovem de buscar a fonte mais segura para sua informação chama-se *Julgamento*, e corresponde ao ato de avaliar a confiabilidade e a credibilidade de diferentes fontes de informações. Entretanto, vemos que até mesmo os jovens apresentam ressalvas quando se trata de aprender coisas novas pela internet e ainda não se sentem inteiramente capazes de julgar o conteúdo que encontram nesse ambiente, buscando, assim, a segurança do contato presencial, como vemos no excerto abaixo:

**Excerto 31: Contexto dos Jovens**

Pesq: **E me diz uma coisa e se na aula o professor passa um negócio e você não entendeu direito depois você chega em casa e olha no computador?**

Todos: **não**

Walter: Depende, se ele passou lição

Vários jovens: é, se ele passou lição a gente tem que procurar

Yolanda: **eu espero o dia seguinte para pegar da Isabela**

Joice: ou da Gabriela

Pesq: **Mas não é mais fácil vocês procurarem na internet a resposta?**

Catia: **não, eles não explicam direito**

Os jovens preferem depender uns dos outros a confiarem nas informações encontradas na internet e entendemos que isso vá ao encontro da próxima habilidade discutida por Jenkins (2007), a *Cognição Distribuída*, que corresponde ao ato de interagir de maneira significativa por meio de instrumentos que expandem a capacidade mental. Esta trata da ideia de que a produção de conhecimento não está centrada em um único indivíduo, mas na interação entre indivíduos e instrumentos presentes no ambiente em que ele vive e que auxiliam na produção de conhecimentos de forma colaborativa.

Ao discutir os processo cognitivos, Norman (1993, p.146) ressalta que a inteligência pode ser distribuída entre a pessoa, seu ambiente e os instrumentos que os rodeiam. Esse conceito, baseado na teoria de Lévy (2003), corresponde à habilidade de reunir conhecimento e comparar anotações com outros, em busca de um objetivo comum. No excerto seguinte, a participante adulta declara que, ao buscar uma informação, utiliza a ferramenta internet, selecionando diversos sites para completar a informação necessária e, ainda, compara o resultado com uma pessoa que acredita ser especialista.

**Excerto 32: Contexto dos Adultos**

Pesq: ok, e quando você quer aprender algo? Você tem que fazer alguma coisa, mas não sabe como. Onde você vai? **Você pergunta para o google?**

Todos respondem que **sim** com a cabeça.

Pesq: **mas você acredita no resultado? Você acredita no google?**

Thalita: **eu checo em 4 ou 5 sites**

(...)

Pesq: e se você tiver um amigo que sabe daquilo. **Você prefere perguntar para o seu amigo ou perguntar para o google?**

Todos: **os dois**

Pesq: você confirma? Então você pergunta para o seu amigo para confirmar? **Então você tem ter certeza absoluta que o que você viu na internet é verdadeiro?**

Todos concordam com a cabeça

Adultos tendem a utilizar informações colhidas em mais de uma fonte, buscando melhor entendimento da questão sobre a qual têm dúvidas. Adultos buscam informações de forma ativa, em diferentes fontes, com o objetivo de formar uma opinião mais completa sobre o assunto. Assim, como vemos no excerto abaixo, adultos buscam avaliar a questão duvidosa a partir de diferentes perspectivas, com mais profundidade, levando em consideração a confiabilidade de conteúdos disponíveis na internet.

**Excerto 33: Contexto dos Adultos**

Pesq: e se você precisa de uma informação, e você tem um amigo que sabe sobre aquele assunto. **Você vai na internet ou pergunta para seu amigo?**

Ricardo: **vou na internet**

Rogério: **depende. Se o meu amigo for mais confiável, eu prefiro o amigo**

Ricardo: **para mim depende. Se eu preciso de uma informação específica, como emprego ou um problema meu, é mais seguro perguntar para um amigo. (...)**

Pesq: um amigo? Por que na internet não tem ninguém. Tem muita gente, mas não tem ninguém para se conversar.

Rogério: **por exemplo, a crise hídrica, a internet não fala todo o problema, o problema inteiro**

Pesq: o problema inteiro? Você acha que a internet só fala...

Rogério: **os especialistas nos falam a verdade**

Pesq: **e onde você acha os especialistas?**

Rogério: **em geral em amigos, que trabalham para o governo**

Ao retomarmos o conceito de *juízo*, proposto por Jenkins (2007), podemos compreender que os adultos buscam a segurança de mídias anteriores, como jornais e revistas, além de aprofundarem suas inquisições com amigos e conhecidos para determinar a confiabilidade e a credibilidade de uma informação.

Essa atitude crítica frente aos novos conteúdos seria algo a ser abordado pela escola, uma vez que os jovens compreendem que a internet possui informações diversas, mas ainda há dúvidas sobre o conteúdo nela encontrado. Além disso, os conteúdos da internet são utilizados pelo grupo de participantes de forma a encontrarem o caminho mais fácil e não um caminho para adquirir novos conhecimentos, como vemos abaixo:

**Excerto 34: Contexto dos Jovens**

Pesq: Mas não é mais fácil vocês **procurarem na internet a resposta?**

Catia: **não, eles não explicam direito**

Vicente: eu só procuro de ciências porque todas as respostas do livro tem lá

Joice: Eu só procurei uma vez de matemática

Pesq: Mas normalmente não explica direito então vocês esperam o professor?

Alguns jovens: A gente olha no google

Pesq: **O melhor professor é o google?**

Vicente: é

Pesq: Mas por que?

Walter: **resposta fácil**

Outra habilidade discutida por Jenkins (2007), identificada nos dados coletados foi a *Cultura Participativa*. Nesta, o indivíduo é entendido como um produtor de conteúdo midiático e está ativamente envolvido com sua cultura, que lhe oferece uma possibilidade de expressar-se artisticamente e engajar-se de forma cívica em um ambiente que lhe oferece poucas barreiras e o encoraja a dividir suas criações. Essa nova abordagem, envolvendo produção, colaboração, interação e compartilhamento de dados, tem promovido a chamada cultura participativa.

Além disso, na cultura participativa, os integrantes são levados a acreditar que sua contribuição é importante para a comunidade, o que os faz sentirem-se conectados ao seu entorno. Para Jenkins (2007), a cultura participativa pode aparecer de diferentes formas, como por meio de: *Afiliações* em comunidades *online*, como *Facebook* e *MySpace*; *Expressões*, quando há produção de formas criativas a partir da utilização de *samples* ou de conteúdos na internet (*fan* vídeos, *sampling*<sup>12</sup>); *Resolução de problemas coletivos*, quando os indivíduos trabalham juntos, formal ou informalmente, com o objetivo de criar ou desenvolver novo conhecimento, como *Wikipedia*; e, como último tipo de cultura participativa, a *Circulação*, que permite aos

---

<sup>12</sup> *Sampling* é uma prática utilizada na internet a partir da qual usuários utilizam diversos trechos ou partes de informações encontradas na própria internet com o objetivo de criar algo novo.

indivíduos influenciarem a disponibilidade de conteúdos midiáticos, por meio de *blogs* e *podcasting*.

Na entrevista com os adultos, pudemos perceber que há um consumo de informações publicadas na internet, de conteúdos de interesse para o grupo, como vemos no excerto, a seguir,

**Excerto 35: Contexto dos Adultos**

Aline: é. Eu uso para muita coisa. Não só, como ele reclama, para o whatsapp e besteira

Juliano fazendo cara que discorda: facebook...

Aline: facebook eu não...veja bem...**eu leio muitas informações importantes...**

Pesq: **como o que?**

Aline: **como o problema com a água.** Hoje nós teremos uma reunião de condomínio e o síndico postou muitas informações importantes, planos de contingência, 1, 2 3 4...ele montou um grupo do condomínio, e eu **vi** muita coisa interessante sobre o que está acontecendo e tudo que esta sendo planejado, tudo que está sendo feito sobre esta questão e eu sei o que as pessoas estão pensando sobre o assunto

Pesq: as pessoas no seu prédio?

Aline: é, o síndico tem que fazer muita coisa sem aprovação

Pesq: tem que ser rápido,

Aline concordando com a cabeça: sim, planos de emergência. Eu vejo muitas coisas interessantes (...)

Vemos, assim, que há um interesse por informações que afetem a comunidade, porém, os adultos participantes não mostraram indícios de produção de conteúdo. Vemos a utilização das palavras “*leio*” e “*vi*”. Não há menção de uma participação ativa e de contribuição de conteúdo. Adultos, segundo os dados coletados, demonstram ter um papel passivo quanto ao conteúdo presente em redes sociais e na internet.

**Excerto 36: Contexto dos Adultos**

Rogério: Sai do facebook, por que eu entendi que o facebook, a maior parte do tempo **é igual um jornal, tipo Caras.**

Pesq: fofoca

Ricardo: é. No dia a dia

Pesq: **e vocês usam para trabalhar?**

Ricardo e Rogério fazem com a cabeça que **não**

Pesq: então o facebook vocês acham que é tipo uma coluna de fofoca

Ricardo: sim

Rogério: o facebook é legal quando você encontra amigos antigos, ou **ver fotos da família, só. As outras coisas...**

Ricardo: mas, as vezes, a pessoa má dentro de mim, e meu olho quer ver coisas **sobre as outras pessoas, a vida.**

Pesq: **fuçar?**

Ricardo: é

Adultos interagem com a mídia terciária, no caso, a internet ou o *Facebook*, da mesma forma que o fariam com jornais e revistas, mídias secundárias. A grande diferença entre essas duas situações é que na mídia terciária o usuário ou receptor tem a possibilidade de agir de forma ativa e é capaz de produzir conteúdo que julgue de interesse de seu grupo.

O motivo pelo qual os adultos lidam com as redes sociais, como o *Facebook*, de forma passiva e apenas para visualização de informações pode ser explicado pelo fato de não possuírem a habilidade de *Apropriação*, discutida por Jenkins (2007).

Como vimos em seção anterior, a apropriação corresponde à habilidade de retirar amostras de diferentes conteúdos midiáticos e os reescrever, de maneira significativa, como um conteúdo de interesse para seu grupo. Caracteriza-se apropriação quando o indivíduo se depara com um material cultural com o objetivo de desconstruí-lo e transformá-lo este em algo novo. Ao invés de apenas consumir o conteúdo, o leitor se torna autor, e ressignifica aquele conteúdo lido com o objetivo de transformá-lo em algo novo.

Ao analisarmos os excertos a seguir, retirados do contexto dos jovens, vemos que há a criação de novos conteúdos, cunhados a partir de fragmento de informações encontradas na internet.

**Excerto 37: Contexto dos Jovens**

Pesq:  **você tem um blog de que?**

Vicente:  **de camiseta de time**

Pesq:  **e o que você fala no blog?**

Vicente:  **não, eu faço**

Walter:  **az o que?**

Vicente:  **faço camisa**

Amalia:  **ele faz camiseta, ele desenha**

Walter:  **tipo camisa de time. O pessoal fala pra ele, eu pago tanto para você e você desenha**

Pesq:  **ah é? E a onde você pega estes desenhos?**

Vicente:  **eu invento**

Barbara:  **ele pega tipo o símbolo do Palmeiras coloca na camisa e vai desenhando**

(...)

Vicente:  **eu tenho um modelo, ai eu desenho a camisa, tipo designer, sabe?**

Vemos, assim, que o jovem se apropria de algo a que teve acesso pela internet, como um símbolo de time de futebol, e o reutiliza para criar algo novo. Nesse mesmo sentido, podemos ver no excerto abaixo, uma situação em que a

jovem descreve como atualiza o seu *blog* de fã clube do cantor de música sertaneja, Gustavo Lima:

**Excerto 38: Contexto dos Jovens**

Pesq: e você tem o blog que é tipo um fã club?

Nadia: eu posto novidades, posto fotos

Pesq: **e de onde você pega estas novidades?**

Nadia: **do site dele e eu procuro coisas em outro blog**

Pesq: e aí quando você pega estas informações você copia e cola ou você reescreve?

Nadia: **não, eu reescrevo**

Vicente: mentira

Pesq: então você reescreve. **Você pega de vários lugares e monta um texto seu? E a imagem você põe também?**

Nadia: **sim aí eu pego a imagem do site dele**

A jovem mantém um site sobre seu ídolo, com conteúdo original, baseado em informações pesquisadas na internet. Ela reescreve o conteúdo, buscando as informações que melhor representam o interesse de seu grupo de seguidores. É notável o fato de que existem aí questões éticas, relativas a autoria e plágio, que não parecem ser consideradas pelos participantes.

Concluindo, entendemos que poderíamos fazer algumas afirmações relacionadas aos modos como os grupos de participantes utilizam os instrumentos disponíveis nas tecnologias digitais, com base em suas habilidades, a partir dos dados apresentados e da análise ancorada na revisão bibliográfica, buscando responder a pergunta de pesquisa:

- **Como nativos digitais e imigrantes digitais usam os instrumentos disponíveis nas tecnologias de informação e comunicação?**

**Nativos Digitais – características encontradas:**

- consomem conteúdo cultural diverso a partir de ferramentas na internet, que lhes permite compreender outros idiomas, como o google tradutor;
- interpretam e compreendem a fusão entre as múltiplas linguagens considerando a leitura e a escrita em suas diferentes manifestações;
- desenvolvem Letramentos digitais a partir de conceitos espontâneos;
- utilizam ferramentas do próprio computador, com o objetivo de determinar a confiabilidade ou não de uma informação;

- apresentam ressalvas ao se tratar de aprender coisas novas pela internet e ainda não se sentem inteiramente capazes de julgar o conteúdo da internet, buscando assim a segurança do contato presencial;
- compreendem que a internet possui informações diversas, mas ainda há dúvidas sobre o conteúdo encontrado, além de ser utilizado, pelo grupo de participantes, de forma a encontrar o caminho mais fácil e não um caminho para adquirir novos conhecimentos;
- criam novos conteúdos, cunhados a partir de fragmento de informações encontradas na internet.

#### **Imigrantes Digitais – características encontradas:**

- possuem ressalvas no que trata de relacionamentos em ambientes digitais;
- apresentam a barreira do idioma como impeditiva;
- resistem à interação com indivíduos através de redes sociais e se sentem desconfortáveis com a possibilidade de se relacionar com outrem pelo meio virtual, não fisicamente presente;
- utilizam sua experiências com mídias secundárias, como jornais e revistas;
- preocupam-se com a questão de autoria para atestar ou não a confiabilidade a respeito de uma informação;
- não mostram indícios de produção de conteúdo, mas sim de consumo de informações disponíveis na internet.

### **6.3 Questões sobre Ensinar e Aprender na Atualidade**

Na seção teórica sobre multiletramento e letramento para mídias digitais, abordamos a questão dos papéis de professor e de aluno. Destacamos o quanto as tecnologias digitais oferecem de possibilidades de ensino, permitindo que sejam amplas as formas de abordar e entender um conteúdo, uma vez que o letramento na escola não deve se limitar ao texto escrito de um livro, mas deve permitir ao aluno que explore um conteúdo híbrido nos diferentes suportes e textos (RIBEIRO, 2007, p.136). Também apontamos a importância de se mudar a dinâmica da sala de aula, a partir de mudanças nos papéis de professor e de aluno, como afirma Tavares

(2000), quando diz que a redefinição de papéis envolve questões de estilos de ensino, necessidade de controle por parte do professor, concepções de aprendizagem e percepção da sala de aula.

Entretanto, ao analisamos os excertos seguintes, percebemos que essas possibilidades e inovações parecem não terem, ainda, alcançado a sala de aula. As tecnologias digitais são, muitas vezes, utilizadas para realizar tarefas já conhecidas na escola, até mesmo como uma distração. O excerto seguinte destaca essa questão.

**Excerto 39: Contexto dos Jovens**

Pesq: E vocês usam algum tipo de tecnologia aqui na escola?

Vicente: sim

Pesq: o que?

Todos: o celular

Pesq: e aqui na escola, por exemplo, eles passam filme,

Todos: **algumas vezes, as vezes**

Pesq: aula com Power point

Alguns: **é bem difícil. É raro.**

Joice: **sexta feira a gente viu um filme**

Vicente: **é também veio 3 pessoas na escola**

Pesq: **3 pessoas? Por que será?**

Barbara: porque tinha manifestação

Como foi possível perceber, o filme foi utilizado como forma de distração, já que grande parte dos alunos estava ausente. No excerto seguinte, veremos que os jovens têm interesse em aulas mais interativas:

**Excerto 40: Contexto dos Jovens**

Pesq: e me diz uma coisa, se vocês fossem apresentar uma aula o que vocês usariam para apresentar?

Walter: filme

Meninas: data show

Pesq: apresentação de Power point?

Alguns: é

Walter: **ou uns programas mais atuais,**

Pesq: tipo o que?

Walter: ah, se você fosse falar de geografia, podia primeiro falar de coisas atuais para **chamar a atenção**

Joice: **para fazer a gente interagir na aula não só ficar sentado...eu acho muito entediante,** agora se você interage com a matéria é mais legal

Walter: é, **o professor começa a passar, mas com todo mundo conversando não adianta nada**

Joice: É tem que fazer os alunos entrarem na matéria

A interatividade que buscam os jovens poderia ser alcançada com o uso da tecnologia, já que, como vimos na seção teórica. Moran (1995) discute o potencial do

vídeo para a expansão da capacidade cognitiva através da simulação, quando diz que o vídeo pode simular experiências de química que seriam perigosas em laboratório ou que exigiriam muito tempo e recursos.

A habilidade citada por Jenkins (2007), *Simulação*, que corresponde à capacidade de interpretar e construir modelos dinâmicos de processos do mundo real vai ao encontro do apresentado por Moran (1995), que diz que um vídeo pode mostrar o crescimento acelerado de uma planta, de uma árvore – da semente até a maturidade – em poucos segundos. A partir dos dados analisados, pudemos notar que tanto adultos quanto jovens percebem a potencialidade das tecnologias digitais quando se referem à construção e à ilustração de conceitos abstratos, como podemos observar no excerto abaixo:

**Excerto 41: Contexto dos Adultos**

Pesq: e o que vocês usariam em sala de aula? O que você acha que as pessoas deveriam ter em sala de aula?

Ricardo: minha mulher é professora e ela tem um programa, como você, uma tem o livro (**apontando para o computador**) e os alunos tem o livro físico, e ela tem laptop, um tablet e as vezes quando ela está na aula, **ela pode por em sites, sobre uma pergunta.**

Pesq: então ela pode pesquisar na internet

Ricardo: não, não procurar na web. **Está no livro dela.** Por exemplo a água...

Pesq: **tem um link?**

Ricardo: **isso! Tem um link. E os alunos conseguem ver na tela**

Pesq: **e por que isso é bom?**

Ricardo: **por que é mais rápido do que no passado e é melhor para eles entenderem**

Pesq: por que? Por que as informações estão na tela e não no livro?

Ricardo: **eu acho que é...a coisa viva..**

Pesq: **ah, é por que você consegue ver a imagem, ou um vídeo?**

Ricardo: é, isso. Você tá falando de agua

Pesq: **ai você mostra uma foto?**

Ricardo: **você entra na...na matéria tem vários links...ai pintou alguma dúvida já tá um link selecionado e você vai lá e clica. Ai ela consegue elucidar aquilo que ela tá falando.**

O participante descreve a funcionalidade de um material didático utilizado por sua esposa em sala de aula, por acreditar que essa funcionalidade, a de oferecer uma simulação de um conceito abstrato, seja o grande avanço que a escola deveria ter com a introdução das tecnologias digitais em sala de aula. Ao serem questionados sobre o uso de tecnologia em sala de aula, os jovens apresentaram respostas parecidas com as dos adultos, acreditando que a simulação seria uma possibilidade para tornar as aulas mais atrativas, como podemos ver, a seguir:

**Excerto 42: Contexto dos Jovens**

Pesq: e me diz uma coisa, **se vocês fossem apresentar uma aula o que vocês usariam para apresentar?**

Walter: **filme**

Meninas: data show

Pesq: **apresentação de Power Point?**

Alguns: **é**

Walter: **ou uns programas mais atuais,**

Pesq: tipo o que?

Walter: **ah, se você fosse falar de geografia, podia primeiro falar de coisas atuais para chamar a atenção**

Joice: **para fazer a gente interagir na aula não só ficar sentado...eu acho muito entediante, agora se você interage com a matéria é mais legal**

Walter: é, o professor começa a passar, mas com todo mundo conversando não adianta nada

Joice: **É, tem que fazer os alunos entrarem na matéria**

Assim, quando os jovens citam o filme e o *Power Point*, ambas tecnologias que permitem o uso da imagem, entendemos que os jovens estão buscando algo que se alie à fala do professor, como imagens que fariam com que pudessem ver uma simulação do conteúdo sendo abordado pelo professor, em sala de aula.

Contudo, apesar de sentirem a necessidade de aulas mais interativas, vemos que os alunos ainda esperam que o professor seja a principal fonte de novos conhecimentos. Esses jovens não utilizam as possibilidades disponíveis na internet para buscar conteúdo, a não ser que seja solicitado pelo professor, por meio de trabalhos ou atividades avaliativas.

**Excerto 43 – Contexto: Jovens**

Pesq: **E me diz uma coisa e se na aula o professor passa um negócio e você não entendeu direito depois você chega em casa e olha no computador?**

Todos: **não**

Walter: **Depende, se ele passou lição**

Vários jovens: é, se ele passou lição a gente tem que procurar

Yolanda: **eu espero o dia seguinte para pegar da Isabela**

Joice: ou da Gabriela

Pesq: **Mas não é mais fácil vocês procurarem na internet a resposta?**

Catia: **não, eles não explicam direito**

É possível que, para que o jovem consiga utilizar o instrumento internet de forma mais complexa, seja necessário o desenvolvimento de habilidades por meio de um par mais experiente, levando o jovem a alcançar o conhecimento potencial, o que ainda não é dominado pelo aprendiz, seu objetivo de aprendizado, que poderá

ser alcançado, com base no conceito de ZPD, discutido na seção teórica (VYGOTSKY, 1930/1998, p.117).

Essa mesma resistência ou dependência do professor também é encontrada no contexto dos adultos, quando abordados sobre as novas possibilidades de estudar inglês, como veremos nos excertos seguintes. Vemos, ainda, que há uma resistência por parte dos adultos em estudar pela internet, uma vez que eles acreditam ser mais trabalhoso e exigir mais tempo e dedicação.

**Excerto 44: Contexto dos Adultos**

Pesq: e para estudar inglês? Você faria aulas online? Nestes cursos?

Eduardo: não. Eu prefiro assim, particular. Estes cursos a gente tem que entrar na internet, **dá trabalho, não tenho tempo**, prefiro ver o professor.

Pesq: cara a cara?

Eduardo: é

O mesmo ocorre com outro participante, que acredita que aulas particulares oferecem conteúdo mais personalizado e que aulas na internet exigem maior dedicação.

**Excerto 45: Contexto dos Adultos**

Pesq: ok. E em inglês, você tem algum aplicativo para aprender inglês?

Juliano e Aline: não

Pesq: você acha que aprende inglês com o computador?

Juliano? Acho. As vezes

Aline: Eu acho que eu aprendo com música e muitas vezes eu tento entender o que...

Pesq: **você faria um curso online? De inglês? Por Skype ou**

Ambos fazem que **não** com a cabeça

Pesq: não? Por que não?

Juliano: ahhhh....**tem muitos problemas**, na minha opinião

Pesq: que são?

Juliano: em primeiro lugar, eu acho que **eu não tenho disciplina** suficiente para começar no horário certo, na frente de uma máquina. E o segundo problema é que eu acho que com uma **professora particular é mais pessoal**

Adultos parecem não ter interesse em utilizar cursos *online* ou por *Skype*, uma vez que acreditam tomar mais tempo e não provocar interação pessoal, como vemos no excerto, a seguir:

**Excerto 46: Contexto dos Adultos**

Rodrigo: a empresa deu para a gente um curso de inglês online.

Pesq: ah é?

- Ana: eu pensei em fazer, em me inscrever, mas eu fiquei preocupada com o tempo.
- Pesq: por que você acha que toma mais tempo?
- Ana: mais tempo
- Pesq: você acha que eu curso online toma mais tempo que...
- Ana: ah, eu preciso de pelo menos uma hora por dia, e nós já temos esta aula, então
- Rodrigo: **para mim este jeito não funciona**
- Pesq: por que?
- Rodrigo: por que eu preciso de um professor, de interação
- Pesq: mas e no Skype? Com professor no Skype?
- Thalita: o tempo não é o problema, **mas as pessoas precisam ser disciplinadas**
- Pesq: as pessoas tem que ser disciplina? Ter o tempo para fazer
- Thalita: é, parar o que você está fazendo e fazer a aula
- Rodrigo: **eu prefiro uma aula normal.**
- Pesq: por que?
- Rodrigo: **por causa do formato.**
- Pesq: **você nunca fez uma aula online?**
- Todos dizem que **não**
- Pesq: **e vocês não pretendem?**
- Todos dizem que **não**

Percebemos que há uma resistência, por acreditarem que em uma aula *online* o aluno teria que ser mais ativo e participativo, diferentemente de uma aula particular, onde o professor desenvolve a aula especificamente para as necessidades daquele aluno. Além disso, há uma preocupação com problemas técnicos, que podem vir a interromper ou prejudicar a aula, como vemos abaixo:

#### **Excerto 47: Contexto dos Adultos**

- Pesq: **e você acha, por exemplo, no inglês, você faria um curso online, tipo aqueles English town...você faria?**
- Ricardo: **não**
- Pesq: **por que não?**
- Rogério: **não me sinto confortável**
- Pesq: por que não?
- Rogério: **por que eu preciso ver, para entender o professor, presencial**
- Pesq: **mas se você ver o professor na tela, como com o Skype?**
- Rogério: ah, ok
- Ricardo: talvez
- Rogério: eu precisava testar
- Pesq: mais o que vocês acham que é diferente? É diferente?
- Ricardo: **primeiro, aqui, quando estamos juntos, nunca temos problema com a internet**
- Pesq: **então não temos problemas técnicos?**
- Ricardo: é. E quando estamos perto eu acho que é mais pessoal, e quando você me vê, de perto, você me entende melhor, minhas dúvidas, eu acho que eu não falo só pela boca, eu falo com o corpo.
- Rogério: o corpo fala.
- Pesq: o corpo fala, mas no Skype você consegue ver.

Rogério: não! Você só vê a cara. Não vê o comportamento.

Ricardo: eu acho que a maneira antiga. Eu agora internet é ótimo, mas acho que as pessoas estão perdendo uma coisa importante. **De ficar com as outras pessoas.** Hoje as pessoas ligam no celular, manda mensagem, mas as vezes as pessoas não sabem como conversar com as pessoas. As vezes as pessoas ficam de frente a outra mas ficam quietas, por que não sabem conversar. Nós não aprendemos a conversar.

Rogério: os números estão crescendo, para cursos online

Pesq: a distância?

Rogério: é natural

Vemos, então, que há uma falta de confiança na tecnologia, que pode trazer interferências às aulas, por parte dos imigrantes digitais. Além disso, os participantes acreditam que as aulas presenciais possibilitam interações face a face, considerando-as mais significativas do que a relação por meio de mídias eletrônicas.

No grupo dos jovens, percebemos que há maior utilização de instrumentos da internet voltada para o aprendizado, entretanto, ainda há uma dependência do presencial, face a face, do professor, como vemos no que segue:

#### **Excerto 48: Contexto dos Jovens**

Pesq: então tá, e me diz uma coisa se você baixa um vídeo, ou um filme que esta em **inglês**, você assiste em inglês mesmo?

A maioria responde: Eu assisto.

Catia: eu prefiro assistir legendado, com áudio original

Pesq: é?

Joice: mas assistir em inglês assim a gente se arranja lá, vai traduzindo na mente o que a gente sabe, o que a gente não sabe depois a gente aprende

Pesq: mas aprende como? O que você não sabe o que você faz?

Joice: a gente pergunta

Todos: **Google tradutor**

Joice: **mas eu tenho um dicionário de inglês**

Pesq: mas se você não entender o que o cara falar você pergunta **para seus amigos?**

Joice: não, **eu olho no dicionário**

Walter: **eu pergunto para meu professor da Wizard.**

Vemos que Walter, ao ter uma dúvida relacionada ao idioma, dá preferência a sanar seu questionamento com um professor, indicando não utilizar instrumentos da internet. Além disso, vemos que jovens buscam ajuda do dicionário e não em um conhecimento compartilhado, como descreve Jenkins (2007).

Finalmente, podemos fazer algumas afirmações relacionadas ao modo como os grupos de participantes utilizam os instrumentos disponíveis nas tecnologias

digitais, com base em suas habilidades, a partir dos dados apresentados e da análise ancorada na revisão bibliográfica, buscando responder a pergunta de pesquisa:

➤ **Quais questões de ensino que podem ser considerados frente aos comentários dos participantes?**

- Tanto nativos quanto imigrantes digitais entendem a necessidade de aulas mais atrativas, utilizando tecnologias digitais para a simulação;
- tanto nativos quanto imigrantes digitais ainda são passivos, como alunos;
- tanto nativos quanto imigrantes digitais sentem a necessidade do par mais experiente, para auxiliá-los na utilização de tecnologias;
- há uma resistência por parte dos adultos quanto a estudar pela internet, por exigir mais dedicação, tempo e por não ser possível a interação pessoal;
- adultos demonstram uma falta de confiança na tecnologia;
- adultos acreditam que interações presenciais são mais significativas do que a relação por meio de mídias digitais;
- jovens utilizam mais adequadamente instrumentos da internet voltados para o aprendizado, entretanto, ainda há uma dependência do presencial, das interações face a face e do professor.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o término do Mestrado, passado o período que juramos nunca mais estudar, preenchendo o tempo livre com atividades não distantes do ócio, comecei a sentir novamente a coceirinha da pesquisa me convidando para mais uma jornada. O LAEL foi escolhido como companheiro nesta longa, mas maravilhosa viagem até aqui, não apenas por sua reputação de excelência, mas também devido a um carinho especial pela Universidade, que já havia sido minha companheira na graduação em Comunicação em Mídias.

Decidi, finalmente, me aventurar pelo campo da Linguística e estudar aquilo que há tempo dava-me sustento como professora de inglês. Minha falta de experiência no mundo acadêmico da Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem causou-me percalços, dentre eles a demora e a dificuldade para escolher um tema para minha tese. Eram tantos assuntos novos e desafiadores, com possibilidades infinitas. Minha falta de preparo no quesito metodológico também foi parcialmente culpada pela lentidão deste processo, que passou por temas como: desafios no ensino de línguas, inclusão escolar no ensino de línguas e, por fim, ensino com tecnologia em diferentes contextos.

Dentre as diversas possibilidades exploradas como tema, apenas uma permaneceu constante, a Teoria Sócio-Histórico-Cultural, encontrada, nesta tese, na seção teórica, uma vez que acredito ser a partir da visão do ser humano como indivíduo social, cultural e historicamente constituído, que somos capazes de compreender a ampla influência do contexto em que vivemos em nosso desenvolvimento. Sob esse prisma, conseguimos entender o quanto os instrumentos e signos que medeiam nossa interação com o mundo, interior e exterior, são capazes de desenvolver funções psicológicas superiores. Ademais, é por meio da teoria de Vygotsky que percebemos a importância do par mais experiente no processo de ensino e aprendizagem e a necessidade de entender como as mudanças advindas da tecnologia afetam a dinâmica de sala de aula.

Uma das seções desta tese explorou os desdobramentos do letramento, conceito que caminha lado a lado com as mudanças em nossa sociedade, em especial, com a chegada de tecnologias digitais, que não só mudam a maneira como

escrevemos e lemos, mas também *o que* lemos. Em um mundo cada vez mais globalizado, com distâncias cada vez menores e meios de comunicação cada vez mais presentes, em nada me espanta a necessidade de expandir, também, o que entendemos por ler e escrever.

A grande evolução das mídias, explorada na seção quatro, nos faz refletir sobre como somos influenciados por instrumentos tecnológicos disponíveis em nosso contexto social, como a sociedade se transforma como um todo e, também, sobre a maneira como diferentes grupos de pessoas lidam com as mudanças advindas da sociedade da informação.

A metodologia interpretativista, segundo Moita Lopes (1994), foi escolhida por possibilitar a interpretação de diferentes significados encontrados nos dados coletados e, também, por ser um método que focaliza o contexto estudado em determinado tempo e espaço. Já os participantes da pesquisa foram escolhidos ao longo da evolução do projeto, para, assim, focalizarmos aqueles que, acreditávamos, trouxessem riqueza aos dados coletados. A escolha por fazer uma pesquisa que abordasse as diferenças entre grupos de participantes já havia sido considerada no Mestrado, mas, naquele momento, acabei por focalizar apenas o público adolescente.

É notável, àqueles que examinem as perguntas do questionário e das entrevistas, que estas poderiam ter abordado o tema de maneira mais específica, para aprofundamento dos questionamentos interpretados nesta pesquisa. Sendo esta minha primeira pesquisa envolvendo sujeitos, confesso não estar totalmente preparada para encarar uma discussão em grupo e muitas vezes deixei de questionar buscando evitar tumultos, embora eu compreenda que na cultura participativa os indivíduos são entendidos como produtores de conteúdo e têm a possibilidade de interagir com outros indivíduos sem barreiras, para dividir sua opinião (JENKINS, 2007).

Para tratamento dos dados, foi escolhida a análise de conteúdo de Bardin (1977), por acreditarmos que esta seria capaz de expor as mensagens explícitas e implícitas presentes nos dados coletados. A análise trouxe à tona alguns aspectos que foram, para mim, surpreendentes. Por um lado a necessidade de nativos digitais utilizarem os computadores para atividades vistas como trabalho e não lazer, ou a capacidade de produzirem novos conteúdos com base em informações encontradas

em diferentes fontes. E mais: a dificuldade dos imigrantes digitais para darem valor a informações apresentadas por meio de imagens, ou mesmo sua resistência à comunicação virtual. Por outro lado, outros dados foram ao encontro do esperado, como por exemplo a necessidade que sentem os nativos digitais de utilizarem imagens, vídeos e *emoticons* em sua comunicação, além buscarem a internet, na maioria das vezes, para diversão e lazer.

A meu ver, os resultados desta pesquisa podem auxiliar na elaboração de materiais didáticos, em cursos de formação para professores e, até mesmo, outros pesquisadores que tenham interesse em aprofundar seus conhecimentos a respeito das mudanças necessárias à educação no mundo atual e das interlocuções entre tecnologia e educação.

Por fim, esta pesquisa, como muitas outras anteriores, investigou um recorte a respeito de importantes questões ligadas ao uso de tecnologia em sala de aula, deixando pistas e questionamentos para futuras pesquisas, uma vez que muitos aspectos não puderam ser aprofundados aqui. Dentre eles, podemos citar:

- Aplicação da tecnologia móvel à educação e como ela poderia ser utilizada em sala de aula;
- Mudanças significativas na linguagem escrita e falada de jovens usuários de tecnologia, bem como na leitura de textos e imagens;
- Ensino *online* e suas possibilidades como ferramenta para ensinar línguas;
- Caminhos possíveis para o desenvolvimento de material didático que esteja de acordo com o que se espera da educação na sociedade atual.

## REFERÊNCIAS

- AJAAFREH, A. and LANTOLF, J.P. Negative feedback as regulation and second language learning in the zone of proximal development. **Modern Language Journal**, 78, 1994, 465–83.
- ALMEIDA, M.E.B. de. **Informática e Formação de professores**. Brasília: Ministério da Educação, 2000.
- \_\_\_\_\_; VALENTE, J.A. **Tecnologias e Currículo: trajetórias convergentes ou divergentes?** São Paulo: Paulus, 2011.
- AMOS, S.R. **Tecnologias da Informação e Comunicação: conceitos básicos**. 2008. Disponível em: <<http://esms.edu.pt/>>. Acesso em: 15 maio 2014.
- ARENDT, H. A Crise na Educação. *In: Entre o Passado e o Futuro*. Trad. Mauro W. Barbosa. São Paulo: Perspectiva, 2000. p.221-47.
- BAITELLO Jr., N. A Mídia antes da Máquina. JB Online, **Caderno Ideias**. Sábado, 16 de outubro de 1999. CISC. Disponível em: <<http://www.cisc.org.br/portal/biblioteca/maquina.pdf>>. Acesso em: 12 dez. 2014.
- BAITELLO Jr., N. (1997). **O animal que parou os relógios**. São Paulo: Annablume, 2005.
- BAQUERO, R. **Vygotsky e a aprendizagem escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
- BARRETO, R.G. **Formação de professores, tecnologias e linguagens: mapeando novos e velhos (des)encontros**. São Paulo: Loyola, 2002.
- BARTON, D.; HAMILTON, M. Literacy practices. *In: BARTON, D.; HAMILTON, M.; IVANIC, R. (eds.). Situated Literacies: Reading and writing in context*. London: Routledge, 2000. p.7-15.
- BELLONI, M.L. **Educação a Distância**. Campinas, SP: Autores Associados, 1999.
- BEZEMER, J.; JEWITT, C.; DIAMANTOPOULOU, S.; KRESS, G.; MAVERS, D, **Using a social semiotic approach to multimodality: researching learning in schools, museums and hospitals**. NCRM, 2012. (NCRM Working Paper Series).
- BOLTER, J.D.; GRUSIN, R. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 2000.
- BRAGA, D.B. A natureza do hipertexto e suas implicações para a liberdade do leitor e o controle do autor nas interações em ambiente hipermídia. São Paulo, FFLCH/USP. **Revista ANPOLL**, n.15, 2003.
- BRASIL. **Planejando a Próxima Década**. Conhecendo as 20 Metas do Plano Nacional de Educação. Ministério da Educação / Secretaria de Articulação com os Sistemas de Ensino (MEC/SASE), 2014.
- \_\_\_\_\_. Universidade Federal de Minas Gerais. **Pró-letramento: alfabetização e linguagem**. Brasília, 2007.

\_\_\_\_\_. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: Ministério da Educação / Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 1998.

BREDO, E.; FEINBERG, W. **Knowledge and Values in Social and Educational Research**. Philadelphia: Temple University Press, 1982.

BROWN, D. **Teaching by Principles**. New York: Pearson Education, 2001.

BUCKINGHAM, D. **The Media Literacy of Children and Young People**. 2005. Disponível em: <[http://stakeholders.ofcom.org.uk/binaries/research/mediaracy/ml\\_children.pdf](http://stakeholders.ofcom.org.uk/binaries/research/mediaracy/ml_children.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2015.

BURGESS, J.; GREEN, J. **YouTube e a revolução digital**. Como o maior fenômeno da cultura transformou a mídia e a sociedade. Trad. Ricardo Giasseti. São Paulo: Aleph, 2009.

CALVINO, I. A combinatória e o mito na arte da narrativa. *In*: LUCCIONI, G. *et al.* **Atualidade do mito**. São Paulo: Duas Cidades, 1977. p.75-80.

CASTELLS, M. A era da informação: economia, sociedade e cultura. *In*: CASTELLS, M. **A Sociedade em rede**. São Paulo : Paz e Terra, 2000. v.1.

CAVALCANTI, M. Applied Linguistics - Brazilian perspectives. GASS, S.M.; MAKONI, S. (orgs.). **AILA REVIEW**,17, 2004, 23-30.

CELANI, M.A.A. Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil. *In*: SIGNORINI, I.; CAVALCANTI, M.C. (orgs.). **Linguística Aplicada e Transdisciplinaridade**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998. p.129-42.

CHARTIER, R. Os desafios da escrita. Trad. Fúlvia M.L. Moretto. São Paulo: Ed.UNESP, 2002.

\_\_\_\_\_. (1997) **A aventura do livro: Do leitor ao navegador**. São Paulo: EDUNESP, 1998.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

CITELLI, A. **Comunicação e Educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 1999.

COLE, M. **Cultural psychology**. A once and future discipline. Cambridge: The Belknap Press of Harvard University Press, 1996.

COPE, B.; KALANTZIS, M. Multiliteracies: Literacy Learning and the Design of Social Futures. **New London Meeting** in September 1994. London: Routledge, 2000.

CORDER, S.P. **Introducing applied linguistics**. Harmondsworth: Penguin Education, 1973.

CRESWELL, J.W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DANIELS, H. **Vygotsky e a pedagogia**. São Paulo: Loyola, 2003.

DE CERTEAU, M. **A Invenção do Cotidiano**. V.1: Artes de Fazer. 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. A disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. *In*: DENZIN, N.K.; LINCOLN, Y. (orgs.). **Planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2ª ed. Porto Alegre: ARTMED, 2006.

DIAS, R. WebQuests: Tecnologias, multiletramentos e a formação do professor de inglês para a era do ciberespaço. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, 2012.

DEMO, P. **Educação hoje: “novas” tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

DIONISIO, A.P. Gêneros multimodais e multiletramento. *In*: KARWOSKI, A.M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K.S. (orgs.). **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Palmas e União da Vitória-PR: Kaygangue, 2005. p.159-77.

ENGESTRÖM, Y. **Learning by expanding: An activity-theoretical approach to developmental research**. Helsinki: Orienta-Konsultit, 1987.

FERRAZ, D.M. **Educação de língua inglesa e novos letramentos: espaços de mudanças por meio dos ensinamentos técnicos e tecnológicos**. Tese (Doutorado em Letras Modernas) 2012, 209f. São Paulo: USP, 2012.

FÊRRES, J. **Vídeo e Educação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

FREITAS, M.T. de A. A pesquisa na perspectiva sócio-histórica: um diálogo entre paradigmas. Texto da Sessão especial, **26ª ANPED**, 2003.

GEE, J. **Situated language and learning. A critique of traditional schooling**. Nova York: Routledge, 2004.

\_\_\_\_\_. Quality, science, and the lifeworld: The alignment of business and education. **Focus: Occasional Papers in Adult Basic Education**, n.4. Leichhardt, Australia: Adult Literacy and Basic Skills Action Coalition, 1994.

GERVAI, S.M.S. **A mediação pedagógica em contextos de aprendizagem online**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). 2007. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

GOMES, H.S. Brasil possui a 4ª maior população de ‘nativos digitais’ do mundo, diz ONU. **G1 Tecnologia e Games**. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2013/10/brasil-possui-4-maior-populacao-de-nativos-digitais-do-mundo-diz-onu.html>>. Acesso em: 12 maio 2015.

GUAZINA, L. O conceito de mídia na comunicação e na ciência política: desafios interdisciplinares. **Debates**, Porto Alegre, v.1, n.1, p.49-64, jul.-dez. 2007.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. London: Edward Arnold, 1985.

\_\_\_\_\_. **Language as social semiotic**. London: Edward Arnold, 1978.

HAMILTON, M. Sustainable Literacies and the ecology of lifelong learning. *In*: HARRISON, R.R.F.; HANSON, A.; CLARKE, J. (eds.). **Supporting lifelong learning**. v.1: Perspectives on Learning. London: Routledge; Open University Press, 2002. p.176-87.

**International Telecommunication Union (ITU)**. Measuring the Information Society (MIS). 2013. Disponível em: <[http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2013/MIS2013\\_without\\_Annex\\_4.pdf](http://www.itu.int/en/ITU-D/Statistics/Documents/publications/mis2013/MIS2013_without_Annex_4.pdf)>. Acesso em: 10 jun. 2014.

JENKINS, H. **Cultura de convergência**. Trad. Suzana Alexandria. São Paulo: Aleph, 2008.

\_\_\_\_\_. **Cultura Convergente**. Milano: Apogeo, 2007.

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual Meaning: a Social Semiotic Approach. *In*: Van LEEUWEN, T.; JEWITT, C. (eds.). **Handbook of Visual Analysis**. London: Sage. 2001. p.134-56.

KALANTZIS, M.; COPE, B. Histories of pedagogy, cultures of schooling. *In*: COPE, B.; KALANTZIS, M. (eds.). **The powers of literacy**. London: Falmer Press, 1993a. p.38-62.

KLEIMAN, A.B. Trajetórias de acesso ao mundo da escrita: relevância das práticas não escolares de letramento para o letramento escolar. Florianópolis: **Perspectiva**, v.28, n.2, p.375-400, 2010.

\_\_\_\_\_. Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola. *In*: KLEIMAN, A.B. (org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008. p.15-61.

KNOBEL, M.; LANKSHEAR, C. (eds.). **DIY Media: Creating, Sharing and Learning with New Technologies**. Peter Lang Publishing, 2010.

KRESS, G. **Linguistic process and sociocultural change**. Oxford, Eng.: Oxford University Press, 1990.

\_\_\_\_\_.; Van LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. 2<sup>nd</sup> ed. London: Routledge, 2006.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Multimodal Discourse: the modes and media of Contemporary Communication**. London: Arnold, 2001.

\_\_\_\_\_.; \_\_\_\_\_. **Reading Images: the Grammar of Visual Design**. London; New York: Routledge, 1996.

LEFFA, V.J. Aprendizagem mediada por computador à luz da Teoria da Atividade. **Calidoscópio**, São Leopoldo, v.3, n.1, p.21-30, 2005.

LEMKE, J.L. Investigar para el futuro de la educación científica: nuevas formas de aprender, nuevas formas de vivir. **Enseñanza de las Ciencias**, 2006, 24(1), p.5-12.

LEONTIEV, A.N. (1977) **Activity, consciousness and personality**. Marxists Internet Archive, 2009. Disponível em: <<http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1978/index.htm>>. Acesso em: 24 abr. 2015.

LEEUWEN, T. Van. **Introducing Social Semiotics**. London: Routledge, 2005.

LÉVY, P. **A inteligência coletiva: por uma antropologia do ciberespaço**. 4<sup>a</sup> ed. São Paulo: Loyola, 2003.

\_\_\_\_\_. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Rio de Janeiro: 34, 1995.

LOPES, H.B. **A gestão da formação do professor para o trabalho com as tecnologias digitais móveis.** Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) 2014, 147f. São Paulo: Puc-SP, 2014.

LUCCI, A.M. A proposta de vygotsky: a psicologia sócio-histórica. **Profesorado.** Revista de currículum y formación del profesorado, 10, 2 (2006). Disponível em: <<http://www.ugr.es/local/recfpro/Rev102COL2port.pdf>>. Acesso em: 15 jul. 2014.

MACKEY, A.; GASS, S.M. **Second language research: methodology and design.** Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2005.

MAGALHÃES, M.C.C. Contribuições da Pesquisa Sócio-Histórica para a Compreensão dos Contextos Interacionais da Sala de Aula de Línguas: foco na formação de professores. **The Specialist.** V.17, n.1, p.01-18. São Paulo, 1996.

MAIA, J.O. **Apropriação dos letramentos digitais para participação social mais ampla:** um estudo de caso. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada). 2013, 100f. Campinas, SP: Instituto de Estudos da Linguagem, UNICAMP, 2013.

MARCUSCHI, L.A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. O hipertexto como novo espaço de escrita em sala de aula. **Linguagem e Ensino**, vol. 4, n.1, 2001, p.79-111.

\_\_\_\_\_. **Análise da conversação.** São Paulo: Ática, 1986. (Princípios).

MARTÍN-BARBERO, J. Pistas para entre-ver meios e mediações. Prefácio. 2ª ed. \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações:** Comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 2003.

MARTINS, J.C. Vygotsky e o papel das interações sociais na sala de aula: reconhecer e desvendar o mundo. **Idéias**, n. 28. São Paulo: FDE, 1997. p.111-22. Disponível em: <[http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias\\_28\\_Andréia11-122\\_c.pdf](http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_28_Andréia11-122_c.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2015.

MATTAR, J. **Games em educação:** como os nativos digitais aprendem. São Paulo: Pearson, 2010.

MATTAR, N.F. **Pesquisa de marketing.** 2ª ed. São Paulo: Atlas, 1995. v.2.

McLUHAN, M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1988.

MEYROWITZ, J. **No Sense of Place:** The Impact of Electronic Media on Social Behavior. New York: Oxford University Press, 1986.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento:** pesquisa qualitativa em saúde. 5ª ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MOITA-LOPES, L.P. Os novos letramentos digitais como lugares de construção de ativismo político sobre sexualidade e gênero. **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, SP, v.49, n.2, p.393-417, Jul./Dez. 2010.

\_\_\_\_\_. (org.) **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006.

\_\_\_\_\_. Pesquisa interpretativa em linguística aplicada: a linguagem como condição e solução. **D.E.L.T.A.**, 10/2, 329-38, 1994.

MORAN, J.M. Integrar as tecnologias de forma inovadora. *In: Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica*. 21ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2013. p.36-46.

\_\_\_\_\_. O Vídeo na Sala de Aula. **Comunicação & Educação**. São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: p.27-35, jan./abr. 1995.

MORTATTI, M.R.L. **Os sentidos da alfabetização** (São Paulo: 1876-1994). São Paulo: Ed. UNESP; CONPED, 2000.

NEW LONDON GROUP, The. A pedagogy of multiliteracies: Designing social futures. *In: COPE, B.; KALANTZIS, M. (eds.). Multiliteracies: Literacy learning and the design of social futures*. London: Routledge, 2000. p.9-38.

NORMAN, D. Things that make us smart. Cambridge, MA: Perseus Books, 1993.

NUCCI, E.P. Alfabetizar letrando... Um desafio para o professor. *In: Alfabetização e letramento*. Campinas, SP: Komedi, 2001. p.47-74.

OLIVEIRA, J.B.A. Construtivismo e alfabetização: um casamento que não deu certo. **Ensaio**, V.10, N.35, Abril-junho. 2002. p.161-200.

OLIVEIRA, M.K. Vygotsky e o processo de formação de conceitos. *In: LATAILLE, Y. de. Piaget, Vygotsky, Wallon: teorias psicogenéticas em discussão*. São Paulo: Summus, 1992. p.23-34.

PALFREY, J.; GASSER, U. **Nascidos na era digital: entendendo a primeira geração de nativos digitais**. Porto Alegre: Artmed, 2011.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. *In: MOITA LOPES, L.P. (org.). Por uma lingüística aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006. p.67-84.

PHILLIPS, B.D. Role-playing game in the English as a foreign language classroom. *In: Proceedings*. Taipei: Crane Publishing, 1994.

PINTO, A.A. **O professor e suas representações sobre cursos de formação em contexto digital: um estudo de caso em Belém do Pará**. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem). 2013, 245f. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2013.

PRENSKY, M. Digital Natives, Digital Immigrants. **On the Horizon**. MCB University Press, v.9, n.5, October, 2001.

PROSS, H. **Medienforschung**. Darmstadt: Carl Habel, 1971.

RAMOS, S.R. **Tecnologias da Informação e Comunicação: conceitos de comunicação básicos**. 2008. Disponível em: <<http://esms.edu.pt/>>. Acesso em: 23 ago. 2013.

REGO, T.C.R. Educação, Cultura, Desenvolvimento: o que pensam os professores sobre as diferenças individuais. *In: AQUINO, J.G. Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus Editorial, 1998.

\_\_\_\_\_. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis: Vozes, 1995.

REIG, D.; GRADOLÍ, L. A construção humana através da zona de desenvolvimento potencial: L.S. Vygotsky. *In*: MINGUET, P.A. (org.). **A construção do conhecimento na educação**. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p.00-00.

RESENDE, P.S. Oficinas virtuais temáticas: interação e docência em língua inglesa. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem) 2003. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2003.

RIBEIRO, A.E. Ler na tela – letramento e novos suportes de leitura e escrita. *In*: COSCARELLI, C.V.; RIBEIRO, A.E. (orgs.). **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2ª ed. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2007.

ROJO, R. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Letramentos digitais: a leitura como réplica ativa. **Trabalhos em Linguística Aplicada**. [online]. 2007, vol.46, n.1, p.63-78. ISSN 0103-1813.

\_\_\_\_\_.; MOURA, E. (orgs.) **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.

SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

\_\_\_\_\_. **Culturas e Artes do Pós-humano**. Da Cultura das Mídias à Cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTOS, M.P. Espaços lúdicos: brinquedoteca. *In*: SANTOS, S.M.P. (org.). **Brinquedoteca – a criança, o adulto e o lúdico**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.157-67.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 1969.

SILVA, E.T. da. (org.). **A leitura nos oceanos da internet**. São Paulo: Cortez, 2003.

SIMONS, H.D.; MURPHY, S. Estratégias da linguagem falada e aquisição da escrita *In*: COOK-GUMPERZ, J. (org.) **A construção social da alfabetização**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

\_\_\_\_\_. Letramento e alfabetização: as muitas facetas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n.25, abr. 2004. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782004000100002&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 3 maio 2012.

TAKAHASHI, Tadao (Org). **Livro Branco da Ciência, Tecnologia e Inovação**. Brasília, 2002. Disponível em: <[http://www.cgee.org.br/arquivos/livro\\_branco\\_cti.pdf](http://www.cgee.org.br/arquivos/livro_branco_cti.pdf)>. Acesso em: 20 abr. 2014.

TAPSCOTT, D. **A hora da geração digital: como os jovens que cresceram usando a internet estão mudando tudo, das empresas aos governos**. Trad. Marcelo Lino. Rio de Janeiro: Agir Negócios, 2010.

TAVARES, K. A auto-percepção do professor virtual: um estudo-piloto. Trabalho apresentado no **10º InPLA - Intercâmbio de Pesquisas em Linguística Aplicada**, São Paulo, PUCSP, 2000.

TERZIAN, G.M. *Negociação em chats educacionais*. São Paulo: EDUC - PUC, 2004. (Dissertação de Mestrado).

TORI, R. **Educação sem distância**: as tecnologias interativas na redução de distâncias em ensino e aprendizagem. São Paulo: Senac, 2010.

TFOUNI, L.V. **Letramento e Alfabetização**. 9ª ed. São Paulo: Cortez, 2010.

UNESCO. **Alfabetização de jovens e adultos no Brasil**: lições da prática. Brasília: 2008.

VYGOTSKY, L.S. (1934). **A Construção do Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

\_\_\_\_\_. **Psicologia pedagógica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. (1930). **A formação social da mente**. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. (1978). **Mind in society**: The development of higher psychological processes. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1997.

\_\_\_\_\_. Historia del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. **Obras Escogidas III**. Madri: Visor/ Ministerio de Educación y Ciencia, 1995. p.11-340.

\_\_\_\_\_. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

WARSCHAUER, M. Computer-assisted language learning: an introduction. *In*: FOTOS, S. (ed.), **Multimedia language teaching**. Tokyo: Logos, 1996. p.3-20.

\_\_\_\_\_.; HEALEY, D. Computers and language learning: an overview. **Language Teaching**, v. 31, p. 57-71, 1998.

WERTSCH, J.V.; DEL RIO, P.; ALVAREZ, A. Estudos socioculturais da mente. Porto Alegre: Artmed, 1998.

WILLIAMS, M.; BURDEN, R. **Psychology for Language Teachers**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

XAVIER, A.C. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

\_\_\_\_\_. Leitura, texto e hipertexto *In*: MARCUSCHI, L.A.; XAVIER, A.C.(orgs.). **Hipertexto e gêneros digitais**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

**ANEXOS**

## ANEXO A

1. Qual sua idade (anos)?:
2. Identidade de gênero:
  - Masculino
  - Feminino
3. Você se considera uma pessoa que gosta tecnologia?:
  - Sim
  - Não
4. Você se comunica pelas redes sociais?
  - Sim
  - Não
5. Você acha que deixou de se comunicar com outras pessoas por elas não utilizarem as mesmas plataformas que você, por exemplo familiares que não usam a internet? (Facebook, e-mail, etc)?:
  - Sim
  - Não
6. Você tem sites ou blogs?
  - Sim
  - Não
7. Você usa redes sociais? Qual(is)?:
  - Não utilizo
  - Facebook
  - Twitter
  - LinkedIn
  - Ask.fm
  - Tumblr
  - Instagram
  - Snapchat
  - Vine
  - Outra
8. Você usa algum sistema de comunicação instantânea? Qual(is)?:
  - Não utilizo
  - Facebook Chat
  - MSN
  - Google Talk
  - Skype
  - Whatapp
  - Facetime
  - WeChat
  - Outro
9. Você fica algum dia sem se comunicar pela internet ou telefone?:
  - Sim
  - Não
10. Você tem um telefone celular?:
  - Sim
  - Não
11. Seu telefone celular é um smartphone?:
  - Sim
  - Não
12. Qual o tipo do telefone?:
  - Android
  - Iphone
  - Nokia
  - Blackberry
  - Windows Phone
  - Genérico / Outro
  - Não sei
13. Como você fala pelo celular?
  - Ligação
  - Facetime
  - SMS
  - Whatsapp
  - BBM
  - Facebook
  - Skype
  - WeChat
  - Outro
14. Quando você anda com seu celular?:
  - Durante o dia todo, até depois do trabalho e até ir para cama.
  - Só em dias de semana.
  - O dia todo, mas não depois do trabalho.
  - Todo minuto, até de madrugada.
15. Você utiliza o seu celular durante o trabalho? Para que?
  - Não utilizo
  - Para tratar de assuntos de trabalho
  - Para buscar informações na internet
  - Para conversar com meus amigos e familiares
16. Para que utiliza seu celular?
  - Jogos
  - E-mail
  - Redes sociais
  - Ligação
  - Tirar fotos
  - Fazer vídeos
  - Despertador
  - Trabalhar
  - Estudo
  - Leitura de livros e revistas
17. Você usa e-mail?:
  - Sim
  - Não
18. Com que frequência você olha seu e-mail?
  - Todo dia, várias vezes por dia
  - Todo dia, uma vez
  - Duas ou três vezes por semana
  - Uma vez por semana
  - Raramente ou quase nunca
19. Você considera importante ter um e-mail?:
  - Sim
  - Não
20. Você usa seu telefone celular para acessar sua conta de e-mail?:
  - Sim

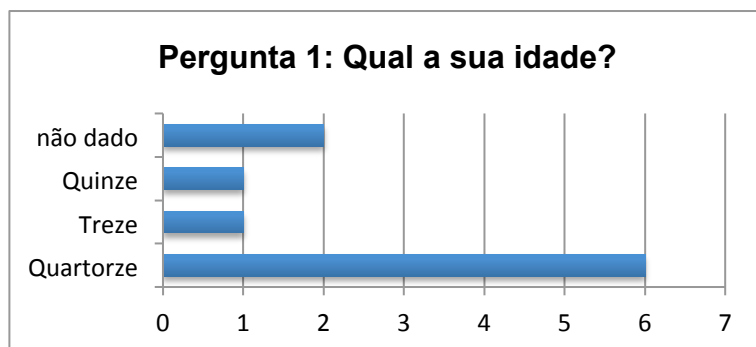
- Não
21. Você possui computador pessoal? De qual(is) tipo(s)?:
- Não tenho
  - Desktop
  - Laptop/Netbook
  - Tablet / e-reader
22. Você usa outros computadores do trabalho ou em Lanhouse?:
- Sim
  - Não
23. Para que você usa seu computador pessoal ou do trabalho?
- Acessar e-mail
  - Jogos
  - Rede social
  - Comunicação via webcam
  - Trabalho
  - Edição de vídeo
  - Tratamento e edição de imagens (fotografias)
  - Baixar música
  - Ler livros
  - Ler revistas
  - Ler notícias
  - Assistir vídeos
  - Assistir filmes
  - Assistir series de Tv
24. Você vê sites, assiste ou joga jogos em inglês?
- Sim
  - Não
25. Você escuta músicas em inglês com seu telefone ou no computador?
- Sim
  - Não
26. Quais desses você usa para trabalho?
- Google
  - Facebook
  - Youtube
  - Televisão
  - Celular
- Computador
  - LinkedIn
27. Você acha que aprende inglês no seu dia a dia? Com o que?
- Videogames
  - Redes sociais
  - Filmes e séries
  - Youtube
  - Música
  - Outro
28. Você faz compras pela internet?
- Sim
  - Não
29. Você acha a internet perigosa?
- Sim
  - Não
30. Você conseguiria trabalhar sem nenhum aparelho eletrônico?
- Sim
  - Não
31. O que te incomoda nos aparelhos eletrônicos?
- Demora para baixar
  - Pouca bateria
  - Preço alto
  - Problemas físicos (como tela quebrada, pane elétrico)
  - Falta de personalização
  - Necessidade de atualização constante
  - Barulho constante (mensagens recebidas, ligações, etc)
  - Dificuldade de fazer o que você quer
32. O que você mais gosta de tecnologia? da internet, televisão, telefone, computador, etc.
- 
- 
- 
-

## ANEXO B

### Questionário: Nativos Digitais

#### Pergunta 1

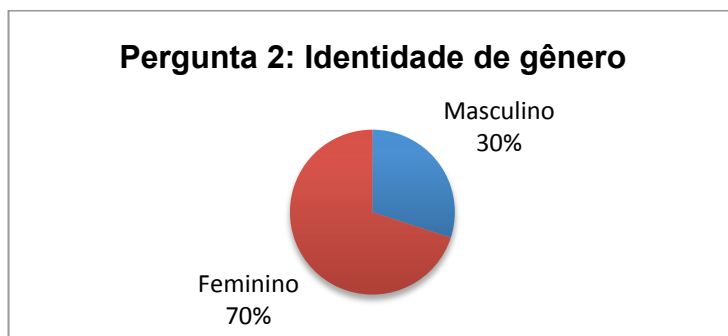
Qual a sua idade?



Pergunta 1 - Contexto: Jovens

#### Pergunta dois

Identidade de gênero:



Pergunta 2 - Contexto: Jovens

#### Pergunta 3

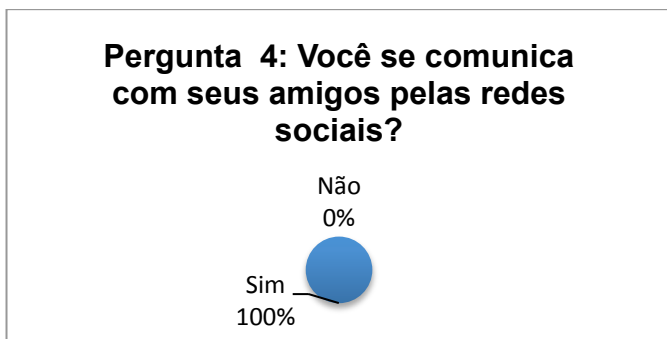
Você se considera uma pessoa que gosta de tecnologia?



Pergunta 3 - Contexto: Jovens

#### Pergunta 4

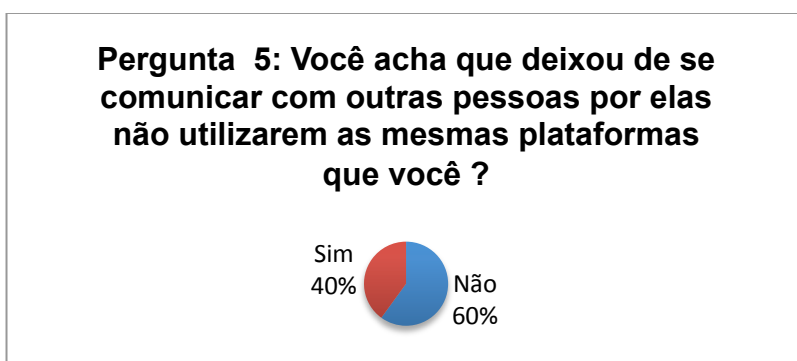
Você se comunica com seus amigos pelas redes sociais?



Pergunta 4 - Contexto: Jovens

#### Pergunta 5

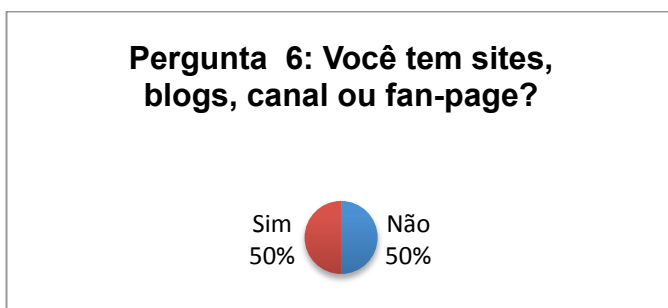
Você acha que deixou de se comunicar com outras pessoas por elas não utilizarem as mesmas plataformas que você, por exemplo familiares que não usam a internet? (Facebook, e-mail, etc)?



Pergunta 5 - Contexto: Jovens

#### Pergunta 6

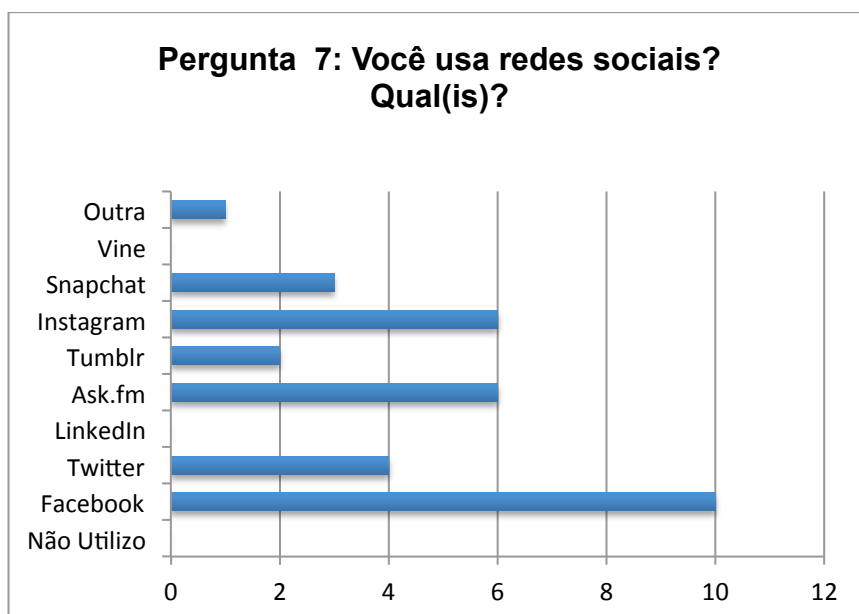
Você tem sites, blogs, canal ou fan-page?



Pergunta 6 - Contexto: Jovens

### Pergunta 7

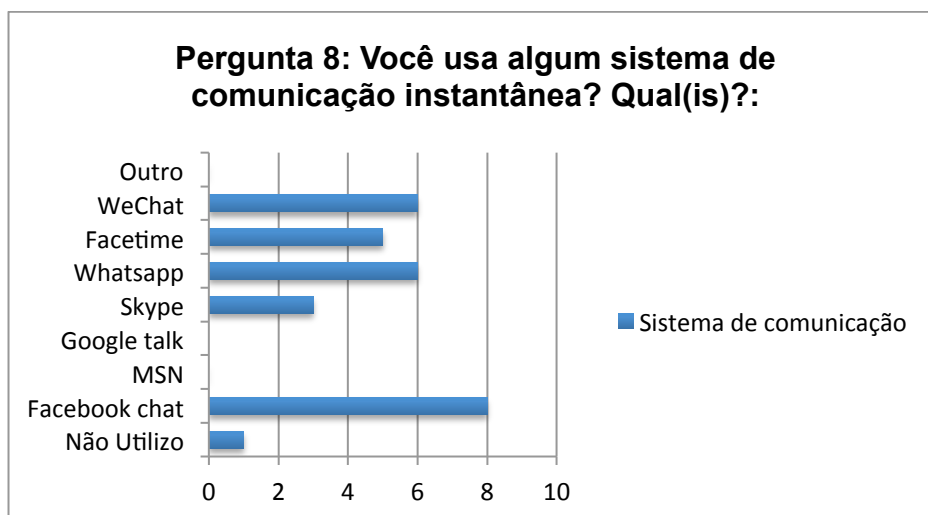
Você usa redes sociais? Qual(is)?



Questionário de perfil - Pergunta 7 - Contexto: Jovens

### Pergunta 8

Você usa algum sistema de comunicação instantânea? Qual(is)?:



Questionário de perfil - Pergunta 8 - Contexto: Jovens

### Pergunta 9

Você fica algum dia sem se comunicar com seus amigos pela internet ou telefone?

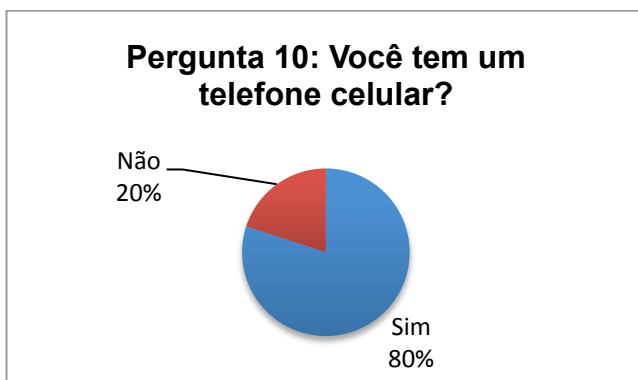
**Pergunta 9: Você fica algum dia sem se comunicar com seus amigos pela internet ou telefone?**



Questionário de perfil - Pergunta 9 - Contexto: Jovens

### Pergunta 10

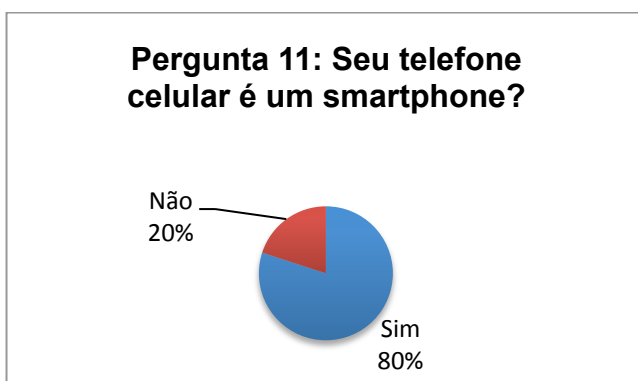
**Você tem um telefone celular?**



Questionário de perfil - Pergunta 10 - Contexto: Jovens

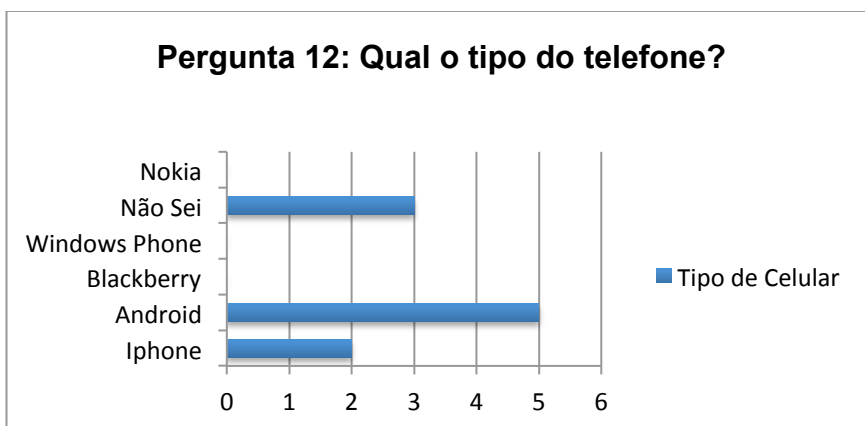
### Pergunta 11

**Seu telefone celular é um smartphone?**



### Pergunta 12

Qual o tipo do telefone?

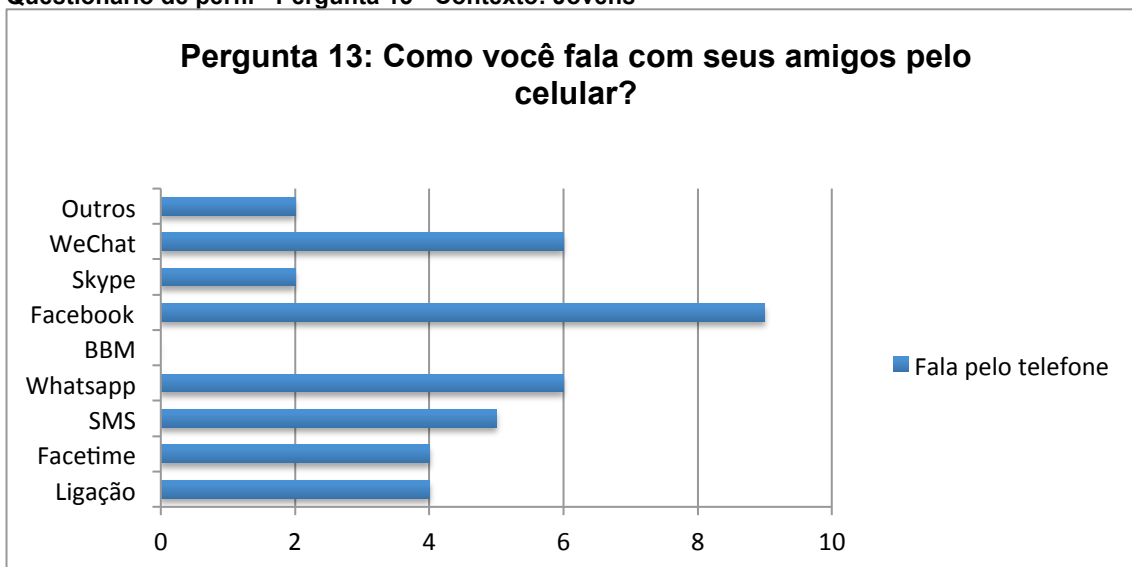


Questionário de perfil - Pergunta 12 - Contexto: Jovens

### Pergunta 13

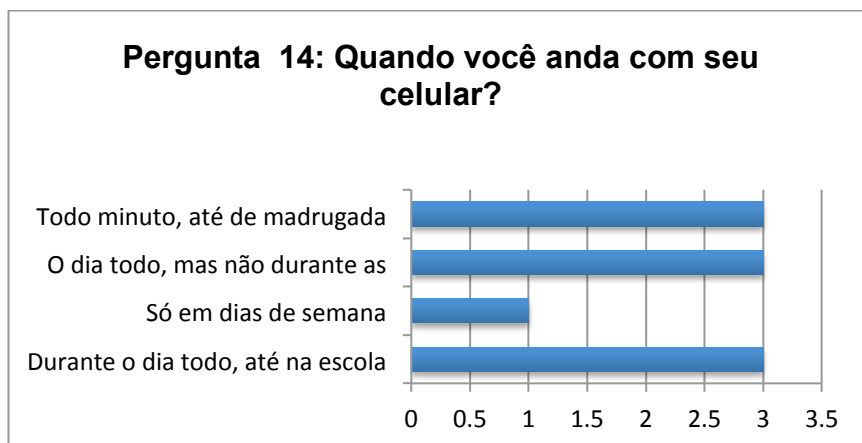
Como você fala com seus amigos pelo celular?

Questionário de perfil - Pergunta 13 - Contexto: Jovens



### Pergunta 14

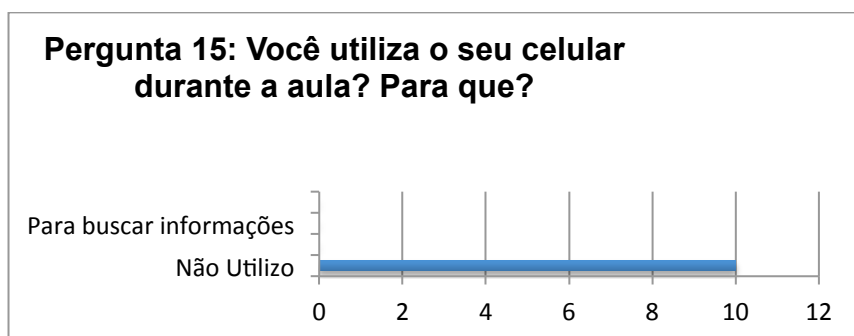
Quando você anda com seu celular?



Questionário de perfil - Pergunta 14 - Contexto: Jovens

### Pergunta 15

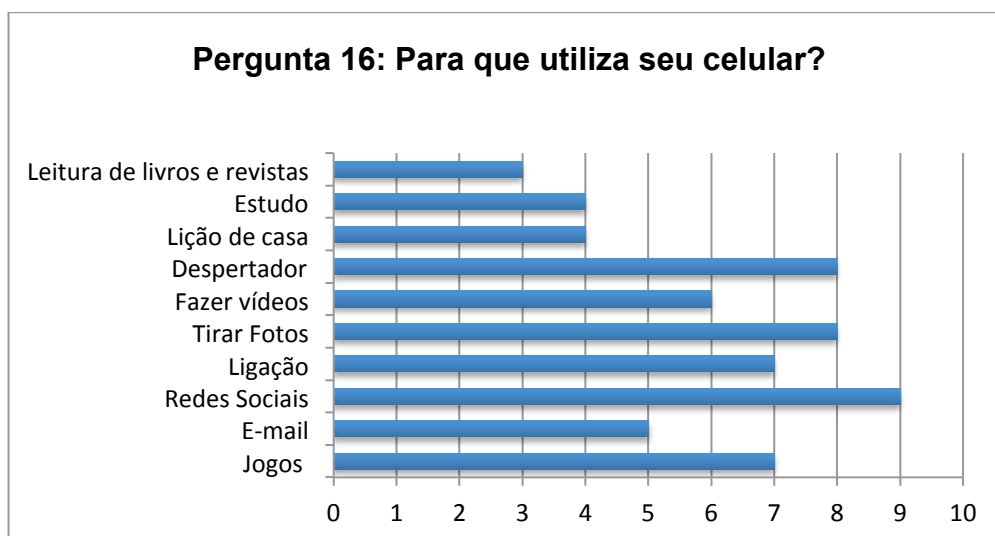
Você utiliza o seu celular durante a aula? Para que?



Questionário de perfil - Pergunta 15 - Contexto: Jovens

### Pergunta 16

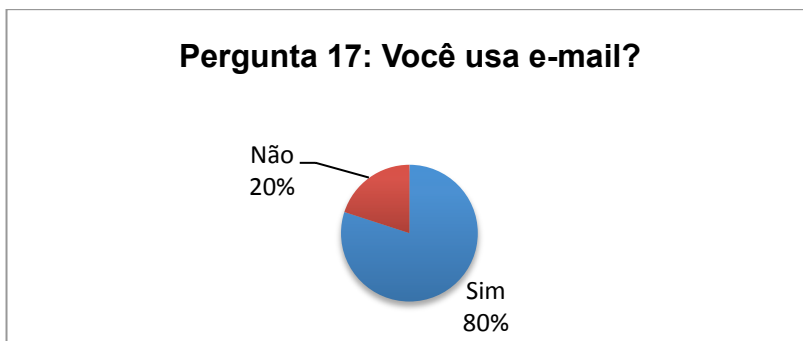
Para que utiliza seu celular?



Questionário de perfil - Pergunta 16 - Contexto: Jovens

### Pergunta 17

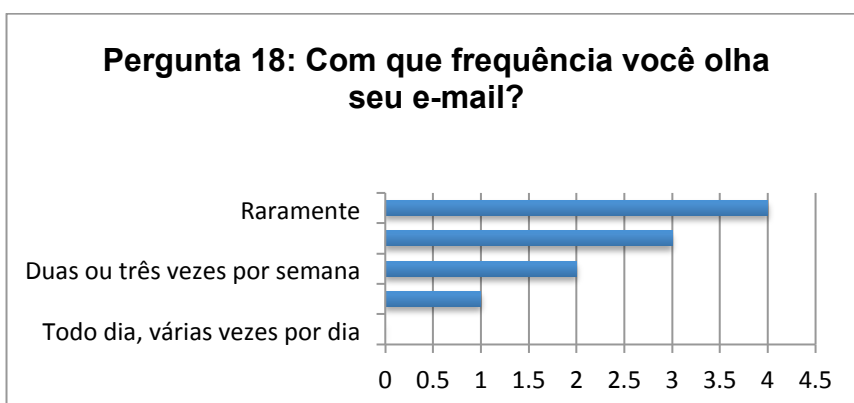
Você usa e-mail?



Questionário de perfil - Pergunta 17 - Contexto: Jovens

### Pergunta 18

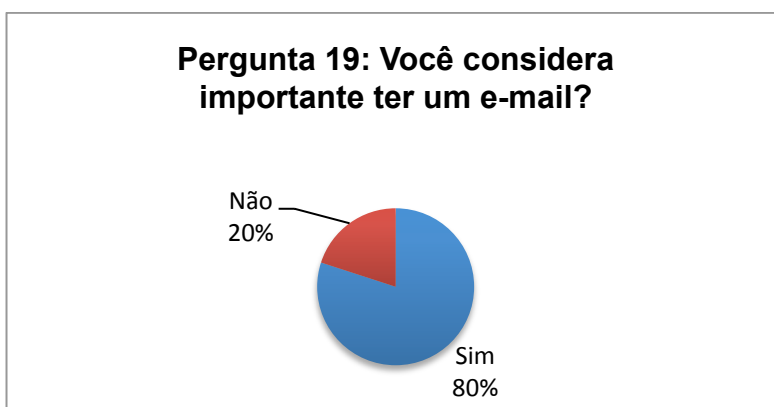
Com que frequência você olha seu e-mail?



Questionário de perfil - Pergunta 18 - Contexto: Jovens

### Pergunta 19

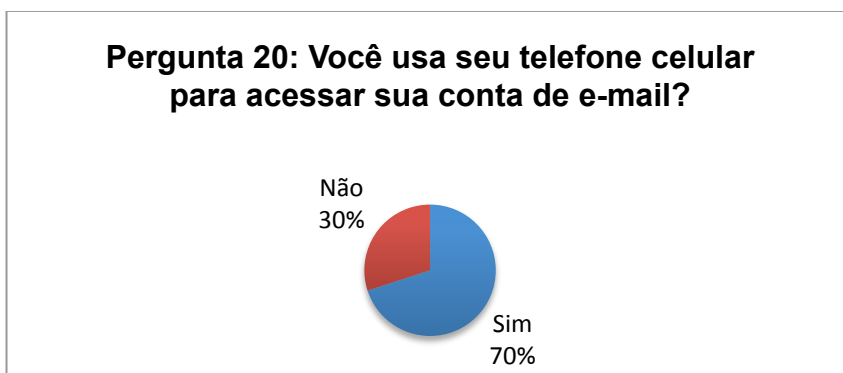
Você considera importante ter um e-mail?



Questionário de perfil - Pergunta 19 - Contexto: Jovens

### Pergunta 20

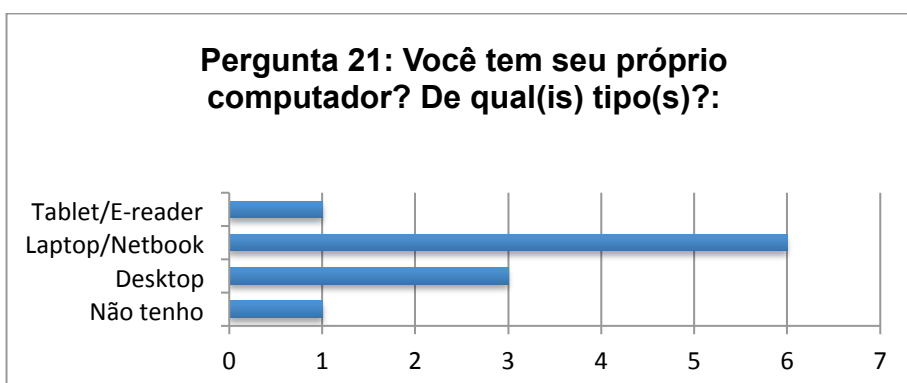
Você usa seu telefone celular para acessar sua conta de e-mail?



Questionário de perfil - Pergunta 20 - Contexto: Jovens

### Pergunta 21

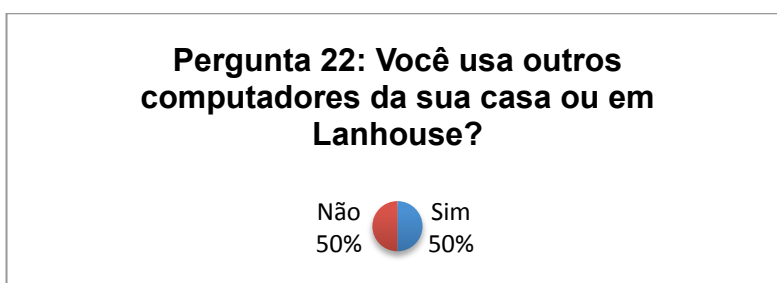
Você tem seu próprio computador? De qual(is) tipo(s)?:



Questionário de perfil - Pergunta 21 - Contexto: Jovens

### Pergunta 22

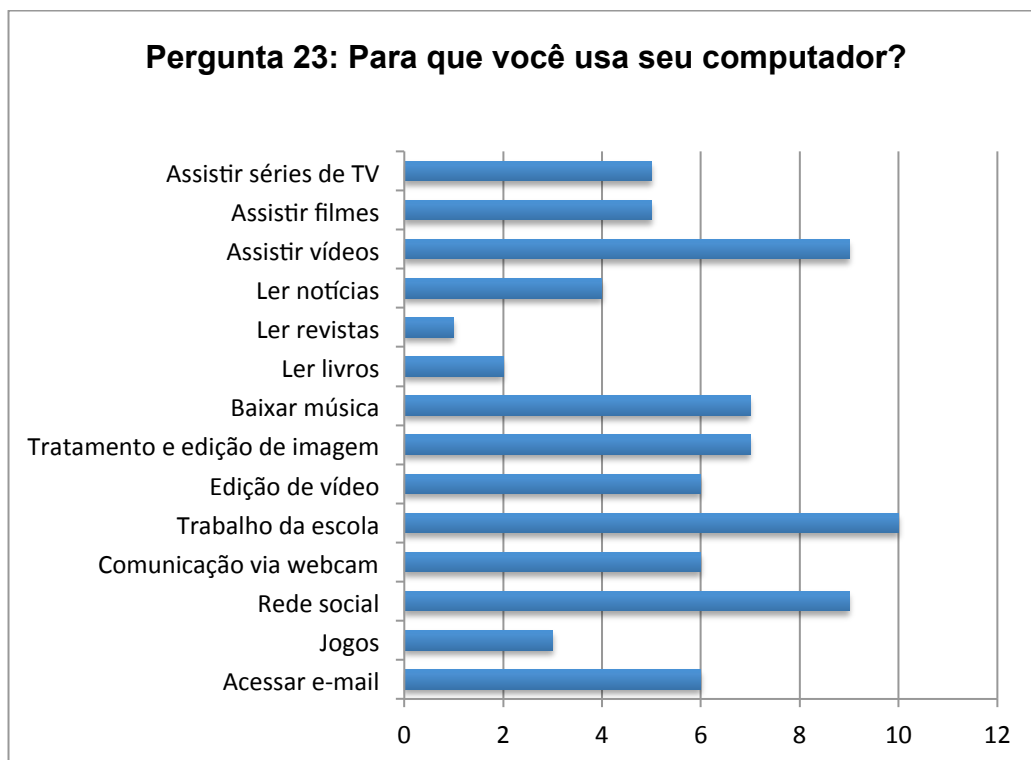
Você usa outros computadores da sua casa ou em Lanhouse?



Questionário de perfil - Pergunta 22 - Contexto: Jovens

### Pergunta 23

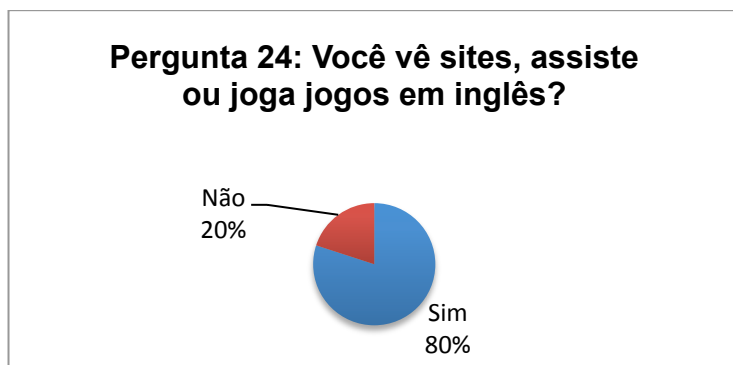
Para que você usa seu computador?



Questionário de perfil - Pergunta 23 - Contexto: Jovens

### Pergunta 24

Você vê sites, assiste ou joga jogos em inglês?



Questionário de perfil - Pergunta 24 - Contexto: Jovens

### Pergunta 25

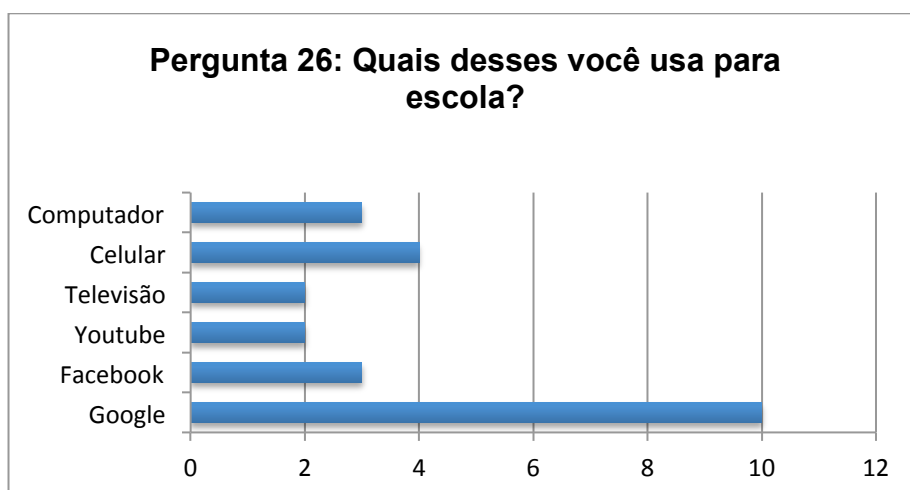
Você escuta músicas em inglês com seu telefone ou no computador?



Questionário de perfil - Pergunta 25 - Contexto: Jovens

## Pergunta 26

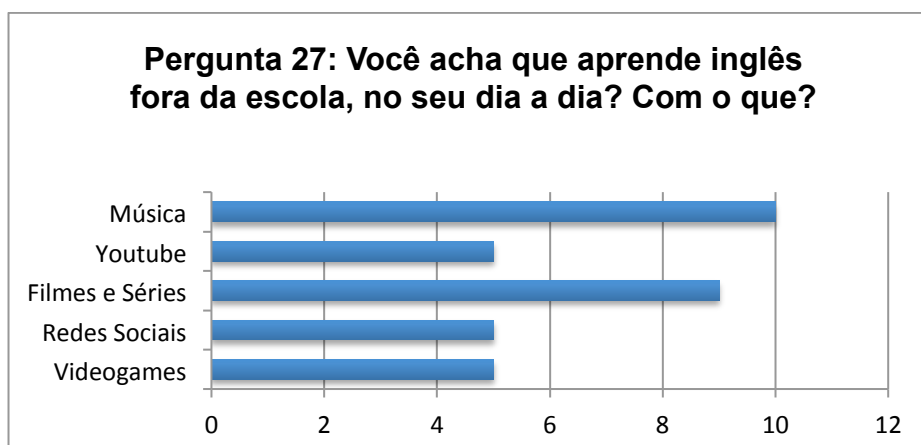
**Quais desses você usa para escola?**



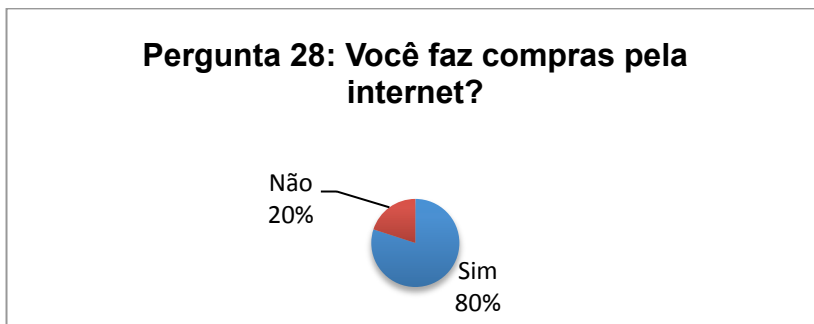
Questionário de perfil - Pergunta 26 - Contexto: Jovens

## Pergunta 27

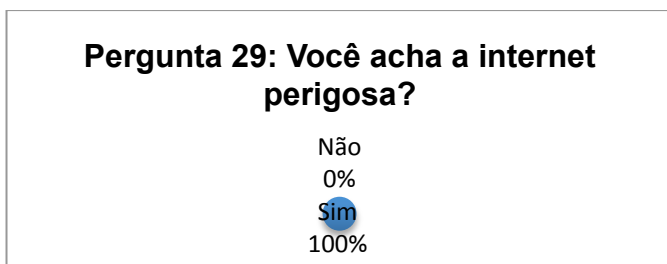
**Você acha que aprende inglês fora da escola, no seu dia a dia? Com o que?**



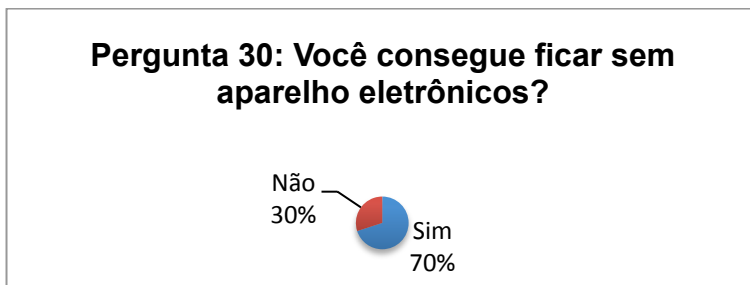
Questionário de perfil - Pergunta 27 - Contexto: Jovens

**Pergunta 28****Você faz compras pela internet?**

Questionário de perfil - Pergunta 28 - Contexto: Jovens

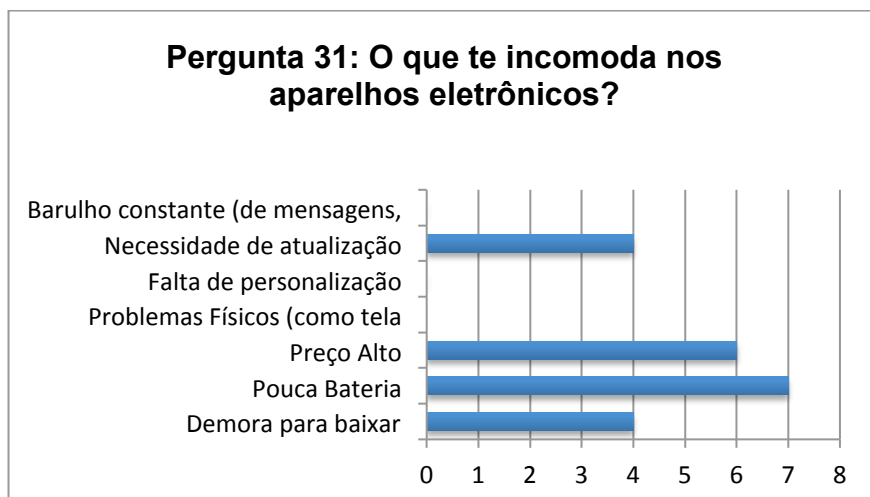
**Pergunta 29****Você acha a internet perigosa?**

Questionário de perfil - Pergunta 29 - Contexto: Jovens

**Pergunta 30****Você consegue ficar sem aparelho eletrônicos?**

Questionário de perfil - Pergunta 30 - Contexto: Jovens

**Pergunta 31****O que te incomoda nos aparelhos eletrônicos?**



Questionário de perfil - Pergunta 31 - Contexto: Jovens

### Pergunta 32 (aberta)

**O que você mais gosta da internet, televisão, telefone, computador, etc.?**

Nome	Resposta
Yolanda	Bem o que eu acho mais legal, são as redes sociais que eu uso para conversa com os meus amigos
Amalia	Internet: a internet tem tudo televisão: ver series telefone: Falar com minha mãe.
Gabriela	computador: Para fazer trabalho porque no celular é ruim Redes Sociais, seriados, notícia sobre os meus ídolos, filmes, edição de imagens...
Felipe	me comunicar com meus amigos pelo skype e jogar
Nádia	Redes sociais, notícias sobre meu ídolo, series televisivas, fácil comunicação e etc...
Vicente	Redes sociais, aplicativos, editar imagens no computador e etc.
Joice	O que eu mais gosto na internet é que facilita meus meios de comunicação, a televisão me informa, me diverte e faz eu ver series americanas ajudando no meu inglês, o telefone é um meio alternativo para eu me comunicar, me distrair, fazer cauculos e lembrar de datas e o computador eu posso fazer de tudo nele, ouvir música, me informar, me comunicar e distrair minha irmã com vídeos e desenhos.
Cátia	Bom a coisa mais importante para mim são os animes e a música e com a internet posso assistir meus animes e baixar música, inclusive músicas coreanas e japonesas que não tocam em qualquer lugar, infelizmente, mas é isso.
Barbara	Entrar nas Redes Sociais
Walter	Ajudam minha vida fora do mundo tecnológico também.

### Informações adicionais

Alguns jovens fizeram alguns comentários ou adicionaram informações ao formulário impresso.

Abaixo as imagens relativas a estes:

7. Você usa redes sociais? Qual(is)?:

- Não utilizo
- Facebook
- Twitter
- LinkedIn
- Ask.fm
- Tumblr ♥
- Instagram
- Snapchat
- Vine
- Outra

Imagem relativa ao questionário Cátia

6. Você tem sites ou blogs? - Canal

- Sim
- Não

Imagem relativa ao questionário do Felipe

10. Você tem um telefone celular?:

- Sim
- Não :)

Imagem relativa ao questionário da Cátia

23. Para que você usa seu computador?

- Acessar e-mail
- Jogos
- Rede social
- Comunicação via webcam
- Trabalho de escola
- Edição de vídeo
- Tratamento e edição de imagens (fotografias)
- Baixar música
- Ler livros
- Ler revistas
- Ler notícias
- Assistir vídeos ♥
- Assistir filmes
- Assistir series de Tv ♥ anime ♥

Imagem relativa ao questionário da Cátia

## Questionário: Imigrantes Digitais

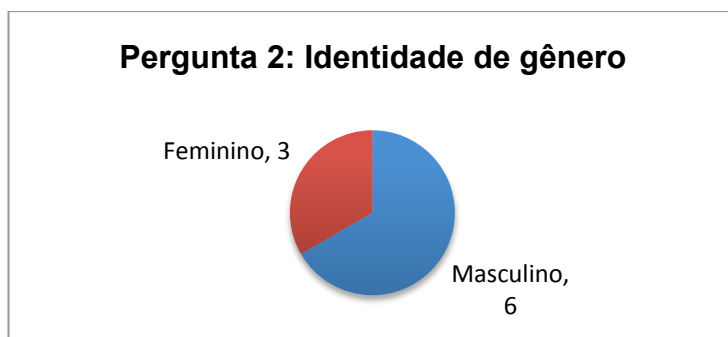
### Pergunta 1

**Qual a sua idade?** A idade dos participantes é apresentada na tabela abaixo:

Nome	Idade
Eduardo	53
Juliano	45
Aline	44
Sandro	40
Rodrigo	31
Ana	39
Thalita	27
Ricardo	49
Rogério	51

### Pergunta 2

**Identidade de gênero:**



Questionário de perfil - Pergunta 2 - Contexto: Adultos

### Pergunta 3

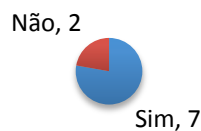
**Você se considera uma pessoa que gosta de tecnologia?**

Todos os participantes responderam SIM a esta pergunta.

### Pergunta 4

**Você se comunica com seus amigos pelas redes sociais?**

**Pergunta 4: Você se comunica com seus amigos pelas redes sociais?**



Questionário de perfil - Pergunta 4 - Contexto: Adultos

**Pergunta 5**

**Você acha que deixou de se comunicar com outras pessoas por elas não utilizarem as mesmas plataformas que você, por exemplo familiares que não usam a internet? (Facebook, e-mail, etc)?**

**Pergunta 5: Você acha que deixou de se comunicar com outras pessoas por elas não utilizarem as**



Questionário de perfil - Pergunta 5 - Contexto: Adultos

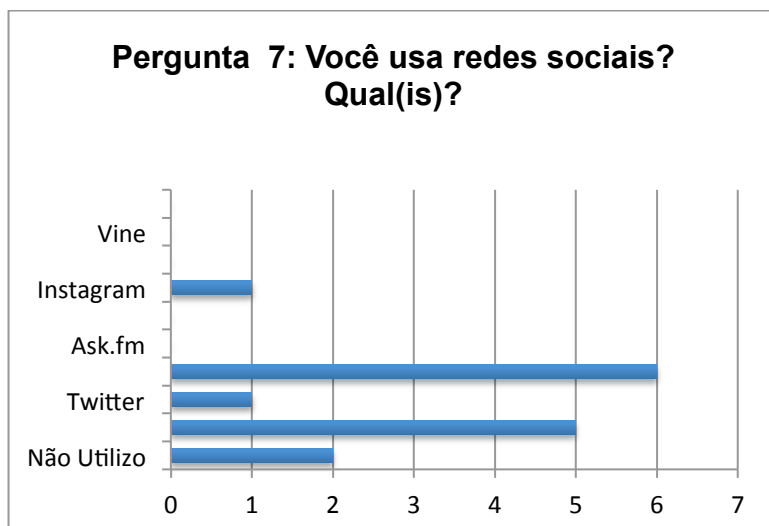
**Pergunta 6**

**Você tem sites, blogs, canal ou fan-page?**

Todos os participantes responderam NÃO a esta pergunta.

**Pergunta 7**

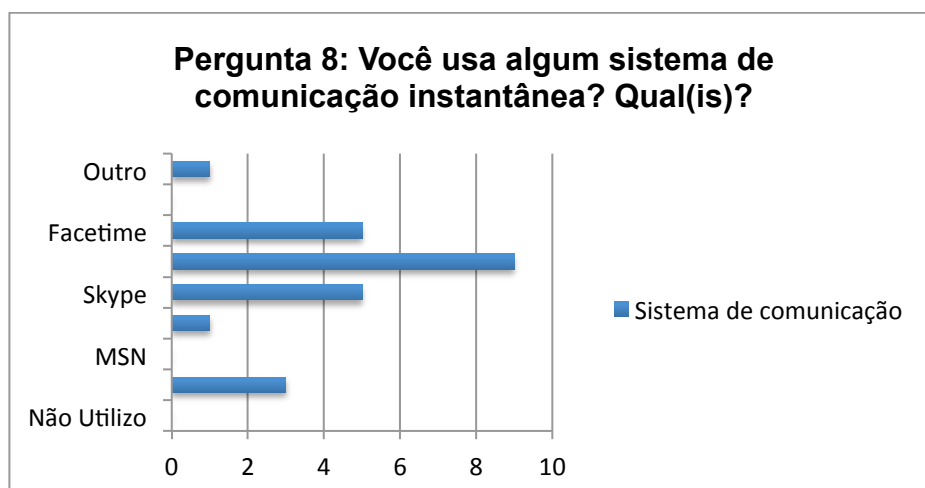
**Você usa redes sociais? Qual(is)?**



Questionário de perfil - Pergunta 7 - Contexto: Adultos

### Pergunta 8

**Você usa algum sistema de comunicação instantânea? Qual(is)?:**



Questionário de perfil - Pergunta 8 - Contexto: Adultos

### Pergunta 9

**Você fica algum dia sem se comunicar pela internet ou telefone?** Todos os participantes responderam NÃO a esta pergunta.

### Pergunta 10

**Você tem um telefone celular?** Todos os participantes responderam SIM a esta pergunta.

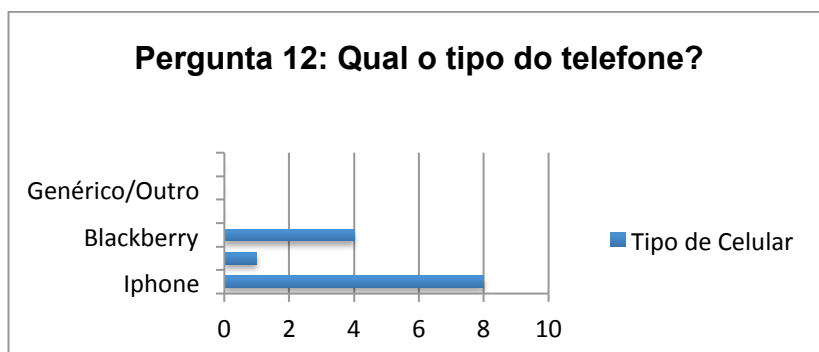
### Pergunta 11

### Seu telefone celular é um smartphone?

Todos os participantes responderam SIM a esta pergunta, sendo que muitos deles possuem 2 aparelhos smartphones.

### Pergunta 12

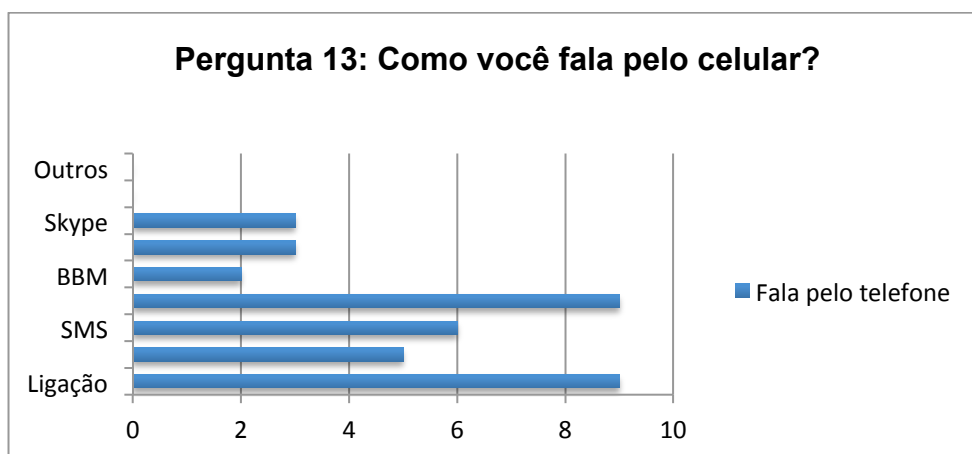
#### Qual o tipo do telefone?



Questionário de perfil - Pergunta 12 - Contexto: Adultos

### Pergunta 13

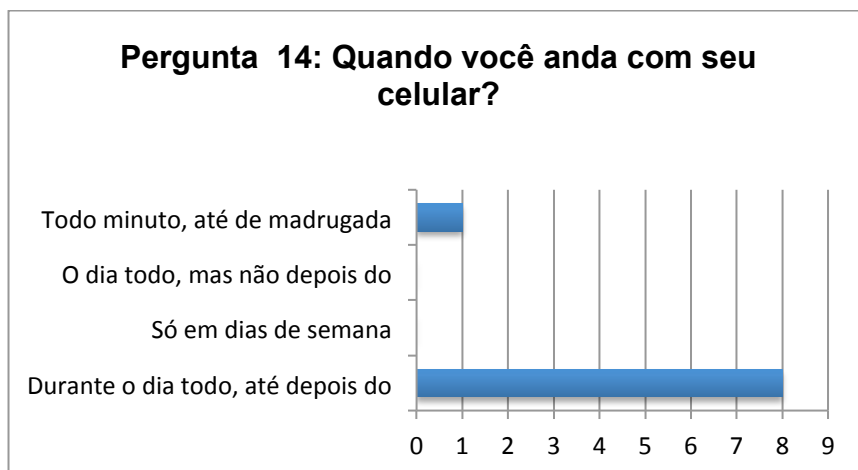
#### Como você fala pelo celular?



Questionário de perfil - Pergunta 13 - Contexto: Adultos

### Pergunta 14

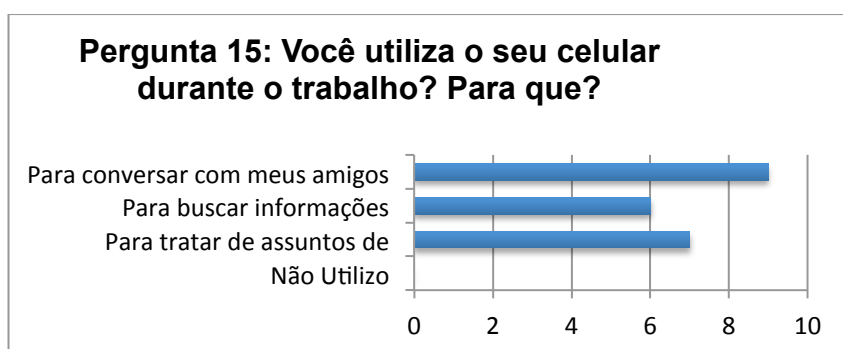
#### Quando você anda com seu celular?



Questionário de perfil - Pergunta 14 - Contexto: Adultos

### Pergunta 15

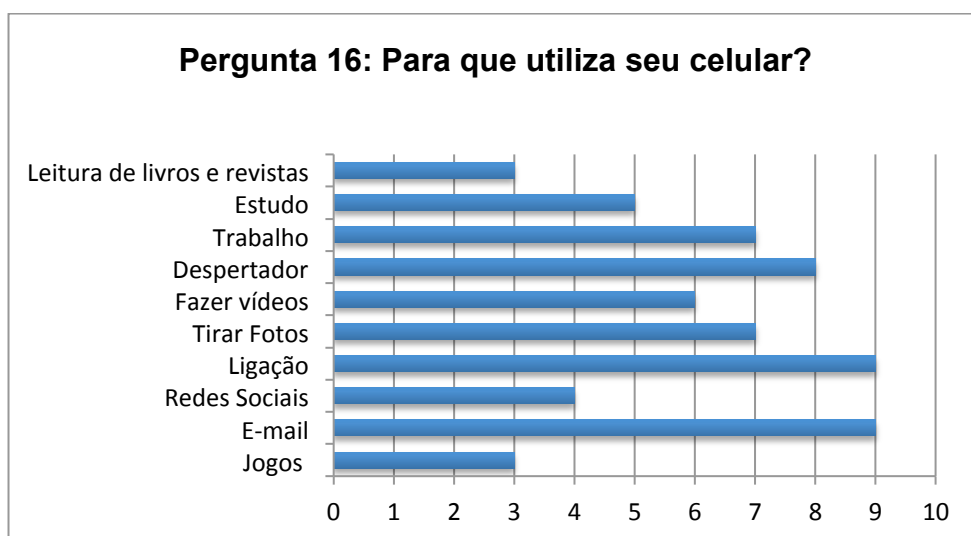
Você utiliza o seu celular durante o trabalho? Para que?



Questionário de perfil - Pergunta 15 - Contexto: Adultos

### Pergunta 16

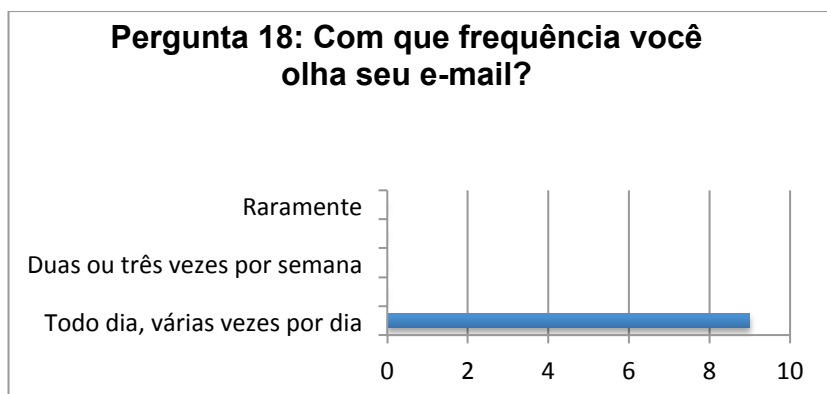
Para que utiliza seu celular?



Questionário de perfil - Pergunta 16 - Contexto: Adultos

**Pergunta 17****Você usa e-mail?**

Todos os participantes atestaram possuir e-mails.

**Pergunta 18****Com que frequência você olha seu e-mail?**

Questionário de perfil - Pergunta 18 - Contexto: Adultos

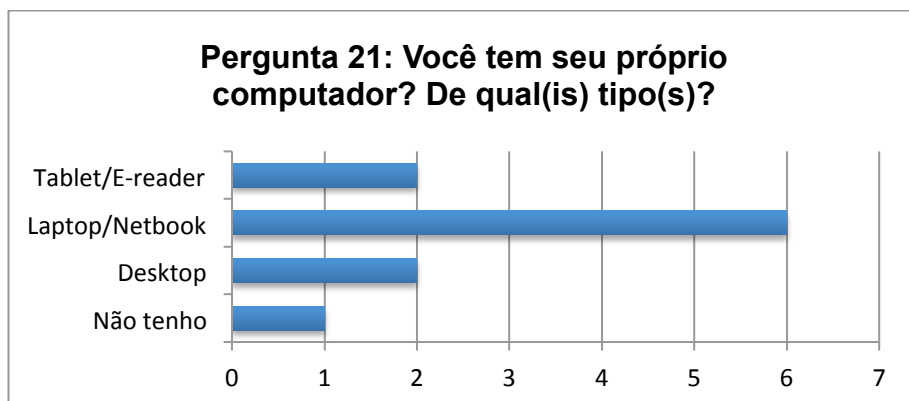
**Pergunta 19****Você considera importante ter um e-mail?**

Todos os participantes assinalaram a opção SIM do questionário.

**Pergunta 20****Você usa seu telefone celular para acessar sua conta de e-mail?**

Novamente, todos os participantes assinalaram a resposta SIM do questionário.

**Pergunta 21****Você tem seu próprio computador? De qual(is) tipo(s)?**



Questionário de perfil - Pergunta 21 - Contexto: Adultos

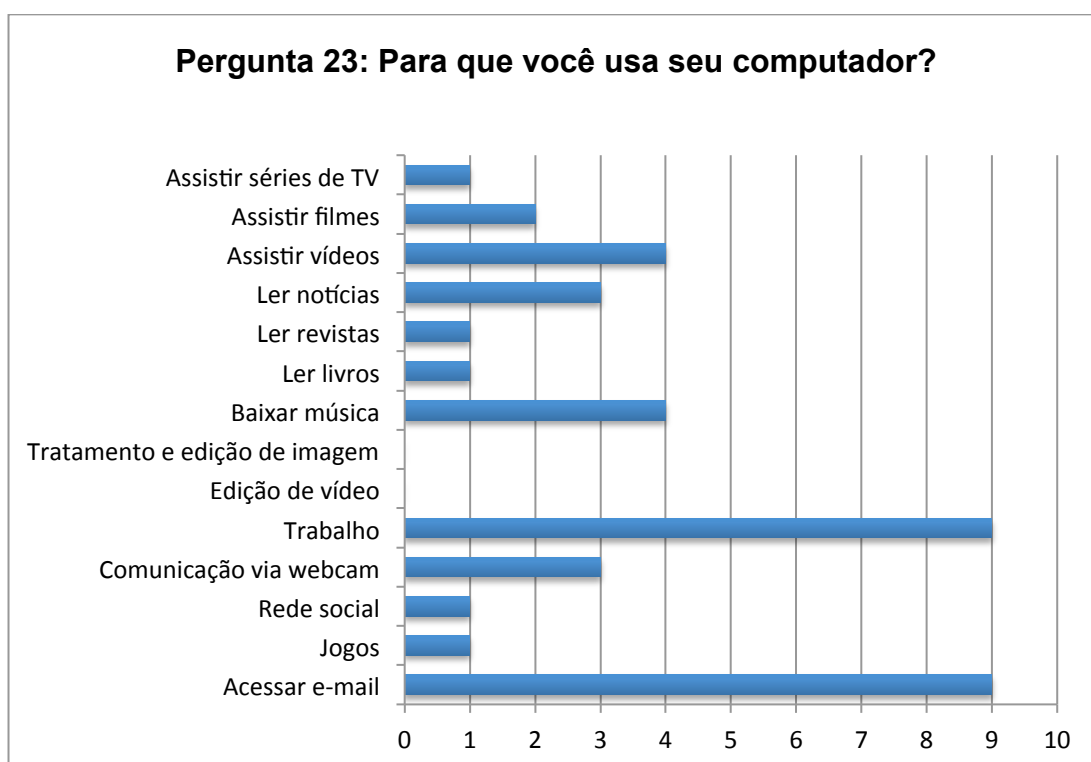
### Pergunta 22

**Você usa outros computadores da sua casa ou em Lanhouse?**

Alguns participantes assinalaram NÃO a esta pergunta.

### Pergunta 23

**Para que você usa seu computador?**



Questionário de perfil - Pergunta 21 - Contexto: Adultos

### Pergunta 24

**Você vê sites, assiste ou joga jogos em inglês?**

**Pergunta 24: Você vê sites, assiste ou joga jogos em inglês?**



Questionário de perfil - Pergunta 24 - Contexto: Adultos

**Pergunta 25**

**Você escuta músicas em inglês com seu telefone ou no computador?**

**Pergunta 25: Você escuta músicas em inglês com seu telefone ou no computador?**

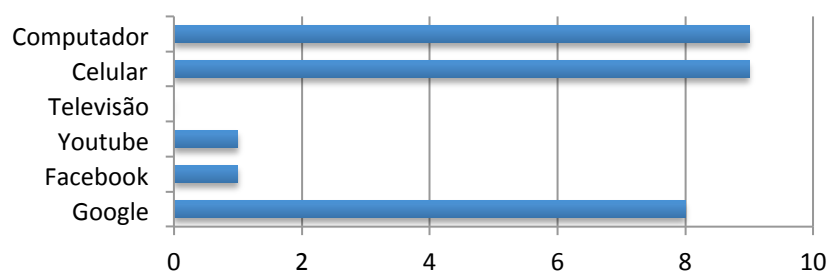


Questionário de perfil - Pergunta 25 - Contexto: Adultos

**Pergunta 26**

**Quais desses você usa para o trabalho?**

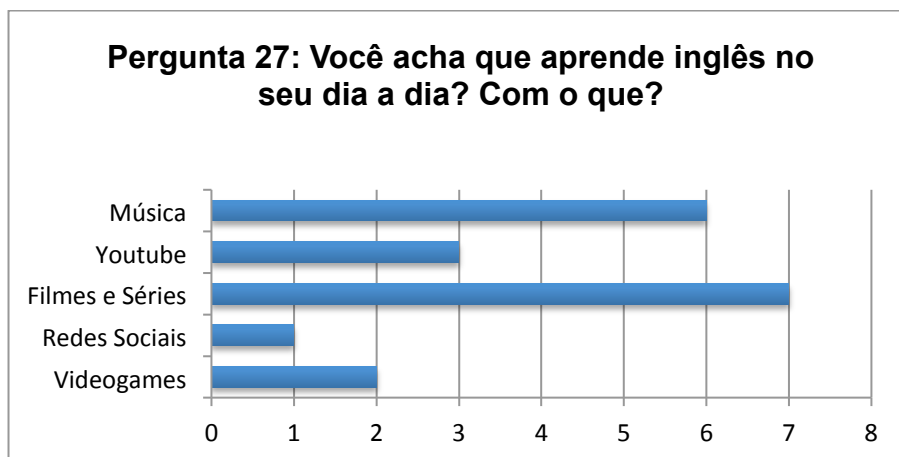
**Pergunta 26: Quais desses você usa para o trabalho?**



Questionário de perfil - Pergunta 26 - Contexto: Adultos

**Pergunta 27**

**Você acha que aprende inglês no seu dia a dia? Com o que?**



Questionário de perfil - Pergunta 27 - Contexto: Adultos

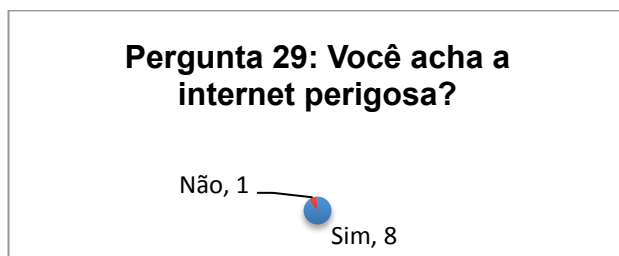
### Pergunta 28

#### Você faz compras pela internet?

Todos os participantes responderam SIM a esta pergunta.

### Pergunta 29

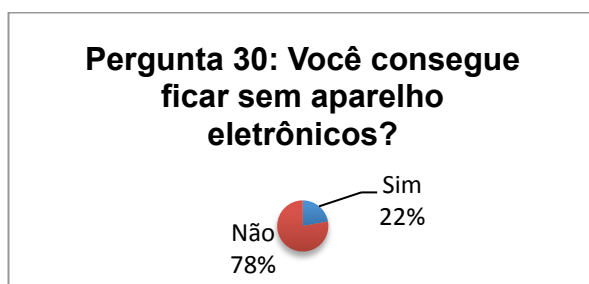
#### Você acha a internet perigosa?



Questionário de perfil - Pergunta 29 - Contexto: Adultos

### Pergunta 30

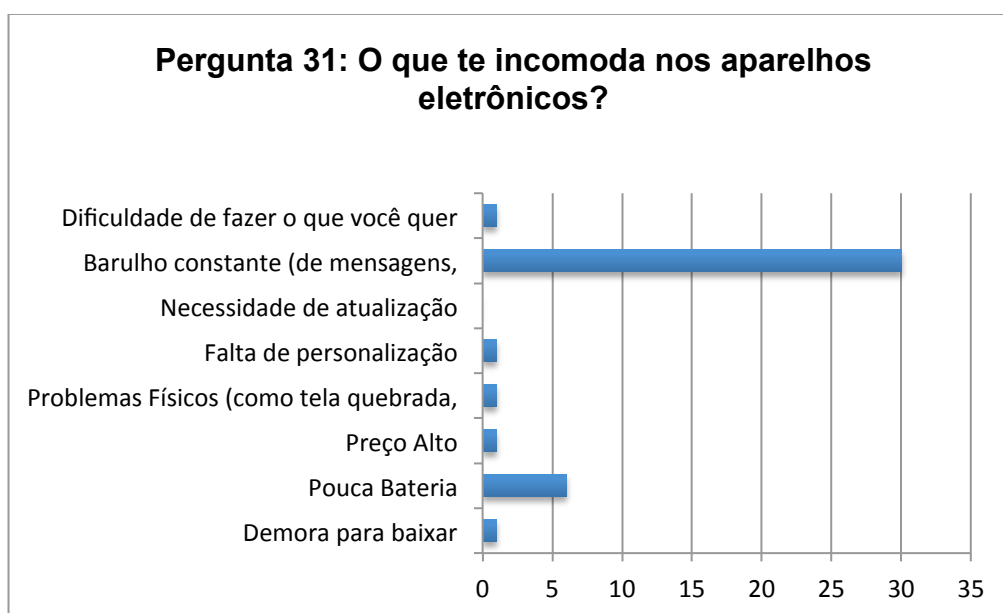
#### Você consegue ficar sem aparelho eletrônicos?



Questionário de perfil - Pergunta 30 - Contexto: Adultos

### Pergunta 31

O que te incomoda nos aparelhos eletrônicos?



Questionário de perfil - Pergunta 31 - Contexto: Adultos

### Pergunta 32 (aberta)

O que você mais gosta da internet, televisão, telefone, computador, etc.?

A tabela abaixo apresenta as respostas dos 9 participantes que responderem o questionário.

Nome	Resposta
Eduardo	Computador
Juliano	Celular
Aline	Não respondeu
Rodrigo	Seriados/Filmes/Jornal
Thalita	A facilidade de entrar em contato com o mundo em instantes.
Ana	Comprar coisas
Sandro	Da facilidade e rapidez em obter conhecimentos e informações.
Rogério	Sites de busca/pesquisa; notícias em geral.
Ricardo	Internet – porque é rápido e direto.

## ANEXO C

Transcrição da entrevista realizada dia 18 de outubro de 2013.  
Escola Pinheiro

10 jovens participantes do 9 ano D

Vicente para a câmera: Estamos começando mais um se vira nos 30

Pesquisadora: Exatamente isso que nós estamos começando. Vamos lá pessoal. Eu vou fazer perguntas e ai vocês respondem. Se vocês acharem a pergunta idiota a gente pula e vai para próxima, ok?

Todos: ok

Pesquisadora: Então vamos lá. vocês usam computador todos os dias?

Todos: sim!!!

Pesquisadora: todos os dias?

Todos: sim

Pesquisadora: E se ficar sem computador?

Todos: usa o celular. [é verdade usa o celular]

Pesquisadora: E vocês usam o celular para usar a internet?

Todos: sim

Pesquisadora: em geral só para usar a internet?

Todos: sim

Gabriela: e para jogar

Pesquisadora: e para jogar. Mas jogar também joga no computador?

Gabriela e Catia: Eu não. Eu só uso o celular.

Joice: Eu também uso o celular para tirar foto

Pesquisadora: me diz uma coisa, quando você sai da escola você vai direto...[interrompe] Vicente você sabe que o celular não está te vendo né? É só para gravar a voz

Vicente: ahhhh

Pesquisadora: Depois eu ponho o vídeo para tirar fotos de você tá bom?

Me diz o seguinte, então você saem daqui e já pegam o celular na mão?

Walter: Não, a gente já está com o celular aqui na escola

Pesquisadora: vocês usam o celular na escola?

Todos: para entrar no Face, entrar na internet, pra nada

Vicente: para tirar foto

Pesquisadora: para tirar foto...

Vicente: para passar maquiagem e depois tirar foto

Walter: eu trago por que as vezes eu estou na casa da minha mãe ou do meu pai e eu preciso falar com os dois

Pesquisadora: então você usa para comunicação. E com o professor, você usa o celular para alguma coisa?

Joice: para ouvir música

Walter: eu desligo

Pesquisadora: ok, para ouvir música? Enquanto o professor tá falando?

Todos: risos

Pesquisadora: tá prestando atenção na aula

Vicente aponta o celular para Joice: Joice 9 ano D

Pesquisadora: não tem problema Joice. Vocês ficam passando bilhetinho por mensagem?  
Em coro alguns jovens: não  
Yolanda: fico  
Joice: a gente fica se falando no whats  
Pesquisadora: você fica chamando no whatapp enquanto a aula está acontecendo  
Yolanda: isso  
Pesquisadora: mas você fala no whatsapp sobre a matéria que o professor está falando ou não?  
Yolanda e outros em coro: não  
Walter: eu já falei já  
Pesquisadora: já? Mais para que?  
Walter: a tipo...eu abri uma chamada no whatsapp para pedir ajuda amigo p perguntar para ele o que está ai  
Pesquisadora: mas isso é um bom uso da tecnologia em sala não? Vicente, você está mexendo no meu celular? Você está tirando a voz dai ou não?  
Vicente sinaliza e fala: mais ou menos  
Pesquisadora: e alguém assiste televisão ai ou não mais?  
Alguns jovens levam a mão e gritam: eu, eu assisto!  
Vicente: eu assisto sessão da tarde  
Pesquisadora: sessão da tarde?  
Vicente: Não!  
Várias meninas: novela  
Catia: eu só assisto novela  
Walter: jornal, filme e séries  
Pesquisadora: mas vocês assistem TV pela internet não?  
Todos: sim  
Catia levanta a mão: Eu assisto série pela internet!  
Pesquisadora: você assiste série pela internet?  
Catia: e filme também  
Pesquisadora: mas você assiste filmes e séries pela internet e não na tv?  
Catia: é que minha mãe não deixa eu assistir filme de terror na Tv, ai eu assisto na internet  
Pesquisadora: Ah, que safada  
Yolanda: é, na tv minha mãe não deixa eu assistir por que quer que eu vá assistir o filme com ela ai eu choro e fico me escondendo ai minha mãe fica me assustando.  
Walter: eu assisto coisa do meu time porque eu sou fanático  
Pesquisadora: você é fanático por que time?  
Walter: pelo palmeiras  
Pesquisadora: eu moro do lado do estádio  
Walter: então você pode me ajudar a ficar mais perto  
Pesquisadora: eu hein, socorro  
Pesquisadora E me diz uma coisa e se na aula o professor passa um negócio e você não entendeu direito depois você chega em casa e olha no computador?  
Todos: não  
Walter: Depende, se ele passou lição  
Vários jovens: é, se ele passou lição a gente tem que procurar  
Yolanda: eu espero o dia seguinte para pegar da Isabela  
Joice: ou da Gabriela  
Pesquisadora: Mas não é mais fácil vocês procurarem na internet a resposta?

Catia: não, eles não explicam direito

Vicente: eu só procuro de ciências porque todas as respostas do livro tem lá

Joice: Eu só procurei uma vez de matemática

Pesquisadora: Mas normalmente não explica direito então vocês esperam o professor?

Alguns jovens: A gente olha no google

Pesquisadora: O melhor professor é o google?

Vicente: é

Pesquisadora: Mas por que?

Walter: resposta fácil

Pesquisadora: ai você pergunta uma coisa simples e o google te responde? Mas e se for coisa mais complexa?

Walter: pergunto pro meu pai

Amalia: Ontem eu procurei de ciências, mas não achei a resposta e ai saiu lá pergunta de vestibular, mas nem o google sabia a resposta.

Pesquisadora: não?

Amalia: não

Pesquisadora: mas você não procurou vídeo no youtube...

Amalia: não

Pesquisadora: Mas vocês não procuraram vídeos no youtube quando vocês tem dúvida de alguma coisa?

todos: não

Amalia: eu tô baixando uns vídeos para eu deixar no meu celular, para mim estudar

Pesquisadora: é então, é útil baixar vídeos para estudar. Vocês não fazem muito isso?

Todos: mais ou menos

Pesquisadora: então tá, e me diz uma coisa se você baixa um vídeo, ou um filme que esta em inglês, você assiste em inglês mesmo?

A maioria responde: Eu assisto.

Catia: eu prefiro assistir legendado, com áudio original

Pesquisadora: é?

Joice: mas assistir em inglês assim a gente se arranja lá, vai traduzindo na mente que a gente sabe, o que a gente não sabe depois a gente aprende

Pesquisadora: mas aprende como? O que você não sabe o que você faz?

Joice: a gente pergunta

Todos: Google tradutor

Joice: mas eu tenho um dicionário de inglês

Pesquisadora: mas se você não entender o que o cara falar você pergunta p seus amigos?

Joice: não, eu olho no dicionário

Walter: eu pergunto p meu professor da Wizard.

Pesquisadora: ah, você faz Wizard? Ai você leva para escola?

Walter: é tipo porque eles falam para a gente ter o habito de ver pelo menos um filme a cada 5 dias só em inglês para praticar o inglês

Pesquisadora: é verdade

Pesquisadora: E vocês usam algum tipo de tecnologia aqui na escola?

Vicente: sim

Pesquisadora: o que?

Todos: o celular

Pesquisadora: e aqui na escola, por exemplo, eles passam filme,

Todos: algumas vezes, as vezes

Pesquisadora: aula com Power point

Alguns: é bem difícil. É raro.

Joice: sexta feira a gente viu um filme

Vicente: é também veio 3 pessoas na escola

Pesquisadora: 3 pessoas? Por que será?

Barbara: porque tinha manifestação

Joice: bom a nossa sala ainda tinha 16 pessoas, a única sala excluída de tudo

Pesquisadora: e me diz uma coisa, se vocês fossem apresentar uma aula o que vocês usariam para apresentar?

Walter: filme

Meninas: data show

Pesquisadora: apresentação de Power point?

Alguns: é

Walter: ou uns programas mais atuais,

Pesquisadora: tipo o que?

Walter: ah, se você fosse falar de geografia, podia primeiro falar de coisas atuais para chamar a atenção

Joice: para fazer a gente interagir na aula não só ficar sentado...eu acho muito entediante, agora se você interage com a matéria é mais legal

Walter: é, o professor começa a passar, mas com todo mundo conversando não adianta nada

Joice: É tem que fazer os alunos entrarem na matéria

Pesquisadora: mas nas aulas vocês não conversam muito com os outros alunos?

Todos: conversamos

Pesquisadora: sobre a matéria?

Todos: não

Walter: depende, quando tem trabalho a dois

Catia: Ah, qualquer coisa a Gabriela senta do meu lado, então eu pergunto para ela

Pesquisadora: ah, já entendi, quando eu tenho dúvida eu tenho que perguntar para Gabriela?

Todos, incluindo a Gabriela: é

Pesquisadora: entendi, mas e o professor, não?

Walter: Depende. As vezes os professores são muito mal humorados

Nadia: tem professor que dá para conversar tem professor que não

Walter: tem professor que não explica

Catia: é, tem professor que fala "vou fazer a correção" e nem explica para gente

Walter: e o professor que explica quer explicar enquanto a gente copia. E ai a gente não sabe se presta atenção para copiar ou...

Pesquisadora: é. Mas e se você fosse usar o celular para ensinar algo, como é que você faria?

Walter: Skype, vídeo conferencia

Vicente: eu filmaria

Joice: por mensagem

Walter: como nas empresas. Você faz uma pergunta e eles respondem por mensagem. Ai você faz os alunos te mandar mensagem

Pesquisadora: então por exemplo se o professor tivesse um computador lá na frente, mais ou menos como a gente está agora, com internet e tudo, e vocês pudessem fazer perguntas para ele enquanto vocês tivessem na aula, vocês fariam?

Vicente: sim, por que ai eu não ia ter que gastar minha perna.

Pesquisadora: você fala em gastar sua perna ou é por que as vezes dá vergonha de perguntar?

Joice: ai, eu acho que os dois

Alguns jovens: eu não tenho vergonha

Outros: eu tenho

Walter: quando eu era pequeno eu tinha vergonha, mas agora a gente já acostumou já

Joice: o problema é o professor que enche o saco

Nadia: o professor fala que a gente só faz pergunta idiota

Amalia: é eles são ignorantes. Ai tá todo mundo quieto e você levanta a mão ai faz todo mundo, “eeee, você não entendeu isso?”

Walter: ou se tipo, algum menino conhecido pelo engraçadão da sala, se ele perguntar alguma coisa besta o professor vai achar que é brincadeira

Pesquisadora: e não vai responder?

Walter e alguns jovens concordam

Pesquisadora: Felipe, você concorda? Fala alguma coisa. Fala oi pelo menos.

Felipe: oi

Pesquisadora: obrigada. Então vou perguntar especificamente para você

Alguns jovens: ah não

Pesquisadora: só para ele

Vicente: pergunta se ele cola na sala de aula

Pesquisadora: mas isso é uma pergunta bobá, todo mundo cola na sala de aula

Vicente: eu não colo

Todos: não??? Ahahahaha

Gabriela: eu passo cola

Pesquisadora: vamos lá Felipe. Se você fosse usar um jogo numa aula, para que você usaria?

Felipe sinaliza que não dá, ou não sabe

Pesquisadora: não dá? Você aprende alguma coisa quando você joga?

Felipe: inglês

Pesquisadora: você joga aquele joguinho que você fala com outras pessoas? Você fala com outras pessoas?

Felipe faz que não com a cabeça

Pesquisadora: Não? Mas você usa inglês

Felipe: raramente

Pesquisadora: raramente por que?

Felipe fazer que não sabe e depois fala: por preguiça

Pesquisadora: preguiça? Da precisa de usar então o inglês

Muitos respondem: não!

Felipe e outros: dá preguiça de ler

Pesquisadora: vocês tem preguiça de ler?

Alguns: sim

Pesquisadora: e quando tem imagem só?

Felipe faz que não sabe

Vicente: não existe imagem

Pesquisadora: não? imagem de vídeo

Vicente concorda com a cabeça e outros também

Pesquisadora: então quanto tem imagem tudo bem. O problema é quando tem coisa escrita que dá preguiça?

Eles concordam com a cabeça

Pesquisadora: e em jogos vocês tem aquele Second Life ou estes jogos que tem uma olha realidade?

Vicente e outros: The Sims

Walter: RPG

Pesquisadora: Vocês jogam RPG? RPG é legal. Você vive outra realidade né?

Eles concordam

Pesquisadora: e vocês tem outro nome na internet? Um nomezinho do Avatar?

Como você é chamado na internet, você usa seu nome normal?

Gabriela: eu uso meu nome

Vicente: 100% gatão

Amalia: Eu gosto muito de escrever e no Tumblr eu uso Acazumi. Eu sempre uso Acazumi no Twiter.

Pesquisadora: ai então você não é conhecida pelo seu nome? Você tem um outro nome

Amalia: não, depende. Se é do Tumblr por exemplo, eu as vezes uso meu nome. Eu até converso com outras pessoas, já conversei até em Russo

Pesquisadora: é?

Amalia: é. Eu converso com pessoas em japonês, em espanhol, em inglês e coreano

Pesquisadora: mas ai, como é que você conversa com estas pessoas?

Vicente: Copiar, google tradutor, colar

Pesquisadora: google tradutor. Vocês também conversam com gente de fora assim?

Walter: tem um gringo que eu conheci aqui e depois dai passei o contato para internet

Pesquisadora: ai você conversa com ele em que língua?

Walter: em inglês. Ele é alemão mas a gente conversa em inglês

Joice: eu converso com a enteada da minha tia que é Americana e mora lá.

Pesquisadora: e você conversa em inglês?

Joice concorda com a cabeça

Catia: minha prima mora nos Estados Unidos ai eu converso com ela em português

Pesquisadora: hahaha

Todos riem

Pesquisadora: e me diz uma coisa, quem tem blog?

Vicente: que

Pesquisadora: blog

Vicente: Eu!

Pesquisadora: você tem um blog de que?

Vicente: de camiseta de time

Pesquisadora: e o que você fala no blog?

Vicente: não, eu faço

Walter: faz o que?

Vicente: faço camisa

Amalia: ele faz camiseta, ele desenha

Walter: tipo camisa de time. O pessoal fala pra ele, eu pago tanto para você e você desenha

Pesquisadora: ah é? E a onde você pega estes desenhos?

Vicente: eu invento

Barbara: ele pega tipo o símbolo do palmeiras coloca na camisa e vai desenhando

Walter: e ele tem de vários times e camisas do palmeiras que não existe ainda

Pesquisadora: ai você faz isso, a pessoa pega esta informação e ela faz a camisa?

Walter: e paga para ele

Pesquisadora: mas não é você que faz a camisa?  
Vicente: eu tenho um modelo, aí eu desenho a camisa, tipo designer, sabe.  
Pesquisadora: e onde você aprendeu a fazer isso?  
Vicente: photoshop  
Pesquisadora: você faz no photoshop? Tudo sozinho? E como você aprendeu a mexer no photoshop?  
Vicente: no youtube e mexendo  
Pesquisadora: você foi pegando no youtube? Viu como você usam o youtube para aprender!  
Todos: ahh, para algumas coisas  
Pesquisadora: você sabe mexer no photoshop?  
Alguns dizem que sim outros não  
Felipe: eu sei  
Pesquisadora: como você aprendeu?  
Felipe: com o meu pai  
Pesquisadora: seu pai que te ensinou? E você?  
Barbara: eu sei criar sites  
Pesquisadora: você sabe? E como é que você aprendeu?  
Barbara: eu fiz um curso de web designer  
Pesquisadora: você fez curso de web designer? Que bonitinho. E você gostou?  
Barbara: estou terminando ainda  
Pesquisadora: e quem mais tem blog? Ele tem blog e quem mais?  
Nadia: eu  
Pesquisadora: você tem blog de que?  
Alguns jovens começam a cantar  
Pesquisadora: que música vocês estão cantando?  
Joice: Gustavo Lima  
Pesquisadora: quem é este mesmo?  
Vicente: ah, não sabe nem quem é!!  
Pesquisadora: e você tem o blog que é tipo um fan club?  
Nadia: eu posto novidades, posto fotos  
Pesquisadora: e da onde você pega estas novidades?  
Nadia: do site dele e eu procuro coisas em outro blog  
Pesquisadora: e aí quando você pega estas informações você copia e cola ou você reescreve?  
Nadia: não, eu reescrevo  
Vicente: mentira  
Pesquisadora: então você reescreve. Você pega de vários lugares e monta um texto seu? E a imagem você põe também?  
Nadia: sim aí eu pego a imagem do site dele  
Pesquisadora: eu vou procurar  
Nadia: meu celular não está aqui, senão... eu esqueci  
Amalia: tumblr conta como blog?  
Pesquisadora: tumblr conta como blog  
Amalia: ah, então eu também tenho  
Pesquisadora: tumblr é tipo, você coloca só foto?  
Amalia: eu posto foto e as vezes...tipo...desabafo  
Walter: eu tenho twitter  
Pesquisadora: você fala o que no twitter?  
Walter: eu converso com meus amigos

Vicente: desabafa

Walter: ou desabafar ou falar sobre o time

Amalia: na verdade o blog é uma coisa e o blog tumblr é outra

Pesquisadora: e vocês seguem todo mundo no twitter?

Walter: não

Joice: eu sigo só ele

Walter: só nós dois nos seguimos

Pesquisadora: e o tumblr, dá p vocês verem o tumblr de todo mundo?

Amalia: eu sigo de outras pessoas

Joice: eu também

Pesquisadora: você tem tumblr também? E as informações que vocês no tumblr? O tumblr é mais foto, não?

Catia: o tumblr é tipo

Walter: mais simples

Amalia: depende de quem tem o tumblr. Tem gente que gosta de postar texto, tem gente que gosta de postar vídeo. Eu só coloco imagem de coisa que eu gosto.

Catia: eu coloco mais coisas relacionada ao amor

Pesquisadora: mas mais texto ou imagem?

Catia: eu só reblogo

Amalia: é só reblogar texto

Pesquisadora: reblogar significa pegar de algum lugar

Catia: pegar de outro blog e colar no meu

Amalia: na verdade quando as pessoas estão te seguindo e você segue elas e ai ficamos todas as imagens, que nem o Facebook, que é compartilhado.

Pesquisadora: entendi. E me diz uma coisa, quando vocês tem que estudar para uma prova vocês ficam na frente do computador também?

Muitos fazer que sim e com a cabeça e falam: sim

Catia: eu fico no celular

Gabriela: no celular, no wechat

Pesquisadora: você fica com o wechat no celular?

Gabriela: é

Pesquisadora: mas para que? Para ver vídeo?

Gabriela: não, a gente fica conversando

Vicente: eu não eu publico no grupo do 9 D

Pesquisadora: você publica no grupo do Facebook?

Vicente: sim

Joice: a gente tem um grupo para nossa sala

Walter: tipo para que não prestou atenção ou para quem faltou para pegar a matéria da prova fica sabendo pelo grupo do Face.

Pesquisadora: e se você tiver com dúvida na matéria, você pergunta no grupo?

Walter: depende

Joice: sim

Walter: se tem alguém online que sabe a resposta a gente observa e vai lá perguntar, senão

Barbara: normalmente a gente vai só pedir lição

Amalia: normalmente começa sim: tem lição de que?

Todos concordam

Walter: alguém bodiou no fim de semana ai chega a noite no domingo e já pergunta, tem lição do que p amanhã?

Joice: ou qual é a próxima prova?

Pesquisadora: e isso ao mesmo tempo que está no computador está assistindo a televisão também?

Joice e outros: sim

Pesquisadora: e o livro também?

Muitos dizem que sim

Walter: não. E não estudo com TV não

Pesquisadora: não?

Walter: não. No máximo com música

Pesquisadora: você fica com música e com o celular

Walter: não, o celular para ouvir música eu desligo a internet

Pesquisadora: ah tá, você desliga a internet para não atrapalhar?

Walter: é

Amalia: eu só consigo estudar ouvindo música

Pesquisadora: você põe fone?

Amalia: sim. Por que ai eu meio que me desligo do mundo e consigo me concentrar só na matéria

Catia: eu não consigo estudar com música por ai eu já quero cantar

Pesquisadora: então vamos lá, eu pego o livro para estudar, e se eu ficar com uma dúvida? Então eu pego o livro, estou estudando e fiquei com dúvida, o que é que eu faço?

Todos: google, WeChat

Pesquisadora: chamo alguém pelo WeChat? A Gabriela?

Todos: sim

Pesquisadora: Gabriela depois você me dá seu telefone, que quando eu tiver dúvida eu vou perguntar para você

Gabriela ri e diz que sim

Pesquisadora: me diz uma coisa. Vocês acham que tem alguma coisa na escola que iria ajudar vocês a aprenderem?

Todos dizem sim

Joice: notebook

Pesquisadora: notebook, por que?

Barbara: porque ia ser mais fácil para escrever nas aulas

Joice: por que é legal

Pesquisadora: mas você acha que você digita mas rápido que você escreve?

Barbara: sim, bem mais

Walter: eu acho que se tivesse também ia atrapalhar o negócio do professor querer explicar enquanto a gente tá copiando.

Todos concordam com a sua fala

Walter: por que a gente ia ter terminado de copiar e ia ter tempo de sobra para explicar

Catia: mas se a gente tivesse aula no computador a gente não precisava copiar, ele mandava a matéria já para a gente

Vicente: a gente ganharia até mais tempo

Gabriela: "tempo" ganharia mais tempo

Catia: teria mais tempo para tirar dúvida

Amalia: é por que assim, o professor poderia mandar o texto para todo mundo ai ele ia lendo assim enquanto explica o texto, e todo mundo tá acompanhando

Walter: igual a lousa eletrônica, Datashow

Vicente: ele manda no e-mail

Pesquisadora: mais ai ele não precisaria do computador, ele podia dar o texto impresso para vocês

Catia: assim perde. A gente perde as coisas

Walter: podia vir o notebook e depois a escrita. As próximas empresas tudo vai ser computador, pode ter umas coisas escritas a mão mais, a maioria vai ser no computador. Se já fosse treinando a digitar estas coisas, já ia ajudar

Pesquisadora: então você quer dizer que você usando o computador aqui vai ser mais fácil por que na sua vida profissional você vai ter que usar computador

Walter: é por que eu já passei no Senai com meu pai e usa o computador na carreira, para várias coisas

Pesquisadora: então se você já usasse o computador na escola seria melhor?

Catia: seria econômico

Gabriela: seria melhor para o meio ambiente

Vicente: a gente já ia aprender

Pesquisadora: mais vocês também não podia, ao mesmo tempo, ficar fuçando no Facebook?

Gabriela, Yolanda, Catia: é só bloquear a internet

Gabriela: eu acho que assim, a gente teria que comprar, só que a escola. Você pagava para a escola e a escola comprava e o tablet e o tablet seria bloqueado para rede sociais

Amalia: seria só para estudar

Pesquisadora: só para os estudos?

Vicente: mas se fosse aqui na escola um notebook de R\$ 800,00 reais eles iam cobrar R\$ 5000.

Pesquisadora: mas me diz uma coisa. Vocês achariam melhor o tablet ou o computador?

Todos: computador

Pesquisadora: por que?

Todos: por que é mais fácil de digitar

Walter: é mais fácil de digitar que o teclado touch

Pesquisadora: Yolanda.

Yolanda: o computador é mais fácil de digitar que o tablet

Pesquisadora: então p que serve o tablet?

Todos: para fazer a mesma coisa

Joice: o tablet é mais fácil para a gente levar para algum lugar. Notebook não

Walter: é muito chamativo

Gabriela: mas tem capinha para o tablet com teclado. E é só conectar o tablet no teclado

Pesquisadora: e vocês acham que seria legal vocês terem o computador por que os professores teriam mais tempo para a sala?

Todos concordam e falam: com certeza

Pesquisadora: ele gasta muito tempo

Catia: ele gasta muito tempo e na hora que ele termina, acabou a aula

Walter: uma das aulas que a gente mais entende é a do Pimenta por que ele digita a aula inteira

Amalia: Ah, eu acho isso muito entediante

Yolanda: eu também acho

Pesquisadora: mas como assim ele digita?

Amalia: ele dita

Vicente: no começo eu gostava só que agora eu já cansei

Walter: é muito mais fácil por que ele vai ditando e já vai explicando toda a matéria. O único ruim da aula dele é que a gente quase não usa o livro, o livro mais caro do material escolar.

Gabriela: a gente só usa quando ele resolve passar algum exercício de 10 páginas de caderno frente e verso.

Pesquisadora: mas aí me diz uma coisa, enquanto ele está ditando se você te alguma dúvida, ele para e te tira a dúvida?

Muitos respondem: para, sim, isso sim.

Yolanda: é o único professor que para

Walter: ele para na hora, na hora. Se perguntar ele para na hora e para o pessoal esperar no sinal

Amalia: e também o professor para na lousa, aí quando você está aqui ainda ele já apaga e você não copia.

Pesquisadora: não deu tempo?

Joice: é

Pesquisadora: E quando você vai estudar alguma coisa em casa no computador, você procura onde no google?

Amalia: sim

Outros: no google

Pesquisadora: mas aí o google dá varias opções de site

Amalia: eu vou hoje no yahoo

Yolanda: eu também

Outros concordam com a cabeça

Walter: eu ligo o anti-virus para procurar o mais confiável

Pesquisadora: é?

Walter: o que tem mais estrelinha aí eu abro ele

Pesquisadora: é por que senão pode ser que a informação não seja...

Amalia: é, porque a wikipedia dá para você editar

Pesquisadora: dá para você editar

Catia: ou eu entro no yahoo ou entro num site que chama brasil escola

As meninas concordam: é

Vicente: eu uso o google acadêmico

Walter: como meu pai era professor, ele já me indica opções

Catia: quando eu tô com dúvida em algum verbo por exemplo eu entro no conjugame, que é um site

Pesquisadora: que é um site só para isso? Aí você sabe que é confiável? Por que você pode pegar informação da internet que não é útil né?

Pesquisadora: e me diz uma coisa, digamos que você está assistindo alguma coisa na Tv, se você tem alguma dúvida, você vai na internet ver mais informações sobre aquilo?

Vicente: não

Walter: sim

Yolanda: eu pergunto para Gabriela, se ela não souber aí eu vou

Pesquisadora: mas e se você ver alguma coisa no Facebook que você gostou, aí você vai lá depois ver vídeo e depois volta para o facebook?

Muitos fazem sim com a cabeça e falam: sim, é

Yolanda: ah, só se me interessar muito

Walter: ah, se você escuta uma música numa rádio você vai procurar na internet, se você gostou da música

Outros concordam: é é

Pesquisadora: e ai você procura o vídeo no youtube também?  
Vicente: tipo aquela mina do Face...ai eu procuro mais vídeos  
Pesquisadora: deixa eu ver, eu tenho mais alguma pergunta...ah, vocês entram em sites de outro país?  
Muitos dizem que sim  
Catia levanta a mão e diz que sim  
Pesquisadora: é por que você gosta de anime, estas coisas...  
Catia: e eu gosto de música coreana também  
Pesquisadora: música coreana?  
Vicente começa a cantar e  
Pesquisadora: Vicente, vou tirar o meu celular de você  
Vicente: ah não  
Yolanda: mas eu gostava de música coreana, você gostava de música...  
Catia: sim, só que você parou. E eu me apaixonei muito por música coreana  
Pesquisadora: Vicente, deixa ela falar  
Catia: por que é diferente das músicas americanas e japonesas e você aprende outra língua. Por exemplo, eu aprendi algumas palavras em coreano, só que é muito complicado escrever  
Pesquisadora: eu imagino que deve ser muito complicado  
Vicente: eu sei algumas palavras em coreano  
Pesquisadora: mas ai você entra em sites coreanos?  
Catia: sim, inclusive o twitter eu só uso para olhar os twits dos coreanos  
Pesquisadora: é? E como é que você faz para entender?  
Catia: google tradutor  
Vicente: control C – google tradutor – control V – traduzir texto coreano para português  
Barbara: professora! A Catia quer cantar!  
Amalia: eu entro no Fan club do Justin  
Pesquisadora: e você conversa com as pessoas em inglês lá, não?  
Amalia: converso. Tem umas que vem para o Brasil ai a gente combina de se encontrar  
Pesquisadora: mas você conversa em inglês?  
Amalia: ai eu uso as palavras que eu sei e as que eu não sei eu traduzo  
Pesquisadora: google  
Walter: por exemplo na copa lá do Brasil, na copa das confederações eu twitei uma pá de coisas e vieram 50 cara me xingar. Falaram que Brasil é país de índio, falam mal dos português, e falaram que a única coisa boa do Brasil era o Pelé  
Pesquisadora: não acredito. Nossa. E gente, para terminar, o que você gosta de usar mesmo assim, que você usa todos os dias no computador para fazer o que?  
Pra fazer edição de imagem, meche no photoshop  
Catia: olha, ultimamente eu não tenho usado nada de computador  
Gabriela: eu não uso mais o computador, só o celular  
Joice: para fazer trabalho  
Muitos concordam.  
Amalia: é muito mais fácil  
Catia: eu uso para assistir filme e rede social  
Walter: meu pai não reclama muito se me ver no computador por que ele sabe que eu baixo música, que eu vejo filme, estou fazendo trabalho ou vendo noticia, ou falando com minha família  
Pesquisadora: se ficar no computador então não tem problema?

Walter: eu não fio o dia inteiro, mas se eu fico ele não reclama por que ele sabe o que eu estou fazendo

Pesquisadora: então para fazer edição de imagem vocês usam o photoshop e para fazer edição de vídeo? Alguém faz edição de vídeo?

Gabriela: eu faço pelo celular

Yolanda: eu faço pelo celular

Wesely e Amalia: eu faço

Walter: vídeo sempre da família de fim de ano faz eu e minha prima, todo ano

Pesquisadora: é? Ai você sabe mexer no editor de vídeo que você aprendeu como?

Walter: eu aprendi com ela. Ela fez curso de informática

Pesquisadora: Felipe, fala alguma coisa, você usa o computador para fazer o que?

Outros respondem: para hackear os sites

Pesquisadora: hackear os sites?

Vicente: ele é hacker.

Walter: ele é hacker

Vicente: uma vez eu tava na casa do Patrick, tava jogando um joguinho né, ai ele falou, "AE, consegui" ele Hackeou tudo, ai entrou o perdido lá

Pesquisadora: você entra? Você consegue entrar?

Yolanda: consegue sim

Felipe faz que não com a cabeça

Pesquisadora: não tem problema, pode falar. Você sabe programação?

Felipe faz que mais ou menos

Pesquisadora: e você aprendeu mais ou menos programação como?

Felipe: com meu pai

Pesquisadora: com seu pai? Ah ta. Teu pai te ensina todos os caminhos né?

Vicente: mas ele não fala o que ele fica fazendo no computador a tarde né?

Pesquisadora: então o que mais vocês usam: photoshop

Walter: para baixar música

Amalia: às vezes eu uso (o computador) para mexer no Facebook por que meu dedo dói de ficar assim (ela mostra os dedos como se fossem nas teclas do celular)

Pesquisadora: de ficar no celular? É muito pequenininho né?

Walter: mas o que eu mais uso é para falar com o meu pai e com a minha mãe

Pesquisadora: É?

Walter: é que eles são separados ai meu pai viaja para Curitiba e quer falar comigo ai eu passo a tarde inteira com minha irmã ai tem que avisar se eu vou ter que fazer janta

Pesquisadora: então você usa para o que e usado mesmo, para se comunicar com as pessoas.

Gabriela: o motivo

Pesquisadora: é, o motivo do celular é para isso

Pesquisadora: e me diz uma coisa, e o Facebook, é o dia inteiro?

Alguns dizem que sim e outros não

Joice: eu não

Catia: eu olho o Facebook ai eu olho as novidades. Ai eu saio e daqui a pouco já estou no Facebook de novo

Amalia: como eu fiz o grupo ai o povo fica falando e eu não gosto daqueles numerinhos em cima da pasta, eu entro em desespero. Ai eu vou, entro, olho todo mundo e saio

Joice: joga Candy Crush

Amalia: é, eu jogo

Pesquisadora: não você não gosta de achar que você a perdendo alguma coisa?

Amalia e outros concordam: é

Pesquisadora: então vocês entram sempre no Facebook para ver se alguma coisa aconteceu

Yolanda: é para ver se aconteceu alguma coisa

Walter: a maioria deixa conectado no celular por que ai se acontece alguma coisa já vê no celular

Pesquisadora: mas se acontece tipo o que/ alguma coisa na sala...

Todos concordam

Gabriela: se alguém posta alguma coisa e marca você

Vicente: algum vídeo

Catia: coloco até nas fun pages que eu mais gosto ai eu recebo notificação das paginas

Pesquisadora: de qualquer novidade que acontece?

Todos: é

Pesquisadora: E as coisas da cidade. Quando acontece manifestação...

Catia: ai meu pai fica o dia inteiro no jornal

Walter: eu fui

Vicente: ai se filma no espelho, nossa manifestação

Walter: alguém mandou que ia sem em lugares separados ai eu tenho que ficar falando com os meus amigos d cidade para saber quando vai ter lá para eu poder ir.

Pesquisadora: ahm

Walter: ou quando vai ter show. Se eu sei que vai ter em Minas Gerais ai eu tenho que falar com minha família para ver se posso ficar lá, para comunicar

Pesquisadora: e a última cosia, alguém usa e-mail ainda?

Alguns falam: eu uso

Amalia: muito difícil

Yolanda: só para olhar alguma senha minha que eu esqueci

Pesquisadora: e você sua para que? Pra comunicar com amigos ou família?

Catia: eu uso para cominar com um amigo

Todos: ahhhh

Catia: eu só uso para mandar trabalho por exemplo, para algum amigo

Pesquisadora: ah, para mandar trabalho...mas não dá para mandar pelo facebook?

Catia: é ruim. O arquivo em Word ou Power point não dá para mandar.

Amalia: a ultima vez que eu usei o Hotmail foi para mandar e-mail para meu celular ai eu fiquei copiando o trabalho

Yolanda: ultima vez que eu usei meu e-mail foi para mandar trabalho

Pesquisadora: e tem alguém que vocês conhecem que não usa nada de tecnologia?

Todos: não!

Gabriela: minha Vó

Vicente: minha Vó tem computador

Catia: até minha Vó ta usando

Muitos respondem: minha vó também usa

Pesquisadora: e vocês se comunicam com sua vó pelo celular

Gabriela: por mensagem

Catia: com meu pai pelo whatsapp

Yolanda: minha mãe e meu pai pelo whats

Catia: se meu pai viajou a trabalho a gente se comunica pelo whats

Pesquisadora: Bom gente, é isso ai, alguém quer falar mais alguma coisa?

Vicente: você compra um desse iphone para mim?

Pesquisadora: meu bem, trabalha que você compra um!

Vicente: então me arranja um emprego

Pesquisadora: com certeza! Você fala inglês?

Vicente: eu posso ser narrador. Hi Man, whats up man?

Pesquisadora: vamos parar o celular então. Com é que para? Alguém quer falar alguma coisa?

Amalia: eu quero ver o nosso vídeo

## ANEXO D

Entrevista com Eduardo dia 23/02/2015 realizada no seu escritório.

Pesquisadora: primeiro eu vou te explicar um pouco o meu trabalho, ok? Bem rapidinho e depois eu vou te fazer umas perguntas sobre o que você usa de tecnologia no seu dia a dia e no trabalho e depois o que você, como proprietário de uma empresa, acha importante seus funcionários saberem ou que habilidades você acredita que eles precisam ter, ou que habilidades você procura antes de contratar alguém novo, ok?

Eduardo: ok, manda bala

Pesquisadora: então, sobre o uso de tecnologia, você acha importante ou você usa muito

Eduardo: Ah, a tecnologia mudou muita coisa, tudo mudou, no meu trabalho, mudou muito. Quando eu comecei a trabalhar a gente tinha que usar fax e telegrama, demora muito, eu tinha que ir para a Europa 3 ou 4 vezes por ano

Pesquisadora: é, eu imagino, com o seu tipo de trabalho

Eduardo: então, eu tinha que ir para a Alemanha, fotografar umas 30 ou 40 peças de roupa e depois trazer para o Brasil um monte de filme

Pesquisadora: nossa, você tinha que tirar foto de tudo

Eduardo: é, eu chegava com os filmes, aí tinha que revelar e só depois a gente escolhia quais ia mandar vir p cá.

Pesquisadora: e depois? Com a tecnologia? O que mudou?

Eduardo: agora eu tiro foto com o meu iphone e já mando para o cliente. Se estiver em outro país, eles podem me mandar a foto por e-mail e se não ficar claro eu peço para eles tirarem outra, tudo no mesmo dia.

Pesquisadora: e você usa muita tecnologia no trabalho? O que você usa?

Eduardo: eu uso muito e-mail e telefone. Mas mais e-mail. Também uso Skype e *wetransfer*

Pesquisadora: este é aquele para passar imagem grande?

Eduardo: é, que você passa o link

Pesquisadora: Ah, tipo dropbox?

Eduardo: exatamente igual o dropbox

Pesquisadora: e você usa algum aplicativo ou programa?

Eduardo: não, eu não sou muito de aplicativo, no telefone eu uso mais o whatsapp ou jogo paciência

Pesquisadora: e você joga outras coisa também?

Eduardo: não, jogo só paciência, sabe quando eu preciso ter paciência

Pesquisadora: você diz quando está esperando?

Eduardo: é quando fico esperando uma reunião ou um cliente

Pesquisadora: e você usa o seu telefone quando tem alguma dúvida?

Eduardo: claro

Pesquisadora: você procura no google?

Eduardo: é, eu procuro no google

Pesquisadora: mas qualquer informação que você queira saber você procura no google? Coisa que você esteja com dúvida? Ou você pergunta para algum amigo?

Eduardo: ah, se eu tenho alguém para perguntar eu prefiro perguntar para uma pessoa

Pesquisadora: por que?

Eduardo: ah, no google aparece um monte de informação, mas a gente não sabe se é verdade ou não,

Pesquisadora: então você prefere perguntar para um amigo por que acha mais seguro?

Eduardo: com certeza, no google a gente não sabe quem escreveu

Pesquisadora: e quando você quer aprender a fazer uma coisa, por exemplo, se quisesse cozinhar alguma coisa, e fosse buscar a receita, você procuraria um vídeo?

Eduardo: eu poderia procurar um vídeo, mas só para ver, eu não ia cozinhar de verdade, (risos)

Pesquisadora: é, por que você tem birra da cozinha né? Mas e outra coisa, se você quisesse fazer algo e não soubesse como

Eduardo: ah, ontem mesmo eu queria mudar o nome do meu computador e ai eu peguei um vídeo do *youtube*

Pesquisadora: e ai você viu o quanto era fácil de fazer

Eduardo: era fácil mesmo, mas eu parei o vídeo o tempo tudo para ir fazendo

Pesquisadora: e fora do trabalho, você usa muito a tecnologia, ou computador para falar com seus amigos, familiares

Eduardo: não muito, eu sou meio antiquado neste sentido, eu gosto de ver a pessoa frente a frente

Pesquisadora: e facebook, você usa?

Eduardo: muito pouco, só para ver umas coisas

Pesquisadora: mas você entra todo dia?

Eduardo, não só quando tem alguma coisa. Ontem mesmo falei com um amigo do Peru

Pesquisadora: então você usa para falar com sus amigos de fora

Eduardo: é, mas eu prefiro ver

Pesquisadora: e se não der?

Eduardo: ai eu ligo

Pesquisadora: liga no telefone? Muitos adolescentes nem usam mais o telefone para ligar

Eduardo: eu sei, minhas filhas sempre falam “pai, por que você tem que ligar, não é mais fácil mandar mensagem?” mas eu gosto de ligar

Pesquisadora: mas você fala com elas pelo whatsapp também?

Eduardo: falou, a gente tem um grupo no whats

Pesquisadora: e você fala com seus amigos pelo whats tb?

Eduardo: falo, a gente tem um grupo, a gente manda umas coisas engraçadas

Pesquisadora: e você tem grupo do whats para o trabalho também?

Eduardo: tenho 3. Eu tenho 10 grupos no whats, com minhas filhas e alguns amigos, e tenho 3 grupos de trabalho

Pesquisadora: e você usa para falar de trabalho ou coisas pessoais?

Eduardo: de trabalho

Pesquisadora: e o que mais de tecnologia você usa, você assiste filme no celular?

Eduardo: assisto este filmes engraçados, ou vídeos do *youtube*

Pesquisadora: você assiste quando tá em casa?

Eduardo: não. Só quando estou a toa esperando alguma coisa

Pesquisadora: quando você está esperando um cliente ou reunião?

Eduardo: é, para matar o tempo

Pesquisadora: e aqui na empresa? O que você procura em alguém quando você contrata? O que a pessoa tem que saber?

Eduardo: bom, ela tem que saber pelo menos mexer e no word e excel

Pesquisadora: e se ela não souber?

Eduardo: se não souber eu ensino, mas eu preferiria gastar o meu tempo explicando coisas sobre o negócio mesmo e a empresa, como funcionam as coisas. Tem coisa que as pessoas já tem que saber

Pesquisadora: e sem ter haver com tecnologia, o que você procura em um funcionário?

Eduardo: que ele saiba ultrapassar desafios

Pesquisadora: e seria melhor que ele ultrapassasse os desafios sozinho ou com o grupo?

Eduardo: em grupo seria melhor, saber resolver o problema com os outros, mas pode ser sozinho também, o importante que não tenha medo de desafios

Pesquisadora: e você acha importante ensinar com a tecnologia?

Eduardo: lógico!

Pesquisadora: por que que é importante?

Eduardo: as pessoas são o que elas são em qualquer lugar, então não adianta você tentar tirar isso da pessoa

Pesquisadora: você quer dizer que se as pessoas usam a tecnologia no seu dia a dia que não tem como tirar isso na escola?

Eduardo: mas é claro! Se as pessoas usam a tecnologia o dia todo, estão acostumadas a interagir o dia todo, ai chega na escola e você tira totalmente isso deles, e não deixa eles se expressarem com isso, é logico que ele vão ficar desinteressados.

Pesquisadora: então você acha que os alunos ficam desinteressados na escola?

Eduardo: é claro! Não tem nada a ver com o dia a dia deles

Pesquisadora e você usa a tecnologia na sua vida pessoa? O computador?

Eduardo: não muito, uso mais para o trabalho mesmo. Mandar e-mail. Amigos eu prefiro ver

Pesquisadora: e para estudar inglês? Você faria aulas online? Nestes cursos?

Eduardo: não. Eu prefiro assim, particular. Estes cursos a gente tem que entrar na internet, dá trabalho, não tenho tempo, prefiro ver o professor.

Pesquisadora: cara a cara?

Eduardo: é

Pesquisadora: acho ótimo. É bom mesmo. Ficamos sem tempo né? Muito obrigada, foi ótimo

Eduardo: foi um prazer.

## ANEXO E

### Entrevista Aline e Juliano Dia 23/02 no Escritório de Engenharia Civil

Pesquisadora: vou explicar um pouco sobre o meu trabalho. O meu trabalho quer explorar o que muda, ou o que o professor precisa ensinar, já que as pessoas usam tecnologia. Então o meu trabalho não sobre o que usar o computador ou o telefone em sala de aula especificamente, mas sim o que precisa mudar no professor e na escola já que as pessoas usam tecnologia todos os dias. Vocês acham que as alunas deveriam ser iguais ao que eram no passado? Especialmente aulas de inglês, vocês acham que elas tem que mudar? O que muda no seu trabalho, por exemplo? Quando você usa a tecnologia mais? Mais no trabalho ou...

Juliano e Aline: no trabalho

Pesquisadora: você se lembra da vida sem tecnologia? Do seu trabalho sem a tecnologia, você se lembra?

Juliano: sim

Pesquisadora: o que era diferente?

Juliano: eu acho que o ponto principal é...no passado nós não tínhamos backup. Usávamos apenas papéis e coisas materiais, como pastas. Então nós não tínhamos backup

Pesquisadora: então você precisava de espaço para colocar todos estes papéis

Juliano: é, espaço e estávamos suscetíveis a acidentes como fogo, roubo, alagamento.

Pesquisadora: e isso já aconteceu alguma vez? Você já perdeu alguma coisa?

Juliano: já, sim.

Pesquisadora: coisas importantes?

Juliano: sim, uma vez nós perdemos muitos documentos por causa da chuva que alagou o depósito...Ratos também.

Risos de todos

Pesquisadora: os ratos comeram?

Juliano: comeram

Aline: eca

Pesquisadora: eu também não gosto deles não. E você Aline, como arquiteta, você acha que sua vida mudou deste que você começou a trabalhar até agora

Aline: Primeiro eu não sou Arquiteta

Pesquisadora ah é, engenheira, mesma coisa, risos, alguém que gosta de números...

Aline: eu não me lembro mais. Por que quando eu terminei a universidade eu trabalhava no Itaú, e lá eu usava computador e depois se a gente não tivesse o computador a gente viveria em um mundo de papel.

Por que hoje tudo é muito rápido.

Pesquisadora: você acha que você faz as coisa mais rápido hoje?

Aline: concorda com a cabeça. Hoje...

Pesquisadora: no seu trabalho

Aline: hoje a gente faz muito mais coisa em uma hora do que no passado. É uma diferença brutal.

Juliano: mas...

Aline: eu, os contratos no computador, o computador faz tudo para mim, emite o boleto, cálculo de juros e no passado eu tinha que fazer tudo, e a chance de errar era muito maior

Pesquisadora: no passado?

Aline: é

Pesquisadora: então você acha mais seguro hoje? Você acha mais seguro fazer o seu trabalho no computador?

Aline: é, é, não só por que não temos que ficar só no computador, podemos ter os arquivos físicos e podemos imprimir os documentos e colocar no arquivo

Pesquisadora: por que?

Aline: bom, primeiro para ter outro backup. Nos temos um backup do computador, mas é mais fácil achar informação ou anotação a respeito do cliente no arquivo.

Pesquisadora: ok, agora vamos falar sobre o seu uso diário. Você usa o computador e o celular todos os dias?

Juliano e Aline concordam com a cabeça

Juliano: sim

Pesquisadora: você acha que usa mais para trabalho ou questões pessoais?

Juliano: trabalho

Aline, cara de dúvida: eu não sei

Juliano: para trabalho

Aline: eu não sei te falar, mas Juliano me diz que meu iphone é meu cérebro. Mas, ouve, eu uso para aprender

Pesquisadora: aprender o que?

Aline: google tradutor, muitas coisas, o significado das palavras, google,

Pesquisadora: então você olha no google?

Aline: no google, mas ai a gente escolhe o site que é mais confiável

Pesquisadora: e como você escolhe o que é mais confiável?

Aline: ah...yahoo é blá (se referindo que não confia) mas...

Pesquisadora: qual é um que você confia?

Aline: ABC da saúde

Pesquisadora: ah, então quando você está buscando coisas ligadas a saúde

Aline: ah, muitas coisa. Eu, muitas vezes uso o scanner para o trabalho. Ah...

E-mail...

Pesquisadora: whatsapp

Aline: sim, com amigos, com a família

Pesquisadora: você usa o whatsapp para o trabalho?

Aline: o whatsapp para o trabalho? não. por que nos temos um telefone com plano especial para o trabalho

Pesquisadora: então você normalmente liga para as pessoas

Aline: sim. E eu uso para o trabalho o e-mail, é,

Juliano: para responder e-mail

Aline: é. Eu uso para muita coisa. Não só, como ele reclama, para o whatsapp e besteira

Juliano fazendo cara que discorda: facebook...

Aline: facebook eu não...veja bem...eu leio muitas informações importantes...

Pesquisadora: como o que?

Aline: como o problema com a água. Hoje nós teremos uma reunião de condomínio e o síndico postou muitas informações importantes, planos de contingência, 1, 2 3 4...ele montou um grupo do condomínio, e eu vi muita coisa interessante sobre o

que está acontecendo e tudo que esta sendo planejado, tudo que está sendo feito sobre esta questão e eu sei o que as pessoas estão pensando sobre o assunto

Pesquisadora: as pessoas no seu prédio?

Aline: é, o síndico tem que fazer muita coisa sem aprovação

Pesquisadora: tem que ser rápido,

Aline concordando com a cabeça: sim, planos de emergência. Eu vejo muitas coisas interessantes sobre ...informação sobre espiritismo...eu não tenho ipad

Pesquisadora: como ele

Aline: é como ele, então eu uso isso para tudo

Pesquisadora: e o seu computador?

Aline: o meu computador é só para trabalhar, no máximo para guardar fotos, mas o meu computador, para trocar e-mail com amigos, ou se eu compro alguma coisa, muitas vezes eu compro neste computador, por que é mais seguro. Mas só isso, o resto é só trabalho. Por que eu tenho programas específicos para trabalho e eu não gosto por que eu acho que fica vulnerável se eu começar a usar.

Pesquisadora: ok. A gente falou sobre aprender, vocês usam o computador quando querem aprender algo novo?

Juliano: sim

Pesquisadora: o que você faz?

Juliano: eu ponho minha dúvida no google

Pesquisadora: e você confia no resultado?

Juliano: depende do site

Pesquisadora: mas se você tem um amigo que sabe sobre o que você está em dúvida, você prefere ligar para o seu amigo ou checar na internet?

Juliano pensa um pouco e responde: provavelmente o meu amigo

Pesquisadora: por que?

Juliano: por que eu acho mais seguro, a informação é mais segura

Pesquisadora: então as vezes é difícil achar informação segura online?

Aline: mas nós olhamos primeiro na internet e depois a gente tira a prova do nove.

Eu aprendi muito sobre o meu problema [faz gesto apontando para seus seios] e eu perguntava muito para os médicos, é isso, é aquilo?

Pesquisadora: por que você acha na internet?

Aline: é. Com a idade, a gente tem discernimento, não é como um jovem

Pesquisadora: que não sabe qual site é seguro?

Aline: é.

Pesquisadora: ok. E em inglês, você tem algum aplicativo para aprender inglês?

Juliano e Aline: não

Pesquisadora: você acha que aprende inglês com o computador?

Juliano? Acho. As vezes

Aline: Eu acho que eu aprendo com música e muitas vezes eu tento entender o que...

Pesquisadora: você faria um curso online? De inglês? Por Skype ou

Ambos fazem que não com a cabeça

Pesquisadora: não? Por que não?

Juliano: ahhhh....tem muitos problemas, na minha opinião

Pesquisadora: que são?

Juliano: em primeiro lugar, eu acho que eu não tenho disciplina suficiente para começar no horário certo, na frente de uma máquina. E o segundo problema é que eu acho que com uma professora particular é mais pessoal

Pesquisadora: é. Mas e estes aplicativos e jogos. Vocês já tentaram?

Aline: eu só jogo um jogo

Pesquisadora: qual?

Aline: candy crush. Quando eu vou dormir

Pesquisadora: você não joga nenhum em inglês? Nem no Wii?

Juliano: não. Não.

Pesquisadora: ok. E no seu negócio. Se você, por exemplo, fosse contratar alguém, o que é que você acha que ele tem que ter. Não sobre tecnologia, mas o que você procura em um novo empregado?

Digamos que você vá contratar um pessoa nova, o que você quer que esta pessoa tenha?

Juliano: eu acho que hoje em dia as empresas, precisam de pessoas que falem, que comuniquem com outras pessoas. Que saiba se comunicar com as pessoas.

Pesquisadora: então você quer alguém que saiba trabalhar em grupo?

Juliano: trabalhar em grupo

Aline: é, e comprometimento e que trabalhe bem com o grupo

Pesquisadora: então o mais importante é trabalho em grupo?

Juliano: é o mais importante

Pesquisadora: e coisas ligadas a tecnologia? Você acha importante que eles já cheguem aqui sabendo mexer com tecnologia?

Aline: ah sim

Juliano: a, não, depende da função, claro, se você contratar para recursos humanos, não..

Aline: precisa sim! Precisa saber sim

Pesquisadora: o que?

Aline: precisa saber

Juliano: Excel?

Aline: não só

Pesquisadora: vocês já tiverem um problema com alguém? Que não sabia muito o que estava fazendo?

Juliano? Não, nunca

Pesquisadora: por que você escolheu antes

Juliano: não, por que hoje em dia é essencial

Pesquisadora: todo mundo sabe

Juliano: é. Você trabalha com computador? Hoje em dia esta pergunta é ...

Pesquisadora: todo mundo usa?

Juliano: todo mundo

Pesquisadora: e na escola? Você acha que a escola deveria usar tecnologia?

Juliano e Aline: acho, acho que sim.

Aline: a tecnologia na medida certa

Pesquisadora: por que?

Juliano: por que acho que as crianças tem duas experiências. Uma com coisas físicas e outra com a tecnologia, high tec.

Pesquisadora: e você acha que eles devem ter os dois?

Juliano: sim

Aline: tem tecnologia que é perigosa

Pesquisadora: por que perigosa?

Aline: a conversa com pessoas...e no computador você tem acesso a muitas coisas de assuntos

Juliano: também causa problemas físicos, muitos problemas

Pesquisadora: físicos ou psicológicos?

Juliano: psicológicos e sociais. Você se torna uma ilha. Um monte de ilhas. Não fala com ninguém. A vida social é muito pobre.

Pesquisadora: mas você não acha que eles tem uma vida social nas redes sociais? No facebook? Não é o mesmo?

Juliano: é diferente

Pesquisadora: por que?

Juliano: por que não é pessoal. Cara a cara, quando você lê os olhos, as expressões das pessoas.

Aline: e o facebook é só para colocar umas informações que você acha importante

Juliano: facebook é lixo

Pesquisadora: você tem facebook?

Juliano: não, eu sou *faceless*

Aline: ele tem, mas ele não olha. Mas eu falo tudo para ele. Ele é Vice-sindico, eu leio tudo para ele

Juliano: eu sei sim. Eu falo tudo ao vivo. Eu não preciso do Face

Aline: ele é radical

Pesquisadora: então por que você saiu, ou não usa o facebook?

Juliano: eu não uso por que hoje existe um grande problema. Nos temos informação em alta velocidade, mas por outro lado, o tempo nunca é suficiente. É um paradoxo.

Aline: entendi

Juliano: com a informação em alta velocidade, no final do dia, nos temos o dia livre para fazer o que quiser, mas ninguém faz

Aline: mas e o e-mail. É a mesma coisa

Pesquisadora: então o que você está dizendo é que a tecnologia fez tudo ficar mais rápido

Juliano: chega em casa, facebook

Aline: não. O facebook para mim é só por prazer e coisas...eu não uso para trabalhar...mas e-mail eu uso para trabalhar e por prazer...e eu leio na minha casa, o facebook.

Juliano: ok

Pesquisadora: e aplicativos, tem algum que você usa para trabalhar? Você disse que usa scanner...o que mais?

Aline: a câmera

Pesquisadora: é, você usa a câmera

Juio: banco, este é importante

Aline: o Waze

Juliano: ahh.. Waze não

Pesquisadora: você não usa o Waze?

Aline: ele não por que ele

Juliano: eu odeio o Waze

Aline: ele não usa mas ele me liga, ou manda whatsapp, olha para mim o transito... o melhor caminho..

Pesquisadora: mas *e/le* não usa

Aline: não, não, não

Juliano: todas as vezes que eu fui tentar este Waze deu errado. Me mandou para o lugar errado

Aline: a lanterna é show

Juliano: é, muito importante (irônico)

Aline: mas é mesmo, agora em Pão Paulo

Juliano: com a crise de energia

Aline: é...ah, conversor, eu uso par trabalho, turbo scan...doc doc doc....

Juliano: o tempo... ela olha o weather channel de 5 em 5 minutos

Aline: é. Eu amo

Pesquisadora: por que

Juliano dá risadas

Pesquisadora: para poder usar vestido

Aline: exatamente. Eu separo minha roupa no dia anterior, antes de dormir, e então eu, eu gosto de saber o que vai acontecer com o clima. Se vai chover no fim do dia... por que eu vou buscar o Gabriel e se tiver previsão de chuva, eu vou mais cedo.

Pesquisadora: e filmes. Vocês assistem filmes no telefone?

Aline: assisto, palestras, tenho aqui guardadinho,

Pesquisadora: e você, assiste

Juliano faz que não

Pesquisadora: onde você assiste? No ipad (apontando para a telefone iphone 6 plus)

Juliano: no ipad (se referindo ao iphone 6 plus). Para que eu vou usar o ipad? Eu uso este aqui mesmo. Ontem eu vi um filme

Pesquisadora: no ipad?

Juliano: não, aqui mesmo

Pesquisadora: e foi bom?

Juliano: foi

Pesquisadora: e as vezes você começa a ver algo aqui e depois termina na TV, ou algo assim, ou quando começa num lugar você termina lá

Juliano: se eu começo eu termino lá mesmo.

Pesquisadora: mais alguma coisa que vocês querem falar?

Juliano. Sim. Eu acho que a gente deve tomar a decisão de desligar estes aparelho quando chegar em casa. Por exemplo, 8 da noite, desliga, lê um livro, um jornal

Pesquisadora: por que?

Juliano: por que a vida não é só no smartphone

Pesquisadora: então você acha que para ter uma vida em família...

Juliano: é. As vezes nós temos uma conversa dentro de casa [pega o celular e finge que está digitando] Juliano, desliga a TV, Juliano, onde você está...putz, não dá, a gente tem que...

Aline: eu acho uma maravilha, sabe por que? Eu vou dormir, eu tô caindo de sono ai eu penso, será que o Juliano vai lembrar de...eu teria que levantar

Juliano: você tem que parar com isso Aline, você fica usando estas muletas

Aline: eu não acho. Quando ele vai deitar o ipad vai direto para colo dele, vendo palestra...eu fico no Candy Crush

Juliano: eu fico lendo

Aline: então, você fica lendo, eu fico jogando, as vezes eu falo com a minha irmã também por que eu trabalho dia inteiro com os pais dele e eu posso falar o que eu quero. Eu não tenho problema com isso. Se ele acha que é meu cérebro, eu não tenho problema com isso,

Juliano: mas cada dia que passa tá mais dependente,

Pesquisadora: viciado?

Juliano: é fica viciado.

Aline: eu acho que a gente vive bem com, mas se não tivesse a gente viveria bem sem.

Juliano: mas a gente não desliga. O máximo que se faz é deixar no silencioso. Você fica tão dependente de perder alguma coisa que você não desliga. Eu desligo. Eu já devo ter perdido um monte na minha vida, por que eu desligo esta bosta ai

Aline: você não perde nada por que eu te conto tudo

Juliano: então por que você não desliga?

Aline: a maioria das vezes eu desligo, mas as vezes eu tenho receio que alguém vai me passar uma mensagem, alguma coisa assim, se alguém me ligar, minha mãe.

Pesquisadora: receio de alguma coisa acontecer?

Juliano: tem que desligar. Tenho receio de alguma coisa acontecer, mas a gente tá em casa

Aline: eu não desligo

Juliano: e não é só você não, é a população

Aline: eu não concordo

Juliano: vai lá pra casinha (pega o telefone e finge estar digitando) tá passando um fax...tá no carro.. no farol...sabe é a população que precisa se tocar

E eu não tô me eximindo disso, mas eu tô tendo a consciência que vai virar uma merda, mais cedo ou mais tarde

Risos

Juliano: fora as outras coisas, este negócio de magnetismo que já foi comprovado...

Pesquisadora: é verdade

Aline: ai eu também concordo

Pesquisadora: e se acabar a tecnologia dá para fazer a mesma coisa que faz hoje?

Aline: não, ai volta.

Juliano: acho que não vai precisar fazer isso.

Pesquisadora: não vai mesmo. Acabou nosso tempo é? Muito obrigada

Aline: foi um prazer.

**ANEXO F**

Entrevista Ana, Rodrigo, Thalita, Sandro

Dia 24 de janeiro de 2015. Escritório de Seguros

Pesquisadora: vou explicar rapidamente sobre a minha pesquisa...o que eu estou estudando é se o que as pessoas usam durante o seu dia em sua vida e como isso muda o que as pessoas pensam. Então eu não estou preocupada com a utilização do aparelho em sala de aula, mas sim o que muda na minha cabeça quando eu uso tecnologia durante o dia todo. Ai na escola não tem aquela tecnologia. O que mudou na minha mente desde quando éramos crianças e não tínhamos tecnologia para agora que usamos o dia todo. Isso muda nossos processos de pensamento? Eu ter um Ipad ou um Iphone o dia todo comigo faz eu pensar diferente? aprender diferente? Isso muda como eu ensino? E a professora deve ensinar diferente, já que a minha mente está diferente?

Então o que eu quero de vocês é saber o que vocês usam todo dia, o que é importante para você. Como é sua rotina? Estes aparelhos ai...

Ana (apontando para o tablet): eu não uso este durante o dia

Pesquisadora: por que não?

Ana: por que eu não uso ele no trabalho

Pesquisadora: o Ipad é só para você?

Ana: é. Só para...jogos...

Pesquisadora: você usa para jogar jogo?

Ana: hoje em dia, faz uns 3 meses, eu estou usando para assistir vídeos, séries...e isso eu acho que está me ajudando a aprender inglês. Por que eu ouço em inglês, e eu tento não ler as legendas

Pesquisadora: e por que você usa isso e não a tevê, por exemplo?

Ana: eu só uso ele quando a tevê está sendo utilizada por outra pessoa, meu marido, meu filho

Pesquisadora: jogos de futebol?

Ana: não. Meu marido não assiste futebol. Mas meu filho gosta de jogar vídeo games

Pesquisadora: então o Ipad te dá a opção de assistir o que você quer? E não o que todos estão assistindo?

Ana: é. E o que eu também fiz no Ipad foi ver o site que você mostrou para gente, com os vídeos, eu vi muitos dos vídeos.

Pesquisadora: eles são muito bons né?

Ana: muito

Pesquisadora: e você Thalita, onde você assiste vídeos?

Thalita: no meu Ipad

Pesquisadora: e você traz o seu Ipad para o trabalho?

Thalita: não

Pesquisadora: o Ipad é só para você?

Thalita: é. Eu assinto vídeos, as vezes em inglês, todo dia. E minhas redes sociais estão todas em inglês, então o dia todo eu vejo palavras em inglês como por exemplo, compartilhar, para mim é "share" e eu decorei algumas coisas.

Pesquisadora: por que você usa em inglês. E o seu telefone, é em inglês?

Thalita: é.

Pesquisadora: e você Rodrigo, quando você assiste vídeos ou coisas parecidas?

Rodrigo: eu assisto na Tevê, sentado no sofá

Pesquisadora: mas você assiste com todo mundo

Rodrigo: sim. Eu gosto de ver séries.

Pesquisadora: na TV

Rodrigo: e notícias

Pesquisadora: e você Sandro?

Sandro: eu a mesma coisa, eu prefiro assistir na tevê

Pesquisadora: por que?

Sandro: é mais confortável.

Pesquisadora: ok, e quando você quer aprender algo? Você tem que fazer alguma coisa, mas não sabe como. Onde você vai? Você pergunta para o google?

Todos respondem que sim com a cabeça.

Pesquisadora: mas você acredita no resultado? Você acredita no google?

Thalita: eu checo em 4 ou 5 sites

Pesquisadora: você tem algum site que você confia, mas que em outro?

Thalita: sim

Pesquisadora: como quais?

Thalita: sites de mídias, Globo, the New York Times

Pesquisadora: então quando está relacionado com algum jornal ou programa de notícia?

Thalita: é

Pesquisadora: e vocês?

Sandro e Rodrigo: Google

Pesquisadora: e se você tiver um amigo que sabe daquilo. Você prefere perguntar para o seu amigo ou perguntar para o google?

Todos: os dois

Pesquisadora: você confirma? Então você pergunta para o seu amigo para confirmar? Então você tem ter certeza absoluta que o que você viu na internet é verdadeiro?

Todos concordam com a cabeça

Pesquisadora: e o que a tecnologia facilita na sua vida? Por que a gente não tinha todas estas coisas a uns anos atrás,

Ana: Waze!

Todos confirmam em coro: Waze!

Ana: o meu Waze está em inglês

Pesquisadora: isso é bom

Ana: *turn on the left*. Sabe uma coisa que foi muito difícil para mim de entender? *I've read you destination?*

Pesquisadora: *I've arrived at your destination*

Ana: ah, *you're arrived*. Ela fala tão rápido! E eu preto atenção, toda vez. O que ela falou? O que ela falou?

Pesquisadora: eu tenho o Elvis no meu "*I've arrived at your destination, baby*"

Risos de todos

Ana: Ai que ótimo!

Pesquisadora: põe o Elvis no seu Waze

Rodrigo: eu vi, mas eu não coloquei

Pesquisadora: ah, mas é divertido

Rodrigo: eu sei

Pesquisadora: mas por que você acha que melhora? Por que você acha que usando o Waze é melhor?

Sandro: por causa da informação que você tem

Thalita: em tempo real

Pesquisadora: em tempo real

Sandro: é confiável

Pesquisadora: mas por que? Por que o Waze funciona tão bem?

Ana: por que todo mundo usa

Pesquisadora: é, o Waze só funciona

Ana: é por que ele atualiza o tempo todo

Pesquisadora: então ele só funciona por que todo mundo usa.

E me fala do trabalho, o que você usa aqui de tecnologia todo dia?

E-mail, por exemplo?

Todos concordam

Pesquisadora: o que vocês mais usam é o e-mail?

Ana: hoje em dia os nossos corretores estão usando Whatsapp também para falar conosco

Pesquisadora: então você usa o whatsapp para o trabalho?

Ana: muito

Rodrigo: eu não

Sandro: e-mail

Ana: os meus principais corretores usam whatsapp...mais do que eu gostaria

Pesquisadora: mas quando você chega em casa por exemplo, você desliga?

Ana faz que não com a cabeça

Pesquisadora: e eles continuam falando com você?

Ana: até umas 10 da noite!

Pesquisadora: então o seu trabalho não para?

Ana e outros concordam com a cabeça: não

Pesquisadora: por que eles conseguem te achar no whatsapp.. e eles conseguem ver que você está online.

Ana: eles acham a gente no e-mail também. A gente fica com isso (apontando para o telefone) o tempo todo. Mas eu acho o whatsapp mais rápido que o e-mail

Pesquisadora: é mesmo. E mais curto

Ana: eu gosto também. Por que ai eu resolvo de uma vez e posso pensar em outra coisa, e amanhã eu não tenho que lidar com isso.

Pesquisadora: então você resolve o problema?

Ana: é, resolve. Próximo por favor!

Pesquisadora: e ai no trabalho, tem alguma coisa que você acha que poderia ter aprendido na escola, mas não aprendeu? De tecnologia? Fazer uma apresentação, Excel

Ana: Excel sim

Pesquisadora: e quando você aprendeu a usar?

Ana: no meu primeiro emprego

Pesquisadora: e como você aprendeu?

Ana: num curso

Pesquisadora: então você teve que fazer um curso?

Ana: sim. A empresa pagou para mim

Thalita: eu aprendi no google. E hoje eu uso o google se tiver dúvida

Pesquisadora: você usa vídeo no youtube, você escreve como fazer tal coisa

Thalita: sim

Pesquisadora: e quando você tem dúvida você vai para um curso?  
Todos dizem que não  
Pesquisadora: e cursos online? Vocês já fizeram um curso online?  
Todos dizem que não  
Pesquisadora: mas vocês gostaria? Vocês fariam um curso de inglês online?  
Todos fazem que não com a cabeça  
Pesquisadora: não? Por que não?  
Ana: é que para fazer um curso a gente precisaria de mais tempo. Não é só entrar para ver um negócio e sair  
Rodrigo: a empresa deu para a gente um curso de inglês online.  
Pesquisadora: ah é?  
Ana: eu pensei em fazer, em me inscrever, mas eu fiquei preocupada com o tempo  
Pesquisadora: por que você acha que toma mais tempo?  
Ana: mais tempo  
Pesquisadora: você acha que eu curso online toma mais tempo que...  
Ana: ah, eu preciso de pelo menos uma hora por dia, e nós já temos esta aula, então  
Rodrigo: para mim este jeito não funciona  
Pesquisadora: por que?  
Rodrigo: por que eu preciso de um professor, de interação  
Pesquisadora: mas e no Skype? Com professor no Skype?  
Thalita: o tempo não é o problema, mas as pessoas precisam ser disciplinadas  
Pesquisadora: as pessoas tem que ser disciplinadas? Ter o tempo para fazer  
Thalita: é, parar o que você está fazendo e fazer a aula  
Rodrigo: eu prefiro uma aula normal.  
Pesquisadora: por que?  
Rodrigo: por causa do formato.  
Pesquisadora: você nunca fez uma aula online?  
Todos dizem que não  
Pesquisadora: e vocês não pretendem?  
Todos dizem que não  
Pesquisadora: não?  
E empregados novos? Quando você contrata empregados novos, o que você procura? Que tipo de pessoa você procura? Não precisa ser de tecnologia, o que você quer que ele tenha? Que habilidades?  
Ana: pro atividade. Não é?  
Pesquisadora: é isso que você procura?  
Ana: é que se a pessoa tem isso, lá pode fazer qualquer coisa  
Pesquisadora: mais você gosta que ela tenha sua própria opinião? Ou ela deve fazer o que você quer?  
Ana: ambos  
Pesquisadora: e trabalhar em grupo, você acha importante?  
Ana: sim  
Sandro: sim  
Pesquisadora: e espírito inovador? Você acha que eles devem ser inovadores? Criativos?  
Sandro: é legal, mas é difícil  
Pesquisadora: no seu ramo?  
Sandro é  
Pesquisadora: e um bom solucionador de problemas?

Ana: sim. Mas acho que é por causa do nosso ramo de atividade. Se fosse numa agência ou algo assim seria bom ser inovador, mas no nosso ramo se a gente pegar alguém que quer fazer muito e cheio de ideia, as pessoa vai ficar frustradas

Pesquisadora: é né. Ok, última pergunta. Vocês acham importante usar a tecnologia na escola?

Ana: eu acho que sim, por que faz as coisas ficarem mais atraentes

Pesquisadora: como o que nós fizemos aqui em sala, a gente estava usando o celular, você acha que foi melhor?

Thalita: eu acho. Por que a informação é mais rápida. Por exemplo o dicionário, você pode fazer rápido

Pesquisadora: e você pode ter mais coisa disponíveis para você

Thalita: é

Pesquisadora: você olha? Quando eu falo alguma coisa você olha no seu telefone, ou traduz?

Todos concordam com a cabeça

Ana: *google translator*

Pesquisadora: e na escola, seu filho por exemplo, você acha importante que a professora dele use tecnologia?

Ana: sim

Pesquisadora: por que?

Ana: por que eu tenho certeza que ele vai prestar mais atenção. Do que na lousa.

Pesquisadora: por que você acha que ele quer interagir mais?

Ana: é

Pesquisadora: e agora que a gente usou o telefone, você acha que vocês interagiram mais do que vocês faziam antes?

Todos: sim

Pesquisadora: vocês sentiram que estavam mais ativos?

Todos: sim

Pesquisadora: e vocês acham que as crianças iriam gostar?

Todos: sim

Ana: por que eles podem entender que a mesma coisa que eles usam para jogar jogos eles também poderia usar para aprender

Pesquisadora: e você acha que eles aprendem quando eles jogam videogame...e coisas assim?

Todos: sim

Pesquisadora: o que você acha que aprende quando você joga vídeo game?

Silvo: eu acho que eu aprendo inglês

Pesquisadora: e o que mais você aprende

Sandro: aprende a pensar

Pesquisadora: a pensar? E como pensar em grupo, por exemplo em alguns jogos

Sandro: sim

Pesquisadora: e você? Você acha que jogos te ensinam alguma coisa?

Rodrigo: não

Pesquisadora: você acha que 'só para diversão? E você Thalita, você acha que aprende jogando?

Thalita: eu não jogo muito. Mas eu acho que jogos ajudam na lógica

Ana: eu acho que alguns jogos ensinam estratégia

Pesquisadora: pessoas, muito obrigada

Ana: you're welcome.

## ANEXO G

Entrevista com Ricardo e Rogério realizada no dia 25/02/2015 em minha residência após a aula de Inglês

Pesquisadora: desculpem pelos milhões de aparelhos, mas depois da minha primeira entrevista que o computador desligou sozinho eu estou colocando estes aqui só para garantir ok?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: então primeiro eu vou só explicar o meu trabalho, para que vocês entendam o porque das perguntas que eu vou perguntar ok? A minha pesquisa é sobre o que muda quando a gente usa a tecnologia dia todo e depois vai para a escola. O que muda no material, na aula, na professora quando as crianças usam tecnologia o dia todo e vão para escola onde não há tecnologia

Ricardo faz que discorda com a cabeça

Pesquisadora: ok, e quando há, eu não estou estudando a tecnologia, estou estudando o aqui (apontando para a sala de aula) o aluno. O aluno muda? Não tenho interesse na tecnologia, a parte física, mas sim o que muda na cabeça das pessoas, quando eu uso. Como aprendo?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: eu como aluna uso o computador e o telefone o tempo todo para aprender coisas. Mas eu levo isso para escola? Eu uso na escola para aprender?

Ricardo e Rogério, concordam: OK

Pesquisadora; então a primeira coisa que eu queria perguntar...vocês acham que a tecnologia é importante? Você acha que muda sua vida?

Ricardo e Rogério, concordam e fazem que sim com a cabeça

Pesquisadora: como?

Ricardo: eu posso procurar as coisas quando eu tenho uma dúvida...é mais fácil para corrigir ou procurar uma dúvida

Pesquisadora: então é mais fácil achar uma solução?

Ricardo: é

Pesquisadora: mas você confia na internet?

Você vai na internet procura uma dúvida, você confia no resultado?

Ricardo: sim

Pesquisadora: você acha que a internet te dá a informação correta?

Ricardo: não apenas a internet, tipo www, mas eu uso aplicativos

Pesquisadora: como qual?

Ricardo: em inglês eu uso...(procura mas não acha)

Pesquisadora: mas na sua vida em geral? Quando você tem dúvida, você pergunta para a internet?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: e você confia na resposta?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim

Rogério: mas eu olho em sites...

Pesquisadora: você tem sites específicos que você olha?

Rogério: sim

Pesquisadora: quais:

Rogério: sempre o google. E depois um site específico.

Pesquisadora: qual? Por exemplo, você sempre vai num site da mídia, como Uol

Rogério: sim, Uol, Estadão, Folha

Pesquisadora: você prefere encontrar informação neste tipo de site?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça e dizem que sim

Ricardo: eu me sinto mais seguro

Pesquisadora: e se você precisa de uma informação, e você tem um amigo que sabe sobre aquele assunto. Você vai na internet ou pergunta para seu amigo?

Ricardo: vou na internet

Rogério: depende. Se o meu amigo for mais confiável, eu prefiro o amigo

Ricardo: para mim depende. Se eu preciso de uma informação específica, como emprego ou um problema meu, é mais seguro perguntar para um amigo. Por exemplo, uma vez eu tive um problema, eu achei que minha filha tinha sido sequestrada. Eu liguei para um amigo por que minha filha tinha sumido. Mas era um caso específico, era mais seguro, mais confortável, mais direto.

Pesquisadora: um amigo? Por que na internet não tem ninguém. Tem muita gente, mas não tem ninguém para se conversar.

Rogério: por exemplo, a crise hídrica, a internet não fala todo o problema, o problema inteiro

Pesquisadora: o problema inteiro? Você acha que a internet só fala...

Rogério: os especialistas nos falam a verdade

Pesquisadora: e onde você acha os especialistas?

Rogério: em geral em amigos, que trabalham para o governo

Pesquisadora: então eles te falam a verdade. Por que a informação na internet e na mídia é manipulada?

Rogério concorda com a cabeça

Pesquisadora: verdade E o que muda no seu trabalho? Você já trabalhou com seguros por bastante tempo

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: e com a tecnologia, você acha que o seu trabalho muda?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: o que?

Rogério: achar informação, clientes...

Pesquisadora: por que? É melhor hoje ou era melhor antes?

Rogério: melhor hoje

Pesquisadora: por que?

Rogério: sinistros, pesquisar eletrônicos para casos de pagamento, preço

Pesquisadora: e você pode pesquisar o que as pessoas falam?

Rogério: todos os fornecedores

Pesquisadora: e você olha na internet? E no dia a dia, como era seu escritório antes? Da internet

Ricardo: a gente tinha mais papel

Pesquisadora: mais papel. Vocês precisavam de mais espaço?

Rogério: é, mais espaço, mais ligações

Pesquisadora: você precisava usar o telefone?

Rogério: muito

Pesquisadora: então a conta de telefone era gigante

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Ricardo: hoje se eu tiver uma pergunta sobre um seguro eu vou no site da seguradora, no banco de dados e faço o download do contrato em segundos (estala o dedo para mostrar a rapidez)

Pesquisadora: e no passado o que você tinha que fazer

Ricardo: eu tinha que ligar, por exemplo Pesquisadora, eu preciso do contrato tal, meu office boy vai ai no seu escritório buscar. Até o papel chegar na minha mão eram 2 dois dias. Gastava 2 dias

Pesquisadora: então é mais rápido agora?

Ricardo estala os dedos querendo dizer, muito mais rápido.

Pesquisadora: então hoje em dia você usa menos espaço e menos telefone. Você acha que é mais barato no negócio hoje? Ter um negócio hoje?

Ricardo: sim

Pesquisadora: por que você tem um espaço menor?

Ricardo: hoje a gente muito mais informação e isso custa para comprar um bom serviço de web, um sistema. Hoje eu gasto mais dinheiro, mas tenho muito mais informação. Se você dividir o custo de uma informação no passado, 20 anos atrás, uma informação a vinte anos atrás era mais cara. Eu gastava menos, mas eu tinha menos informação. Hoje eu gasto mais dinheiro, mas eu tenho 4 ou 10 vezes mais informação.

Pesquisadora: mas por que ter esta informação é importante para você?

Ricardo: sua participação numa batida, o seu carro, eu tenho que saber quanto pagar para consertar. Hoje eu vejo em alguns segundos.

Pesquisadora: e no passado era muito demorado?

Ricardo: era. Ou eu precisava ir fisicamente buscar a informação

Pesquisadora: então você acha que é mais barato?

Ricardo: você entendeu o que eu disse? Hoje eu gasto mais dinheiro

Pesquisadora: mas você tem mais

Ricardo estala os dedos mostrando que muito mais

Pesquisadora: vocês tem mais clientes?

Ricardo estala os dedos mostrando que muito mais

Pesquisadora: você acha que possibilita você ter mais clientes, por que você tem mais informação?

Rogério: sim. A gente trabalha mais

Pesquisadora: você trabalha mais? Eu sei que hoje vocês tem um status diferente que no passado, claro, hoje vocês devem trabalhar mais por que vocês tem um negócio. Mas você acha que você tem que trabalhar mais, por causa da tecnologia?

Rogério: sim

Pesquisadora: por que?

Rogério: porque você não para. Não tem limites.

Pesquisadora: mas você trabalha muito quando você chega em casa?

Rogério: hoje não. Mas alguns anos atrás sim

Pesquisadora: por que o trabalho nunca para?

Rogério: é

Ricardo: mas,

Pesquisadora: o trabalho te segue até em casa?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim

Ricardo: pelo telefone

Pesquisadora: mas no passado, quando você chegava em casa, o trabalho parava?

Rogério: as vezes você pegava o seu trabalho e levava para casa (faz o gesto de pegar o caderno, se referindo que levava as folhas para casa)

Pesquisadora: e hoje você leva para casa (mostrando o telefone celular). Mas você pode desligar. Vocês desligam?

Ricardo: só quando vou para cama.

Rogério concorda com a cabeça

Pesquisadora: e se as pessoas te perguntam coisas sobre trabalho as 10, 11 da noite, você responde?

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim

Rogério: sim, mas não é comum

Pesquisadora: me fala do trabalho, das pessoas que trabalham para vocês. Quando você contrata pessoas novas, o que você acha que é importante eles saberem, serem bons. Habilidades. Para trabalhar com vocês.

Rogério: deve gostar de servir o cliente

Pesquisadora; então a pessoa deve ser um bom comunicador?

Ricardo: não só bom, mas tem que gostar de servir, como um garçom.

Pesquisadora: que gostem de servir as pessoas? E como vocês descobrem se eles gostam ou não? Entrevista?

Rogério: entrevista

Pesquisadora: e esta pessoa que deve ser boa em serviços, deve entender o que o outro precisa?

Rogério: é

Ricardo: é

Pesquisadora: e é importante trabalhar bem em grupo? Trabalhar com outras pessoas?

Ricardo: não. As vezes é uma pessoa que trabalha mal com outros, mas é boa para trabalhar para os outros. Mas se as pessoas não gostam de se relacionar com outras pessoas, ela provavelmente não gosta de servir

Rogério: você precisa gostar de pessoas. Atender pessoas

Pesquisadora: você acha importante ser pro ativo?

Ricardo: sim.

Rogério: uma pessoa com HD

Pesquisadora: o que você quer dizer com isso?

Rogério: uma pessoa que tenha soluções, respostas, rápido

Pesquisadora: mas você prefere um funcionário que saiba tudo, ou um funcionário que encontre a informação rápido?

Rogério: achar a informação rápido é ok, quando as pessoas trabalham no *backoffice*, não direto na frente.

Pesquisadora: do cliente?

Rogério: é

Pesquisadora: então em frente do cliente você quer alguém que saiba

Rogério: é

Pesquisadora: eles precisam ter a informação lá por que eles estão interagindo com o cliente.

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: e o que vocês acham da escola hoje. Vocês acham que eles deveriam usar tecnologia?

Ricardo: sim

Pesquisadora: por que?

Ricardo: por que é uma tendência

Pesquisadora: por que é uma tendência?

Ricardo: a tecnologia?

Pesquisadora: é. Por que é uma tendência ter?

Ricardo: não é uma tendência. É a realidade

Pesquisadora: é a realidade. As pessoas usam tecnologia o dia todo

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça

Pesquisadora: e o que vocês usariam em sala de aula? O que você acha que as pessoas deveriam ter em sala de aula?

Ricardo: minha mulher é professora e ela tem um programa, como você, uma tem o livro (apontando para o computador) e os alunos tem o livro físico, e ela tem laptop, um tablet e as vezes quando ela está na aula, ela pode por em sites, sobre uma pergunta.

Pesquisadora: então ela pode pesquisar na internet

Ricardo: não, não procurar na web. Está no livro dela. Por exemplo a água...

Pesquisadora: tem um link?

Ricardo: isso! Tem um link. E os alunos conseguem ver na tela

Pesquisadora: e por que isso é bom?

Ricardo: por que é mais rápido do que no passado e é melhor para eles entenderem

Pesquisadora: por que? Por que as informações estão na tela e não no livro?

Ricardo: eu acho que é...a coisa viva..

Pesquisadora: ah, é por que você consegue ver a imagem, ou um vídeo?

Ricardo: é, isso. Você tá falando de água

Pesquisadora: ai você mostra uma foto?

Ricardo: você entra na..na matéria tem vários links...ai pintou alguma dúvida já tá um link selecionado e você vai lá e clica. Ai ela consegue elucidar aquilo que ela tá falando.

Pesquisadora: bom

Rogério: bom para você?

Pesquisadora: não. É bom

Ricardo: eu sou um homem visual. Eu não lembro algumas receitas mas eu lembro de como fazer e, se eu te convidar para jantar na minha casa. Hoje eu foi fazer um estrogonofe. Eu não pego o livro de receita, eu gosto de ver o vídeo. Ai eu entendo como eu faço, ai eu faço. Para mim é mais fácil entender as coisas com os meus olhos.

Pesquisadora: a imagem? Não a palavra escrita?

Ricardo: é

Pesquisadora: e você Rogério? Você acha que a tecnologia deve ser usada? Você acha que a Beatriz, por exemplo, você acha que seria melhor se ela pudesse usar o telefone, por exemplo, na sala?

Pesquisadora: shiu! (sinal de silencio para o Ricardo, para que Rogério possa responder a pergunta)

Rogério: eu acho que a Beatriz e outras adolescentes tem um problema

Pesquisadora: por que?

Rogério: por que eles usam os eletrônicos o tempo todo

Pesquisadora: mas eles usam para escola?

Rogério: não! Para interesses pessoais

Pesquisadora: mas ela usa o computador para estudar?

Rogério: as vezes para estudar. Mas normalmente só para música, vídeos...

Pesquisadora: só para lazer?

Rogério: só lazer

Pesquisadora: não para trabalho?

Rogério não, não

Pesquisadora: e você acha que você usa tecnologia mais para o trabalho ou mais para você?

Rogério: mais para mim

Pesquisadora: e o que você usa mais?

Rogério: para pesquisar sobre o país, a cultura, a viagem

Pesquisadora: informações de viagem?

Rogério: é viagem. Mapas, costumes

Pesquisadora: e você assiste vídeos? Ou só olha em sites?

Rogério: sites

Pesquisadora: você vê sites em inglês?

Rogério: sim. Difícil para entender tudo, mas pequenos textos é ok.

Pesquisadora: mas eu já te vi com guias de viagem. Você lê bem agora. Agora você já esta mais acostumado.

Rogério: eu também uso para informação de economia, internacional e local. E comparar notícias

Pesquisadora: você usa para notícias internacionais?

Rogério: é. Globais, de outro países.

Pesquisadora: e você queria dizer alguma coisa?

Ricardo: não

Pesquisadora: já passou? Ok e seu telefone? o que você usa no seu telefone? Qual o programa que você mais usa?

Rogério: hoje, o zap zap (se referindo ao Whatsapp), e-mail e depois para ligar e receber ligações

Pesquisadora: e você liga mais ou manda mensagem mais?

Ricardo: o mesmo

Rogério: eu acho que eu recebo mais mensagem

Ricardo: e eu também, recebo mais mensagem que ligação.

Pesquisadora: tem alguém que você só fala pelo telefone? E não manda mensagem?

Como sua mãe?

Rogério: não não, minha mãe não. Eu ligo. E falo devagar

Risos

Pesquisadora: tem muita gente, que você só fala pelo telefone?

Ricardo: sim

Rogério: hoje menos do que no passado

Pesquisadora: por que a maioria das pessoas tem?

Rogério olha para Ricardo para confirmar: né?

Ricardo: é

Pesquisadora: e seus irmãos por exemplo, você manda mensagem ou liga?

Rogério: mensagem

Pesquisadora: e você?

Ricardo: Ricardo e Renata eu mando mensagem. Dinho, é só pelo telefone.

Pesquisadora: por que ele não tem?

Ricardo: ele não tem whatsapp. Não tem facebook

Pesquisadora: e você fala com ele menos que com os outros?

Ricardo: sim

Pesquisadora: por que ele não tem os mesmos aparelhos que você

Rogério: ele não participa

Pesquisadora: você acha que ele sente falta de estar no grupo?

Ricardo: não. Ele tem muitos problemas para resolver

Pesquisadora: então tudo bem?

Ricardo: é

Rogério: e você prefere

Ricardo: a gente, as vezes, a gente perde tempo com coisas não... importantes

Rogério concorda com a cabeça

Pesquisadora: então você acha que a tecnologia traz coisas que não são importantes?

Ricardo: sim

Pesquisadora: então muita informação, mas não tudo é útil?

Rogério: é, duas horas por dia

Ricardo: eu

Rogério. Sai do facebook, por que eu entendi que o facebook, a maior parte do tempo é igual um jornal, tipo Caras.

Pesquisadora: fofoca

Ricardo: é. No dia a dia

Pesquisadora: e vocês usam p trabalhar?

Ricardo e Rogério fazem com a cabeça que não

Pesquisadora: então o facebook vocês acham que é tipo uma coluna de fofoca

Ricardo: sim

Rogério: o facebook é legal quando você encontra amigos antigos, ou ver fotos da família, só. As outras coisas...

Ricardo: mas, as vezes, a pessoa má dentro de mim, e meu olho quer ver coisas sobre as outras pessoas, a vida.

Pesquisadora: fuçar?

Ricardo: é

Pesquisadora: e não tem propósito?

Ricardo: é, e às vezes eu...eu uso desta maneira

Pesquisadora: e é uma perda de tempo?

Ricardo: sim. Não só perda de tempo, mas perda de valor

Pesquisadora: não tem valor

Ricardo: e as vezes eu olho

Rogério: não tem valor

Pesquisadora: e onde você acha informação com valor, na internet?

Rogério: online? Em amigos. Quando escrevem sobre coisas que são de interesse comum.

Pesquisadora: e seu telefone? O que é algo que você usa o tempo todo? Whatsapp?

Rogério noticia, whatsapp

Pesquisadora: Waze

Ricardo: muito

Rogério: muito

Pesquisadora: por que ? o Waze mudou sua vida um pouco?

Ricardo: sim!

Pesquisadora: por que?

Ricardo: por que é mais rápido. Minha vida é mais rápida do que a anos atrás. Quer dizer, não sei, acho que agora a gente tem mais transito.

Rogério: no futuro, não sei, a gente não vai saber mais informação da cidade. Por que a gente usa só o Waze, não usa a cabeça

Pesquisadora: você não pensa?

Rogério: é, não pensa na estratégia, nas ruas

Pesquisadora: e isso é um problema

Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim  
Pesquisadora: usar a tecnologia faz as pessoas ficarem mais burras?  
Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim  
Rogério: no passado, você pegava um guia de rua...você fotografava o mapa no cérebro e ia dirigindo  
Pesquisadora: então você acha que isso te faz um pouco mais burro  
Rogério: sim  
Pesquisadora: e você acha que o telefone e a tevê e outras coisas, também fazem você ficar mais burro?  
Ricardo e Rogério concordam com a cabeça: sim  
Rogério: com certeza  
Ricardo: se  
Rogério: como o Homer (the simpsons)  
Ricardo: se a gente peneirar a informação, facebook, whatsapp, email...  
Rogério: igual carro automático. Se você tiver só carro automático, você não sabe dirigir carro mecânico.  
Pesquisadora: você perde habilidades?  
Rogério: sim, perde  
Pesquisadora: mas você ganha outras habilidades?  
Ricardo: sim  
Pesquisadora: quais?  
Ricardo: mas eu estava falando um negócio  
Pesquisadora: é, se filtrar a informação  
Ricardo: as informações hoje em dia, se você filtrar facebook, whatsapp, e-mail... 5 por cento é informação boa, que pode transformar a sua vida, sua cabeça. 95% é lixo. Pensa, nos seus grupos de whatsapp  
Pesquisadora: eu não tenho grupos de whatsapp  
Ricardo: bom. Eles começam com uma boa ideia, mas com o tempo, só besteira "você peidou"  
Rogério: psicólogo. É um consultório de psicologia  
Pesquisadora: o facebook?  
Rogério: o zap zap. por que as pessoas escrevem coisas que normalmente elas não fariam  
Ricardo: é  
Pesquisadora: você acha que as pessoas escrevem coisas que normalmente não fariam?  
Rogério e Ricardo: sim, é  
Ricardo: as pessoas são mais fortes, por traz da...  
Pesquisadora: tecnologia  
Rogério e Ricardo: sim, é  
Pesquisadora: então vocês vem coisas que as pessoas normalmente não fariam para você?  
Ricardo: é  
Pesquisadora: eu sempre saí dos grupos, então não sei  
Rogério: principalmente as mulheres, nos grupos.  
Pesquisadora: você acha que elas falam coisas...  
Rogério: é incrível  
Pesquisadora: é?  
Ricardo: é

Pesquisadora: mas a gente estava falando um negócio, que tecnologia te faz mais burro, mas te faz ser melhor, eu outras coisas?

Você acha que a Beatriz faz as coisa melhor? ou a Julia?

Ricardo: sim

Pesquisadora: por exemplo, o que?

Ricardo: o namorado da Julia

Rogério: mas um HD novo...

Ricardo: o Daniel. Ele aprendeu inglês com a tecnologia. É um caso excepcional. Ele nunca fez aula e ele aprendeu na internet, música, videogame, séries. E se ele não tivesse estas coisas ele não teria aprendido.

Pesquisadora: mas você acha que a maneira deles lidarem com a vida é diferente da sua? Você acha que o jeito que a Beatriz pensa é diferente do seu

Rogério: sim

Pesquisadora: por que?

Rogério: ela é dependente dos eletrônico para viver

Pesquisadora: você acha que ela não vive sem?

Rogério: é, hoje ela vai achar difícil fazer as coisa sem a internet, eletrônicos.

Pesquisadora: e você acha, por exemplo, no inglês, você faria um curso online, tipo aqueles English town...você faria?

Ricardo: não

Pesquisadora: por que não?

Rogério: não me sinto confortável

Pesquisadora: por que não?

Rogério: por que eu preciso ver, para entender o professor, presencial

Pesquisadora: mas se você ver o professor na tela, como com o Skype?

Rogério: ah, ok

Ricardo: talvez

Rogério: eu precisava testar

Pesquisadora: mais o que vocês acham que é diferente? É diferente?

Ricardo: primeiro, aqui, quando estamos juntos, nunca temos problema com a internet

Pesquisadora: então não temos problemas técnicos?

Ricardo: é. E quando estamos perto eu acho que é mais pessoal, e quando você me vê, de perto, você me entende melhor, minhas dúvidas, eu acho que eu não falo só pela boca, eu falo com o corpo.

Rogério: o corpo fala.

Pesquisadora: o corpo fala, mas no Skype você consegue ver.

Rogério: não! Você só vê a cara. Não vê o comportamento.

Ricardo: eu acho que a maneira antiga. Eu agora internet é ótima, mas acho que as pessoas estão perdendo uma coisa importante. De ficar com as outras pessoas. Hoje as pessoas ligam no celular, manda mensagem, mas as vezes as pessoas não sabem como conversar com as pessoas. As vezes as pessoas ficam de frente a outra mas ficam quietas, por que não sabem conversar. Nós não aprendemos a conversar

Rogério: os números estão crescendo, para cursos online

Pesquisadora: a distância?

Rogério: é natural

Pesquisadora: e vocês usam algum aplicativo no celular para aprender inglês?

Você tem duolinguo ou...

Ricardo: não. Eu tenho um dicionário, *Aquinator*, aquele de pergunta...

Pesquisadora: aquele é o melhor. E você usa algum aplicativo?

Rogério: sim

Ricardo: eu tenho que trocar a língua do meu celular

Pesquisadora: eu faço para você. Gente acho que é isso  
(fim do vídeo)

Conversa continua e a gravação foi feita pelo celular

Rogério: o problema maior hoje é a falta de profundidade

Pesquisadora: é

Rogério: é tudo muito superficial

Pesquisadora: e você acha que é culpa da escola?

Rogério: é culpa do nosso hábito né? Tem que questionar. Antigamente era tão difícil buscar informação, dava tanto trabalho...hoje a facilidade...que você acaba não aprofundando. Trabalho de escola, você ai, pronto, já tá pronto, a internet proporciona isso.

Ricardo: mas você tem a informação, mas ela não é sua.

Rogério: ela não é sua e é superficial, já está pronta.

## ANEXO H



PUC-SP

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO - SP  
PROGRAMA DE LINGUÍSTICA APLICADA E ESTUDOS DA LINGUAGEM

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(menores de 18 anos)

ESTUDO: O USO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) EM  
SALA DE AULA NO ENSINO DE INGLÊS

*Seu (Sua) filho(a) está sendo convidado a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós.*

---

Eu ....., RG ....., abaixo assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade que meu (minha) filho(a) ..... nascido(a) em \_\_\_ / \_\_\_ / \_\_\_\_\_, participe do estudo "**USO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC) EM SALA DE AULA NO ENSINO DE INGLÊS**", e esclareço que obtive todas informações necessárias.

Estou ciente que:

- I) Nesta pesquisa pretendemos estudar as tecnologias utilizadas por alunos adolescentes em seu dia a dia e como estas poderiam ser utilizadas na escola para aulas de inglês.
- II) O motivo que nos leva a estudar esse assunto é devido a presença de diferentes mídias em nosso cotidiano que impõe à escola a necessidade de trabalhar com a compreensão de diversas linguagens já que isso traz mudanças ao dia a dia escolar e social dos alunos.
- III) Para esta pesquisa adotaremos o(s) seguinte(s) procedimento(s):  
- Questionário

- Entrevista em grupo
- IV) Tenho a liberdade de desistir ou interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação;
- V) A desistência não causará nenhum prejuízo a mim, nem ao(a) meu (minha) filho(a);
- VI) Os resultados obtidos durante esta pesquisa serão mantidos em sigilo, mas concordo que sejam divulgados em publicações científicas, desde que nem o meu nome nem o de meu filho sejam mencionados;
- VII) Caso eu desejar, poderei tomar conhecimento dos resultados ao final desta pesquisa
- ( ) Desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- ( ) Não desejo conhecer os resultados desta pesquisa.
- VIII) Caso tenham sido tiradas fotografias,
- ( ) concordo que sejam incluídas em publicações científicas, se necessário
- ( ) não concordo que sejam incluídas em nenhum tipo de publicação ou apresentação.
- IX) Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 anos, e após esse tempo serão destruídos.

São Paulo, de de 2013.

**Participante:**.....

**Pesquisador Responsável pelo Projeto:** \_\_\_\_\_

**Contato do pesquisador responsável:**

**E-mail:** [claraprado@gmail.com](mailto:claraprado@gmail.com)

**Telefone:** (11) 2924-9766

## ANEXO I

### Perguntas para entrevista semiestruturada com Nativos Digitais:

1. Como o computador facilita sua vida?
2. Como o computador/internet/tecnologia está presente na sua hora de lazer? E nos estudos?
3. Você usa o computador na escola? Para que? Que outro tipo de tecnologia você usa na escola?
4. O que você faz em seu computador? E em seu telefone celular? Como é sua rotina diária?
5. Quem te ensinou a usar o computador? Como você faz p aprender?
6. Você assiste televisão? O que você gosta de assistir?
7. Você tem um tablete? você usa ele para que?
8. Você usa computador para aprender coisas novas? Que tipo de coisas?
9. Você lê notícias ou informações sobre o mundo? Que tipos de informações?
10. Você assiste vídeos ou procura textos na internet para aprender?
11. Você usa a internet quando tem alguma dúvida na escola? E sobre outras coisas?
12. Você usa a tecnologia para aprender línguas? Como?
13. Você aprende inglês com o computador? Com games? Com seu celular?
14. Quais redes sociais você usa? Você usa o inglês?
15. Quais aplicativos você usa mais? Para que usa?
16. Quais softwares você tem no seu computador?
17. Você tem um blog? Sobre o que você escreve?
18. Você conhece alguém que não usa Tecnologia? Por que não usa?
19. Como o computador afeta a vida profissional das pessoas?
20. O que você faz no teu smartphone que não fazia com um telefone?
21. Você pode usar o seu celular em sala de aula? Se pudesse, para que usaria? E a internet?
22. O que você acha de usar a tecnologia na escola?
23. O que você acha que vai mudar na escola, por causa das tecnologias?
24. Interação com seus amigos. Como você se comunica com seus amigos? Como você acha mais legal?
25. O que você acha que te ajudaria a aprender com o celular/computador dar exemplo. Qual aula, de exemplos.
26. Como vocês estudam pra provas, para trabalho de exemplo.
27. Quando você tem uma duvida e não entende uma matéria você procura entender sozinho. Como?
28. Você estuda sozinho, antes da professora passar a matéria?

**Perguntas para entrevista semiestruturada com Imigrantes Digitais:**

1. Como você usa as novas mídias em sua vida pessoal?
  - a) e-mail
  - b) rede social
  - c) vida social ou profissional equilíbrio entre o social e profissional**
  - d) para aprender
  - e) para tirar duvidas
  - f) fazer pesquisa
2. Como você usa a internet para aprender? Google? Youtube? Algum site especifico que você confia nas informações?
3. Como seria uma aula usando as mídias digitais? O que é diferente? O que muda?
4. Sobre o que você pesquisa na internet? Sua vida pessoal ou profissional? O que você busca aprender na internet?
5. O que, de tecnologia, você usa para aprender? Você vê sites, apps, softwares ou vídeos?
6. Você acha que é importante usar a tecnologia em sala de aula? Por que?
7. Quando você tem dúvida, você procura na internet? Ou espera para perguntar para um amigo?
8. O que você usa de tecnologia no trabalho?
9. O que mudou no seu dia a dia com a tecnologia? No trabalho e na vida pessoal
10. Como você acha que os jovens usam a tecnologia?
11. Você usa rede social? Para que?
12. Como se comunica no trabalho? E na vida pessoal?
13. Você contrata pessoas que não sabem nada de tecnologia?
14. Você faria cursos online? Por sim ou não?